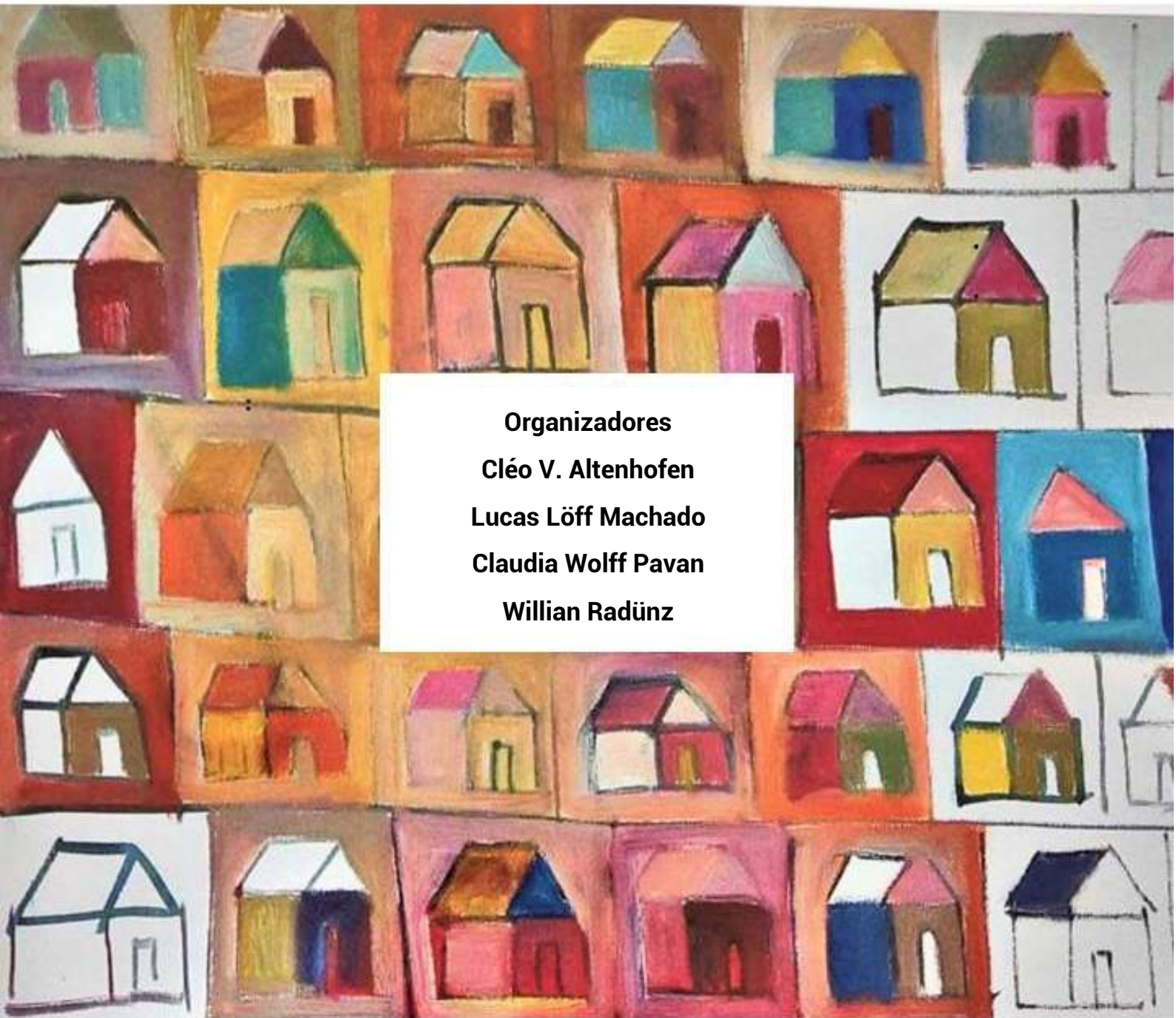


Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen

A língua materna
na diversidade do alemão



Organizadores

Cléo V. Altenhofen

Lucas Löff Machado

Claudia Wolff Pavan

Willian Radünz



Editora Fundação Fênix

Mottersproch

Muito já se escreveu sobre a língua materna e seu significado para a formação e identidade de um indivíduo. O que significa, contudo, a língua materna minoritária, enquanto conhecimento adquirido “em casa” e “na rua”? E como reconhecer e otimizar esse conhecimento na educação e na sociedade?

Neste livro, acadêmicos e pesquisadores da germanística e da romanística do Brasil e da Alemanha ocupam-se com essas questões na diversidade da língua alemã regional e de imigração, em uma coletânea de 32 textos, em versão bilíngue em alemão (e variedades) mais português.

O livro é um convite irrecusável à reflexão sobre o papel da língua materna, na formação e na ciência, e uma contribuição inestimável à visibilização de questões que perpassam as mais variadas situações da vida social.

Muttersprache



Editora Fundação Fênix



**Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen –
A língua materna na diversidade do alemão**

Série Humanidades e interdisciplinaridade

Editor

Agemir Bavaresco

Conselho Científico

Agemir Bavaresco – Evandro Pontel
Jair Inácio Tauchen – Nuno Pereira Castanheira

Conselho Editorial

Augusto Jobim do Amaral	Lucio Alvaro Marques
Cleide Calgaro	Nelson Costa Fossatti
Draiton Gonzaga de Souza	Norman Roland Madarasz
Evandro Pontel	Nuno Pereira Castanheira
Everton Miguel Maciel	Nythamar de Oliveira
Fabián Ludueña Romandini	Orci Paulino Bretanha Teixeira
Fabio Caprio Leite de Castro	Oneide Perius
Fábio Caires Coreia	Raimundo Rajobac
Gabriela Lafetá	Renata Guadagnin
Ingo Wolfgang Sarlet	Ricardo Timm de Souza
Isis Hochmann de Freitas	Rosana Pizzatto
Jardel de Carvalho Costa	Rosalvo Schütz
Jair Inácio Tauchen	Rosemary Sadami Arai Shinkai
Jozivan Guedes	Sandro Chignola

Cléo V. Altenhofen
Lucas Löff Machado
Claudia Wolff Pavan
Willian Radünz

(Organizadores)

**Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen –
A língua materna na diversidade do alemão**



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2022

Direção editorial: Agemir Bavaresco

Diagramação: Editora Fundação Fênix

Imagem da capa:

Ritzeletas, 50x60 cm, 2013. Fonte: Reinheimer, Dalva N. et al. Quadros que falam: narrativas migratórias. São Leopoldo: Oikos, 2021, p. 223. www.fscholles.net

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –

[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Este livro foi editado com o apoio financeiro do Ministério das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha através do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).



Série Humanidades e Interdisciplinaridade – 01

Catálogo na Fonte

D559 Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen [recurso eletrônico] : a língua materna na diversidade do alemão / organizadores : Cléo V. Altenhofen ... [et al.]. – Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2022. 366 p. : il. (Série Humanidades e Interdisciplinaridade ; 1)

Demais Organizadores : Lucas Löff Machado, Claudia Wolff Pavan, Willian Radünz.

Disponível em: <<http://www.fundarfenix.com.br>>

ISBN – 978-65-81110-78-9

DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789>

1. Língua Alemã. 2. Língua materna. 3. Imigração Alemã - Brasil.
4. Plurilinguismo. 5. Contatos linguísticos. I. Altenhofen, Cléo V.
(org.)

CDD: 400

Responsável pela catalogação: Lidiane Corrêa Souza Morschel CRB10/1721

SUMÁRIO

VORWORT	15
<i>PREFÁCIO</i>	
<i>Cléo V. Altenhofen</i>	19
DIE "MOTTERSPROCH" IN DER VIELFALT DES DEUTSCHEN	23
<i>A LÍNGUA MATERNA NA DIVERSIDADE DO ALEMÃO</i>	23
1. MEIN MOTTERSPROCHE „VON DEHEM UNN VON DER STROSS". UNN DIE SPROCH VON DER MEHRSPROCHIGKET	25
<i>MINHAS LÍNGUAS MATERNAS "DE CASA E DA RUA". E A LÍNGUA DO PLURILINGUISMO</i>	
<i>Cléo V. Altenhofen</i>	31
2. EN POOR GEDANKE IWER DIE WELTONSICHT IM HUNSRICKISCHE ALS MOTTERSPROCH	37
<i>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VISÃO DE MUNDO DO HUNSRIQUEANO COMO LÍNGUA MATERNA</i>	
<i>Jaime John</i>	43
3. WEGE, UMWEGE UND IRRWEGE ZUR MUTTERSPRACHE	47
<i>CAMINHOS, RECAMINHOS E DESCAMINHOS PARA CHEGAR À LÍNGUA MATERNA</i>	
<i>Harald Thun</i>	55
4. „WENN DIE ERFORSCHTE SPRACHE DIE MOTTERSPROCH VOM ANDEREN IST": MEINE ERFAHRUNG MIT DEM HUNSRÜCKISCHEN	63
<i>"QUANDO A LÍNGUA PESQUISADA É A LÍNGUA MATERNA DO OUTRO": MINHA EXPERIÊNCIA COM O HUNSRÜCKISCH</i>	
<i>Fernando Hélio Tavares de Barros</i>	67

5. DEITSCH – HUHDOITSCH – HOCHDEUTSCH: VERSUCH EINER EHRENRETTUNG DES BRASILIANISCHEN HOCHDEUTSCHEN	71
<i>DEITSCH – HUHDOITSCH – HOCHDEUTSCH: UMA TENTATIVA DE RESGATE DO HOCHDEUTSCH BRASILEIRO</i>	
<i>Jürgen Erich Schmidt</i>	77
6. „DIE ANDEREN SPRACHEN IN UNSEREM OHR“: WAS WIR DURCH DIE MUTTERSPRACHE VERSTEHEN	83
<i>“AS OUTRAS LÍNGUAS EM NOSSO OUVIDO”: O QUE ENTENDEMOS POR MEIO DA LÍNGUA MATERNA</i>	
<i>Sebastian Kürschner</i>	89
7. „ENN GEHENN, VIELE SPROCHE“: HUNSRÜCKISCH, BRASILIOONISCH UNN ANNRE SPROCHE	95
<i>“UM CÉREBRO, VÁRIAS LÍNGUAS”: HUNSRÜCKISCH, PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS</i>	
<i>Bernardo Kolling Limberger</i>	99
8. INNE DICKE WITTE WOLKE	103
<i>NUMA NUVEM BRANCA E MUITO DENSA</i>	
<i>Werner L. Heidermann.....</i>	107
9. WECKER SALL WAT VON WECKERN, WENNIHR, MIT WECKERN, WO, WOANS, WOMIT UN WOTAU LIHREN? – ĆEWER DAT ÜNNERRICHTEN VON EIN REGIONALSPRÅK, DE (BINÅH) KEIN MUDDERSPRÅK MIHR IS	111
<i>QUEM DEVE APRENDER O QUE, DE QUEM, QUANDO, COM QUEM, ONDE, COMO, COM O QUE E PARA QUÊ? SOBRE O ENSINO DE UMA LÍNGUA REGIONAL QUE (QUASE) NÃO É MAIS LÍNGUA MATERNA</i>	
<i>Birte Arendt; Ulrike Stern.....</i>	115

10. MEIN DIALEKT – MEINE HERZENSSPRACHE. EINE PERSÖNLICH UND DIDAKTISCH MOTIVIERTE SPURENSUCHE	119
<i>MEU DIALETO – MINHA LÍNGUA DO CORAÇÃO. UMA BUSCA INDIVIDUAL E DIDÁTICA POR VESTÍGIOS</i>	
<i>Katja Schnitzer</i>	127
11. HOCHDEUTSCH/ENGLISCH: MEINE MUTTERSPRACHE ZU HAUSE UND IN DER SCHULE UND WAS UNS ZUM SPRACHENLERNEN TREIBT	135
<i>HOCHDEUTSCH/ENGLISCH: MINHA LÍNGUA MATERNA EM CASA E NA ESCOLA E O QUE NOS LEVA A APRENDER LÍNGUAS</i>	
<i>Ingrid Kuchenbecker</i>	141
12. DIE „MOTTERSPROCH“ MEINER VORFAHREN AUF DEM WEG DER MIGRATION: EINE RETTUNG DER ERINNERUNG	147
<i>“DIE MOTTERSPROCH MEINER VORFAHREN” NO CAMINHO DAS MIGRAÇÕES: UM RESGATE DA MEMÓRIA</i>	
<i>Marcia Meurer</i>	153
13. MINE MODERSPROAK UN WU GUED UP SE UPPASST WIÄRN KANN (MEINE MUTTERSPRACHE UND WIE SIE ERHALTEN WERDEN KANN)	159
<i>MINE MODERSPROAK UN WU GUED UP SE UPPASST WIÄRN KANN (MINHA LÍNGUA MATERNA E COMO É POSSÍVEL PRESERVÁ-LA)</i>	
<i>Elmar Eggert</i>	165
14. MIIENE MUTTERSPRACHE IN LÄBEN –UN DAT LIÄBEN VAN MIIENE MUTTERSPRACHE	171
<i>MINHA LÍNGUA MATERNA NA VIDA E A VIDA DA MINHA LÍNGUA MATERNAL</i>	
<i>Lucildo Ahlert</i>	179

15. DAI TRADITIONAL POMMERISCH FOLK GÄIT NAM UNIVERSITÄD:	
DAILE FON KULTUR, SPRÄK UN EDUKATION	187
<i>O POVO TRADICIONAL POMERANO VAI À UNIVERSIDADE: QUESTÕES SOBRE CULTURA, LÍNGUA E EDUCAÇÃO</i>	
<i>Erineu Foerste; Gerda Margit Schütz-Foerste</i>	193
16. MOTTERSPROCH/MODDERSPRÄK IM WANDEL: DIE ERFAHRUNG MIT DEM DEUTSCHEN IN BRASILIEN UND RUSSLAND	199
<i>"MOTTERSPROCH/MODDERSPRÄK" EM MUDANÇA: A EXPERIÊNCIA COM A LÍNGUA ALEMÃ NO BRASIL E NA RÚSSIA</i>	
<i>Peter Rosenberg</i>	203
17. „MUTTERSPRACHEN IN DER MEHRSPRACHIGKEIT“: KULTURELLE IDENTITÄTEN IM WANDEL	207
<i>“LÍNGUAS MTERNAS NO MULTILINGUISMO”: IDENTIDADES CULTURAS EM TRANSIÇÃO</i>	
<i>Anna Ladilova</i>	213
18. MIT DREE SPRAAKEN OPWASSEN: SPAANSCH, PLATTDÜÜTSCH UN HOCHDÜÜTSCH	219
<i>CRESCENDO TRILÍNGUE COM ESPANHOL, PLATTDEUTSCH E HOCHDEUTSCH</i>	
<i>Joachim Steffen</i>	223
19. DAS „DEUTSCH / DEITSCH VON DEHEMM“: ÜBER DIE KUNST UND DAS WAGNIS, DIE MUTTERSPRACHE AN KINDER WEITERZUGEBEN	227
<i>O „DEUTSCH/DEITSCH DE CASA“: SOBRE A ARTE E OUSADIA DE TRANSMITIR A LÍNGUA MATERNA AOS FILHOS</i>	
<i>Marcelo Jacó Krug; Cristiane Horst</i>	231

20. AUF DER SUCHE NACH EINER ZWEITEN MUTTERSPRACHE.....	235
<i>EM BUSCA DE UMA SEGUNDA LÍNGUA MATERNA</i>	
<i>Karen Pupp Spinassé</i>	<i>239</i>
21. DÄI MUTTERSPRACHE TÜSKEN INHAULEN UN UPGIBEN:	
DAT PLATTDÜÜTSKE IN MIIENE FAMILGE	243
<i>A LÍNGUA MATERNA ENTRE A PERDA E A MANUTENÇÃO: O VESTFALIANO NA</i>	
<i>MINHA FAMÍLIA</i>	
<i>Fernanda Von Mühlen</i>	<i>249</i>
22. UP MIEN GROTMUDDER EHR SPRÅK	255
<i>NA LÍNGUA DA MINHA AVÓ</i>	
<i>Martin Hansen</i>	<i>259</i>
23. DIE „SPRACHE DER MUTTER“ UND DIE „MUTTERSPRACHE“: HUNSRÜCKISCH	
UND PORTUGIESISCH IN DER DOMÄNE MEINER FAMILIE	263
<i>A “LÍNGUA DA MÃE” E A “LÍNGUA MATERNA”: HUNSRÜCKISCH E PORTUGUÊS</i>	
<i>NO DOMÍNIO DA MINHA FAMÍLIA</i>	
<i>Lucas Löff Machado.....</i>	<i>269</i>
24. MUTTERSPRACHEN, „GOTTENSPRACHEN“, „BUNTE SPRACHEN“	275
<i>LÍNGUAS MATEERNAS, LÍNGUAS MADRINHAS, LÍNGUAS COLORIDAS</i>	
<i>Claudia Wolff Pavan</i>	<i>281</i>
25. SPRACHEN UND ERINNERUNGEN MEINER KINDHEIT	287
<i>LÍNGUAS E MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA</i>	
<i>Willian Radünz</i>	<i>291</i>
26. WIE ICH MIT DEUTSCH UFFGEWACHST BIN	295
<i>COMO EU CRESCI NA LÍNGUA ALEMÃ</i>	
<i>Angélica Prediger</i>	<i>299</i>

27. MIENE MUTTERSPRACHE IN MIEN LIÄBEN: DAT PLATT UUT BERLIEN IN BRASILGEN	303
<i>MINHA LÍNGUA MATERNA EM MINHA VIDA: O VESTFALIANO DE BERLIM, NO BRASIL</i>	
<i>Rosane Werkhausen</i>	307
28. MEINE MUTTERSPROCH ZWISCHE „DEITSCH, OESTERREICHISCH UNN BROSILIONISCH“	313
<i>MINHA LÍNGUA MATERNA ENTRE O “DEITSCH, OESTERREICHISCH E O PORTUGUÊS BRASILEIRO”</i>	
<i>Jussara Maria Habel</i>	317
29. DIE WERTER VON MEINE SPROCHE UNN DIE GRENZE VON MEIN WELT	321
<i>AS PALAVRAS DA MINHA LÍNGUA MATERNA E AS FRONTEIRAS DO MEU MUNDO</i>	
<i>Gabriel Schmitt</i>	325
30. DER WECH VON MEIN MUTTERSPROCH ZUR LITERATUR: EN KLEIN SPROCHBIOGRAFIE	329
<i>O CAMINHO DA MINHA LÍNGUA MATERNA À LITERATURA: UMA PEQUENA BIOGRAFIA LINGUÍSTICA</i>	
<i>Gerson Roberto Neumann</i>	333
31. „MUEDERSPROACH HOHELOHISCH“: DIE MUTTERSPRACHE IN EINEM LIED AUF HOHENLOHISCH VON EUGEN GEIGER UND VERTONT VON JULIUS GESSINGER	337
<i>“MUEDERSPROACH HOHELOHISCH“: A LÍNGUA MATERNA EM UMA CANÇÃO EM HOHENLOHISCH DE EUGEN GEIGER MUSICADA POR JULIUS GESSINGER</i>	
<i>Iona Gessinger</i>	343

32. ROLLE DER MUTTERSPRACHE FÜR DIE BEZIEHUNGEN ZWISCHEN DEUTSCHLAND UND BRASILIEN: REDE ZUR VERLEIHUNG DER AUSZEICHNUNG ALS „MÉRITO UNIVERSITÁRIO“ DURCH DIE PUCRS (PORTO ALEGRE, 8.4.2022)	349
<i>PAPEL DA LÍNGUA MATERNA NAS RELAÇÕES BRASIL-ALEMANHA: DISCURSO POR OCASIÃO DA OUTORGA DO “MÉRITO UNIVERSITÁRIO” PELA PUCRS (PORTO ALEGRE, 8/4/2022)</i>	
<i>Thomas Schmitt</i>	355
DOS AUTORES E DAS AUTORAS	361

VORWORT¹

Cléo V. Altenhofen²

Dieses Buch präsentiert eine Sammlung von Beiträgen, in denen sich die Autor*innen mit dem Thema ihrer „Muttersprache(n)“ in der Vielfalt des Deutschen in Brasilien und in Deutschland auseinandersetzen. Es handelt sich dabei um Varietäten, die grundsätzlich als „minderheitliche Muttersprachen“ vor allem im Kontext der Familie erworben wurden und meist als Dialekte bzw. regionale Varietäten identifiziert. Dem sollen zwei weitere Bände folgen: einen, in dem das Thema auf andere Sprachkonstellationen ausgeweitet werden soll (Bd. 2), und einen, in dem die Stimme der Sprechergemeinschaften zum Ausdruck kommen soll (Bd. 3).

Im Unterschied von dem, was die Ergebnisse der Forschung mehrfach bestätigen, werden diese Varietäten in der Gesellschaft meistens missachtet und zu Unrecht diskriminiert. Wie man jedoch weiß, stellt jedes Sprachwissen, umso mehr das mehrsprachige Repertoire eines Individuums, ein unverwechselbares Potential und Kulturerbe dar. Leider erreichen die wissenschaftlichen Erkenntnisse der Forschung bis auf wenige Ausnahmen mit großen Schwierigkeiten die Entscheidungsinstanzen der Gesellschaft und bleiben daher meist auf den universitären Bereich eingeschränkt. Mit dieser Publikation wird daher versucht, eine Brücke zwischen der Forschung und der Gesellschaft zu bauen, um die Förderung der Sprachaufklärung und des Sprachbewusstseins voranzubringen.

Der Grundgedanke, der dahintersteckt, wurde zu unserer Freude von einer Vielfalt von Autoren*innen verstanden und wahrgenommen. Selbst in unseren schönsten Träumen hätten wir uns solch eine große Resonanz kaum vorstellen können. Insgesamt 32 Beiträge (in einer deutschen und portugiesischen Version) sind eingegangen, verfasst von Autor*innen aus 22 unterschiedlichen Universitäten, davon 10 aus Brasilien, 10 aus Deutschland, eine aus Schweden und eine aus der Schweiz. Den Autoren*innen gilt deshalb unseren besten Dank.

Die Vielfalt zeigt sich auch in den dargestellten unterschiedlichen Perspektiven und Herangehensweisen an das Thema Muttersprache. Zum einen sind

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-00>

² *Porto Alegre (Brasil).*

unterschiedliche fachwissenschaftliche Ansichten vertreten – zum Beispiel mit einem soziolinguistischen, psycholinguistischen, dialektologischen, germanistischen, sprachpolitischen oder auch sprachphilosophischen und fachdidaktischen Anhaltspunkt. Zum anderen sind in den Texten unterschiedliche Konstellationen von Sprachen und Sprachensituationen berücksichtigt worden. Den Autoren*innen wurde allgemein jedoch überlassen, auf welchen Gesichtspunkt sie mehr Gewicht legen wollten, abhängig von ihrer Erfahrung und dem entsprechenden Forschungsfeld. Diese freie Wahl erschien uns sehr wichtig, um unter anderem auch das Ziel des Bandes zu rechtfertigen, nämlich einen Beitrag zur Förderung der Sprachaufklärung und des Sprachbewusstseins hinsichtlich der minderheitlichen Muttersprachen und deren Bedeutung in der Gesellschaft zu leisten.

Die Texte stellen in diesem Sinne eine breite Palette an Situationen und Varietäten dar und wurden auch so geordnet, dass die Relationen zwischen ihnen möglichst verdeutlicht werden können. Es war für uns dennoch schwer, die genaue Varietät der „Mottersproch“ bei jedem Beitrag zu bestimmen; außerdem basieren die Autoren*innen ihre Darstellung normalerweise auf einer gewissen Interdisziplinarität. In vielen Fällen handelt es sich gar nicht um eine einzige „Mottersproch“, sondern es ist in der Regel mit einem mehrsprachigen Repertoire zu rechnen. Generell kann man jedoch sagen, dass der Band – ohne Anspruch auf Vollständigkeit – Beispiele aus mehr als 12 Varietäten des Deutschen enthält, darunter vor allem Hunsrückisch (in dem man *Mottersproch* sagt), auch Westfälisch, Pommerisch und Plattdeutsch / Niederdeutsch, Plattdeitsch / Ploutdütsch, nicht zuletzt auch Schweizerdeutsch, Schwäbisch, Böhmisches, Österreichisch oder Hohenlohisch, ohne natürlich die standarddeutschen und portugiesischen Versionen zu vergessen.

Der vorliegende Band gibt uns also jeden Grund zu feiern. Neben den Ergebnissen, die bereits erwähnt wurden, ist außerdem der auszubildende Charakter des Projekts zu nennen, mit dem zum Beispiel auch Student*innen des Fachs für Übersetzer*innen Deutsch-Portugiesisch der Bundesuniversität Porto Alegre (UFRGS) mobilisiert werden konnten.³ Das Interesse an Nachwuchs stellte nach wie

³ Hier gilt der beste Dank an Amanda Timmen Mello, Gerônimo Loss Bergmann, Júlia Wolff Köchert Fussieger und Sofia Froehlich Kohl, sowie auch meinen Mitherausgebern Claudia Wolff Pavan, Lucas Löff Machado und Willian Radünz für den wertvollen Beitrag bei der Organisation des Bandes.

vor eine große Motivation für den Band dar.

Ermöglicht wurde diese Publikation nicht zuletzt durch die Unterstützung des CDEA (Centro de Estudos Europeus e Alemães) in Porto Alegre. Im Rahmen des CDEA entstand außerdem das internationale Forschungsnetzwerk nwww.ALMA-Diversität, mit dem wir letztendlich auch die meisten Autoren*innen, vor allem Professoren innen und Doktoranden innen der Germanistik und Romanistik in Deutschland und Brasilien für diesen Band gewinnen konnten. Dem CDEA und damit auch dem DAAD gilt an dieser Stelle unseren besten Dank.

Es bleibt zum Schluss noch eine letzte Dimension der Vielfalt dieses Bandes zu erwähnen, nämlich der verschiedenen Interessen und Perspektiven, mit denen man die Texte lesen kann. Denn dieses Buch hat als Adressat ein breites Spektrum an Leser*innen unterschiedlicher Herkunft und Erfahrung – ausgehend von Sprechern*innen verschiedener „muttersprachlicher Minderheitensprachen“ bis hin zu meinungsbildenden Vermittlern (zum Beispiel Lehrer innen und Bildungssekretären innen) sowie auch Student*innen und Forscher*innen aus verschiedenen Fachbereichen. – Dies erforderte von den Autor*innen, die Beiträge in einer möglichst allgemein zugänglichen Sprache zu verfassen und dabei die eigene Erfahrung und Fachwissen mehr oder minder in Einklang zu bringen. Hoffentlich wird der/die Leser*in sich darin erkennen können. Wir wünschen allen daher eine angenehme und aufklärerische Lektüre.

PREFÁCIO

Cléo V. Altenhofen¹

Este livro apresenta uma coletânea de textos, em que os/as autores/as com o tema da(s) sua(s) "língua(s) materna(s)" na diversidade da língua alemã no Brasil e na Alemanha. Trata-se basicamente de variedades adquiridas como "línguas maternas minoritárias" sobretudo no domínio da família, muitas vezes identificadas como dialetos ou variedades regionais. Estão em planejamento dois volumes subsequentes em que se pretende, de um lado, alargar o tema a outras constelações de línguas (vol. 2) e, de outro lado, dar voz às comunidades de falantes (vol. 3).

Na contramão do que comprovam normalmente os resultados de pesquisas, essas variedades costumam ser menosprezadas pela sociedade e muitas vezes chegam a ser injustamente discriminadas. Contudo, como se sabe, todo conhecimento linguístico, especialmente o repertório plurilíngue de um indivíduo, representa uma herança cultural e um potencial inconfundível. Infelizmente, os resultados das pesquisas científicas, salva raras exceções, chegam com muita dificuldade às instâncias decisórias da sociedade, permanecendo, na maioria das vezes, restritos ao contexto universitário. A presente publicação busca, por isso, construir uma ponte entre a pesquisa e a sociedade, a fim de promover uma maior educação e conscientização linguística.

A ideia essencial por trás da concepção deste volume foi, para nossa alegria, compreendida e levada a sério por uma diversidade de autores/as. Mesmo em nossos melhores sonhos, não podíamos imaginar tamanha ressonância. Ao todo, foram recebidas 32 contribuições (nas versões em alemão e português), escritas por autores/as de 22 universidades diferentes, das quais 10 do Brasil, 10 da Alemanha, uma da Suécia e uma da Suíça. A todos/as os/as autores/as, os nossos mais sinceros agradecimentos.

Mas também as diferentes perspectivas e modos de abordar o tema da língua materna representam, no volume, uma diversidade que chama a atenção. Por um lado, tem-se o olhar de diferentes áreas do conhecimento – por exemplo, de um

¹ *Porto Alegre (Brasil).*

ponto de vista sociolinguístico, psicolinguístico, dialetológico, germanístico, político-linguístico ou também filosófico-linguístico e didático-pedagógico. Por outro lado, foram levadas em conta, nos textos, diferentes constelações de línguas e situações de uso das línguas. No entanto, a decisão de dar mais ênfase a um ou outro ponto de vista foi deixada a critério dos autores/das autores/as, de acordo com sua experiência ou sua área de estudo. Essa livre escolha nos pareceu muito importante, inclusive para legitimar o objetivo do volume, de contribuir para uma educação e conscientização linguística em relação às línguas maternas minoritárias e seu significado na sociedade.

Os textos representam uma vasta gama de situações e variedades e foram também ordenados de tal forma que as relações entre eles pudessem ser as mais claras possíveis. Foi, no entanto, difícil para nós determinar a variedade exata de “*Mottersproch*” em cada texto; além disso, os autores/as seguem, de um modo ou outro, uma determinada interdisciplinaridade. Em muitos casos, sequer está em jogo uma única língua materna. Via de regra, é preciso levar em conta um repertório plurilíngue. De modo geral, contudo, pode-se dizer que o volume – sem pretender ser exaustivo – apresenta exemplos de mais de 10 variedades de alemão, entre as quais sobretudo Hunsrückisch (do qual pegou-se emprestada a palavra *Mottersproch*), mas também vestfaliano, pomerano e Plattdeutsch e as diferentes formas de Platt, baixo-alemão, além do alemão suíço, suábio, boêmio, austríaco ou Hohenlohisch, sem esquecer, evidentemente, as versões no alemão standard e no português.

Este volume dá-nos assim todos os motivos para celebrar. Para além dos resultados já mencionados, vale também a pena mencionar o caráter formativo do projeto, que, por exemplo, também mobilizou estudantes do Bacharelado em Letras Alemão-Português da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).² O interesse na formação de novos pesquisadores constituiu uma forte motivação para a elaboração do volume.

Esta publicação foi possível graças ao valioso apoio do CDEA (Centro de Estudos Europeus e Alemães) em Porto Alegre. No âmbito do CDEA, foi criada, além

² Agradeço, nesse sentido, a Amanda Timmen Mello, Gerônimo Loss Bergmann, Júlia R. Köchert Fussieger e Sofia Froehlich Kohl, assim como também a Claudia Wolff Pavan, Lucas Löff Machado e Willian Radünz, pela valiosa contribuição na organização do volume.

disso, a rede internacional de pesquisa nwww.ALMA-Diversität, através da qual conseguimos a adesão da maioria dos autores e autoras, primordialmente professores e doutorandos em estudos de germanística e romanística na Alemanha e no Brasil. Ao CDEA e, nesse sentido, também ao DAAD agradecemos, por isso, de modo muito especial.

Para concluir, cabe mencionar ainda uma última dimensão de diversidade presente nesta publicação: trata-se dos diferentes interesses e perspectivas com as quais se pode ler os textos. Pois, este livro tem como destinatário um leque variado de leitores com diferentes origens e experiências – desde falantes de “línguas maternas minoritárias” distintas até formadores de opinião (por exemplo, professores/professoras e secretários/secretárias de educação), bem como estudantes e pesquisadores/pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento. – Isso exigiu dos/das autores/as que os textos fossem escritos em uma linguagem acessível, em que se conjugasse a experiência particular e o conhecimento mais amplo. Esperamos por isso que o/a leitor/a consiga se enxergar nos textos e que tenha uma agradável e esclarecedora leitura, repleta de aprendizagem.

DIE "MOTTERSPROCH" IN DER VIELFALT DES DEUTSCHEN

A LÍNGUA MATERNA NA DIVERSIDADE DO ALEMÃO

1. MEIN MOTTERSPROCHE „VON DEHEM UNN VON DER STROSS“. UNN DIE SPROCH VON DER MEHRSPROCHIGKET¹

Cléo V. Altenhofen²

Ich komme aus 'em Land, wo riesich gross is. Efter musste ich in mein Schulzeit enne heere prose, wie phantastisch das weer, dass en „eenzich Sproch“ von Nodd bis Sied iwer en ganze nationale Território so domineere kennt. Als Bresiliooner honn dann nateerlich ooch ich mich so vorgestellt: eenfach nure wie enne, wo Portugiesisch spreche tet [unn Punkt]. Was woor awer letzt Enn die anner Sproch, wo ich dehemm hott for ze spreche? Woher woor die? Wie is die in mein Familie komm? Wozu hot die gedient? Das Eenziche, wo die Schul meer for Antwott geb hot, woor, „es weer en Dialekt“.

Mit all dem, was ich heit weess, hett' ich selwich mo wenichstens gefroht, wieso ma sich dodemit etwas inbilde kennt: Dass een eenzich Sproch en ganz Land domineere tet. Gleich sinn mer die schlimmste Erinnerung ins Gedechtnis komm, so ehnllich wie en Traktor, wo en Wald umreisst unn die Gebeine von der Beem on die Ecke uffnanner schmeisst, for uff sein Platz nure meh noch Kallips unn Groos ze planze. Ich hett desweche im Gecheteel geantwott, dass die Vielfalt von der Sprochkenntnisse – wie die Vielfalt von der Planze unn der Tiere – en Ursach senn misst, for sich wunnre unn for feire als en werkliche Patrimônio. Net die Herrschaft von en eenzich Sproch uff'en Platz von viel annre, wo en menschlich Gemeinschaft iwer en unzehlich lang Zeit in der Geschicht uffgebaut hot. Mit all dem, was ich heit weess, hett ich noch net mo on das Gequatsch von domols gegloobt, dass en ganz Volik die selwich unn eenzich Sproch iwer so en gross Land spreche tet. Wie kennt sowas iwerhaupt mechlich senn, wenn doch jede Sproch ohne Ausnahm varieert unn sich im Lauf von der Zeit verennert?

In mein Schulzeit woor ich awer noch en kleen Kind. Was for Lehrer ore Lehrin hett sich die Zeit genomm, for mer “zu ze heere” in en Sproch unn Kultur, wo mer en important Wisse woor, awer annerste als alles, wo ma mer in der Schul wollt

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-01>

² *Porto Alegre (Brasil).*

beibringe? Etliche woore so verblind von dem Gedanke, sie misste uns in dene een Sproch belehre, dass se eenfach die „Mottersproch“ von der Schiler vergess honn. In Woohrhet honn se sich so verhall wie schon in uralte Zeite, im Mittelalter, als en poor (Menner) in en Schul gang senn, for Latein ze lenne, unn die Sproch von dene, wo dehemm bei der Motter geblieb senn, als *Mottersproch* genennt honn. Unn die Sproch von der Motter woor ooch die Sproch vom Platz, die Sproch vom Volik, unn desweche is die als „Mottersproch“ gesiehn geb.³ In unser Welt von heit (gewiss mit annre Sproche uff'em Platz vom Latein) is es mehrst Zeit net annerste; awer good desweche muss ma der Sproch von dehemm „en Stimm gewe“, dene ooch „zuheere“ unn se „aus der Dunkelhet raushole“. Desweche, abgesiehn von der Críticas, wo ma dem Begriff „Mottersproch“ mache kennt, doch hot'er ohne Zweifel en ausserondlich gross Bedeitung for die, wo en minderhetlich Mottersproch spreche.⁴

Es woore mein Eltre, dene ehr Onsicht for Sproche, wo – unabhengich vom Gloowe unn der Ideologien von en eenzich Sproch – mein „Sproch von dehemm“ om Lewe gehall honn, also en Sproch wo deitsche Immigrante vor fennef Gerações aus dem Hunsrick im Mittelrheinland in Rio Grande do Sul von Brasilie brung honn. Heit nenne mea die Sproch desweche *Hunsrickisch*, awer dehemm unn for „die annre“ honn mea eenfach gesooht, das weer *Deitsch* (ore *Plattdeitsch*); for die Bresiliooner ganz gewehnlich 'alemão'.

Mein Eltre hotte Schwierichkete mit dem Bresilioonische (so nenne mea die portugiesisch Sproch). Von kleen uff woor dene ehr sterikst Sproch – in dene se gedenkt honn, unn gerechnet, unn gelacht, mit dene se sich „dehemm“ gefiehl honn unn sogoor gesung – das Hunsrickische, wenn ach manche es runnergesezt honn als en „Dialeto“. Tet das heit passeere, tet ich so Leit auslehe, wie Coseriu ore Thun, dass jeder Dialekt nix meh wie en Sproch is, also en grammatische Sistem, mit dem, wie ma on der Universitet von Chomsky lennt, en begrenzt Zoohl von Regras mit dene ma en unbegrenzt Zoohl von Frases baut, oft so komplex uffgebaut wie bei qualquer anner Sproch. So tet ma, wolle ma soohn, in mein Deitsch (dem ‚lokale Deitsch‘) „*mein nei Haus*“ soohn, uff Hochdeutsch (dem ‚globale Deitsch‘) „*mein neues Haus*“ unn uff

³ IVO, Hubert (1994). *Muttersprache - Identität - Nation. Sprachliche Bildung im Spannungsfeld zwischen einheimisch und fremd*. Opladen/Wiesbaden: Westdeutscher Verlag.

⁴ ALTENHOFEN, Cléo V. (2002). *O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português)*. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 141-161.

Englisch *"my new house"*. Ma kann Unnerschiede von alle Oot zwischich der drei Sproche erkenne – sozial, linguistisch, politisch – nure net die unglücklich Meenung, wo ma so oft vorbringt: Dass en Sproch richtich ore verkehrt is, ore besser ore schlechter als en anner. Sproche gibt es immer in dem genaue Moss von dem, was der jeniche braucht, wo die gebraucht; sowie ooch von der Funktion, wo en Sproch erfüllt: For schreiwe, for bete, for Wissenschaft mache, for lieuwe, for Geschefter mache ore for emm ebbes zuvertraue, wo nure mehr emm in der Welt geheert. Unn well een Sproch allein nie all dem nohkommt, was en Mensch braucht, muss ma die Sproch von der Mehrsprachigket spreche. Wenn ma sich das genauer iwerleht, is Mehrsprachigket genau das: en Sproch (en Oot „Plurilingua“), mit dene ma die Kunst hot, sich mit Material von unnerschiedliche Sproche ze bediene.

Es gibt awer en Sproch, wo en extra Funktion im Lewe von en Mensch hot: Das is good die Mottersproch. Wer en Minderhetssproch spricht, hot die mehrst Zeit zweu, die „von der Stross“ unn die „von dehemm“. So is es mer gang: Dehemm honn ich Hunsrickisch gelennt unn uff der Stross unn in der Schul, Portugiesisch. Als Schneider (ma soohet ooch Alfaiat) hott mein Vater immer en Metermoss um die Schiller unn en Nodel ore en Scheer in der Hand. Awer der hot ooch gute Pleen im Kopp geneht, wo ich speter on der Universitet in Begriffe unn Konzepte von der beste Pesquisas iwer Mehrsprachigket erkenne konnt. For en Beispiel ze gewe, der hot uns immer verlangt, ich unn mein zweu Brider unn zweu Schwester sollte „dehemm“ Deitsch spreche, well mea Bresilioonisch leicht „uff der Stross“ lenne tete. Ohne es ze wisse, hot mein Vater in sein Werter das Modell for zweusprochig Erziehung „enn Umgeung, enn Sproch“ defendeert. So woor bis im Alter von siewe Jahr mein Sproch von der Stross das Bresilioonische, unn die Sproch von dehemm, das Deitsche. Wie mea in die Kolonie umgezoh sinn, in die Gehend von Harmonie im Caí-Tool, woor mein Sproch von der Stross, von der Vende, vom Recreio in der Schul, vom Fussbol, zum Teel ooch von der Kerich viel mehr unn sterker das lokale Deitsch geb, nemlich das Hunsrickische.

In der Kolonie awer hot ma mich ganz schnell so gesiehn wie „das Guriche von der Stadt, wo besser Portugiesisch konnt“. Der Tratament woor mer gewiss zum Vortell, ich fand ehn awer ungerecht unn honn mich sogoor schlecht gefunn, wie wenn ich gebraucht geebt, for mein Schulkamerade etwas vorzemache. Kee eenzich mol hot ma gelobt, dass die fliessich en anner Sproch spreche konnte. Mit ehrem

Deitsch hotte se doch alle Vortell, for annre Sproche wie Hochdeitsch unn Englisch ze verstehn unn lenne. Im Englische woor for Beispiel *rain* doch so ehnlich wie dene ehr *Reen* von dehemm, unn *nose* woor wie *Noos* – Unn so vieles noch: wie *mother!* Das woor doch praktisch das Wott von dehemm: *Motter!* Schood awer, dass die Schul noch net mo so Assoziatione mit dem Vorwisse von dehemm erst genommt hot.

Mit annre Sproche is es net annerste gang: Wenn ich im Hunsrickische en Wott wie *Guri* vom Gaúcho-Bresilioonische gelehnt honn, wo es vom Guarani gelehnt hott, hot es etliche geb, wo es als Mischung verflucht honn unn vorgemacht, *mea tete kee Bresilioonisch unn kee Deitsch spreche*. Niemand hot sich awer gefroht, ob er seלבst im Bresilioonische net ooch en Mischung mit annre Sproche mache kennt. Die hette misse wisse, dass niemand „das Portugiesische“ ore „das Deitsche“ spricht; jeder enne spricht awer in Woehrhet, wie nommo Coseriu unn Thun soohn tete, en Varietet von Deitsch (in dem Fall woor es das Hunsrickische aus Harmonie) ore en Varietet von Portugiesisch, was for mich das rio-grandenser Bresilioonisch woor.

Mein Vater bei sein Defesa von der „Vatersproch“ is noch weiter gang. Bei seine Beobachtunge vom Verheltnis zwischich Sproche unn Markt, hot der immer hervorgehob, ohne Bourdieau mo soohn ze nenne, dass en anner Sproch (wie Hunsrickisch) en grosse Kapital von Kultur mit en eichne Weert stelle tet, wo kennt speter bei der Oorwet helfe. Wenn mea die Gelechenhet in der Familie net nutze tete, misste ma speter „viel schwitze, for die Sproch ze lenne“ unn vielleicht ooch „teire Kurse bezoohle misse“. Es weer wirklich schood, hot'er mim Kopp geschittelt, well die Mottersproch von dehemm vor allem en extra Kenntniss weer – wo ma nure een Mol kennt lenne – unn ach en Weltsicht, also en Kunst so speziell wie 'em Kunne der Schiller von en Jacke passend hinkriehn. Wilhelm von Humboldt hett meim Vater mo sicher der Hut for sein gute Teen abgeton.

Seלבst wenn ich in der Kindheit unn in der Jugendzeit mit so viel Sproche unn Varietete umgang sinn, hot sich eerst on der Universitet mein Horizont wirklich richtig ausgeweit, net nure for mehr Sproche, awer ooch vor allem for en besser Verstendnis iwer die Bedeitung von mehr Sproche im Gehenn, in der Mehrsprachigket, in der Wissenschaft sowie ooch in der Gesellschaft. Ich honn so ongefang, mein Sproch iwerhaupt ze siehn unn ooch besser ze verstehn, wie se funktionee tet unn was der Zusammenhang mit annre Sproche senn kennt. Sowie ich honn rausfunnt, dass es en

“ciência da língua” geebt, dass es en Oot “lin-guís-ti-ca” geebt, wo „alle Manifestatione von der menschlich Sprochkunst“ unnersuche tet, vergesse ich es nie, wie erstaunt unn unglaublich ich das gefunn honn. Hett ich so en Ciência in der Schul gehat, wie viel Dings hett ich net deitlicher verstehn kenne!

Heit, en bissche elter unn ooch schlauer, denke ich on die viel Reese for Pesquisas, wo ich gemacht honn. Mit all dene Projekte,⁵ hot sich mer en anner Brasilie uffgedeckt, das bis dann in der offizielle Diskurse vergess unn unsichbar woor, mer awer im Gecheteel en Vielfalt von Sproche unn Kulture gezeichnet hot, wo wie Gold om freie Himmel vor mein Aue unn Ohre uffgefall sinn – net nure von unnerschiedliche Sproche, awer ooch von der eichne bresilioonisch Sproch. Das hot mer ooch gezeichnet, wie viel in mein sprochlich Situation mit dene von annre gemeinsam ehnlich woor, wie eenmo en Herr – sein Noome woor Pascácio –, en Sprecher vom uruguaische Portugiesische in Paso de León, von der Plantoosch hemmkomm is unn sich die Fiess in en Schissel gewesch hot – grood so wie mein Vovo! wo mer zusetzlich verlangt hot, en „Kaneckche mit frisch Wasser“ vom Brunne ze hole; ore ooch Dona Teresa mit ehr Guarani von der Indiooner-Reserva in Dourados – MS, wie se die Sproch von ehr Enkelkind unn ehr Mann, Sprecher von Terena, beschrieb hot; sowie zum Schluss die viele Sprechergemeinschafte mit Varietete von Italianisch, Polnisch ore Deitsch, wo ich besucht honn. Net selte hot enne emmotioneert mer for der Besuch gedankt. Etliche konnte es nechst net gloowe, dass enne von so weit komme kennt, nure for ehr Sproch ze „heere“ unn ze pesquiseere. Net selte awer hot ooch enne sein Mottersproch vorgestellt als etwas „Verkehrtes“, „Verbrochnes“, „ohne Grammatik“ unn „ohne Weert“, en „Heckesproch“, also mit der schlimmste unn uniwerlehsten Dummhete, wo enne dene vorgemacht hot.

Wie die viele Attikle aus demm Volume zeiche, gibt es en Heerd Ursache unn Resultoode von Pesquisas, wo die Bedeutung von der Mottersproch unn von der Mehrsprachigket im Lewe von en Mensch nohweise. Wenn uff enn Seit awer die Sprecher von Minderhetssproche der Mehrhetssproch gemeenehand die Teer uff mache, gibt es uff der anner Seit noch grosse Schwierigkete unn viel Unverstendnis, for ooch die Gesellschaft der Minderhetssproche – also der Mottersproche von

⁵ Ver <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

dehemm – die Teere uff ze mache. Warum passeert das so? Unn wie kann ma so en unvernünftich Logik dorichbreche, wo en gross Potential unn Weert on Wisse unn ooch so en Kulturerwe eenfach so wechschmeisst unn somit Konflikte verursacht, wo die mehrst Zeit Untoleranz, Diskrimination unn Exclusão herrscht? Es hannelt sich net dodrum, dass ma der Sproch von der Stross ehr Platz unn Funktion wechholt, im Gechettel dass ma vor allem der Weert unn die Bedeutung onerkennt, wo die Mottersproche von dehemm for die Stross wie for die ganz Gesellschaft honn.

Mein Gesichtspunkt, wo ich hier deitlich mache wollt, is, dass der Gloowe on en eenzich Sproch sich net erhelt unn dass ma desweche die Sproch von der Mehrsprachigket braucht, die ooch die minderhetliche Mottersproche von dehemm mitrechnet unn dene sogoor en Ehreweert zuschreibt. Die sinn en unerlesslich Sprocherecht⁶ unn en Wisse, wo sich unnerscheidt von jedem annre Sprochewisse von en Mensch. En eenzich Sproch kann net alles, das weer noch net mo mechlich; nure unnerschiedliche Sproche, mit unnerschiedliche Funtione unn Weltonsichte, kenne uns iwerhaupt helfe, mit der ganz Komplexitet unn Vielfalt von der Welt umzegehn. Dezu is awer en *ouverture à l'autre langue* notwennich, das heesst, der Mensch muss sich annre Sproche – egool was for – uffmache. Dezu braucht ma awer ooch en plurilinguistisch Erziehung, wie [Kuchenbecker] Broch (2014)⁷ vorschleht, well ma so die Chans hot, „mehr Licht“ uff sein Mottersproche unn sein Mehrsprachigket ze werfe. Ma muss kee Bang von der Sprochevielfalt honn, well die Vielfalt von der Sproche es eerst is, wo universal is unn der Mensch werklich charakteriseert.

⁶ OLIVEIRA, Gilvan M. de (org.) (2003). *Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos: novas perspectivas em política lingüística*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL.

⁷ BROCH, Ingrid Kuchenbecker (2014). *Ações de promoção da pluralidade lingüística em contextos escolares*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102190>.

MINHAS LÍNGUAS MATERNAS "DE CASA E DA RUA". E A LÍNGUA DO PLURILINGUISMO

Cléo V. Altenhofen¹

Eu venho de um país de dimensões continentais. Não raro, no meu tempo de escola, eu ouvia alguém exaltar o fato de uma "única língua" dominar, de norte a sul, toda a vasta extensão do território nacional. Como brasileiro, também eu me apresentava por isso assim: simplesmente, como alguém que falava português [e ponto]. Mas o que era enfim a outra língua que eu falava em casa? De onde vinha? Como tinha chegado até ali? Para que servia? A única resposta que me davam na escola é que era um dialeto.

Com o conhecimento que possuo hoje, eu teria questionado, na época, como poderia isso ser algo bom e magnífico: um país ser dominado por uma única língua. Para mim, isso lembrava o pior dos cenários, semelhante ao de um trator que derruba uma floresta e empurra as ossadas das árvores para a margem, para plantar em seu lugar exclusivamente eucalipto ou grama. Para mim, estaria ao contrário claro que é a diversidade de conhecimentos linguísticos, como a diversidade da fauna e da flora, que ao invés disso deveria ser motivo de comemoração e deslumbramento, como um patrimônio de fato. Não o domínio de uma única língua no lugar de muitas outras que uma comunidade humana construiu durante séculos. Com o conhecimento que possuo hoje, também não teria sequer acreditado na propaganda da época, de que poderia ser possível uma população inteira falar a mesma e única língua em toda a extensão de seu território. Como isso poderia ser possível, se toda língua varia e muda no tempo?

Na época da escola, eu era, contudo, apenas uma criança. Qual professor ou professora se dignaria a "dar ouvidos" à minha língua e cultura que eram, para mim, um conhecimento diferente de tudo que a escola ensinava? Alguns estavam tão imbuídos em ensinar apenas (n)aquela uma língua, que esqueciam da língua "materna" do aluno. Na verdade, reproduziam o mesmo comportamento com o qual,

¹ *Porto Alegre (Brasil).*

na Idade Média, aqueles (homens) que iam aprender latim se referiam à língua daqueles que ficavam em casa, junto com a mãe. E a língua da mãe era a língua local, a língua do povo, que por isso passou a ser vista como língua materna.² No mundo moderno (naturalmente com outras línguas no lugar do latim) não é de certo modo diferente; mas por isso mesmo é preciso “dar voz” à língua de casa, “dar ouvidos a ela” e “tirá-la da escuridão”. Por isso, independente das críticas que se possa fazer ao conceito de “língua materna”, ele carrega sem dúvida um significado extremamente importante para quem fala uma língua materna minoritária.³

Foram os meus pais, a visão linguística deles, que – apesar de todas as crenças e ideologias da língua única – mantiveram viva a minha “língua de casa”, uma língua de imigração alemã que, há cinco gerações, veio trazida da região do Hunsrück, na Renânia Central, para o Rio Grande do Sul do Brasil. Hoje, chamamos por isso essa língua de *Hunsrückisch*, mas em casa e para “os outros” simplesmente dizíamos que era *Deutsch* (também *Plattdeutsch*), em suma: ‘alemão’.

Meus pais falavam com dificuldade o português. Desde pequeno, a língua mais forte deles – na qual pensavam, calculavam, riam, sentiam-se “em casa” e até cantavam – era por isso esse Hunsrückisch, que alguns rotulavam depreciativamente de “dialeto”. Fosse de novo hoje, eu explicaria, tal como Coseriu e Thun, que todo dialeto é simplesmente uma língua, um sistema gramatical que implica, como aprendemos de Chomsky na Universidade, um número finito de regras, com o qual se pode produzir um número infinito de frases, às vezes tão sofisticadamente construídas como em qualquer outra língua. Se, no meu alemão local, eu dizia “*mein nei Haus*”, no alemão global dizia “*mein neues Haus*” e, no inglês, “*my new house*”. A diferença entre essas três línguas pode ser de toda ordem – social, linguística, política – menos de uma que é desgraçadamente a mais citada: de que uma língua é mais certa ou errada, ou melhor ou pior do que outra. Línguas existem sempre na medida da necessidade de quem as usa; e da função que cumprem: para escrever, para rezar, para fazer ciência, para amar, para negociar ou para confidenciar algo que é exclusivo seu no mundo. E porque uma língua não dá conta de todas as necessidades de um ser

² IVO, Hubert (1994). *Muttersprache - Identität - Nation. Sprachliche Bildung im Spannungsfeld zwischen einheimisch und fremd*. Opladen/Wiesbaden: Westdeutscher Verlag.

³ ALTENHOFEN, Cléo V. (2002). *O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português)*. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 141-161.

humano, é preciso falar a língua do plurilinguismo. Se analisarmos bem, podemos ver o plurilinguismo exatamente assim: como uma língua, ou melhor, uma "plurilíngua", que se caracteriza pela habilidade de usar material de diferentes línguas.

Mas há uma língua que cumpre uma função primordial na vida de um indivíduo: essa é justamente a língua materna. Quem fala uma língua minoritária geralmente possui duas, a da rua e a de casa. Aconteceu assim comigo: em casa, adquiri o Hunsrückisch e, na rua e na escola, o português. Como alfaiate que era, meu pai vivia com a medida a tiracolo e agulha e tesoura na mão. Mas ele também costurava ideias que, mais tarde, na Universidade, eu vi confirmadas em conceitos e concepções das mais avançadas pesquisas sobre o plurilinguismo. Ele defendia, por exemplo, que nós (eu e mais dois irmãos e duas irmãs) falássemos "em casa" alemão, porque "na rua" aprenderíamos o português "brincando". Sem o saber, ele defendia um modelo de educação bilíngue conhecido como "um ambiente, uma língua". Assim, até os 7 anos de idade, minha língua da rua foi o português, e a de casa, o alemão. Quando nos mudamos para a colônia, em Harmonia, no Vale do Caí, a língua da rua, da venda, do recreio na escola, do futebol, parcialmente também da igreja, passou a ser majoritariamente o alemão local, o Hunsrückisch.

Na colônia, entretanto, eu logo me tornei "o gurizinho da cidade que sabia falar melhor o português". Embora esse tratamento me beneficiasse, achava-o injusto e me sentia usado como um exemplo para provocar os meus camaradas de aula. Em nenhum momento, exaltava-se o fato de eles saberem fluentemente uma outra língua. Com seu alemão local, certamente tinham vantagens com outras línguas, como o alemão global e o inglês, onde *rain* era quase parecido com o seu *Reen* de casa, ou *nose* como *Noos* – Além disso, *mother!* Era praticamente a forma de casa, *Motter!* Pena, portanto, que a escola sequer cogitava fazer essas associações com o pré-conhecimento de casa.

Com outras línguas, não era muito diferente: quando, no Hunsrückisch, eu emprestava do português gaúcho, que emprestou do guarani, a palavra *Guri*, havia quem dizia que isso era uma mistura, que não falávamos nem português nem alemão; mas ninguém questionava se, no português, alguém falava uma mistura com outras línguas. Na verdade, contudo, ninguém fala "o português" ou "o alemão"; todos na verdade falamos, como de novo diriam Coseriu e Thun, uma variedade de

alemão (neste caso, o Hunsrückisch de Harmonia), ou uma variedade de português, que, para mim, era a rio-grandense.

Meu pai, na defesa da minha “língua paterna”, ainda ia além. Em suas observações linguístico-mercadológicas, ele ressaltava, sem citar Bourdieu, a relevância dessa outra língua como um capital cultural de valor, que poderia ajudar também no trabalho. Se não aproveitássemos a oportunidade na família – meu pai continuava –, teríamos que, mais tarde, “suar muito para aprender essa língua” e ter de, possivelmente, “pagar cursos caros”. Seria uma pena, segundo ele, pois a língua materna de casa representava acima de tudo um conhecimento, único e diferente, além disso uma visão de mundo e uma habilidade tão especial como era ajustar a manga de um casaco de seus clientes. Wilhelm von Humboldt certamente ter-lhe-ia tirado o chapéu, por essas ideias.

Mesmo que eu tenha convivido ainda na infância e adolescência com línguas e variedades diversas, foi na Universidade que meu horizonte se abriu consideravelmente, não apenas para mais línguas, mas sobretudo para uma compreensão melhor do significado de mais línguas no cérebro, no plurilinguismo, na ciência e na sociedade. Eu comecei a de fato enxergar a minha língua e a compreender melhor como ela funcionava e que relação tinha com as demais línguas. Quando descobri que havia uma “ciência da língua”, que existia uma tal de “lin-guís-ti-ca” que estudava “todas as manifestações da linguagem humana”, nunca esqueço o espanto e a admiração que causou em mim. Tivesse estado essa ciência mais presente na escola, quanta coisa não teria ficado mais clara!

Hoje, crescido, através das viagens de pesquisa para os projetos que desenvolvi e dos quais participei,⁴ descortinei para mim um outro Brasil, até então esquecido e invisível nos discursos oficiais, em que, contrariamente, a diversidade linguística e cultural – não apenas de diferentes línguas, mas também da própria língua portuguesa – emergia à superfície como ouro a céu aberto. Isso mostrava para mim quanto a minha situação linguística tinha de comum com outras, como quando o seu Pascácio, um falante do português uruguaio em Paso de León, chegou em casa e lavou os pés numa bacia – como o meu avô! pensei, quando pedia para buscar uma “Kaneckche

⁴ Ver <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

mit frisch Wasser" ('caneca de água fresca') no poço; como a dona Teresa, falante de guarani da reserva indígena de Dourados – MS, quando comentou a língua de sua neta e do marido, falante de terena; como as comunidades de falantes de variedades do italiano, do polonês, do alemão que visitei. Não foram poucas as vezes em que alguém emocionado me agradecia pela visita, quase não acreditando que eu pudesse vir de tão longe só para "ouvir" e pesquisar sua língua. Mas também não foram poucos os que acreditavam erroneamente que a sua língua materna de casa era "errada", "quebrada", "não tinha gramática", "não tinha valor", uma "língua da roça", enfim uma série de perversidades que tinham incutido neles.

Como mostram as diversas contribuições deste volume, há várias razões e comprovações de pesquisa que atestam a relevância da língua materna e do plurilinguismo na formação de um indivíduo. Se, de um lado, porém, as comunidades de falantes de línguas minoritárias abrem via de regra as portas para a língua majoritária, nem sempre e com muita dificuldade e incompreensão abrem-se as portas da sociedade às línguas minoritárias de casa. Por que isso acontece? E como romper essa lógica irracional que anula um potencial tão grande de conhecimento e patrimônio linguístico, gerando inclusive conflitos de intolerância, de discriminação e de exclusão? Não se trata de tomar o lugar e a função das línguas da rua, mas sim ao contrário que se reconheça o papel que desempenham as línguas maternas de casa na rua e na sociedade de modo geral.

Meu ponto de vista, que procurei explicitar aqui, defende, deste modo, que a crença em uma língua única não se sustenta e que é preciso substituí-la pela língua do plurilinguismo, que inclui as línguas maternas minoritárias faladas em casa. Elas são um direito linguístico indissociável⁵ e um conhecimento que se diferencia de todos os outros conhecimentos que compõem o repertório linguístico de um indivíduo. Uma única língua não pode tudo e sequer é possível; somente línguas diversas, com funções e visões de mundo diversas, dão conta da complexidade e diversidade do mundo. Para isso, é preciso entretanto uma *ouverture à l'autre langue*, isto é, uma abertura a outras línguas e uma educação plurilinguística, como defende

⁵ OLIVEIRA, Gilvan M. de (org.) (2003). *Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos: novas perspectivas em política lingüística*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL.

[Kuchenbecker] Broch (2014)⁶, que oportunize jogar “mais luz” sobre suas línguas maternas e seu plurilinguismo. Não há que temer a diversidade linguística, porque a diversidade das línguas é que é universal e caracteriza realmente o ser humano.

⁶ BROCH, Ingrid Kuchenbecker (2014). *Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102190>.

2. EN POOR GEDANKE IWER DIE WELTENSICHT IM HUNSRICKISCHE ALS MOTTERSPROCH¹

*Jaime John*²

“Aprendi português a partir dos 7 anos... na escola!” (‘Bresilioonisch honn ich eerst mit siewe Johr gelennt, wie ich in die Schul gang sinn!’) Mit dene Antwott honn sich schon mehr Leit in mein akademisch Lewe verwunnert. For mich woor das en Ausdruck von mein Familieherkunft aus der deitsch Kolonie-Rechion von Bom Princípio - RS, wo bis heit en tief Spur en mer geloss hot. Ich muss zugewe, dass ich ganz gut in Portugiesisch alfabetiseert geb sinn, awer qualquer Entonation in mein Aussproch woor ooch schon genuch, for jemand ze zeiche, dass Portugiesisch net mein Mottersproch senn kennt. Die mehrst Zeit hot das enne festgestellt, wo Portugiesisch als Mottersproch hott; die jeniche, wo annerst rom Hunsrückisch/hunsriqueano for sein eerst sprachlich Erfoohnis im Lewe gelennt honn, honn mein „sotaque“ kaum gemerikt. Wie mea wisse, falle uns die sprachliche Unnerschiede gemeenehand meh uff wie die Peculiaridades von der eichne sprachlich Identitet. Der Dialekt vom Hunsrück als Mottersproch ze honn, woor mer nie en Problem unn ich musst mich desweche ooch nie scheme; im Gecheteel der hot mer Teere uffgemacht, wo ich hier kotz vorstelle mecht.

Ich weess awer net, wie ich iwerhaupt mein Mottersproch gelennt honn. Ich weess nure, dass ich uff eemo spreche konnt. Om Onfang woore es bloss en poor Werter, awer schon genuch for mit der Mensche umzegehn, mo wenichstens uff en simbolische Oot. Soviel wie mer die eerste Manifestatione mit der Sproch vorkomme konnte, hannelt es sich um etwas Gewehnlicheres unn bedeit die eusserliche Seit von en mentale Prozess, wo in Woehrhet tiefer is. Dodemit hot sich mein sprachlich Subjektivitet rausgebaut, die zu psychische Krefte gefihrt hot, wo sein Ursprung im Kontakt mit en Sprochgemeinschaft unn ehr Sproch – von do on mein Mottersproch – gestellt hot. Was deerst nure wie en Spiel mit dem Gedechtnis woor, for Werter aus mein Ohr nohzespreche, hot sich langsam in en autentische Uffbau von Frases

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-02>

² *Rio Grande (Brasil).*

verwannelt, mit neie mechliche Kombinatione von Werter. En Welt mit en eichne Sinn uffzebaue is en Teel von der Sproch ehr Seel als Kulturfenomen sowie ooch von der Sprecher sein Qualitet beim Umgehn mit annre. Wenn ma en Sproch spricht, tut ma net ganz eenfach Werter unn Frases nohspreche, soviel enne das menne kann; Sproche bedeit, dass ma sich uff en eichne Oot ausdrickt unn dezu die ganze simbolische Recursos gebraucht, wo en Sprochgemeinschaft iwer sein lang Geschichte hinaus uffgebaut hot. Das Fundament von dene Aktivitet, die Erfoohnis von der Welt in mein Sicht ze verennre, danke ich mein Erlebnis in der Hunsrickisch Welt.

So kann ma soohn, dass das Lenne von der portugiesisch Sproch, seit ich siewe Jahr alt woor, so ehlich woor, wie en Fremdsproch ze lenne. En poor Jahr speter, wie ich gelennt honn, Deitsch ze lese, woor es, well ich schon alfabetiseert woor unn schon fliessend Bresilioonisch lese konnt, wie wenn ich en zwett Fremdsproch lenne tet. Ich honn so die Grenze unn Mechlichete von mein Mottersproch eerst dorich der Kontrast unn Vergleich mit annre Sproche verstann, wie ooch Goethe in sein famos *Máxima* seht: „Wer kee Fremdsproche kennt, weess nix von sein eichne Sproch.“³ Allmehlich honn ich unnerschiedliche Welte dorich unnerschiedliche Sproche bemerikt; die Unnerschiede honn net grundsetzlich aus Unnerschiede von Stimme unn grammatische Struktüre bestann, awer doch vielmehr von Weltonsichte, wo hinner dem Sprochsistem stehn.

Viel friher, eb ich die teoretische Werke von Herder, Humboldt, Weisgerber, Werlen unn viel annre Autore besser kennegelennt honn, sinn mer etliche Peculiaridades von der unnerschiedliche Weltonsichte efter uffgefall. Langsam honn ich der dynamische Aspekt von der Sproch verstann, das heesst, sein Kunst sich ze verwannle unn sowieso noch erkennbar bleiwe. En scheen Beispiel stelle die neie Werter, wo die Imigrante in Rio Grande do Sul iwernomm honn, for Planze unn Tiere in der Nei Welt ze benenne. Die honn das mit Werter gemacht, wo schon im Bresilioonische vorhand woore. In Erinnerung honn ich seit mein Kindhet en poor Beispiele von Werter for Holz unn Obst: *Schickboom* (pt. *angico*), *Kabriuve* (pt. *cabriúva*), *Zimt* (pt. *canela*), *Kascherane-Boom* (pt. *canjerana*), *Sarandie* (pt. *sarandi*),

³ GOETHE, Johann Wolfgang von (1977). *Sämtliche Werke*. Bd. 9. Artemis-Gedenkausgabe. München: DTV, p. 508.

Timbauve (pt. *timbaúva*) unn, net vergesse, die famose *Goioowe* (pt. *goiaba*) unn die *Pitange* (pt. *pitanga*), alles Noome, wo urspringlich ins Hunsrickische adapteert unn aus dem Bresilioonische gelehnt geb sinn. Dasselwe kennt ich von en poor Sotte Fisch soohn; well ich der Noome im Hunsrickische schon wusst, woor es nure meh en kotze Weech, for die bresilioonisch Form rauszefinne: *Lambari* (pt. *lambari*), *Schundioo* (pt. *jundiá*), *Traire* (pt. *traíra*) sowie ooch *Kaskude* (pt. *cascudo*) woore mer ganz bekannt. Awer es hot ooch intressante Ausnahme geb, wie for Beispiel der *Karoorfisch* (pt. *cará*), ooch *Butterkaroo* genennt (pt. *cará-manteiga*), ooch bekannt mit dem spassiche Noome *Speckkopp*, well'er en Kopp hott, wo on en Speckgriebche erinnert hot.

In en gewiss Zeit von mein Kindhet honn ich geglaubt, dass es en eenziche Oot geebt, for die Welt um mich ze benenne. Sowie ich die Planze unn Tiere, wo ich good genennt honn, dorich mein eerst Erfoohrnis bemerikt gehonn, honn ich gespeert, wie sich die Bedeutunge unn die Zugeherichket zu en Gemeinschaft ausgeweit honn. Ich woor jo schon mit en Sproch verbunn, was mer good gedient hot, for mein eichne Ausweitung, net nure in der Kontinuitet, awer ooch in der allmehliche Perzeption von der Unnerschiede unn wie das zurickwerke kennt. Der Gesang vom Bentevi, wo ich seit Guri gekennt honn, woor gleich mehr wie nure en nateerlich Stimm, for en eichne Bedeutung ze kriehn, unn (heit) kann ich soohn, dass das der greesste Gewinn is, wo en Sproch bringt, for die Welt ze beobachte: Mea siehn unn heere etliche Attikle von der Welt, demnoh was en Sproch, wo uns bekannt is, vorschleht. Es werre unnerschiedliche Dinger von en Kolibri ausgedrickt, wenn mea ehn uff Bresilioonisch *beija-flor* (der, wo 'en Blum kusst') nenne, ore – wie uff Hunsrickisch – *Brummvegelche* nenne. Das gilt ooch for der Gesang von en *Schackrackack* (pt. *araquã*). For mein Eltre, woor der Gesang von der Schackrackacke en Zeiche, dass das Wetter sich enrettet. Oftmols honn ich se geheert soohn: „*Heer mo wie die Schackrackacke heit moint krehe*“ Wenn jemand also von der „*araquã*“ ehr Gesang redet, heere ich net so dene ehr Singerei, wie wenn jemand von der Schackrackacke verzehlt. Die Onomatopeia von dene sein Noome lesst dene en extra Charakterisierung zu, mo wenichstens for jemand, wo der Vochel aus dem Kontext kennt.

Zusetzlich muss ich noch von mein Verwunnrung verzehle iwer die reichlich Polissemie, wo etliche Werter troohn in unendliche Kombinatione. Es gibt so nix extra

beim Wott *Stroh*hut. Als Kind awer honn ich mich immer gefroht, warum en „espantalho“, wo so in der Plantoosch uffgestellt wedd, for die Vechel ze verjoowe, *Strohmann* heesse kennt, wenn doch nure sein Hut aus Stroh woor. Unn noch: Warum hot ma ooch dem Colchão (dt. 'Matratze'), wo bloss mit *Miljelaub* (dt. 'Laub vom Mais') ausgefillt woor, der Noome *Strohsack* geb. Unn zuletzt, hot doch uff anner Seit das Wott *Stroh* oft ooch en negative Sinn ausgedrickt, wenn ma, mo soohn, von en *Strohwittfraa* (wieso en Wittfrau aus Stroh?) gesproch hot, wenn ma in Woehrhet en divorcieert Froo gemennt hot (also dt. 'eine geschiedene Frau').

Ooch der Vochel „joão-de-barro“ is so en Beispiel. Wer der Vochel nure mit dem bresilioonische Noome kennt, kann sich die gross Iwerlehung, wo hinner dem hunsrickisch Wott *Dreckbauer* steckt, goor net vorstelle. Niemand von uns hot debei on der „Dreck“ vom Lehm gedenkt, wo der Dreckbauer for sein Haus (sein Nist) verwenn hot. Vielmeh honn mea on sein Fleiss gedenkt, mit dem der sein Haus fest gebaut hot, for ze peere. Unn ooch on das Sammerhalle, well das Haus jo letztenn immer von en Peerche gebaut wedd. Das Wott *Dreck* hot mer im Ohr desweche en anner Bedeutung gehat, wenn ich – mo soohn – der Ausdruck „in der Dreck trete“ geheert honn. Damit woor was Negatives gemennt, wenn enne ungerecht for en dreckich unn schwer Oorwet ausgenutzt geb is. Das selwiche is mer passeert, wenn ma – ebenfalls mit moralischem Sinn – enne, wo annre hinnergeht, als *Drecksack* veschennt hot.

Heithestooch leihe mer ich mein hunsrickische Erfoohrnisse zeitlich unn weit wech. Ich behalle im Hetz awer noch die scheene Erinnerung an die so starke unn eenzichoortiche Ausdruck von mein Mottersproch. Geografische Welte, zeitliche Welte unn sprachliche Welte schmelze in der Sproch sammer. Deitschland unn Brasilie, das 19. Jahrhundert unn Deitsch mit Bresilioonisch in der vielfeltiche Vermittlung honn so viele neie Bedeutunge unn Weltensichte innanner gewebt, dass ma es nure meh bewunnre kann. Ich finne es desweche en iwer gross Glick, dass ich die Sproch gelennt honn unn noch on der Sprochgemeinschaft mitmache. Das hot mer gleichzeitig geholef, Portugiesisch unn Deitsch ze lenne. Wie wenn es net genuch weer, die Vielfalt von dem Kulturerwe Hunsrickisch ze kenne, bleibt mer nure noch irwisch, die jeniche ze begriesse unn parabenizeere, wo sich die Mih gewe, for die

Mottersproch ze studeere unn in en lang literarisch Tradition unn en Projekt mit viel lexikalisch unn gramatisch Fundament ze promoteere.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VISÃO DE MUNDO DO HUNSRIQUEANO COMO LÍNGUA MATERNA

Jaime John¹

“Aprendi português a partir dos 7 anos... na escola!” Com esta declaração, já surpreendi muitas pessoas no decurso de minha trajetória acadêmica. Para mim, era uma afirmação de minhas origens familiares, as quais remontavam a uma região de colonização alemã de Bom Princípio - RS e que deixaram uma marca permanente. Admito que fui muito bem alfabetizado em português, mas uma sutil entonação na minha fala evidenciava que português não teria sido a minha língua materna. Sintomaticamente, essa observação provinha habitualmente de pessoas que tiveram o português como língua materna; quanto às pessoas que tiveram no Hunsrückisch/hunsriqueano a sua primeira experiência linguística, o meu referido sotaque sequer era percebido. Habitualmente, as diferenças linguísticas alheias têm mais visibilidade do que as peculiaridades da própria identidade linguística. Contudo, ter tido no dialeto do Hunsrück a minha língua materna nunca me representou um problema ou algum motivo de constrangimento; pelo contrário, abriu-me muitos horizontes que pretendo expor brevemente a seguir.

Não sei como começou o processo de aprendizagem de minha língua materna. Só sei que, num dado momento, eu falava. No início, eram apenas algumas palavras, mas o suficiente para haver uma interação humana no âmbito simbólico. Por mais relevante que essa manifestação linguística inicial possa parecer, ela é, contudo, secundária e representa a faceta exterior de um processo mental muito mais profundo, ou seja, a constituição de uma subjetividade linguística, alicerçada no desencadeamento de forças psíquicas, desenvolvimento este ensejado pelo contato com uma comunidade linguística e sua língua, a partir daí, materna. O que inicialmente parecia ser apenas o exercício de memória pela repetição de palavras ouvidas, demonstrou converter-se numa genuína articulação de frases, com novas combinações possíveis de palavras. Esta instauração de um mundo de sentido

¹ *Rio Grande (Brasil).*

próprio faz parte da essência da língua como fenômeno cultural e da qualidade de seus falantes em suas recíprocas interações. Falar uma língua não consiste em repetir palavras e frases, por mais que assim pareça; falar é expressar-se de modo próprio, usando os recursos simbólicos que uma comunidade linguística construiu no decorrer de sua história. Os fundamentos desta atividade de converter a experiência de mundo em minha própria percepção eu os devo à inserção no mundo hunsriqueano.

Deste modo, o aprendizado do português na escola, a partir dos 7 anos, constituiu-se no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Anos depois, ao aprender a ler em alemão, uma vez que eu já estava alfabetizado e lendo fluentemente em português, constituiu-se de fato o aprendizado de uma segunda língua estrangeira. Fui compreender os limites e possibilidades de minha língua materna a partir do contraste e da comparação com outras línguas, fazendo jus à famosa máxima de Goethe: "Quem não conhece uma língua estrangeira, não conhece nada de sua própria" („*Wer fremde Sprachen nicht kennt, weiß nichts von seiner eigenen*")². Aos poucos, fui percebendo mundos diferentes evocados nas diferentes línguas, cujas diferenças não se resumiam às diferenças de sons e estruturas gramaticais, mas muito mais às visões de mundo subjacentes em sua tessitura sistêmica.

Muito antes de conhecer a obra teórica do Herder, Humboldt, Weisgerber, Werlen e outros autores mais, eu percebi certas peculiaridades advindas da comparação desses mundos simbólicos próprios. Aos poucos, fui compreendendo o aspecto dinâmico da língua, esta capacidade de mudar mantendo-se, contudo, reconhecível como tal. Sirvam de exemplo as novas palavras incorporadas pelos imigrantes que vieram ao Rio Grande do Sul e que, na ausência de palavras para designar flora e fauna locais, adotaram os nomes "vigentes" aqui. Menciono especialmente alguns exemplos de madeiras e frutas, de cujas palavras e objetos guardo memória desde a minha infância: angico, cabriúva, canela, canjerana, sarandi, timbaúva e das famosas goiabas e pitangas, cujos nomes "originais" foram adaptados e incorporados ao hunsriqueano. O mesmo eu poderia dizer acerca de

² GOETHE, Johann Wolfgang von (1977). *Sämtliche Werke*. Bd. 9. Artemis-Gedenkausgabe. München: DTV, p. 508.

alguns tipos de peixes, dos quais conhecendo o nome em hunsriqueano, era meio caminho para buscar o nome em português: lambari, jundiá, traíra e cascudo eram bem familiares. Mas havia também interessantes exceções como, por exemplo, o cará, também denominado *cará-manteiga*, conhecido pelo sugestivo nome de *Speckkopp* ('cabeça de toucinho'), em analogia à sua crista de gordura.

Apenas durante um breve período da minha infância eu julgava que havia um modo único de designar o mundo circundante. Tão logo as plantas e animais acima mencionados foram percebidos para além da experiência inicial, um sentimento de extensão de significados e de pertencimento comunitário foi se formando. Eu já tinha um vínculo com uma língua e este me serviu de base para a sua própria ampliação, seja na continuidade, seja na gradativa percepção de diferenças e seus efeitos retroativos. O canto do bem-te-vi, que eu conhecia desde a minha infância, logo deixou de ser apenas um som natural para assumir um significado linguístico próprio e (hoje) posso afirmar que esta é uma das mais extraordinárias repercussões que uma língua promove sobre a percepção de mundo: vemos e ouvimos certos aspectos do mundo de acordo com o que uma língua que nos é familiar nos sugere. Aspectos diferentes de um colibri são evidenciados quando o designamos por *beija-flor*, em português, ou por *Brummvegelche* ('passarinho que ronca / passarinho que produz ronco pela vibração das asas'). E gostaria de comentar adicionalmente a lembrança do canto das araquãs. Para os meus pais, a ruidosa cantoria das araquãs era sinal de mudança do tempo. Várias vezes, os ouvi dizer "*Heer mo wie die Schackackacke heit moint krehe*" ('Ouça só como as araquãs estão cantando hoje pela manhã'). Se alguém me fala das araquãs, não lhes escuto a cantoria do mesmo modo de quando alguém me fala dos *Schackackacke*, cuja sugestiva onomatopeia confere a essas aves uma inconfundível caracterização, ao menos para alguém que as conhece(u) nesse contexto!

Ademais, não posso deixar de mencionar meu assombro acerca da rica polissemia que algumas palavras assumem em suas múltiplas possíveis combinações. Nada de especial em *Stroh hut* ('chapéu de palha'). Contudo, quando criança, eu me perguntava acerca do porquê de *Strohmann* ('homem de palha'), referente ao espantalho de plantação, considerando que talvez apenas o seu chapéu fosse de palha. E seguindo, por que ainda se denominava de *Strohsack* ('saco de

palha') o colchão que continha apenas *Miljelaub* ('palha de milho'). E finalmente, nessa sequência, *Stroh* parecia assumir um sentido pejorativo quando se dizia *Stroh Wittfraa* ('viúva de palha'), referindo-se a uma mulher divorciada. Também o João-de-Barro merece apreço. Conhecer essa ave apenas com o nome em português não revela a laboriosidade inscrita em *Dreckbauer* ('construtor que usa lama'). Ninguém reparava na "sujeira" da lama com que o João-de-Barro construía. Muito mais se evidenciava um exemplo de providência (construir uma sólida casa antes de procriar) e de parceria (a casa é construída pelo casal). Eu ouvia o termo *Dreck* com outros ouvidos quando referido a alguém que "precisa pisar no barro" ("*in der Dreck trete*"), em referência a uma injusta condição em que alguém realiza um trabalho pesado e sujo em benefício de outrem. Ou ainda, em uma conotação moral, falava-se de alguém muito trapaceiro, chamando-o de *Drecksack* ('saco de sujeira').

Hoje, distanciado local e temporalmente de minhas experiências do Hunsrückiano, guardo a grata referência de sua riqueza expressional única. Mundos geográficos, mundos temporais e mundos linguísticos se fundem nessa expressão peculiar de língua. Alemanha e Brasil, o século XIX e o alemão com o português em suas múltiplas mediações criaram uma teia de significados e visão de mundo que merece especial apreço. Sinto-me, por isso, privilegiado por ter partilhado e ainda partilhar dessa comunidade linguística que, simultaneamente, abriu-me espaços para o aprendizado do português bem como do alemão, como se já não bastasse o intrínseco polifacetado patrimônio cultural do Hunsrückisch. Dessa experiência linguística, me resta tão somente a congratulação pelo esforço de quem se propõe a estudá-lo e a converter uma longa e difusa tradição literária em um projeto de coesão lexical e gramatical academicamente alicerçada.

3. WEGE, UMWEGE UND IRRWEGE ZUR MUTTERSPRACHE¹

Harald Thun²

In den Regalen zu Hause und im Archivraum in der Universität Kiel stehen an die fünfzig Reisetagebücher und dutzende Kästen mit Photographien. Es sind die subjektiven Ergänzungen zu den Fragebüchern und Tonaufnahmen, in denen wir uns um die objektive Sprachaufzeichnung bemühen, soweit das möglich ist. Die Tagebücher und Photographien erzählen aus annähernd zwanzig Jahren Feldforschung in Brasilien, Paraguay, Argentinien und Uruguay, aus einer Zeitspanne und einem geographischen Raum, in dem wir das Material für drei Sprachatlanten zusammengetragen haben, angefangen mit dem *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), fortgesetzt mit dem *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico* (ALGR) und beendet mit dem *Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano* (ALMA-H). Das bedeutete nicht wenig Arbeit und die Anstrengung nicht weniger Mitstreiter. Nicht alles, was wir uns vorgenommen hatten, haben wir erreicht. Aber es ist doch soviel herausgekommen, dass nach uns sich noch wenigstens eine Generation das sprachliche und ethnographische Material durchhören, durchlesen und betrachten kann, um sich an der Fülle zu freuen und sich über die Lücken zu ärgern. Es kann aber auch sein, dass ein digitaler Zusammenbruch alle mehrfach gesicherten Daten auf einmal und überall auslöscht und ein Feuer oder der Unverstand der Nachkommenden alle Fragebücher und alle schon veröffentlichten Atlasbände vernichtet. Vielleicht bleiben dann nur die folgenden Bemerkungen übrig, aus denen scharfsinnige Wissenschaftshistoriker die untergegangene Trilogía rioplatense rekonstruieren müssen, soweit es geht. Diese Historiker werden meine subjektiven Bemerkungen objektivieren und ihnen zu allererst den lustigen Ton abdrehen müssen. Denn ich merke selbst schon, dass alles Erlebte in meiner Erinnerung noch lustiger geworden ist, als es sich aus meinen Aufzeichnungen herauslesen lässt, woraus zu schließen ist, dass das meiste in dem

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-03>

² Kiel (Deutschland).

Augenblick, als es stattfand, gar nicht so lustig gewesen sein kann.

Wie dem auch sei, diese langen Feldforschungen haben tiefe Spuren in mein Denken und Fühlen über diesen Teil Lateinamerikas gegraben und die durch Lektüre gewonnene Ansicht, dass die Venen Lateinamerikas offenliegen, durch die Begegnung mit so vielen Menschen zu der Erkenntnis geändert, dass es Widerstand durch ein Leben in Würde und abseits des Machtbereichs der Politik gibt.

Jede Explorationsfahrt war eine Reise zur Muttersprache der Informanten. Dahin zu gelangen, war am schwersten bei den Guaraní-Indianern, die wir für den ALGR in Paraguay, Argentinien und Brasilien befragt haben. Ohne die Erlaubnis des Häuptlings lief gar nichts. Am besten war es, wenn er dann wieder verschwand, denn in seiner Anwesenheit verstummte jedes Gespräch unserer indianischen Gewährsleute. Und auch dann war die Befragung ein mühsames Geschäft. Ohne unsere paraguayischen Kollegen, die mit ihrem Guaraní das Tor zum Verständnis öffneten, wäre nichts herausgekommen. Und auch so dauerten die Interviews sehr lange, denn auf jede Frage folgte erst einmal ein langes Schweigen, und wenn wir dann etwas ungeduldig nachfragten, kam nicht selten die Auskunft, dass die Zeit für die Beantwortung der Frage noch nicht gekommen sei. Mit der Zeit konnte ich verstehen, was die Gewährsleute untereinander besprachen (wir arbeiteten im Prinzip mit zwei Exploratoren – einem einheimischen und einem deutschen Kollegen – und mit zwei Gewährsleuten, wenn möglich Mann und Frau). So bekam ich einmal mit, wie einer der Informanten das gefürchtete Labovsche Beobachterparadoxon entschärfte. Informant A richtete an Informant B die Warnung, dass ich, der das Fragebuch führte, sie beide beobachte (was auch stimmte, denn unsere indianischen Gewährsleute für gewöhnlich leise sprachen, verfolgte ich mit dem Blick genau ihren Mundbewegungen, um von ihren Lippen abzulesen, was sie sagten). Aber Informant B beruhigte seinen Stammesbruder mit der Bemerkung: „Das macht nichts, wir beobachten ihn auch.“ Bei einer anderen Gelegenheit griff sich einer der indianischen Informanten ein Schreibheft und vollführte genau wie ich in meinem Fragebuch Schreibbewegungen mit einem Bleistift. Als die Sitzung zu Ende war, konnte ich einen Blick auf sein Heft werfen. Es war leer. Die gewünschte Gleichheit stellte sich also im Bereich der Verschriftung nicht ein. Mein Transliterationskollege besaß nicht das Privileg, das ich hatte und das dazu führte, dass mein Heft einigermaßen

vollgeschrieben war. Ich konnte ja nachfragen und er nicht. Immer wieder war ich über das Sprachbewußtsein unserer Informanten erstaunt. Wenn wir ihnen im Zuge unserer Dreischrittmethod (Fragen, Insistieren, Suggestieren) spanische Formen vorschlugen, die im paraguayischen Guaraní, auch *jopara* „Mischung“ genannt, ganz üblich sind, sagten sie mit einem mitleidigen Gesichtsausdruck: „Paraguái“. Das hieß: „So reden diese armen Menschen dort, wir hier aber nicht.“ Die Mbya-Indianer in Paraná/Brasilien erzählten, dass manchmal Stammesbrüder aus Paraguay kämen, um sich sprachlich wieder einzuordnen. Anders als an manchen Orten in Paraguay fühlte man sich nie in Gefahr unter den Indianern. Vielleicht war das aber in meinem Fall der Lohn der Unwissenheit und Blauäugigkeit, weil ich nicht alles sah oder erkannte.

Eine Gefahr, die ich sah, ohne sie aber vermeiden zu können, war die der Ansteckung mit Krankheiten. An einem unserer indianischen Befragungspunkte in Misiones/Argentinien war die Tuberkulose ausgebrochen. Konnte man es deswegen wagen, den zeremoniell angebotenen Mate auszuschlagen und nicht mit den anderen aus einem Röhrchen zu trinken? Mein paraguayischer Kollege und ich vertrauten auf die Desinfektionskraft des heißen Wassers und haben die „ronda del mate“ nicht verlassen. Wir wurden auch nicht krank, aber dennoch waren mein Kollege und ich derselben Meinung: Dieser Befragungspunkt war wie so viele andere auch, nicht die aus einer mexikanischen Fernsehserie bekannte „Ciudad peluche“. Wenn Gefahr bestand, dann nicht für uns Fremde, sondern für Einheimische. Einmal zeigte ein indianischer Inspektor, den ich auf einer Besuchsreise zu den Schulen seines Bezirks in Ostparaguay begleitete, unterwegs auf ein Pferd, das vor einer Hütte graste. „Das ist mein Pferd, sie haben es mir gestohlen.“ – „Warum holst Du dir es nicht wieder?“ – „Ich habe keine Argumente dabei.“ – „Was sind Deine Argumente?“ – „Kaliber 92“. Kurz darauf mussten wir an einem Fluss halten. Ich stieg aus, um die Wassertiefe zu messen. Als ich mich umdrehte, erschien wie in einem Film hinter einem Hügel eine lange Reihe bewaffneter Reiter. Ich fragte meinen Schulrat: „¿Que quieren esos?“ Antwort: „Quieren matar nomás, pero no a nosotros.“ Es war wohl die Privatarmee eines Großgrundbesitzers, die Landbesetzer vertreiben sollte.

Unter den Nicht-Indigenen war in den vier Ländern der Zugang zur Sprache auf dem Lande und dort unter der älteren Generation am leichtesten. Die Jüngeren und

die Städter hatten weniger Zeit und wurden ungeduldig, wenn wir nach ein paar Stunden immer noch nicht fertig waren mit unserem Fragebuch, das im Falle des ADDU mit seinen über 3000 Fragen wirklich übertrieben lang war. Es nahm manchmal eine ganze Woche für die vier Informantengruppen pro Befragungspunkt in Anspruch. Auf dem Land und dort besonders für die ältere Generation waren wir oft eine willkommene Abwechslung und unsere Gesprächspartner stellten uns fast genauso viele Fragen, wie wir ihnen. Die Frage, warum wir so einfache Dinge wissen wollten, wie den Laut, den die Katze von sich gibt, wurde wahrheitsgemäß damit beantwortet, dass der deutsche Explorator das Wort lernen solle. Und so war es auch. Selbst in den fernen Schülertagen habe ich nie so viele neue Wörter in mein Vokabelheft geschrieben wie in die Fragebücher. Manchmal allerdings musste ich abends nach den Interviews für meinen Wortschatz sortieren, was ich gehört hatte. Wie war denn nun die Form der spanischen und der portugiesischen Standardsprache: *lobizón*, *lobizonte*, *luizón*, *lobisomem*, *lobisãõ*? Auch manche Informanten nahmen das Problem der sprachlichen Korrektheit sehr ernst. So der einsame Reiter, der im Galopp auf die Bushaltestelle inmitten der Weiten Norduruguayas zugeritten kam, an der wir auf unsere „Onda“ (uruguayische Überlandlinie) zur Weiterreise warteten. Sein Pferd machte die übliche Drehbewegung und kam zum Stehen. Der Reiter war Don Antonio, nun erkannten wir ihn. Es war einer unserer Informanten vom Vortag. Trotz seiner 79 Jahre schwang er sich elegant vom Pferd und entschuldigte sich dafür, dass er uns am Vorabend ein falsches Wort gesagt habe: *lobisomem* sei „a forma certa“ im Portugiesischen, nicht *lobisãõ*.

Im ländlichen Uruguay und in Südbrasilien gab es für uns wenig Grund, ängstlich zu sein. Immer wieder hörten wir von Morden aus Rache, aber einer unser Fürsprecher und Begleiter zu den Informanten beruhigte unsere aufgeschreckten Gemüter: „Solo se matan entre ellos.“ (‚Sie töten sich nur untereinander.‘) Wohl aber mussten wir das Vertrauen unserer Gewährsleute erringen. Dabei war die am wenigsten kluge Entscheidung die, das Angebot der Universidad de la República in Montevideo anzunehmen und mit einem Dienstwagen vorzufahren. Den scharfen Augen der Landbevölkerung entging das offizielle Wappen auf den Autotüren nicht. Kein Rancho öffnete sich. Alle meinten, die Zollbehörden seien im Anmarsch. Am besten war es, mit dem Bus zu reisen und unterwegs schon Kontakte zu den

Mitreisenden zu knüpfen. Aber nicht überall gab es Busse. Die zweitbeste Lösung war es dann, einen Privatmann samt Auto anzuheuern. Das war die Alternative, die Phideas Fogg in Jules Vernes Reise um die Welt in 80 Tagen gewählt hatte. Und wir ergriffen sie auch. Zwei Tage hatten wir schon an einer einsamen Tankstelle in Südbrasilien auf eine „carona“ gewartet und wurden nachts zu unserer Sicherheit vom Tankwart, der auch beim Melken seiner Kuh den Revolver nicht ablegte, in die Tankstelle eingeschlossen. Am dritten Tag engagierten wir den ersten der spärlichen Kunden samt Fahrzeug und kamen glücklich in unserem Befragungspunkt an. Dort erwartete uns niemand, aber trotzdem wurden wir freundlich aufgenommen und wurden sogar unter der passgenauen Bezeichnung „o patrãozinho e o gurizão“ zum Thema einer „trova“. An einem anderen Punkt in Rio Grande do Sul war das Misstrauen so groß, dass wir erst einmal eine Woche von reichlich harten „bolachas“, Kürbismarmelade und Matete leben mussten, ehe sich ein mitleidiger „gaúcho“ uns erbarmte und zusammen mit seiner Frau zu unseren Informanten wurde.

Nicht immer gelang es uns, die Informanten bei der Stange zu halten. Manche waren nach dem ersten Interviewtag plötzlich verweist. Einer wollte noch kurz duschen, verschwand dann aber als immer kleiner werdender Punkt samt seinem Pferd am Horizont. Dann wandten wir statt des Prinzips der simultanen Pluralität das der sukzessiven Pluralität an, d.h. wir setzten die Befragung mit anderen Informanten fort, die den gleichen Kriterien entsprachen. Manchmal war der Informant da, blieb aber unsichtbar. So als wir auf dem Grasplatz vor einem uruguayischen Rancho den Herrn des Hauses befragten. Seine Frau nahm auch teil, aber sie antwortete durch das Küchenfenster und ließ sich nie blicken. Von anderen Informanten konnten wir uns nur mit Mühe trennen, weil uns der Mann zur großen Empörung seiner Frau frisch gestrichene Stühle angeboten hatte, auf denen wir festklebten. Mir wurde klar, wie entscheidend die ersten Augenblicke der Begegnung mit den Informanten war. Die Wahl eines falschen Wortes, wenn es darum ging, unser Anliegen zu erklären, konnte alles verderben. In der zweisprachigen Zone Norduruguay war es weder angebracht, von *pesquisa* [pɛs'kiza] zu sprechen, noch von *investigación*. Das erste konnte und wurde mit der spanischen Bedeutung „polizeiliche Untersuchung“, das zweite mit derselben Bedeutung als portugiesisch aufgefasst. Also war *estudio/estudo* die bessere Wahl. Auch war es in Grenznähe wegen der Tradition des Viehdiebstahls und

-schmuggels nicht gut, nach *marcas y señales* (Brand- und andere Zeichen) zu fragen. Ebenso blieben manche Informanten stumm, wenn wir zu den Fragen über die Bezeichnungen der Genitalien bei Mann, Frau und Kind kamen, während andere unsere Liste von Suggestivvorschlägen noch beträchtlich verlängerten. „Eu estava como congelado“, gestand uns ein Informant am Ende dieses Kapitels. Unser Vorgehen im Dreischritt wurde von vielen sogleich erfasst und vorweggenommen. So eine ältere Dame in Norduruguay, die z.B. auf die Frage nach dem „animal doméstico que ladra“ eine Antwort gab, an deren Vollständigkeit es nichts auszusetzen gab: „Alguns dizem *cão*, outros dizem *perro*, eu digo *cachorro*“.

Wenn man Informanten gefunden hatte (am besten, wenn jemand, der ihnen bekannt war, vermittelte), dann hatten wir nicht immer den Weg zu ihrer Muttersprache beendet. Außerhalb Paraguays, also in Argentinien und in Brasilien, wollten manche Informanten nicht auf Guaraní antworten. Die Indianer hatten damit kein Problem. Für die „criollos“ hatte sich einer unserer paraguayischen Kollegen einen Test ausgedacht. Er erzählte einen Witz auf Guaraní, und wenn die Gesprächspartner lachten, dann war ihre Kenntnis dieser Sprache bewiesen. Auch in Norduruguay, wo die Sprache mit Fremden zunächst das Spanische ist, musste man manchmal beharrlich und lange weiter auf Portugiesisch fragen, bis der Informant auf diese seine Muttersprache umschaltete. Ich erinnere mich noch gut an eine nur halbwegs geglückte Reise zur Muttersprache, ebenfalls in Norduruguay, in einem jener Punkte, die auf der anderen Seite der Grenze einen brasilianischen Zwillingssort haben. Mit einiger Mühe hatten wir die Informanten dazu gebracht, uns auf Portugiesisch zu antworten. Es kam in Wahrheit eine stark mit Spanisch durchsetzte Mischung heraus. Als das Interview zu Ende war, kam einer der Informanten mit uns auf die Straße. Da hielt ein Auto, mit dessen Fahrer unser Informant ein langes Gespräch auf Portugiesisch, so wie es auf der uruguayischen Seite üblich ist (*portugués fronterizo*) begann und zwar mit äußerst wenigen Hispanismen. Wir hatten also die Reise zu seiner Muttersprache nicht bis an ihr Ende gebracht.

Am leichtesten war die Spracherhebung für den ALMA, also unter den Hunsrückern. Hier war das Problem nicht, in Kontakt zu den Hunsrückern zu treten, sondern solche unter ihnen zu finden, die noch Hunsrückisch sprachen. Solche Sprecher findet man nicht mehr überall in den historisch von Hunsrückern

besiedelten Gegenden. Meines Erachtens besonders nicht in Brasilien. In Argentinien und Paraguay, also an der Peripherie, hält sich das Hunsrückische auch unter den Jüngeren noch besser. Hier besteht das Problem darin, dass offensichtlich niemand genau den Überblick hat, wo überall noch Hunsrückisch gesprochen wird. So geschah es, dass wir an einen Ort reisten, der uns von Hunsrückern in einem etwas entfernten Ort als „hundertprozentig hunsrückisch“ empfohlen worden war und wir selbst, wie sich einer der Einheimischen ausdrückte, dort die einzigen Sprecher des Deutschen waren: „Ustedes son aquí los únicos que hablan alemán“. Das genaue Gegenteil trug sich an einem anderen Ort zu. Auf einer Reise zu einem Kongress in Bolivien machten wir bei mennonitischen Bekannten in Loma Plata, im Chaco, Halt und lernten dort eine ganze Gruppe junger Hunsrückisch Sprechender kennen, die dort arbeiteten. Sie erzählten uns von ihrem Heimatort, von dem wir nie gehört hatten und dass dort noch alle Hunsrückisch sprächen. Dieses Dorf liegt in Ostparaguay und heißt „Moseldorf“, auf Guaraní und Spanisch „Paso Tuyá“ ('Alte Furt'). Bei der nächsten Gelegenheit machten sich zwei der ALMA-Kollegen dorthin auf und fuhren eine reiche Ernte ein. Mich schmerzte, dass ich nicht mitkonnte, wie ich mir in allen drei Atlasprojekten gewünscht hätte, überall dabeigewesen zu sein. Aber dafür waren die Untersuchungsgebiete zu groß. Immer schien es mir besser, Edmond Edmont zu sein als Jules Gilliéron oder, noch besser, die beiden in einer Person.

Vieles hat sich durch die sogenannte Feldarbeit für mich zurechtgerückt. Z.B. dass die Erklärung des sogenannten informierten Einverständnisses (eine Forderung, die verdeckte Aufnahmen zu Recht ausschließen soll, die aber besonders in den angelsächsischen Ländern hochgehalten wird, die weltweit am meisten Spionage betreiben) für die meisten Informanten eine rein theoretische Sache ist und dazu eigentlich überflüssig. Dass wir die Interviews auswerten würden, damit seien sie einverstanden, „denn sonst wären wir ja nicht gekommen“, meinten einige Hunsrücker in Argentinien. Eine ältere Dame wurde der langwierigen Erklärung regelrecht überdrüssig und forderte uns auf: „Nun macht mir endlich eine *Frooch*“ ('Frage'). Sie wollte also, dass die Reise zu ihrer Muttersprache am Ende beschleunigt würde. Ganz nebenbei habe ich auch erfahren, dass das Phonem nicht, wie manche meinen, nur eine theoretische Einheit ist, sondern für die Sprecher folgenreiche reale Auswirkungen, auch solche finanzieller Art, haben kann. So ist es

geschehen im Gespräch mit einem Taxifahrer, der für eine Fahrt von Encarnación/Paraguay nach Posadas/Argentinien „setenta pesos“ verlangte. Ich: „sesenta“, er: „setenta“, ich: „sesenta“, er: „/t/“, ich: „/s/“, er: „/t/“, ich: „de acuerdo“. Auch der Sprachwandel verläuft nicht immer langsam, sondern manchmal sehr schnell und sogar mit Überspringen einer Zwischenstufe [j → (ʒ) → ʃ], wie der folgende Fall aus Norduruguay zeigt, in dem ein externer Sprecher an die Artikulationsgewohnheiten einer Sprachgemeinschaft angepasst wird. Ein nordamerikanischer evangelikaler Missionar hatte mit dem Versprechen, Wunderheilungen zu vollziehen, eine beträchtliche Menschenmenge und auch uns ADDU-Exploratoren angelockt. Er forderte die Zuschauer auf, jedesmal, wenn er Halleluja sagte, diesen Ruf zu wiederholen. Missionar: *aleluya* [ale'luja], die Menge: [ale'luʃa], Missionar: [ale'luja], die Menge: [ale'luʃa], Missionar: [ale'luʃa ale'luʃa].

So sagen auch wir nach dem Ende der Feldforschung [ale'luʃa] und bedauern zugleich, dass diese Zeit der Abenteuer und Begegnungen vorbei ist.

CAMINHOS, RECAMINHOS E DESCAMINHOS PARA CHEGAR À LÍNGUA MATERNA

Harald Thun¹

Nas estantes de casa e nas salas de arquivos da Universidade de Kiel, encontram-se cerca de cinquenta diários de viagens a campo e dúzias de caixas com fotografias. Esses são os complementos de ordem subjetiva, feitos aos questionários e às gravações de áudio, com os quais nos esforçamos em registrar a língua de forma objetiva, até onde isso é possível. Os diários e fotografias reúnem relatos de aproximadamente vinte anos de pesquisa de campo no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, de um período e de um espaço geográfico em que reunimos o material para três atlas linguísticos, iniciando com o *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), continuando com o *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico* (ALGR) e finalizando com o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano* (ALMA-H). Isso não significou pouco trabalho, e os esforços tampouco envolveram menos parcerias. Nem tudo que tínhamos planejado pôde ser de fato concretizado. Porém, tanta coisa veio à luz, que depois de nós no mínimo mais uma geração poderá ouvir, ler e se ocupar com o material linguístico e etnográfico levantado, alegrando-se com a quantidade de dados ou mesmo se aborrecendo com as lacunas. Mas pode também ser que um colapso digital apague num piscar de olhos em todos os lugares todos os dados, salvos das mais diversas formas, ou que um incêndio ou a incompreensão das próximas gerações elimine todos os questionários e todos os volumes de atlas já publicados. Talvez permaneçam vivas, então, apenas estas minhas observações, a partir das quais historiadores sagazes terão de reconstruir, dentro do possível, a então extinta *trilogia rio-platense*. Esses historiadores terão que objetivar minhas observações subjetivas e, antes de tudo, amenizar seu estilo humorado. Pois eu mesmo já percebo que as vivências ficaram ainda mais cômicas na minha memória do que se pode ler em meus registros, o que leva à conclusão de que a maior parte não deve ter sido tão engraçada, no momento em que ocorreu.

¹ Kiel (Alemanha). Tradução: Lucas Löff Machado.

Seja como for, essas longas pesquisas de campo cavaram pegadas profundas em meu modo de pensar e sentir essa parte da América Latina e, através do encontro com tantas pessoas, mudaram a visão que eu tinha das leituras de que as veias da América Latina estão abertas. Eu passei a reconhecer que há resistência através de uma vida com dignidade e para além do campo de poder da política.

Cada viagem de pesquisa representou uma viagem à língua materna dos informantes. Chegar a ela foi mais difícil no caso dos indígenas guaranis, que nós entrevistamos para o ALGR no Paraguai, Argentina e Brasil. Sem a permissão do cacique, nada acontecia. O melhor era quando ele saía de cena, mais uma vez, pois na sua presença emudecia toda e qualquer conversa com nossos informantes indígenas. E mesmo então, a entrevista acabava sendo uma tarefa árdua. Sem nossos colegas paraguaios que, com o seu guarani, abriam as portas para a compreensão, não teria acontecido nada. E assim também as entrevistas costumavam durar bastante tempo, pois a cada pergunta se seguia primeiro um silêncio prolongado e, quando voltávamos a perguntar impacientemente, recebíamos não raro a informação de que o momento para a resposta à pergunta ainda não havia chegado. Com o tempo, passei a compreender o que os participantes falavam entre si (nós trabalhávamos em princípio com dois pesquisadores – um nativo e um colega alemão – e com dois informantes, se possível um homem e uma mulher). Desse modo, percebi certa vez como um dos informantes redefiniu o temido paradoxo do observador, de Labov. Um informante A dirigiu-se a um informante B alertando-o de que eu, que estava aplicando o questionário, observava a ambos (o que de fato ocorria, pois como nossos informantes indígenas costumavam falar baixo, eu acompanhava com o olhar exatamente seus movimentos com a boca, a fim de ler nos seus lábios o que falavam). Todavia, o informante B tranquilizou seu colega com o comentário: “não tem problema, nós também o estamos observando”. Em outra ocasião, um dos informantes indígenas tomou um caderno de anotações e começou a fazer movimentos de escrita com um lápis, exatamente como eu estava fazendo em meu questionário. Terminada a entrevista, pude lançar um olhar em seu caderno. Ele estava vazio. A igualdade desejada, desse modo, não se estabeleceu no âmbito da escrita. Meu colega de transliteração não possuía o privilégio que eu tinha e que explicava o fato de meu caderno estar em certa medida cheio de anotações. Afinal,

eu podia perguntar e indagar, ele não. Seguidamente, eu ficava impressionado com a consciência linguística dos nossos informantes. Quando, seguindo a técnica em três tempos (perguntar, sugerir, insistir), sugeríamos a eles formas do espanhol, que no guarani paraguaio, também chamado *jopara* "mistura", são bastante frequentes, eles diziam com uma expressão compassiva: "*Paraguái*". O que queria dizer: "assim falam essas pobres pessoas lá, mas não nós aqui". Os indígenas Mbya no Paraná, Brasil, contavam que às vezes vinham membros do grupo do Paraguai, para reencontrar novamente sua língua. Diferentemente do que ocorria em determinadas localidades do Paraguai, nunca havia a sensação de estar em perigo entre os indígenas. No meu caso, porém, podia ser o preço do desconhecimento e da ingenuidade, pois eu não podia enxergar nem reconhecer tudo.

Um perigo que eu via, mas não podia evitar, era o contágio com doenças. Em um de nossas localidades de pesquisa indígenas em Misiones, Argentina, tinha ocorrido um surto de tuberculose. Alguém podia, portanto, recusar o mate cerimoniosamente oferecido e não partilhar com os demais da mesma bomba? Meu colega paraguaio e eu confiávamos no poder de desinfecção da água quente e não abandonamos a "*ronda del mate*". Nós não adoecemos, porém éramos da mesma opinião: essa localidade de pesquisa não era, assim como muitas outras, a "*ciudad peluche*" de uma conhecida série de TV mexicana. Quando havia algo perigoso, não o era para nós estrangeiros, mas sim para os nativos. Certa vez, um inspetor indígena que acompanhei em uma viagem de visita às escolas de seu departamento no leste do Paraguai apontou, no caminho, para um cavalo que pastava em frente a uma cabana. "Este é o meu cavalo, eles roubaram de mim." – "Por que tu não o toma de volta?" – "Eu não tenho nenhum argumento comigo." – "Quais são os teus argumentos?" – "Calibre 92". Pouco depois, precisamos parar perto de um rio. Eu desembarquei, para medir a profundidade da água. Quando me virei, surgiu, como em um filme, atrás de um morro uma longa fileira de cavaleiros armados. Eu perguntei ao meu conselheiro escolar: "*¿Que quieren esos?*" Resposta: "*Quieren matar nomás, pero no a nosotros.*" Era provavelmente a milícia particular de um grande fazendeiro, para reprimir ocupações de terras.

Entre os não-indígenas, o acesso à língua no meio rural, especialmente na geração mais velha, foi, nos quatro países, o mais fácil. Os mais jovens e urbanos

tinham menos tempo e ficavam impacientes, quando nós, após algumas horas, ainda não estávamos prontos com o nosso questionário, que, no caso do ADDU com suas mais de 3.000 perguntas, realmente era exageradamente extenso. Isso exigiu muitas vezes uma semana inteira para os quatro grupos de informantes, por cada localidade de pesquisa. No meio rural, especialmente na geração mais velha, nós éramos frequentemente uma novidade bem-vinda e nossos entrevistados nos faziam quase tantas perguntas quanto nós a eles. A pergunta, por que queríamos saber coisas tão simples, como o nome para o miado de um gato, era respondida com franqueza, com o comentário de que o pesquisador alemão deveria aprender a palavra. E assim era de fato. Mesmo nos mais remotos anos de estudante, eu não escrevi tantas novas palavras no meu caderno de vocábulos como nos questionários. Contudo, às vezes eu precisava, à noite depois das entrevistas, ainda selecionar para o meu vocabulário o que eu havia escutado. Como era mesmo a forma do espanhol e do português padrão: *lobizón, lobizonte, luizón, lobisomem, lobisão*? Também alguns informantes levavam a questão da correção linguística muito a sério. Foi o caso de um cavaleiro solitário que a galope se apressou até a parada de ônibus, em meio à vastidão do norte do Uruguai, onde aguardávamos nossa "Onda" (linha de ônibus do Uruguai), para seguir viagem. Seu cavalo fez o movimento habitual e parou. O cavaleiro era Don Antonio, agora o havíamos reconhecido. Era um de nossos informantes do dia anterior. Apesar de seus 79 anos, ele saltou de forma elegante do cavalo e desculpou-se por ter dito uma palavra errada na noite anterior: *lobisomem* seria, segundo ele, "a forma certa" em português, não *lobisão*.

No interior do Uruguai e no Sul do Brasil, havia para nós poucos motivos para temer. Constantemente, ouvíamos sobre assassinatos por vingança, porém um de nossos assistentes e parceiros junto aos informantes tranquilizava nossos espíritos assustados: "*Solo se matan entre ellos.*" Apesar disso, nós precisávamos supostamente conquistar a confiança dos nossos informantes. A decisão menos inteligente, nesse sentido, foi aceitar a oferta da Universidade da República em Montevideu e chegar com a camioneta de serviço. Aos olhos aguçados da população interiorana, não passou despercebido o brasão oficial estampado nas portas da camioneta. Nenhum rancho se abriu. Todos pensavam que estariam chegando as autoridades aduaneiras. O melhor era viajar de ônibus e já no caminho fazer contato

com os demais passageiros. No entanto, não havia ônibus em todo lugar. A segunda melhor solução, nesse caso, era recrutar um motorista privado com carro. Essa foi a alternativa escolhida por Phideas Fogg em “A Volta ao Mundo em 80 dias”, de Jules Verne. E nós também lançamos mão dela. Havia dois dias que aguardávamos por uma “carona”, em um posto de gasolina solitário no sul do Brasil, até sermos, para nossa segurança, encerrados no posto, com a ajuda do guarda que, até para ordenhar sua vaca, não deixava o seu revólver de lado. No terceiro dia, conseguimos o primeiro dos escassos clientes com carro e chegamos, felizmente, ao nosso ponto de entrevista. Chegando lá, ninguém nos aguardava; mesmo assim, fomos gentilmente acolhidos e viramos inclusive tema de uma “trova”, sob as designações sugestivas de “o patrãozinho e o gurizão”. Em um outro ponto do Rio Grande do Sul, a desconfiança foi tão grande que primeiro precisamos viver uma semana à base de abundantes “bolachas” duras, marmelada de abóbora e mate, até que um “gaúcho” compadecido se comoveu com a nossa situação e se tornou nosso informante, junto com a esposa.

Nem sempre tivemos êxito em manter a colaboração dos informantes. Alguns tinham de repente viajado, logo depois do primeiro dia de entrevistas. Outro ainda quis tomar um banho rápido, mas em seguida desapareceu com seu cavalo, como um ponto que gradualmente ia diminuindo de tamanho no horizonte. Então passamos a aplicar, no lugar da pluralidade simultânea, o princípio da pluralidade sucessiva, isto é, nós continuávamos a entrevista com outros informantes que preenchessem os mesmos critérios. Às vezes, o informante estava ali, permanecia, contudo, invisível. Foi assim que, em um gramado em frente a um rancho uruguaio, entrevistamos o dono da casa. Sua esposa também participou, porém ela respondia através da janela da cozinha e jamais se deixava mirar. De outros informantes, pudemos nos separar somente com muito esforço, porque o marido, para grande indignação da esposa, havia nos oferecido cadeiras recém pintadas onde ficamos com as calças coladas. Ficou claro para mim, quão decisivos eram os primeiros momentos do encontro com os informantes. A escolha de uma palavra inadequada, quando se tratava de explicar nosso objetivo, podia estragar tudo. Na região bilíngue do norte do Uruguai não era adequado falar nem de *pesquisa* [pɛs'kiza], nem de *investigación*. A primeira poderia e foi compreendida com o significado em espanhol

de “investigação policial”, a segunda com o mesmo significado em português. Ou seja, *estudio/estudo* tornou-se a melhor escolha. Da mesma forma, não era bom, por conta da tradição do roubo e contrabando de gado, perguntar próximo à fronteira por *marcas y señales* (marcas a ferro quente e outros sinais). Do mesmo modo, alguns informantes permaneciam mudos, quando chegávamos às perguntas acerca das denominações para as partes genitais do homem, da mulher e da criança, enquanto que outros aumentavam ainda mais nossa lista de “sugêrências”. “Eu estava como congelado”, confessou-nos um dos informantes ao final dessa parte. Nosso método em três tempos foi por muitos prontamente compreendido e antecipado. Um exemplo foi o de uma senhora de mais idade, no norte do Uruguai, que, para a pergunta “animal doméstico que ladra”, deu logo uma lista de respostas, cuja completude não pode ser nem um pouco questionada: “Alguns dizem *cão*, outros dizem *perro*, eu digo *cachorro*”.

Quando se encontravam informantes (de preferência, quando alguém conhecido intermediava), ainda assim nem sempre havíamos concluído o caminho até suas línguas maternas. Fora do Paraguai, ou seja, na Argentina e no Brasil, alguns informantes não queriam responder em guarani. Os indígenas não tinham, nesse sentido, nenhum problema. Para os “*criollos*”, um de nossos assistentes paraguaios inventou um teste. Ele contava uma piada em guarani e, se os interlocutores rissem, então seu conhecimento dessa língua estaria comprovado. Também no norte do Uruguai, onde a língua com estranhos inicialmente é o espanhol, era necessário por vezes continuar perguntando insistentemente e com alguma demora em português, até que o informante enfim alternasse para a sua língua materna. Eu ainda me recordo bem de uma viagem parcialmente bem-sucedida para a língua materna, novamente no norte do Uruguai, em um daqueles pontos que possuem uma cidade-gêmea do outro lado da fronteira, no Brasil. Com certo esforço, havíamos levado os informantes a nos responder em português. Costumava sair, na verdade, uma grande mistura com o espanhol. Concluída uma entrevista, um dos informantes nos acompanhou até a rua. Ali, parou um carro, cujo motorista iniciou uma longa conversa em português com nosso informante, como era de costume no lado uruguaio (*portugués fronterizo*), e, além disso, nitidamente com menos hispanismos. Nós, portanto, não havíamos concluído de fato nossa viagem até a sua língua

materna.

Mais fácil foram os levantamentos de dados para o ALMA, ou seja, entre os hunsriqueanos. Aqui o problema maior não era estabelecer contato com os hunsriqueanos, senão encontrar aqueles entre eles que ainda falassem hunsriqueano. Tais falantes não se encontram em todo lugar, nas regiões historicamente ocupadas por hunsriqueanos. Isso vale, ao meu ver, especialmente para o Brasil. Na Argentina e no Paraguai, isto é, na periferia, também entre os jovens o hunsriqueano se mantém ainda mais. Aqui, o problema maior reside no fato de ninguém ter uma visão exata sobre onde ainda é falado hunsriqueano. Assim aconteceu que viajamos a um lugar que nos foi recomendado por hunsriqueanos em um outro lugar um tanto distante como sendo "cem por cento hunsriqueano", e nós mesmos, como um dos nativos se expressou, sermos os únicos falantes de alemão lá: *"Ustedes son aquí los únicos que hablan alemán"*. Exatamente o oposto ocorreu em um outro lugar. Em uma viagem a um congresso na Bolívia, paramos em Loma Plata, no Chaco, onde moravam menonitas conhecidos, e conhecemos um grupo inteiro de falantes de hunsriqueano que lá trabalhavam. Eles nos contaram sobre sua localidade natal, da qual nunca tínhamos ouvido falar, e que lá todos ainda falavam hunsriqueano. Esse povoado fica no leste do Paraguai e se chama "Moseldorf", em guarani e espanhol *"Paso Tuyá"* ('Passo Antigo'). Na primeira oportunidade, dois colegas do ALMA se dirigiram para lá e realizaram uma rica colheita. Doeu-me não ter podido participar desse levantamento, como havia desejado, de estar junto em todos os pontos, nos três projetos de atlas. Para isso, entretanto, as áreas da pesquisa foram extensas demais. Sempre me pareceu melhor ser Edmond Edmont do que Jules Gilliéron, ou, ainda melhor, ambos em uma só pessoa.

Muitas coisas se esclareceram para mim por meio do assim chamado trabalho de campo. Por exemplo, o termo do que se chama de consentimento livre e esclarecido (uma exigência que, com razão, previne contra gravações escondidas, mas que é louvada sobretudo nos países anglo-saxões, onde mais ocorrem espionagens a nível mundial) é para a maioria dos informantes uma questão meramente teórica e, por essa razão, na realidade supérfluo. Que nós iríamos fazer estudos com as entrevistas, com isso eles estavam de acordo, pois "senão não teriam sequer vindo", diziam alguns hunsriqueanos na Argentina. Uma senhora mais velha chegou a se entediar com o

moroso termo e nos intimou: "*Nun macht mir endlich eine Frooch*" ('mas agora me façam finalmente uma pergunta'). Ela queria que a viagem até a sua língua materna chegasse mais rápido ao seu destino. Casualmente, descobri que o fonema não é, como alguns pensam, apenas uma unidade teórica, mas pode ter múltiplas consequências reais para os falantes, inclusive de natureza financeira. Assim aconteceu em uma conversa com um motorista de taxi que pediu "*setenta pesos*" por uma corrida de Encarnación, Paraguai, até Posadas, Argentina. Eu: "*sesenta*", ele: "*setenta*", eu: "*sesenta*", ele: "/t/", eu: "/s/", ele: "/t/", eu: "*de acuerdo*". Até mesmo a mudança linguística não ocorre sempre lentamente, mas às vezes com muita rapidez e até pulando alguns estágios intermediários [$j \rightarrow (\text{ʒ}) \rightarrow \text{ʃ}$], como mostra o seguinte exemplo do norte do Uruguai, em que um falante externo é integrado ao padrão articulatório de uma comunidade linguística. Um missionário evangélico norte-americano estava buscando atrair, com suas promessas de realizar curas milagrosas, uma quantidade considerável de pessoas, inclusive a nós, pesquisadores do ADDU. Ele solicitou aos espectadores repetir *Aleluia*, cada vez que ele dissesse essa palavra. Missionário: *aleluya* [ale'luja], a multidão: [ale'luʃa], missionário: [ale'luja], a multidão: [ale'luʃa], missionário: [ale'luʃa ale'luʃa].

Assim também nós dizemos ao término da pesquisa de campo [ale'luʃa] e lamentamos, ao mesmo tempo, que esse tempo de aventura e encontros tenha passado.

4. „WENN DIE ERFORSCHTE SPRACHE DIE MOTTERSPROCH VOM ANDEREN IST“: MEINE ERFAHRUNG MIT DEM HUNSRÜCKISCHEN¹

Fernando Hélio Tavares de Barros²

Die Erforschung einer anderen Sprache als der eigenen erfordert guten Willen, Mut und Einfühlungsvermögen. So stand ich vor der Herausforderung, Hunsrückisch als Einwanderungssprache zu recherchieren, an einer Welt näher zu kommen, die ich von außen sah. Beim „Treffen beider Welten“ haben mich die Erfahrungen mit der Erforschung von Einwanderersprachen unheimlich viel beigebracht. Dies gilt insbesondere für mein Interesse an dem Hunsrückischen, einer Sprache, die zwar nicht meine Muttersprache ist, die mir aber sehr am Herzen liegt. Es handelt sich dabei um wichtige Reflexionen und Erinnerungen aus meinen Erfahrungen. Ähnlichkeiten mit denen anderer Forscher, die denselben Sprachraum einnehmen, sind natürlich nicht auszuschließen.

Von ungenauer Relevanz, aber für den Forscher, der von außen kommt, ist es eine Herausforderung, sich daran zu gewöhnen, als „Outsider“ wahrgenommen zu werden. Ein solcher Status kann es manchmal schwierig machen, näher an die Mitglieder der untersuchten Gemeinschaft heranzukommen, und sogar die Spontaneität einzuschränken. Die Aufgabe besteht darin, diese Distanz zu verringern und die Interaktion flüssig zu gestalten, um das Vertrauen des anderen zu gewinnen.

Ich wurde oft gefragt, warum ich mich für eine Sprachgemeinschaft interessiere, zu der ich nicht gehöre. „Sie sind deutscher Herkunft, oder?“ fragten sie mich neugierig. Wenn es Momente der Angst gab, gab es andererseits Momente der Überlegung. „Aber ein ‚Bloher‘,³ der das ‚Deutsche‘ erforscht und Deutsch spricht!“ sagte Herr Marcos, einen lieben Nachbarn, den ich in der Stadt Dois Irmãos, Rio Grande do Sul, hatte.

Er bewunderte mein Interesse an seiner Kultur und verbrachte Stunden damit,

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-04>

² *Alta Floresta – MT (Brasilien)*. Tradução: Willian Radünz

³ Sowie das Wort *Polack* (auch *Gelbe Brasilioner*) bezeichnet *Bloher* im Hunsrückischen einen Luso-Brasilianer. Der Vergleich mit der Farbe blau (hrs. *bloh* als Variante von *blau*) hat laut einigen Autoren wohl seinen Ursprung (vermutlich als Volksetymologie) in der Uniform der französischen Soldaten zur Zeit der Auswanderung aus dem Hunsrück und Rheinland, die ebenfalls blau war.

mir die Geschichten der Vorfahren, die Orte rund um die Baumschneise (wie Dois Irmãos im lokalen Deutsch bekannt ist), das Kerbfest (vgl. Kirmes) und die Sprüche seiner Eltern zu erzählen. Woanders habe ich auch gehört „er [in dem Fall ich] ist unser schwarzer Deutscher!“ sagte Dona Yeda, als sie mich ihrer Freundin vorstellte, als ich als Sekretär bei der Deutsch-Brasilianischen Vereinigung von Sinop - MT arbeitete. In den Worten von Dona Yeda war ein „schwarzer Deutscher“ jemand, der nicht deutscher Herkunft war, aber Deutsch sprach. Es war ihre Art, ihre Zuneigung zu mir auszudrücken, indem sie das Vokabular benutzte, das sie kannte.

Diese Bewunderung und Zuneigung waren für mich Zeichen der Nähe. Alle Interaktionsnetzwerke, die ich mit den Sprechern des Hunsrückischen aufgebaut habe, waren eine solide Grundlage für mein Anliegen zur Sprachvariation.

Während meiner Promotion, als ich mich dem Studium der geografischen Verbreitung des lexikalischen Repertoires der Hunsrücker in Brasilien widmete, suchte ich mehrmals nach weiteren Kommentaren zu Wörtern aus der Welt der deutschen Kolonien in Brasilien, die ich nicht kannte. In diesem Moment wandte ich mich an Jacinta, Eligio, Almerinda, Yeda, Lorena und ihre Mutter, Moniques Großeltern und so viele andere liebe Menschen, die mir am Telefon zuhörten und geduldig genug waren, mir zu antworten. Ich erinnere mich an den Chimarrão, den ich bei Dona Almerinda gemacht habe, an die Fotos, die sie von den schwierigen Momenten bei ihrer Ankunft in Sinop aufbewahrte. Diese liebevolle Beziehung hat mich dazu bewegt, ihre Sprache zu dokumentieren.

In dieser Richtung bewegte ich mich auf die nächste Initiative zu, die des Erlernens und Verstehens der „Muttersprache des anderen“, und wenn wir von einer Sprache sprechen, die im Wesentlichen mündlich ist, wie so viele Einwanderungssprachen in Brasilien, nimmt die Schwierigkeit zu. Es erfordert Engagement und aufmerksames Zuhören, um sich mit der Sprache vertraut zu machen. Dies waren zum Beispiel die Fähigkeiten von Edmond Edmont, dem kleinen Händler, den der Dialektologe Jules Gilliéron ausgewählt hatte, um durch ganz Frankreich zu reisen, um Daten aus dem Linguistischen Atlas von Frankreich (ALF) zu sammeln. Edmont wurde für sein scharfes Ohr und seine Amateurleidenschaft für französische Dialekte bewundert. Die Schwierigkeit bei den ersten Kontakten mit den Hunsrückern bestand darin, das Hunsrückische zu verstehen, ohne die Standardvariante

Hochdeutsch studiert zu haben. Es hat mir manchmal gefehlt, ein Wörterbuch nachschlagen zu können.

Bevor ich Hochdeutsch lernte, schrieb ich das Hunsrückische, das ich anhand Blogs und Websites las und hörte. Außerdem habe ich viele Vergleiche mit Englisch durchgeführt, der Sprache, in der ich mein Lehramtstudium gemacht habe. Mit dieser Wissensbasis habe ich Wortlisten gemacht und versucht, Sätze im Hunsrückischen zu bilden. So wie ich gibt es andere junge Forscher, die kein Hochdeutsch lernen können. Und je nach geografischer Region ist diese Schwierigkeit sogar noch größer. Dies ist leider ein großes Problem für die Ausbildung deutscher Immigrations-sprachenforscher in Brasilien.

Die sprachliche Vielfalt, in der sich das Hunsrückische befindet, ist ein wertvolles Erbe. Es reicht nicht aus, meine Muttersprache zu dokumentieren; es ist auch notwendig, die Muttersprache anderer zu registrieren und zu erforschen. Ich fühle mich an dieser Aufgabe beteiligt und hoffe, dass mein Beitrag und Bereitschaft fruchtbar sein werden, um die Geschichte der deutschen Sprache in Brasilien weiter zu schreiben.

“QUANDO A LÍNGUA PESQUISADA É A LÍNGUA MATERNA DO OUTRO”: MINHA EXPERIÊNCIA COM O HUNSRÜCKISCH

Fernando Hélio Tavares de Barros¹

Pesquisar uma língua diferente da sua exige boa vontade, coragem e empatia. Foi assim que encarei o desafio de pesquisar o Hunsrückisch como língua de imigração, mas antes de tudo de me aproximar de um mundo que eu somente via de fora. Nesse “encontro de dois mundos”, minha experiência na pesquisa de línguas de imigração me ensinou mais do que imaginava. Inicia com o meu interesse no Hunsrückisch, que não é a minha língua materna, mas que é, por mim, muito querida (*lieb*). São várias as reflexões e memórias que remetem a essa experiência. Isso, obviamente, não impede de haver semelhanças com as de outros pesquisadores que ocupam o mesmo lugar de fala, ou seja, de fora da comunidade falante.

Possui certa relevância e, de alguma maneira, constitui um desafio para o pesquisador *outsider* o fato de se habituar em ser visto como o “de fora”. Tal *status* pode, por vezes, dificultar a aproximação com membros da comunidade estudada e, até mesmo, limitar a espontaneidade. A tarefa é tentar diminuir essa distância e tornar a interação fluída, conquistando a confiança do outro.

Frequentemente, me perguntavam o porquê do meu interesse em investigar uma comunidade linguística da qual eu não pertencço. “Você é de origem alemã, é?”, perguntavam-me com curiosidade e desconfiança. Essa curiosidade e desconfiança eram fruto de quê? eu me perguntava. Pode ser que, de maneira geral, num país de cultura monolíngue como o Brasil, alguém de fora da comunidade falar em alemão é algo atípico. Em outros momentos, os hunsriqueanos demonstravam surpresa e admiração. “Mas um *Bloher*² que pesquisa os ‘alemão’ e que fala alemão!?”, disse-me uma vez o sr. Marcos, um querido vizinho que tive em Dois Irmãos-RS. Ele admirava o meu interesse por sua cultura e gastava horas me contando as histórias

¹ Alta Floresta – MT (Brasil)

² Assim como *Polack* ou *Gelbe-brasilioner*, *Bloher* é um termo no Hunsrückisch para denominar os luso-brasileiros, segundo o que dizem alguns autores (talvez, fruto da etimologia popular), em referência à cor azul (Hrs. *Bloh*, variante de *Blau*) dos uniformes dos soldados franceses, uma herança da memória trazida do Hunsrück e da Renânia no período da emigração.

dos antepassados, das localidades em volta de *Baumschneise* (como é conhecido Dois Irmãos no alemão local), dos *Kerbs* e dos ditados que diziam os seus pais. Outrora, também escutei que “ele [no caso, eu] é o nosso *schwarzer Deutscher!*” Quem disse foi a Dona Yeda, ao apresentar-me a sua amiga, no tempo em que eu trabalhava como secretário na Associação Teuto-brasileira de Sinop - MT. Nas palavras da Dona Yeda, um “alemão preto” era alguém que não tinha origem alemã, mas que falava alemão. Era a forma de expressar o carinho que tinha por mim usando o vocabulário que ela conhecia.

Essas expressões de admiração e afeto representavam para mim sinais de aproximação. Todas as redes de interação que fui construindo com os falantes do Hunsrückisch constituíram uma base sólida para consulta em minhas inquietações sobre a variação da língua. Durante o meu doutoramento, momento em que me dediquei a estudar a deslocamento geográfico do repertório lexical dos hunsriqueanos, me coloquei, por diversas vezes, na busca de mais comentários sobre palavras próprias do mundo da colônia alemã que eu desconhecia. Foi nesse momento que recorri à Jacinta, ao Eligio, à Almerinda, à Yeda, à Lorena e a sua mãe, aos avós da Monique e tantas outras pessoas queridas que me escutavam por telefone e tinham a paciência de me responderem. Lembro-me dos chimarrões que tomei na casa da Dona Almerinda, das fotos que ela guardava dos momentos difíceis de quando chegou em Sinop, dos eventos feitos para a cultura alemã e dos entes queridos que ficaram no Rio Grande do Sul. Esse contato afetivo que tive com os hunsriqueanos é o que me move na tarefa de documentar a sua língua.

Isso me colocou no caminho da seguinte iniciativa, a de apreender e compreender a “língua materna do outro”, e, quando falamos de uma língua de uso essencialmente oral, como tantas línguas de imigração no Brasil, a dificuldade aumenta. Exige dedicação como também ter ouvido atento para conseguir se familiarizar com a língua. Essas eram, por exemplo, as habilidades encontradas em Edmond Edmont, o pequeno comerciante que o dialetólogo Jules Gilliéron escolheu para viajar a França inteira, para coletar os dados do *Atlas Linguístico da França* (ALF). Edmont era admirado pelo seu ouvido aguçado e sua paixão amadora pelos dialetos franceses. A dificuldade que tive nos primeiros contatos com os

hunsriqueanos era a de entender o Hunsrückisch sem nunca ter estudado a variedade *standard*, o Hochdeutsch. Consultar um dicionário fazia falta.

Antes de aprender o Hochdeutsch, eu escrevia o alemão que escutava conforme minhas consultas a blogs e sites que escreviam o hunsriqueano com a grafia baseada no português. Além disso, fazia muitas comparações com o inglês, a língua em que me habilitei no curso de Letras. Era com essa base de conhecimento, que eu anotava as listas de palavras e tentava formar frases no Hunsrückisch. Assim como eu, havia e há outros jovens pesquisadores que não possuem a oportunidade de estudar a variedade *standard* do alemão, sobretudo, pela falta de professores e de oferta nas instituições de ensino. E, conforme a região geográfica, essa dificuldade é ainda maior. Isso é, infelizmente, um grande problema para a formação de pesquisadores de línguas de imigração alemã no Brasil.

A diversidade linguística na qual o Hunsrückisch se encontra inserido representa um patrimônio precioso. Documentar a minha língua materna não é o suficiente para salvar essa diversidade, é necessário também fomentar a pesquisa de quem quer registrar a língua dos outros, sobretudo, aquelas que possuem poucas chances de serem materializadas pelos próprios membros da comunidade. Eu me sinto parte dessa tarefa, e espero que o trabalho que fiz e que me disponho a fazer seja proveitoso para seguir a escrever a história da língua alemã no Brasil.

5. DEITSCH – HUHDÖITSCH – HOCHDEITSCH: VERSUCH EINER EHRENRETTUNG DES BRASILIANISCHEN HOCHDEITSCHEN¹

Jürgen Erich Schmidt²

Bee schwätzt ma met em braseljanische Honsröcker, wenn ma aus da Awel es? Platt? Huhdoitsch? Bee esch doo wor, hann esch jedaacht, ‚dat jet et doch net‘: Dee schwätzen häj bee en Börjamaster aus da Palz oder aus em Saarland oder von da Nahe.

Ostern 2007 zu Gast in Rio Grande do Sul war die Frage, wie man mit den Sprechern des brasilianischen Hunsrückischen redet, schnell beantwortet: Mein Platt (Eifeldialekt) kam überhaupt nicht in Frage. Das Deutsch der Lehrer und Studenten mit brasilianischem Hunsrückisch als Muttersprache klang mir zwar sehr vertraut, aber es war nicht meins. Es war weder rheinischer Dialekt (Moselfränkisch) noch das alte rheinische Hochdeutsch der Städte Köln, Trier, Koblenz noch die heutige norddeutsch geprägte Standardsprache. Es war vielmehr das landschaftliche Hochdeutsch (die hochdeutsche „Umgangssprache“) wie es in Deutschland südlich der über Hunsrück verlaufenden Sprachgrenze gesprochen wird. Ich hatte es Mitte der 1980er Jahre bei vielen Sprachuntersuchungen³ vor allem an der Nahe, im südlichen Hunsrück, der Hinterpfalz und im Saarland bei Leuten gehört, die sich berufsmäßig bemühten, ein gutes Deutsch zu sprechen, also Bürgermeister, Lehrer und Pfarrer. Mein Erstaunen und das der Brasilianer war wechselseitig: Da der Hunsrück in Deutschland als Sprachbarriere („Hunsrückschranke“) gilt, hatte ich als deutscher Dialektologe mit einem brasilianischen Hunsrückischen gerechnet, dass auf die moselfränkischen Dialekte, also die Dialekte nördlich der Hunsrückschranke, zurückgeht. Und die Sprecher des brasilianischen Hunsrückischen wunderten sich, dass ihr Hochdeutsch in Deutschland bis in die jüngste Zeit hinein hohes Ansehen genossen haben soll.

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-05>

² Marburg (Deutschland).

³ SCHMIDT, Jürgen Erich; MÖLLER, Robert (2019). Historisches Westdeutsch / Rheinisch (Moselfränkisch, Ripuarisch, Südniederfränkisch). In: HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich (Hg.). *Sprache und Raum. Deutsch*. De Gruyter Mouton, S. 515-550.

Dieser Text will ein paar Antworten versuchen: Was hat es mit dem alten landschaftlichen Hochdeutsch auf sich? Wieso hat sich in Brasilien die Sprache der Einwanderer südlich des Hunsrücks durchgesetzt, obwohl die sprachliche Selbstbezeichnung („Hunsrückisch“) auf die Sprache der „nördlicheren“ Einwanderer verweist? Wie erklärt sich das „Weiterleben“ eines brasilianischen Hochdeutschen angesichts des brasilianischen Verbots des deutschsprachigen Bildungssystems (Nationalisierungsgesetze: 1938) und dem Verbot Deutsch zu sprechen (Kriegseintritt 1942)?

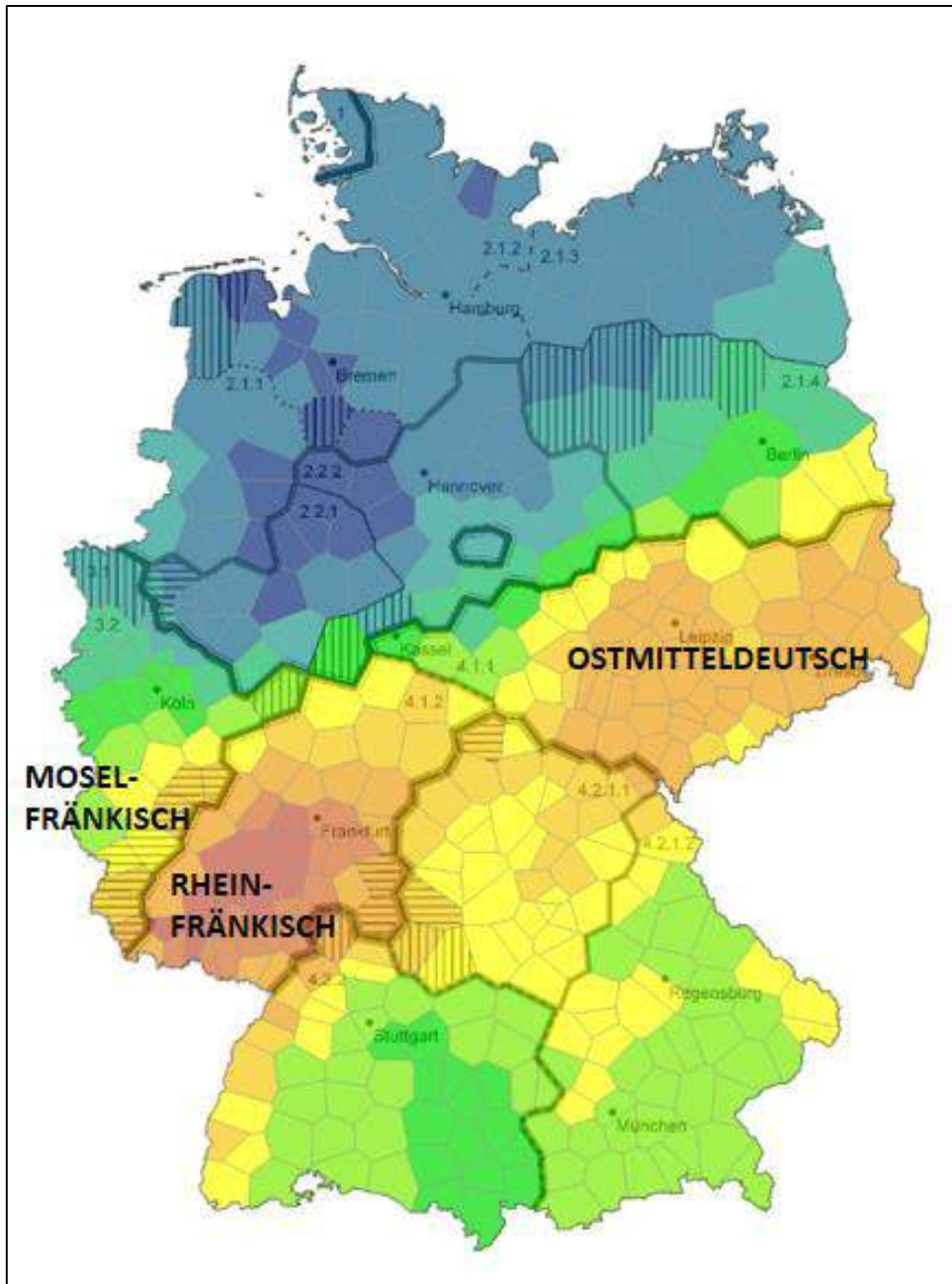
Was hat es also mit dem landschaftlichen Hochdeutsch auf sich? Neben dem Dialekt brachten die Auswanderer eine zweite „Art des Deutschsprechens“ (in der Wissenschaftssprache heißt das „Varietät“) mit. Dialekte sind uralt, so alt wie das Deutsche, und weisen kleinräumige Unterschiede auf, oft Ort-zu-Ort-Unterschiede, und werden je nach Sprachraum nur in einem Umkreis von ca. 40 bis 100 Kilometern verstanden. Eine gemeinsame Schriftsprache haben die Deutschen in einem jahrhundertelangen Ausgleichsprozess erst relativ spät entwickelt (1350-1650). Noch später begann man neben dem Dialekt nun auch „nach der Schrift“ zu sprechen, und zwar zunächst in den mitteldeutschen Städten mit städtischen oder fürstlichen Schulen. Belege, dass größere Bevölkerungsteile diese neue, im ganzen deutschsprachigen Raum verständliche „Sprechart“ verwendeten, gibt es erst seit 1720. Bis 1800 ist sie für alle Sprachlandschaften des Deutschen nachgewiesen. Wie sah diese „Sprechart“ aus oder vielmehr, wie hörte sie sich an? Durch die Orientierung an der Schrift fielen alle kleinräumigen oder örtlichen Dialektmerkmale weg. Was blieb, waren die Lautmerkmale, die allen Umgebungsdiakten gemeinsam waren, also die Merkmale der großen Sprachräume. Wenn also die sächsischen Dialekte nicht zwischen /d/ und /t/ unterschieden, dann wurde auch im sächsischen Hochdeutsch *Teer* und *der* gleich ausgesprochen. Wenn also die pfälzischen Dialekte und die Dialekte des Hunsrücks die <ü>, <ö> und <eu, äu> geschriebenen „Umlaute“ nicht kannten, so wurde auch im pfälzischen und hunsrückischen Hochdeutsch „süß“ als „siiss“ ausgesprochen, „böse“ als „beese“ und „Deutsch“ als „Deitsch“. Die Beherrschung dieser zweiten Sprechart war eng mit dem Schulunterricht verbunden. Sie wurde vor allem beim Leseunterricht (Chorsprechen) eingeübt. Da die Einführung

der allgemeinen Schulpflicht in Deutschland etwa 1800 erfolgte, ist davon auszugehen, dass schon viele der ersten Einwanderer nach Brasilien (1824) diese damals neue Sprechart mitbrachten, spätere Einwanderergenerationen und die späteren Absolventen des brasiliendeutschen Schulsystems sie dann relativ sicher beherrschten.

Wieso ähnelt das Hochdeutsch der brasilianischen Sprecher des Hunsrückischen so stark dem Hochdeutschen der deutschen Sprecher südlich der über den Hunsrück verlaufenden Sprachgrenze? Neuere Untersuchungen zu den deutschen Dialekten und modernen Regionalsprachen des Deutschen von Alfred Lameli, Christoph Purschke und Robert Engsterhold zeigen,⁴ dass die von der *dat/das*-Linie und der Tonakzentgrenze (= abweichende Wort- und Satzmelodie) gebildete Sprachgrenze, die im Westen Deutschlands über das Hunsrückgebirge läuft, eine der schärfsten im gesamten deutschen Sprachraum ist: Sie ist, was die Anzahl der unterscheidenden Merkmale der Dialekte angeht, so stark wie sonst nur der Gegensatz zum Niederdeutschen. Sie bildet im Süden keinen kontinuierlichen Übergang, wie man früher annahm, und sie wird von den Hörern noch klar erkannt, wenn die Sprecher sich bemühen, ihr bestes Hochdeutsch zu sprechen. Wissenschaftssprachlich bezeichnet man die Dialekte südlich dieser Grenze als „Rheinfränkisch“, die nördlichen als „Moselfränkisch“. Die deutschen Einwanderer nach Rio Grande do Sul stammten überwiegend aus diesen beiden Sprachlandschaften. Sie brachten also sowohl die rheinfränkischen Dialekte und das rheinfränkische landschaftliche Hochdeutsch mit als auch die moselfränkischen Dialekte und das moselfränkische landschaftliche Hochdeutsch. Für das, was geschah, als diese beiden dominierenden Einwanderergruppen in Brasilien aufeinandertrafen, gibt eine neue Untersuchung entscheidende Hinweise. Alfred Lameli hat sie in dem Blog „Sprachspuren“ des von ihm geleiteten Forschungszentrums „Deutscher Sprachatlas“ in Marburg veröffentlicht.

⁴ ENGSTERHOLD, Robert (2020). *Sprachraumanalyse mit Hilfe einer phonetischen Ontologie*. Philipps-Universität Marburg. <https://doi.org/10.17192/z2020.0213>.
LAMELI, Alfred (2013). *Strukturen im Sprachraum*. De Gruyter Mouton.
PURSCHKE, Christoph (2011). *Regionalsprache und Hörerurteil*. Steiner Verlag.

Abb. 1: Similarität des Hunsrückischen aus Harmonia-RS, Brasilien, mit den Dialekten des deutschsprachigen Raums



Aus: Lameli (2021)⁵

Die Karte zeigt das Ergebnis einer exakten Ähnlichkeitsmessung (Similaritätsmessung) des heutigen brasiliendeutschen Ortsdialekts von Morro Azul

⁵ LAMELI, Alfred (2021). Similaritätsmessungen deutscher Sprachinselmundarten. In: *Sprachspuren: Berichte aus dem Deutschen Sprachatlas* 1(4). <https://www.sprachspuren.de/similaritatsmessungen/>.

(deutsch: Zeckenberg) im Munizip Harmonia nordwestlich von Porto Alegre mit den Dialekten in Deutschland, wie sie 1880 von Georg Wenker erhoben worden waren. Die Ähnlichkeit ist in der Karte farblich kodiert: Je rötlicher ein deutscher Teilraum ist, desto ähnlicher war im 19. Jahrhundert sein Dialekt dem (heutigen) brasiliendeutschen Dialekt von Morro Azul, je blauer ein Teilraum ist, desto unähnlicher. Völlig eindeutig ist, dass das Hunsrückische Morro Azuls die größte Ähnlichkeit zu den rheinfränkischen Dialekten aufweist. Das bestätigt die Analyse Cléo Altenhofens, der es 1996 als „überwiegend rheinfr.“ bestimmt hatte.⁶ Entscheidend für die hier zu beantwortende Frage ist, dass die Karte einen zweiten Ähnlichkeitsschwerpunkt zeigt: das Ostmitteldeutsche, also der Dialektraum, der den größten Anteil an der Entstehung der deutschen Schriftsprache hatte und dessen Dialekt die größte Ähnlichkeit mit der Schriftsprache hat.

Jetzt muss man nur noch wissen, dass sich das überregionale Prestige eines Dialekts und des ihm zugeordneten landschaftlichen Hochdeutschen aus der Nähe zur Schriftsprache ergab und dass das Moselfränkische nach allen Untersuchungen sehr viel schriftferner war und ist als das Rheinfränkische. Es gibt eine Fülle von Belegen, dass das Ostmitteldeutsche, das „Meißnische“, jahrhundertlang das höchste Ansehen von allen Sprachlandschaften genoss, was sich erst im letzten Drittel des 19. Jahrhunderts zugunsten des norddeutschen Sprachraums änderte. An diesem hohen von der Nähe zur Schrift bestimmten Prestige hatten die „Sprecharten“ der rheinfränkischen Einwanderer in Brasilien Anteil. Das gilt sowohl für den Dialekt als auch erst recht für das landschaftliche Hochdeutsch. Das erklärt, weshalb im Kontakt der Einwandergruppen im Dialekt die markantesten moselfränkischen Merkmale zugunsten der rheinfränkischen aufgegeben wurden. Für die moselfränkische Wort- und Satzmelodie („Tonakzente“) gibt es im Brasiliendeutschen keine Spuren. Die moselfränkischen Kennwörter „dat, wat, et“ für „das, was“ und „es“ sind weitgehend aufgegeben. Und es erklärt natürlich, weshalb sich das rheinfränkisch geprägte Hochdeutsche durchsetzte.

Es bleibt die Frage, weshalb das heutige Hochdeutsch der Sprecher des brasilianischen Hunsrückischen so stark dem rheinfränkisch geprägten

⁶ ALTENHOFEN, Cléo Vilson (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*. Steiner Verlag.

Hochdeutsch in Deutschland ähnelt, obwohl es wegen des Verbots des Deutschen in den 30er und 40er Jahren gerade bei dieser zweiten „Sprechart“ kaum Kontinuität gibt? Die Antwort liegt im deutschbrasilianischen Dialekt der Sprecher des Hunsrückischen: dem Fehlen der markanten moselfränkischen Merkmale und der Dominanz der rheinfränkischen. Hier wiederholt sich ein historischer Prozess. Wenn man auf der Basis des heutigen brasilianischen Hunsrückischen die deutsche Schriftsprache lernt und sie nach den dialektalen Lautregeln ausspricht, dann entspricht das Ergebnis weitgehend dem alten rheinfränkischen Hochdeutsch, das in Deutschland als moderner rheinfränkischer Regiolekt weiterlebt.

**DEITSCH – HUHDÖITSCH – HOCHDEUTSCH:
UMA TENTATIVA DE RESGATE DO HOCHDEUTSCH BRASILEIRO**

Jürgen Erich Schmidt¹

"Bee schwätzt ma met em braseljanische Honsröcker, wenn ma aus da Awel es? Platt? Huhdoitsch? Bee esch doo wor, hann esch jedaacht, ,dat jet et doch net': Dee schwätzen häj bee en Börjamaster aus da Palz oder aus em Saarland oder von da Nahe."
[Como se fala com um hunsriqueano brasileiro, quando se vem da região do Eifel? *Platt? Huhdoitsch* 'Hochdeutsch'? Quando eu estive aí, pensei '*dat jet et doch net*' (pt. 'isso não existe'): eles falam aqui como um prefeito da região do Palatinado ou do Sarre (*Saarland*), ou do rio Nahe.']

Páscoa de 2007, em uma visita minha ao Rio Grande do Sul, logo estava respondida a pergunta, em qual alemão eu deveria conversar com os falantes do Hunsrückisch brasileiro: meu "*Platt*" (dialeto do Eifel) não entrava sequer em cogitação. O alemão dos professores e dos estudantes brasileiros que falavam o Hunsrückisch brasileiro como língua materna me soava, é verdade, muito familiar, mas não era o meu. Não se tratava nem do dialeto renano (francônio-moselano), nem do antigo Hochdeutsch renano das cidades de Köln, Trier, Koblenz, tampouco da língua standard do norte da Alemanha, como a conhecemos hoje. Tratava-se muito mais de um *landschaftliches Hochdeutsch*, isto é, de um Hochdeutsch regional (alemão *standard* coloquial) como era falado, na Alemanha, ao sul da fronteira linguística que atravessava o Hunsrück. Eu tinha ouvido essa variedade, em meados dos anos 80, em uma série de pesquisas² sobretudo nas proximidades da região do Nahe, no sul do Hunsrück, na região de trás do Palatinado (*Hinterpfalz*) e no Sarre (*Saarland*), da boca de pessoas que, por força da profissão, buscavam falar um bom alemão, ou seja, prefeitos, professores e pastores. Minha surpresa e a dos brasileiros era mútua: tendo em vista que o Hunsrück

¹ Marburg (Alemanha). Tradução: Cléo V. Altenhofen, Júlia Regina Köchert Fussieger e Willian Radünz.

² SCHMIDT, Jürgen Erich; MÖLLER, Robert (2019). *Historisches Westdeutsch / Rheinisch (Moselfränkisch, Ripuarisch, Südniederfränkisch)*. In: HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich (Hg.). *Sprache und Raum. Deutsch*. De Gruyter Mouton, p. 515-550.

na Alemanha representa uma área de “barreira linguística” (a chamada “*Hunsrücksschranke*” ou ‘barreira do Hunsrück’), era de se esperar, para mim como dialetólogo alemão, que no Brasil houvesse um Hunsrückisch que remontasse aos dialetos do francônio moselano, portanto dialetos situados ao norte dessa barreira do Hunsrück. E os falantes do Hunsrückisch brasileiro ficavam surpresos, ao ouvir que, na Alemanha, o seu Hochdeutsch era altamente estimado até os dias de hoje.

Esse texto tenta responder algumas perguntas: O que há de fato em relação ao antigo Hochdeutsch regional? Por que se difundiu, no Brasil, a língua dos imigrantes do sul do Hunsrück, se a autodenominação da língua (“*Hunsrückisch*”) remete à língua dos imigrantes mais do norte dessa área? Como se explica a “sobrevivência” de um Hochdeustch brasileiro, tendo em vista a proibição, no Brasil, do sistema de ensino em língua alemã (Lei de Nacionalização: 1938) e a proibição do uso do alemão (com o ingresso na II Guerra: 1942)?

O que há de fato com relação ao Hochdeutsch regional? Junto com o dialeto, os imigrantes trouxeram um segundo “modo de falar alemão” (na linguagem científica chamamos isso de “variedade”). Dialectos são muito antigos, tão antigos quanto o alemão, e apresentam diferenças de áreas menores, muitas vezes diferenças de uma localidade a outra e, conforme a área em que é falado, são compreendidos apenas em um raio de aproximadamente 40 a 100 quilômetros. A língua escrita comum foi desenvolvida relativamente tarde pelos alemães, em um processo de formação que se estendeu por um longo período (1350-1650). Mais tarde, ainda começou-se a falar, adicionalmente aos dialetos, também “de acordo com a escrita”, inicialmente apenas nas cidades do médio-alemão em que havia escolas locais ou mantidas pelo principado. Registros que comprovam que um contingente significativo da população utilizava esse novo “modo de falar”, compreensível por todo o território de língua alemã, existem apenas desde 1720. Até 1800, encontram-se evidências que comprovam seu uso em todas as paisagens linguísticas (*Sprachlandschaften*) do alemão. Como era esse “modo de falar”, ou melhor, como soava no ouvido das pessoas? Ao se orientar pela escrita, as marcas dialetais locais ou de pequenas áreas foram caindo. O que permaneceu foram as marcas fonéticas, comuns a todos os dialetos do entorno, ou seja, as marcas das grandes áreas linguísticas. Deste modo, se os dialetos saxões não diferenciavam

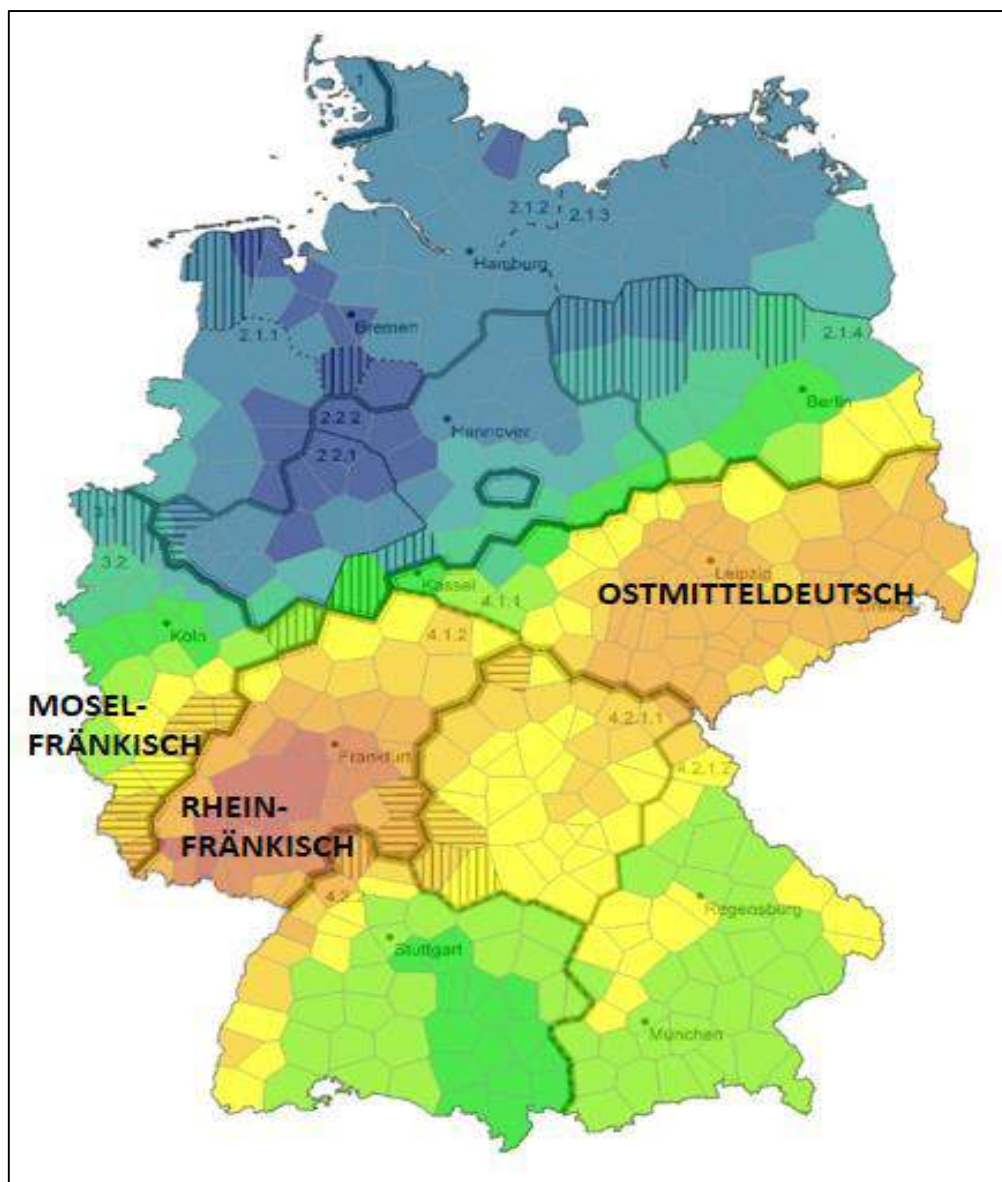
entre /d/ e /t/, então o Hochdeustch saxão também pronunciava "Teer" e *der* de maneira igual. Se os dialetos do Palatinado e os dialetos do Hunsrück não conheciam a metafoia (*Umlaut*) na grafia de <ü>, <ö> e <eu, äu>, isso explicava por que, no Hochdeutsch do Palatinado e no Hochdeutsch do Hunsrück, "süß" se pronunciava como "siiss"; do mesmo jeito "böse" como "beese" e "Deutsch" como "Deitsch". O domínio desse segundo modo de falar foi estreitamente relacionado com o ensino, na escola. Seu domínio foi especialmente estimulado na aula de leitura (pronúncia de coral). Uma vez que a introdução da obrigatoriedade da escola, na Alemanha, iniciou por volta de 1800, pode-se supor que muitos dos primeiros imigrantes ao Brasil (1824) já tenham trazido junto esse novo modo de falar, sendo então já relativamente bem dominada pelas gerações de imigrantes posteriores e, mais tarde, pelos concluintes no sistema escolar brasileiro-alemão.

Como o Hochdeutsch dos falantes brasileiros do Hunsrückisch se assemelha tanto ao Hochdeutsch dos falantes alemães situados ao sul da fronteira linguística que passa pelo Hunsrück? Estudos recentes sobre os dialetos alemães e as línguas regionais do alemão atual, conduzidos por Alfred Lameli, Christoph Purschke e Robert Engesterhold,³ mostram que a fronteira que separa a variação entre *dat/das* e o acentos tonais (= desvio de prosódia na palavra e na frase), que se estende no oeste da Alemanha por sobre as montanhas do Hunsrück, equivale a um dos limites mais precisos em todo o território de língua alemã: esse limite, no que se refere ao número de marcas distintivas dos dialetos, é tão evidente que outro igual só se encontra no contraste com o baixo-alemão. Ela não forma, ao sul, nenhuma transição contínua, como se supunha anteriormente, além de ainda ser claramente percebida por quem ouve os falantes se esforçarem para falar seu melhor Hochdeutsch. Na linguagem científica, denomina-se os dialetos ao sul dessa fronteira dialetal como "francônio-renano" (*Rheinfränkisch*), e os situados a norte como "francônio-moselano" (*Mosel-fränkisch*). Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul vieram predominantemente dessas duas paisagens linguísticas. Eles trouxeram, assim, tanto os dialetos francônio-renanos e o Hochdeutsch regional francônio-renano, quanto os

³ ENGSTERHOLD, Robert (2020). *Sprachraumanalyse mit Hilfe einer phonetischen Ontologie*. Marburg: Philipps-Universität Marburg. Acessível em: <https://doi.org/10.17192/z2020.0213>.
LAMELI, Alfred (2013). *Strukturen im Sprachraum*. De Gruyter Mouton.
PURSCHKE, Christoph (2011). *Regionalsprache und Hörerurteil*. Steiner Verlag.

dialetos francônio-moselanos e o Hochdeutsch regional francônio-moselano. Em relação ao que aconteceu, quando esses dois grupos dominantes entraram em contato no Brasil, há um novo estudo com resultados reveladores. Alfred Lameli o publicou em Marburg no blog “*Sprachspuren*” (‘Rastros Linguísticos’) do Centro de Pesquisa “Atlas Linguístico da Alemanha”, coordenado por ele.

Fig. 1: Similaridade do Hunsrückisch de Harmonia-RS, Brasil, com os dialetos da área de língua alemã



Fonte: Lameli (2021)⁴

⁴ LAMELI, Alfred (2021). *Similaritätsmessungen deutscher Sprachinselmundarten*. In: *Sprachspuren: Berichte aus dem Deutschen Sprachatlas* 1(4). Disponível em: <https://www.sprachspuren.de/similaritätsmessungen/>.

O mapa de Lameli (fig. 1) mostra o resultado da medição exata de similaridades (*Similaritätsmessung*) do dialeto local brasileiro-alemão falado hoje em Morro Azul (alemão: *Zeckenberg*), no município de Harmonia, localizado a noroeste de Porto Alegre, com os dialetos na Alemanha, conforme os levantamentos de Georg Wenker, em 1880. A similaridade está codificada em diferentes cores no mapa: quanto mais vermelha uma área do mapa, tanto mais similar o dialeto aí falado, no século XIX, com o (atual) dialeto brasileiro-alemão falado no Morro Azul; quanto mais azul, tanto menos similar. Fica plenamente evidenciado que o Hunsrückisch de Morro Azul mostra sua maior similaridade com os dialetos francônio-renanos. Isso é confirmado pela análise de Cléo Altenhofen,⁵ que em 1996 o considerou como “predominantemente francônio-renana”. É determinante para as perguntas aqui colocadas o fato de que o mapa mostra um segundo núcleo de similaridade: o médio-alemão oriental, ou seja, a área dialetal que desempenhou o papel mais determinante no surgimento da língua alemã escrita e cujo dialeto apresenta a maior similaridade com a língua escrita.

A partir daí, é preciso saber apenas que o prestígio suprarregional de um dialeto e do Hochdeutsch regional a ele associado deriva da proximidade com o Hochdeutsch regional, e que o francônio-moselano, como mostram os estudos, se configurava e configura como muito mais distante da escrita, do que a variedade do francônio-renano. Existe um número considerável de evidências que o médio-alemão oriental, a “variedade de Meißem”, desfrutou, por muito tempo, do mais alto prestígio entre todas as áreas linguísticas do alemão, o que só mudou no último triênio do século XIX, para benefício do espaço linguístico do norte alemão. Desse alto prestígio, determinado pela proximidade com a escrita, participaram os “modos de falar” dos imigrantes francônio-renanos no Brasil. Isso se aplica tanto para o dialeto, quanto para o Hochdeutsch regional. Isso explica, por que, no contato dos grupos de imigrantes, as marcas mais representativas do francônio-moselano foram abandonadas em favor das respectivas marcas francônio-renanas. Da prosódia em palavras e frases (acentos tonais) não restou nenhum vestígio no alemão falado no Brasil. As palavras identificadoras do francônio-moselano “*dat, wat, et*” foram

⁵ ALTENHOFEN, Cléo Vilson (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*. Steiner Verlag.

amplamente substituídas por seus equivalentes “das, was” e “es”. E isso explica, obviamente, porque o Hochdeutsch francônio-renano se impôs com mais força.

Fica a pergunta, por que o Hochdeutsch atual dos falantes do Hunsrückisch brasileiro se assemelha tanto ao Hochdeutsch influenciado pelo francônio-renano falado na Alemanha, mesmo considerando que, em virtude da proibição do alemão nos anos 30 e 40, justamente esse segundo “modo de falar” quase não teve continuidade? A resposta reside no dialeto teuto-brasileiro dos falantes de Hunsrückisch, ou seja, na ausência de marcas francônio-moselanas mais significativas e, conseqüentemente, na predominância de marcas francônio-renanas. Repete-se, aqui, um processo histórico. Quando se aprende a língua escrita do alemão tomando por base o Hunsrückisch brasileiro falado hoje e se pronuncia esse alemão conforme as regras fonéticas do Hunsrückisch, o resultado que se tem é uma língua amplamente parecida com o antigo Hochdeutsch francônio-renano que, na Alemanha, se mantém em uso no regioleto francônio-renano dos dias atuais.

6. „DIE ANDEREN SPRACHEN IN UNSEREM OHR“: WAS WIR DURCH DIE MUTTERSPRACHE VERSTEHEN¹

Sebastian Kürschner²

Wer einmal als deutsche/-r Muttersprachler/-in in die Niederlande gereist ist, kennt es: Sobald man mit der niederländischen Sprache konfrontiert ist, bemerkt man sogleich, dass sie dem Deutschen in vielen Bereichen ähnlich ist. Insbesondere in der Schrift lassen sich leicht Wörter finden, die sich mit Hilfe des Deutschen deuten lassen (z.B. *groot* ‚groß‘, *woord* ‚Wort‘), ja teilweise mit deutschen Wörtern übereinstimmen (z.B. *klein*, *verbergen*). Dies geht natürlich auf die nahe historische Verwandtschaft der beiden Sprachen und in Teilen vergleichbare Entlehnungsgeschichten im Wortschatz zurück (etwa Latein, Griechisch, Französisch, in neuerer Zeit Englisch). Hinzu treten strukturell-grammatische Ähnlichkeiten, so dass ein niederländischer Text zu einem gewissen Grad gedeutet werden kann, ohne dass man hierzu Niederländisch gelernt haben müsste.

Auf Grundlage solcher Beobachtungen lässt sich erkennen, dass die Idee, Menschen könnten einsprachig sein, eine Konstruktion darstellt. Menschen sind im Grunde schon durch ihre kognitive Fähigkeit, Muster in anderen Sprachen oder Varietäten zu erkennen und mit ihrem erworbenen Sprachwissen abzugleichen, von Beginn an zu einem gewissen Grad mehrsprachig. Und sie müssen es sein, denn auch innerhalb der Muttersprache variiert die Sprache zu hohen Graden, sei es durch regionale Variation in Dialekten oder sozial- oder kontextabhängige Variation (vgl. Textsorten wie Journalismus, Schönliteratur und wissenschaftliche Fachsprache). Hinzu kommt natürlich, dass alle Menschen schon durch ihre Stimmqualität und weitere individuelle Merkmale unterschiedlich sprechen – all dies müssen Menschen von Beginn des Spracherwerbs an zu verarbeiten lernen. Menschen sind also mit Blick auf ihre Verstehensfähigkeit immer mehrsprachig (rezeptive Mehrsprachigkeit), können zu gewissen Graden auf Dialekte ihrer Sprache zugreifen und immer neue

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-06>

² Eichstätt (Deutschland).

Sprecher/-innen mit ihren individuellen Unterschieden verstehen. Dies gilt auch bei nah verwandten Nachbarsprachen und ist dort eher Normalfall als Ausnahme: In Skandinavien sind Dänisch, Norwegisch und Schwedisch ähnlich genug, dass rezeptive mehrsprachige Kommunikation häufig genutzt wird, in der Romania sind etwa Portugiesisch und Spanisch mit relativ hohen gegenseitigen Verstehbarkeitsgraden ausgestattet, die einen gewissen Zugriff auf die Nachbarsprachen ohne vorheriges Erlernen ermöglichen. In welchem Umfang solche „Verstehbarkeitskonstellationen“ genutzt werden, ist wiederum davon abhängig, wie viel über die Höhe der Verstehbarkeit allgemein bekannt ist – so ist Skandinavier/-innen die hohe Verstehbarkeit der Nachbarsprachen zumeist bewusst, während Deutschsprachige häufig wenig über die hohe mögliche Verstehbarkeit des Niederländischen wissen und daher vor der Nutzung zurückschrecken.

Die rezeptive Mehrsprachigkeit ist Teil unserer inneren Mehrsprachigkeit und wird häufig durch produktive Kenntnis verschiedener Varietäten der Muttersprache ergänzt, etwa bei Menschen, die im Dialekt aufwachsen und eine Standardsprache hinzuerwerben. Äußere Mehrsprachigkeit dagegen bezeichnet Mehrsprachigkeit, die durch Erwerb unterschiedlicher Sprachen entsteht. So können Deutschsprachige in den Niederlanden sich einige Wörter auch über ihre Kenntnis des (ebenfalls nah verwandten) Englischen oder weiterer erworbener Fremdsprachen, etwa des Französischen erschließen.

Legt man diese Perspektive auf die Gemeinschaften in Brasilien an, die als deutschsprachig klassifiziert werden, zeigt sie einige neue Gesichtspunkte auf. Die Perspektive der inneren Mehrsprachigkeit kann die Entstehung neuer Sprachvarietäten in Brasilien aus historischer Sicht und mit Blick auf aktuellen Wandel zu verstehen helfen. Bereits die frühe Auswanderung aus deutschsprachigen Gebieten brachte in der neuen brasilianischen Heimat Menschen mit unterschiedlichen dialektalen Muttersprachen zusammen, und die Vielfalt der deutschen Dialekte nahm über die Jahrzehnte stetig zu. Neben den rhein- und moselfränkischen Dialekten hunsrückischer Einwander/-innen finden sich größere niederdeutsche Gruppen (pommerisch und westfälisch geprägt), aber auch weitere hochdeutsche Dialekte, etwa nordböhmische (obersächsisch-schlesische), thüringische, bairische und alemannische Dialekte. Die Sprecher/-innen traten in Brasilien je nach

dortiger Ansiedlung und weiterer Migration in Kontakt mit Sprecher/-innen anderer Dialekte des Deutschen, daneben bestand Kontakt zu anderen Sprachen, v.a. natürlich zum Portugiesischen, dessen Einfluss aber zunächst relativ langsam zunahm und sich erst mit dem Abbau der deutschsprachigen Schulen stark beschleunigte.

Die Sprecher/-innen mussten ihre rezeptive Mehrsprachigkeit nutzen, um sich mit anderen Einwander/-innen aus dem deutschsprachigen Gebiet zu verständigen – und sie konnten es zu einem gewissen Grad aufgrund der kognitiven Fähigkeit, Sprache in nah verwandten Varietäten durch Abgleich mit bekannten Strukturen im eigenen Sprachwissen in Teilen zu erschließen. So konnte Kommunikation über die Dialektgrenzen hinweg funktionieren. Daneben spielt die immer mehr Einwanderern zumindest schriftlich zugängliche Standardsprache eine Rolle, die die Kommunikation ermöglichte. Sie ist aber im 19. Jahrhundert nicht im Sinne einer wie heute relativ homogenen und zu Teilen normativ festgelegten Aussprache zu verstehen, sondern eher durch allgemeine Zunahme der Lese- und Schreibfähigkeit begründet, die einerseits die (zunächst dialektal geprägte) Aussprache nahe an der Schrift und andererseits die Kenntnis typisch schriftsprachlicher Strukturen auch in der gesprochenen Sprache zulässt. Die innere Mehrsprachigkeit mit eigenen aktiv verwendbaren Varietäten und der Möglichkeit, andere Varietäten zu erschließen (und nach und nach evtl. zu erwerben), zeigt also wichtige Verständigungsmöglichkeiten der brasilianischen Einwander/-innen aus dem deutschsprachigen Gebiet (und angrenzenden Gebieten, etwa den Niederlanden), die in auf starke Kommunikation angewiesenen Lebenslagen – dem Aufbau einer neuen Heimat – genutzt werden konnte. Das Portugiesische als weiteres sprachliches Verständigungsvehikel tritt mit der Zeit hinzu.

Der kommunikative Erfolg der Nutzung von Sprachvarietäten wirkt sich dann schließlich auch auf Beibehaltung und Verlust von Dialekten aus: Zur Verständigung wurden unterschiedliche Dialekte und Sprechlagen unter den deutschsprachigen Einwander/-innen und ihren Nachfolgenerationen eingesetzt und mit Blick darauf ausprobiert, wie gut sie Verständigung ermöglichten. So haben sich unterschiedliche Konstellationen dialektaler, standardnäherer und schließlich auch durch Kontakt insbesondere mit dem Portugiesischen geprägter Varietäten etabliert und zu regionsspezifischen Sprach- und Varietätenkonstellationen geführt.

Beziehen wir dies auf ein konkretes Beispiel: In neueren Forschungsarbeiten zur Sprache in Gegenden mit nord- (Rio Grande do Sul) und südböhmischem Hintergrund (São Bento do Sul, Santa Catarina) zeigt sich, dass nordböhmische Dialekte sich in Brasilien kaum erhalten haben (Wechsel zu standardnahen oder hunsrückischen Varietäten), während die Sprache der Nachkommen bairisch geprägter südböhmischer Auswanderer/-innen noch heute hohe Dialektalität aufweist. Dies hat einerseits migrationshistorische Hintergründe (die Gruppen in Rio Grande do Sul lassen sich in vielen unterschiedlichen Kontexten nieder, São Bento do Sul bleibt relativ stabil). Andererseits kann man dies auch auf die oben skizzierte innere Mehrsprachigkeit beziehen: Die nordböhmischen Dialekte sind ostmitteldeutsch geprägt und damit relativ nah an der historisch maßgeblichen Dialektgruppe für die Standard-Schriftsprache. Die dialektale Sprache ist hier also von Beginn an relativ ähnlich der Hochsprache, weshalb eine auch für andere Dialektsprecher/-innen gut verstehbare Sprechlage für die nordböhmischen Gruppen mit deutlich geringerem Aufwand zu realisieren war als etwa für die bairisch geprägten südböhmischen Gruppen. Der größere Kommunikationserfolg in der standardnahen Sprache (und etwa in der Erfahrung, gut verständliche hunsrückische Varietäten zu verwenden, die als ebenfalls mitteldeutsche Dialekte erworben wurden) und seine häufige Nutzung in wechselnden Migrationskontexten könnten einen schrittweisen Wechsel zu den hochsprachennäheren Sprechlagen und den Verlust des nordböhmischen Dialekts bewirkt haben. Für die südböhmische Gruppe war die interdialektale Verständigung hingegen grundsätzlich schwieriger, da der vom Standard deutlich weiter entfernte bairische Dialekt für andere Gruppen weniger verständlich war (und ist). Vermutlich wurde (und wird) durch die Sprecher/-innen strategisch ein Wechsel in eine standardnähere Sprechlage genutzt, um sich gegenüber Deutschsprachigen verständlich zu machen, die des Bairischen nicht mächtig sind. Das Bairische – weiterhin als eigentliche Muttersprache wahrgenommen – konnte aber gerade aufgrund dieser Distanz zu standardnaher Sprache als „Insider-Varietät“ innerhalb der Gruppe bewahrt werden.

Das empfundene Sprachverstehen der „Anderen“ und der Aufwand zum Erwerb einer besser verständlichen Varietät könnten somit maßgeblich für Dialekterhalt und –verlust sein. Grundlage dafür ist, dass Verständigung durch die

kognitive Fähigkeit der Erschließung nah verwandter Varietäten möglich ist, also unsere Fähigkeit, auch andere Sprachen in unserem Ohr zu haben, ohne sie erlernt zu haben.

“AS OUTRAS LÍNGUAS EM NOSSO OUVIDO”: O QUE ENTENDEMOS POR MEIO DA LÍNGUA MATERNA

Sebastian Kürschner¹

Falantes nativos de alemão que já viajaram para os Países Baixos sabem: logo que se entra em contato com a língua holandesa, percebe-se que ela é, em muitos aspectos, semelhante à língua alemã. Em especial na escrita, é fácil encontrar palavras que, com a ajuda do alemão, são compreensíveis (por exemplo, *groot* (al. *groß* 'grande'), *woord* (al. *Wort* 'palavra'). Algumas palavras inclusive coincidem com palavras da língua alemã (por exemplo, *klein* 'pequeno' e *verbergen* 'ocultar'). Isso provém, naturalmente, da proximidade histórica entre as duas línguas e das histórias de empréstimos lexicais, em parte comparáveis, que ambas compartilham (como do latim, do grego, do francês e, mais recentemente, do inglês). Além disso, existem semelhanças gramático-estruturais, de forma que se pode, em certa medida, compreender um texto em holandês sem que se precise aprender holandês para isso.

Com base em observações como essas, pode-se perceber que a ideia de que as pessoas possam ser monolíngues evidencia uma construção. Devido à sua habilidade cognitiva de reconhecer padrões em outras línguas ou variedades e compará-los com seus conhecimentos linguísticos prévios, as pessoas são, em certa medida, por essência, plurilíngues. E precisam sê-lo, pois as variações linguísticas são intensas também no âmbito da própria língua materna, seja por meio da variação regional em dialetos ou pela variação social ou contextual (ver tipos de textos como jornalismo, literatura, e terminologia científica). Além disso, é natural que todo ser humano fale diferente dos outros devido à sua qualidade de voz e a outras características individuais – ou seja, os seres humanos aprendem a processar tudo isso desde o início da aquisição da língua. Em relação à sua habilidade de compreensão, as pessoas são, portanto, sempre plurilíngues (plurilinguismo receptivo), e podem, em certa medida, compreender dialetos da sua língua bem como compreender novos falantes com suas diferenças individuais. Isso ocorre também

¹ *Eichstätt (Alemanha)*. Tradução: Claudia Wolff Pavan e Julia K. Fussieger.

com línguas próximas, de mesma origem, e representa antes a regra do que a exceção: na Escandinávia, o dinamarquês, o norueguês e o sueco são parecidos o suficiente para que a comunicação receptiva seja comumente usada. No mundo de fala românica, por exemplo, o português e o espanhol têm níveis relativamente altos de compreensibilidade mútua, o que permite um certo grau de acesso às línguas vizinhas sem que seja necessária uma aprendizagem prévia. A extensão com que tais "constelações de compreensão" são utilizadas depende, por sua vez, do quanto geralmente se conhece sobre o nível de intercompreensibilidade – os escandinavos, por exemplo, têm, em sua maioria, consciência da alta compreensibilidade entre as línguas vizinhas, enquanto os falantes de alemão muitas vezes sabem pouco sobre a compreensão possivelmente alta do holandês, e, por isso, esquivam-se de empregá-lo.

O plurilinguismo receptivo é parte de nosso plurilinguismo interno e é normalmente complementado pelo conhecimento produtivo de diferentes variedades da língua materna, por exemplo, em pessoas que cresceram com dialeto e a partir daí adquiriram a língua padrão. Já o plurilinguismo externo refere-se ao plurilinguismo que resulta da aquisição de línguas distintas. Assim, falantes da língua alemã nos Países Baixos podem usar algumas palavras de seu conhecimento de inglês (também estreitamente relacionado), ou de outras línguas estrangeiras aprendidas, como algumas palavras do francês.

Ao aplicar essa perspectiva a comunidades do Brasil, que se pode classificar como sendo de língua alemã, observam-se alguns pontos de vista novos. A perspectiva do plurilinguismo interno pode ajudar a compreender a ocorrência de novas variedades linguísticas no Brasil, do ponto de vista histórico, e além de ajudar a compreender as mudanças atuais. Já as primeiras emigrações de áreas de língua alemã na Europa colocaram em contato, na nova *Heimat* no Brasil, falantes de dialetos maternos diversos, e essa diversidade de dialetos da língua alemã continuou aumentando constantemente ao longo das décadas. Além dos dialetos do francônio-renano e moselano de imigrantes do Hunsrück, houve grupos extensos de falantes de *Niederdeutsch* (de influência pomerana e vestfaliana), mas também outros dialetos do *Hochdeutsch*, como o boêmio do norte (alto saxão-silesiano), o turíngio, o bávaro e os dialetos alemânicos. No Brasil, conforme as áreas nas quais se fixaram

e as migrações posteriores, os falantes desses diversos dialetos do alemão entraram em contato entre si bem como com outras línguas, principalmente com o português, cuja influência, no entanto, aumentou de forma relativamente lenta e só se intensificou com a erradicação das escolas de língua alemã.

Os falantes precisaram usar seu plurilinguismo receptivo para se comunicar com outros imigrantes de áreas de língua alemã. Em certa medida, eles foram capazes de fazê-lo por conta da sua habilidade cognitiva de reconhecer aspectos da língua em variedades próximas, comparando-as com estruturas que fazem parte do seu próprio conhecimento linguístico. Só assim foi possível garantir a comunicação, para além das fronteiras dialetais. Paralelamente, a língua padrão, acessível a um número cada vez maior de imigrantes, pelo menos por meio da escrita, desempenhou um papel relevante na viabilização da comunicação. No século XIX, porém, não se tratava de uma língua padrão como é entendida hoje, com uma pronúncia relativamente homogênea e, em certa medida, determinada de forma normativa. Deve antes ser compreendida como resultado do aumento geral da capacidade de leitura e escrita, que, por um lado, garantiu o acesso a uma pronúncia (inicialmente dialetal) próxima à escrita e, por outro lado, permitiu o reconhecimento de estruturas típicas da língua escrita também na língua falada. O plurilinguismo interno, com suas próprias variedades ativamente usadas, e a possibilidade de explorar (e gradualmente aprender) outras variedades, mostra importantes possibilidades de intercompreensão entre os imigrantes no Brasil, oriundos de áreas de língua alemã (e de áreas vizinhas, como os Países Baixos), que puderam ser usadas, em circunstâncias em que a vida dependia de uma comunicação eficaz – como na construção de uma nova *Heimat*. O português, como mais um meio linguístico de comunicação, vai sendo incorporado ao longo do tempo.

O êxito comunicativo do uso de variedades linguísticas também tem impacto na manutenção e perda de dialetos: diferentes dialetos e situações de fala foram utilizados pelos imigrantes de língua alemã e pelas gerações posteriores e, nesse sentido, também foi testada sua eficácia comunicativa. Desse modo, estabeleceram-se diferentes constelações dialetais, de variedades mais próximas do padrão e, por fim, também de variedades desenvolvidas principalmente através do contato com o português, que resultaram em constelações regionais de línguas e variedades.

Tomemos por base um exemplo concreto: pesquisas linguísticas recentes em áreas com influência do boêmio do norte (Rio Grande do Sul) e do sul (São Bento do Sul, Santa Catarina) mostram que os dialetos do norte da Boêmia quase não se mantiveram no Brasil (mudança para variedades mais próximas do padrão ou hunsriqueanas), enquanto a língua dos descendentes dos emigrantes do sul da Boêmia, influenciada pelo bávaro, possui até hoje alta dialetalidade. Por um lado, isso está relacionado a contextos histórico-migratórios (os grupos no Rio Grande do Sul se estabeleceram em ambientes diversos, enquanto São Bento do Sul permaneceu relativamente estável). Por outro lado, isso também pode estar relacionado ao plurilinguismo interno descrito acima: os dialetos do norte da Boêmia são marcados pelo médio-alemão oriental e se situam, portanto, relativamente próximos do grupo de dialetos historicamente determinantes para a língua escrita padrão. Nesse contexto, a língua dialetal é, desde o início, relativamente semelhante à língua padrão, e, por isso, foi necessário um esforço consideravelmente menor para que os grupos do norte da Boêmia alcançassem um nível de fala que também pudesse ser compreendido por outros falantes de dialeto do que, por exemplo, ocorreu com os grupos do sul da Boêmia, influenciados pelo bávaro. O maior êxito de comunicação na língua mais próxima ao padrão (e, por exemplo, na experiência de utilizar variedades do Hunsrückisch facilmente compreensíveis, igualmente adquiridas dos dialetos do médio-alemão) e sua utilização frequente em contextos variáveis de migração poderia ter resultado em uma mudança gradual para situações de fala (*Sprechlagen*) mais padronizadas e na perda do dialeto do norte da Boêmia. Por outro lado, a compreensão interdialeto para os grupos do sul da Boêmia era fundamentalmente mais difícil, já que o dialeto bávaro, muito mais distante do padrão, era (e ainda é) menos compreendido pelos outros grupos. Provavelmente, os falantes realizaram (e ainda realizam) uma mudança em direção a uma situação de fala mais próxima do padrão, com o objetivo de, assim, fazer-se entender pelos falantes de alemão que não falam bávaro. O bávaro – percebido ainda como a língua materna de fato – pôde ser preservado como uma “variedade interna” do grupo, precisamente devido a essa distância da língua mais próxima do padrão.

A compreensão da língua “do outro”, assim percebida, bem como o esforço para a aquisição de uma variedade mais compreensível poderiam ser deste modo

determinantes para a manutenção e perda de dialetos. A base para isso é que a intercompreensão por meio da habilidade cognitiva de deduzir significados entre variedades próximas, ou seja, nossa capacidade de ter outras línguas no ouvido sem tê-las aprendido, é possível.

7. „ENN GEHENN, VIELE SPROCHE“: HUNSRÜCKISCH, BRASILIOONISCH UNN ANNRE SPROCHE¹

Bernardo Kolling Limberger²

Wenn ma iwer Mensche, wo „poliglotas“ sinn, spricht, das sinn Mensche, wo viele Sproche spreche. In der Pesquisa honn mea das Wott *mehrsprachig*, fa soohn, dass en Mensch viele Sproche benutzt. Allegoore, wo die Sproche in viele Pletzer benutze, sinn mehrsprachig. Die misse net iwerall alle Sproche spreche kenne. Die kenne en Sproch nore verstehn, nore spreche ore nore schreiwe. Leit, wo en Dialekt spreche, wie der Hunsrückisch, unser Deitsch, unn annre deutsche Sproche in Brasil, sinn oft mehrsprachig. Die lenne zweu Sproche von kleen uff unn speter Hochdeitsch, Englisch unn annre Sproche. Jede eene tut zweu, drei ore mehr Sproche gebrauchte, unn die Mensche kenne dem Gehenn sein Kraft ausnutze, so viele Sproche wie ma will, ze lenne. Die Leit von der Universidade, wo mit Linguistik, Psychologie unn Neurociência oorweite, gebbe sich viel Mih fa die Wunner von der mehrsprachig Mensche sein Gehenn ze finne. Die Pesquisa iwer das mehrsprachig Gehenn tut Antwotte fa die Fraache suche: Wie kenne mea viele Sproche benutze? Wie tut das Gehenn viele Sproche verarbeite? Was tut die Mehrsprachigkeit fa unser Gehenn bringe? Mea honn schon en poor Antwotte, awer mea honn noch viele Fraache fa ze antwotte.

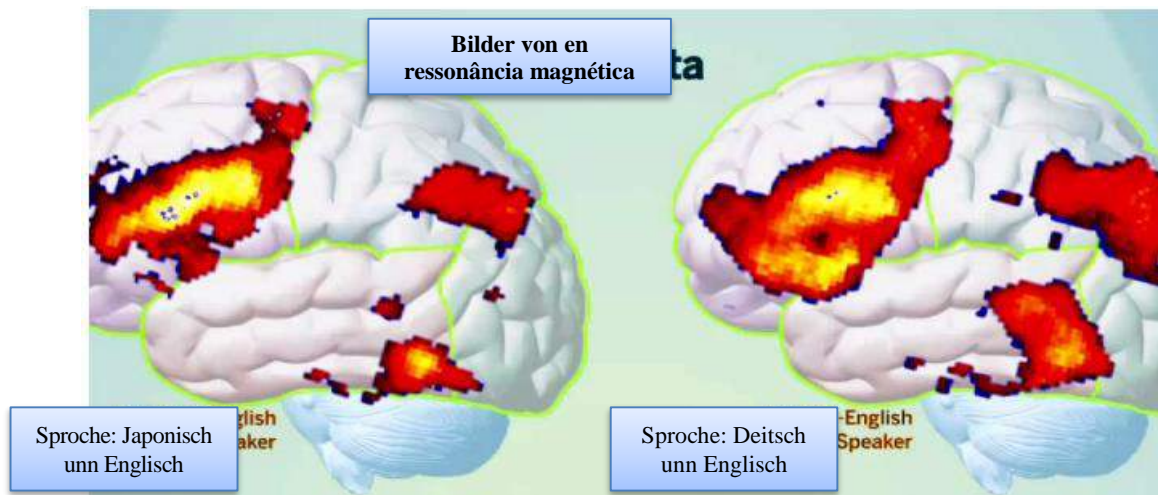
Unser Gehenn hot een System fa die Sproche, wo ziemlich kompliziert is. Mit'dem System kenne mea zweu ore mehr Sproche schon von kleen uff lenne. Mea honn bloss enn System im Gehenn fa alle Sproche unn desweche honn die Sproche in unser Gehenn Kontakt. Wenn ma dorrichnanner spreche tut (enn Wott in die annre Sproche mische) unn Sotaque sinn ziemlich normal dorrich das ganz Lewe. Mit der mehrsprachig Gehenn kenne mea die Sproche ziemlich schnell wechsle. Fa das ze mache, brauche mea nore enn Sinal (noh der Wowwo gucke, iwer was andres spreche ore en Spessche verzehle). Unser Gehenn kann Brasilioonisch unn gleich uffmol

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-07>

² Pelotas (Brasil).

Deitsch unn andre Sproche spreche. Allegoore wisse, dass dorichnanner spreche normal unn kenn Problem is. Awer immer noch gibt's schlechte Gedanke iwer die Leit, wo zweu Sproche spreche kenne. Das Verheltnis zwische die Sproche gibt's, well mea dem sellwiche Gehenn sein Teele fa all Sproche benutze (Bild 1). Fa die Fremdsproche muss sich unser Gehenn mehr Mihe gebbe (wie das Bild 1 ooch zeiche tut). Mea brauche die kognitive Teele wie die „funções executivas“. Das tun mea benutze fa uffpasse, nore en Sproch ze benutze unn fa die annre Sproche net ze benutze.

Bild 1: Pesquisas zeiche, dass Mensche, wo zweu Sproche spreche tun, benutze die sellwiche Gehenn Teele, eegool was fa Sproche sie spreche tun



Quell: *American Museum of Natural History* (2012),³ adaptiert

Unser Gehenn tut sprachliche Kenntnisse behalle, awer das is viele Dinge demnoh. Fa das Lenne richtig ze gebbe, muss der Mensch all die Sproche genug heere, unn das muss net nore in der Kindheit sinn. Awer die Pesquisas mit „ressonância magnética funcional“ – en Maschin, wo die Gehenn seine Teele in en Zeit zeiche tut – beweise, dass das Elter important fa die Sproche ze lenne unn ze benutze is. In der Kindheit is die sogenennt „plasticidade cerebral“ die best. Das bedeit, dass mea immer neie Dinge lenne kenne unn uns adaptere fa neie Dinge ze mache.

³ Video vom *American Museum of Natural History*. Abrufbar unner: <https://www.youtube.com/watch?v=Cw2riItNLEE>. Zugriff om: 12 set. 2021. Im Video zeicht Cathy Price die Pesquisa von: CRINION, J. et al. (2006). *Language control in the bilingual brain*. *Science*, v. 312, p. 1537-1540.

Das Elter is nore enn von der Dinge, wo die Fluência in en Sproch en Unnerschied mache kann. Wie oft en Mensch en Sproch benutze tut, is der mehrst important. Wann en Mensch ongefäng hot, en Sproch ze lenne, is net so important. Wieviel unn wie oft en Mensch en Sproch gelennt hot unn die benutzt, is om mehrst important. Mea kenne das mit alle Sotte von Kenntnisse vergleiche: wo mehr mea ebbes lenne unn benutze, wo besser mache mea die Dinge. Unser Gehenn tut ooch so funktioneeere: wenn mea was net benutze, tun mea das viel leichter vergesse. Awer das tut en bissche annerschte funktioneeere fa die Sproche von dehemm, wie der Deutsch. Die Mottersproche, wo in der Kindheit gelennt wedde, sinn fester in der Gedechtnis. Das passeert, well mea die Sproche automatisch benutze, mea misse net dron denke, wie ma die Setz spreche tun. Das misse mea mache, wenn mea en Fremdsproch spreche, mehrst wenn ma erst onfenge tut. Die Pesquisas zeiche, dass die Grammatik von der Mottersproch in der sellwiche Kategorie von der Gedechtnis is wie Dinge, wo mehrst automatisch sinn, wie Bicyclet foohre, gehn unn schreiwe.

Das sprachlich System in der Gehenn hot mit annre Systeme ze tun: kognitiv, emotional, motorisch, auditiv unn visual. Fa ze spreche, schreiwe, lese unn heere, brauche mea desweche viele Teele von der Gehenn, awer das Teel links wedd mehr aktiveert. Das Gehenn funktioneeert wie en Grupp von Teele, unn desweche hot die Sproch en Effekt in en annre Gehenn ehr Teele, wie in die Kognition. Mea kenne net soohn, dass der Mensch, wo zweu ore mehr Sproche spreche kann, schlauer is. Awer mea kenne soohn, dass die Mensche, wo zweu ore mehr Sproche benutze, in en poor Stick Dinge besser sinn, wie in der „funções executivas“. Die Leit, wo mehrsprachig sinn, misse en Sproch uffpasse unn die annre Sproche derfe net atrapaljeere. Mea kenne net die Kenntnisse in en Sproch „ausmache“, wenn mea en anner Sproch benutze. Fa das brauche mea die Kognition unn desweche kenne mea die Kognition besser mache. En poor Professores von der Universidade soohn, dass die Kenntnisse in zweu ore drei Sproche en Quell von „reserva cognitiva“ sinn. Die Sproche kenne helfe, dass Krankheite unn annre Probleme fa die eltre Leit (wie der Alzheimer) speter ausbreche. Awer das muss ma noch besser pesquiseere.

Mea wisse schon, dass das Gehenn von en Mensch, wo zweu ore mehr Sproche spreche tut, viele gute Dinge bringt. Awer die gute Dinge honn mit der Unnerschied von der Mensche ze tun. Die Pesquisas zeiche, dass die

Mehrsprochigkeit in die Kognition viel ausmicht, unn bringt natierlich ooch gute economische unn sociale Dinge mit. Die Pesquisa iwer das zweusprochig ore mehrsprochig Gehenn tut zeiche, dass zweu ore mehr Sproche das Gewisse iwer die Sproche, das Verheltnis zwische der Mensche unn das Lenne von annre Sproche besser macht, well das Gehenn mehr Information fa ze vegleiche hot.

Annre gute Dinge misse noch unnersucht gebbe, awer mea kenne schon sicher senn: das Gehenn kann vieles mit dem Lenne von Sproche gewinne, mea kennt sogoo soohn, dass enns von der beste Dinge fa unser Gehenn is, Sproche lenne. Die Mottersproch kann uns sehr viel helfe, en annre Sproch ze lenne. Hunsrückisch kann en gross Hilf senn, fa Deutsch, Englisch unn annre Sproche ze lenne. Die Mottersproch hot en ganz important Platz in unser Gehenn, sie is immer dott, wenn ma sie brauch. Das Netz von Gehenn Teele fa die Mottersproch hat mit dem Hetz, mit unser Identitet unn mit unser Geschichte ze tun. Das alles is ganz fest in der Gedechtnis. Es is ziemlich selte, dass en Mensch sein Mottersproch vergesse tut. Es kann passeere, dass es schlimmer is, sich on en Wott erinnre, wie bei dem Elter, ore kognitive Probleme ooch vorkomme kenne. Es is meglich, dass ma die Fluência en bissche verliere tut. Was ma mache muss, is die Mottersproch viel ze benutze: spreche, heere unn lenne ze schreiwe unn ze lese. So kann ma die Sproch schneller in der Gehenn „finne“. Mea misse also die Mottersproch siehn als en sehr important Kenntnis, en kulturell Erebschaft unn en Hilf, fa annre Dinge ze lenne.

“UM CÉREBRO, VÁRIAS LÍNGUAS”: HUNSRÜCKISCH, PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS

Bernardo Kolling Limberger¹

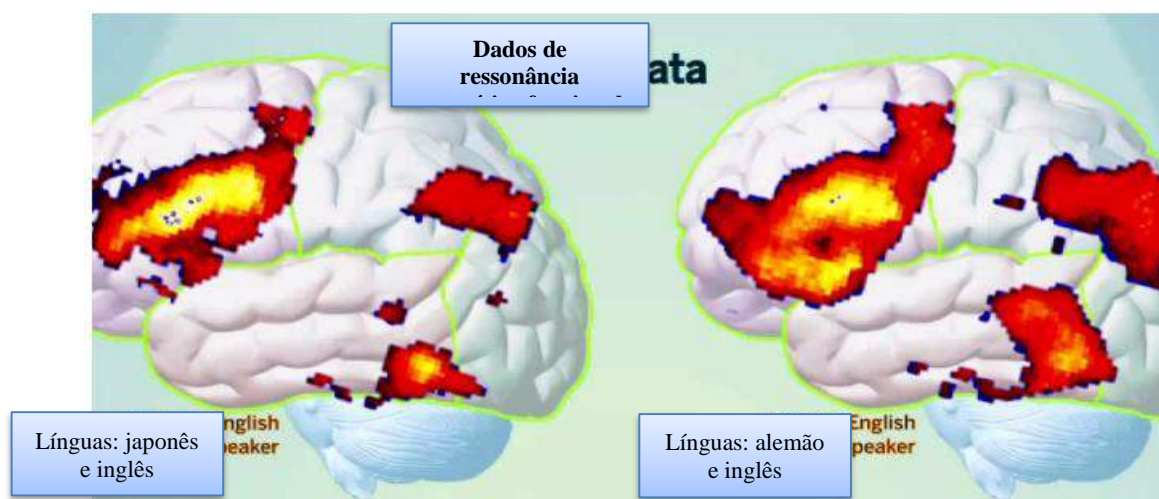
Quando se fala em indivíduos políglotas, refere-se a pessoas que sabem várias línguas. Na pesquisa psicolinguística, utilizamos o termo *multilíngue* para denominar as pessoas que usam várias línguas. De modo geral, consideramos multilíngues todos que usam as línguas em diferentes contextos, não necessitando ter fluência em todas as línguas nem usar a língua em todas as habilidades (na compreensão auditiva, na leitura e nas produções escrita e oral). Então, falantes de línguas minoritárias, como o Hunsrückisch e outras línguas de origem alemã no Brasil, encaixam-se com frequência na categoria do multilinguismo, porque também aprendem duas línguas na infância e, em seguida, alemão standard e/ou inglês e outras línguas. Dependendo da sua necessidade, essas pessoas aproveitam a capacidade do cérebro para acomodar diferentes línguas. Pesquisadores da linguística, da neurociência e da psicologia estão se esforçando para descobrir as maravilhas do cérebro de falantes de duas ou mais línguas. A pesquisa sobre as línguas no cérebro busca respostas, principalmente, para as seguintes perguntas: Como conseguimos aprender várias línguas? Como o nosso cérebro processa várias línguas? Quais são os efeitos do multilinguismo na nossa cognição? Já temos algumas respostas, mas as pesquisas geram novas perguntas.

O nosso cérebro tem um sistema linguístico altamente complexo, que consegue processar duas ou mais línguas desde a infância. O sistema linguístico é único para todas as nossas línguas e, por isso, as línguas interagem entre si na nossa mente. “Misturas” como a inserção de uma palavra de uma língua na outra e o sotaque são perfeitamente normais em todos os estágios da vida. Além disso, o sistema único possibilita fazer a troca de línguas muito rapidamente. É só recebermos um sinal (olhar para a avó, mudar de assunto, contar uma piada), que nosso cérebro consegue mudar do português para o Hunsrückisch, por exemplo.

¹ *Pelotas (Brasil).*

Todos sabemos que essa “mistura” é normal e não é um problema, mas ainda existe preconceito contra pessoas que misturam línguas e têm sotaque. A interação entre as línguas ocorre, porque, de modo geral, usamos as mesmas áreas do cérebro para todas as línguas (fig. 1). É claro que para a língua estrangeira precisamos ativar mais recursos do cérebro (como também mostra a fig. 1), inclusive cognitivos, como as funções executivas, que utilizamos para focar a atenção na língua que está sendo usada e bloquear a influência da outra.

Fig. 1: Estudos mostram que pessoas bilíngues ativam, de modo geral, as mesmas áreas do cérebro, independentemente das línguas que são faladas



Fonte: *American Museum of Natural History* (2012),² adaptação

O nosso cérebro acomoda o conhecimento linguístico de acordo com alguns fatores. Para que a aprendizagem aconteça com sucesso, é necessário que o indivíduo receba exposição suficiente em todas as línguas, não necessitando ser desde o nascimento. No entanto, estudos com ressonância magnética funcional – uma técnica da neurociência que mostra as áreas do cérebro ativadas em alguma tarefa – comprovam que a idade é um fator que influencia a aprendizagem e o desempenho linguístico. A infância é o período da vida em que temos os maiores níveis de plasticidade cerebral, a capacidade de aprender e se adaptar a novas

² Vídeo da *American Museum of Natural History*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cw2riItNlEE>. Acesso em: 12 set. 2021. No vídeo, Cathy Price apresenta o seguinte estudo: CRINION, J. et al. (2006). Language control in the bilingual brain. *Science*, v. 312, p. 1537-1540.

situações.

A idade é somente um dos fatores que influenciam o nível de fluência numa língua. Fatores relacionados ao uso têm sido destacados na pesquisa sobre o tema. Então, a idade em que alguém começou a aprender uma língua não é tão importante, o que mais importa é o quanto a pessoa estudou e usa aquela língua. Podemos fazer uma comparação com qualquer tipo de conhecimento: quanto mais estudamos algo e usamos esse conhecimento, melhor será nosso desempenho nas tarefas. O nosso cérebro funciona assim: se não usamos algo, esquecemos mais facilmente. No entanto, isso funciona de forma um pouco diferente para “línguas de casa”, como o Hunsrückisch. Línguas maternas, adquiridas na infância, estão armazenadas de forma mais “forte” na memória. Isso acontece porque usamos essas línguas de forma automática, sem precisar pensar nas regras como fazemos para as línguas estrangeiras, principalmente nos níveis iniciais de aprendizagem. Os estudos mostram que a gramática da língua materna está armazenada na mesma categoria de memória que as ações mais automatizadas, como andar de bicicleta, caminhar, escrever etc.

O sistema linguístico do nosso cérebro interage com vários outros sistemas: cognitivo, emocional, motor, auditivo e visual. Por isso, para falar, escrever, ler e ouvir qualquer língua, precisamos de várias partes do cérebro, embora o lado esquerdo do cérebro seja mais ativado. Por funcionar como uma rede de áreas, o uso de duas ou mais línguas tem efeitos, por exemplo, na cognição. Não podemos falar que o indivíduo que sabe duas ou mais línguas é mais inteligente, mas podemos dizer que pode haver algumas vantagens multilíngues, como nas funções executivas. Os bilíngues e multilíngues precisam manter a atenção numa língua enquanto bloqueiam a influência das outras línguas. Não conseguimos “desligar” o conhecimento de uma língua enquanto usamos outra. Então, usamos a cognição para isso, que pode ser melhorada como consequência do uso constante de duas ou mais línguas. Por isso, alguns pesquisadores têm afirmado que o conhecimento de duas ou mais línguas pode ser uma fonte de reserva cognitiva. Esse conhecimento pode ajudar a retardar o início de problemas relacionados ao envelhecimento, inclusive o Alzheimer, mas isso ainda precisa ser investigado com pesquisas mais precisas.

De modo geral, a pesquisa mostra que há muitos benefícios em ter um cérebro multilíngue. Os benefícios encontrados dependem da população investigada, mas os estudos mostram que o multilinguismo tem efeitos nas funções cognitivas, além dos benefícios econômicos e sociais conhecidos. A pesquisa sobre o cérebro bilíngue/multilíngue mostra que o uso de duas ou mais línguas aprimora a consciência sobre as línguas e as relações entre as pessoas. Além disso, ter um cérebro com duas línguas melhora a aprendizagem de outras línguas, porque o cérebro tem mais informações para fazer associações.

Outros benefícios estão sendo ainda investigados, mas temos certeza de que temos muito a ganhar com a aprendizagem de línguas, um dos melhores exercícios para o nosso cérebro. A língua materna pode ajudar muito na aprendizagem de outras línguas. O Hunsrückisch, por exemplo, pode ser uma ótima base para aprendizagem de alemão standard, inglês e outras línguas germânicas. Outra certeza da pesquisa é que a língua materna ocupa um espaço especial no nosso cérebro, podendo estar sempre à disposição para uso. A rede de áreas cerebrais da língua materna tem relação com emoções, identidade, experiências pessoais e está fortemente arraigada na memória. Muito raramente uma pessoa perde a sua língua materna, pode até ocorrer uma dificuldade um pouco maior para acessar uma palavra, como também acontece no envelhecimento e em dificuldades cognitivas. É possível que a pessoa perca um pouco a fluência. Então, a chave é usar a língua materna: falar, ouvir e (aprender a) ler e escrever, para que ela esteja mais facilmente disponível. Portanto, devemos valorizar a língua materna como conhecimento especial, herança cultural e base para adquirir outros conhecimentos.

8. INNE DICKE WITTE WOLKE¹

Werner L. Heidermann²

Ick will uh ne Geschichte vertellen hier ut Santa Catarina, ut dee Gegend van Angelina, nich wiet van Florianópolis, uppen Wech noa de Serra. Et is dee Gegend van dee dütsche Kolonisierung. Doa inne Kolonie, uppen Dorp heet de meesten Löh uck vandage noch Schröder, Schmitz, Köhler. Et sünt villicht twintig Joar dat eenes Morgens dee Dona Rosa uppsteit, sick annen Disch set, öhrn Koffie met'n Glas Water drinkt un ne Schnitte Brot met Schmier eaten will. See lech den Löffel anne Siete un schlöch de dahle uppen Erdboden vanne Köcke. Dat Stiene, öhre öllste Tochter, öhrn richtigen Namen is Cristina, röpp den Humberto; Humberto röpp den Carlos, dat is dee Noabor uppe rechte Siete. "Söll wie den Samu roopen?" "Nee", sech Carlos, "treck di men ne Buchs an un wie brächt dien Moder noa dee Klinik." Alle kürt Portugiesisch. Dat wass nich eefach, dee Dona Rosa vanne Köcke int Auto te bugsiern. "Söll wie nich bäter den Doktor anroopen?", will dat Stiene weten. "Kasse maken, Stiene, säch den Doktor, datt wie unnerwegs bünt. E sall anne Bifurkation op us wochten und dann kann ee us seggen, watt wie maken söllt." See föhrt loss, anne Bifurkation steit all dat Auto vanne Médico. De Doktor unnersücht dee Dona Rosa und säch ganz schnell, upp Portugiesisch: "Dat issen Schlachanfall. Sofort ab noat Aga Uh in Florianópolis!"

Humberto un Carlos föhrt uppe BR, et gev kennen Stau. Humberto kennt den Wech; eene van siene Süsters, Marie, is Professora anne UFSC un wunnt nich wiet van dee Klinik. Humberto föhrt bis anne Dör van dee "Emergência", ruckzuck kommt twee Löh in witte Kittel ruut und se lecht dee Dona Rosa upp ne Krankenliege un brecht see in dat Krankenhaus.

Dee Diagnose van de Médico ant'Huuse was richtig: Schlachanfall! Noa dee ganzen Unnersökungen kömmp ne ganz junge Ärztin und säch: "É um derrame! É sério! Sua mãe vai ter que ficar aqui por um bom tempo. Podem voltar pra casa. A gente entra em contato! Só resta rezar agora!"

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-08>

² Florianópolis (Brasil).

Dee Tochter van Dona Rosa, dee met de Stelle ane UFSC, hätt all met de Süster telefoneert un kömmp noa dee Klinik. Dee beeden Männer föhrt met öhr no Huuse in Trindade. Int Krankenhuus könnt see sowieso nich helpen un nix maken; de Moder bruk Ruhe, bloß Ruhe.

Den nächsten Dach föhrt Carlos un Humberto trügge no Huuse, un dee Süster kümmert sick um den Kontakt met dat Krankenhuus. Dee Moder is ohne Bewusstsiens, ne Art van Koma. See kürt nich, beweich sick nich, see rührt sick nich, kenn bettken, nix. Dee ersten Dage vergoat, dee erste Weeke, den ersten Monnat. Ungefähr fiev Weeken noa den Schlachanfall willt de Ärzte met Marie kürn und öhr seggen, datt dee Medizien nix mä för Dona Rosa doan kann. Pflegefall! Schlimm! Dee Doktors, alle brasilianische Personen, klar, kürt Portugiesisch met dee Marie.

Den nächsten Sunddach nemmt see den Bus un will met Stiene und Humberto kürn, wat met Dona Rosa passeern soll. Denn Bus is grade upp dee Bröcke in Florianópolis, do geit dat Telefon, dat Aga Uh. Marie soll sofort naot Krankenhuus kommen, dee Dona Rosa is wach woarn. Dee Bus hölt in São José ane Ecke vanne BR, Marie stiech ut und röpp en Taxi. In twintig Minuten is see inne Klinik, steit ant Bett van öhre Moder. Dona Rosa, dee Oogen ganz wiet oop, dat Gesicht nich mä so blass wie dee Dage vörher, kiek, es wenn see seggen wöllt: "Wo bün ik?" Und dat is ganz genau, watt see seggt: "Wo bün ik?"

"Wo bün ik? Wo bün ik? Wo bün ik? Watt sall ik hier maken?" Marie hält dee Hanne vanne Moder un kürt ganz rühig un sech ganz langsam, dat alles gott is, datt se ne Schlachanfall hevvt het und datt see inne Klinik is. Et is alles gott.

Watt nich gott is, is, datt de Marie allet up Portugiesisch sech. Un dee Moder kiek met groote Oogen und sech: "Watt? - Wo bün ik? Watt sall ik hier maken?" So geit datt nich bloß ne Stunne oder twee, so geit datt beinahe ne ganze Weeke: Dona Rosa sech watt und kenneene versteit, watt see sech, nich dee Doktors, nich de Marie, nich de Stiene un uck nich den Humberto. Dee Ärztin kürt vanne Spezialistin in "Fonoaudio", den annern Doktor meent, datt de "richtige Sproak" wall trügge kömmp. Dona Rosa is n geduldich Wiev, avver jetz wött see richtig nervös. See kürt und kürt und kürt und kenneene mäck watt. See will weeten, watt met de Enkel ant'Huuse is, avver alle kiek bloß un nümms sech öhr, watt loss is un watt passeert is.

See mott doch no Huuse, see mott dringend dee Peppinen inmaken, datt kann süss nümms. Dee junge Löh könnt bloß allet innen Supermarkt inkoopen; dee verstoat nix, avver nix van öhrn Goarn. Un wat is met den ganzen Schloat? Se früch und früch und nümms versteit öhr, alle maakt se groote Oogen un kürt dumm Tüch, wat see dann nich versteit.

Hier will ik es tesammenfaaten: Doa lich ne Patientin int Krankenhaus; dee hevvt en Schlachanfall het. See bliev int Koma för eenen Monnat, dann wört see wach, fröch, kürt, avver kürt, watt dee annern Löh nich verstoat. Kenneene versteit, watt see sech. Bloß datt dee Dona Rosa kenn "dumm Tüch" kürt! Watt see kürt, is Dütsch, *Plattdütsch*. Un nümms inne Klinik un (watt noch schlimmer is) nümms inne Familie kürt oder versteit *Plattdütsch*! Un nümms inne Familie kömmp up dee eefache Idee te froagen, wee in dee Situation helpen kann. Datt Aga Uh is dee Klinik vanne UFSC, un dee UFSC hätt ne ganze Fakultät met Professorens van alle verschiedene Sproaken, uck van Dütsch. Un kenneene geit no de Sproakenfakultät und fröch, ovv jemand Dütsch kürt oder sogar *Plattdütsch*.

Datt is ne richtige Ignoranz! Doa lich dee Dona Rosa met öhre 84 Joar inne Klinik, will kürn un will villicht watt ganz Wichtiges seggen - nix, geit nich, dee verstoat öhr gar nich.

En paar Daage später kürt dat Marie noch met nen Spezialdokter, nen Neurologen. Und de sech öhr, datt alles normal is. Den Schlachanfall, de mäck Regionen int Gehirn kapott, entweder endgültig oder manchmal bloß för ne Tiet. Den Dokter kürt noch van Zentren int Gehirn: een Zentrum hett Broca und dat andere Wernicke, avver dee Erklärung was nux speziell. In den Fall vanne Dona Rosa kann de Beschädigung so sien, datt dat Gehirn plötzlich bloß noch de erste Sproake ut de Kindheit kennt. Und de twedde Sproake, dat Portugiesische, is verschwunden.

Et is nich schwierig sick vörtstellen, wie dee Dona Rosa lieen hev: see will watt froagen un merkt, datt man see nich versteit. Dee Personen int Krankenzimmer, datt bünt Medziener und öhre Blagen, Humberto un Marie un Stiene, avver alle kürt, watt see nich versteit. Worüm kürt dee nich klar und dütlich, watt see wollt? See föllt sik äs wie inne dicke witte Wolke un weet nich, wie see doa ruutkommen kann.

Dee Moral van dee Geschichte is: et is beter, wenn man de Modersproak van dee eegene Moder kennt! Wenn man dee nich kennt, dann bliv de Moder in öhre dicke witte Wolke un see is ganz alleen.

Gott sei Dank: Dat Portugiesische van Dona Rosa is trügge kommen, ungefähr twee Monnate het dat duurt, un dan sproak se weder "ganz normal".

NUMA NUVEM BRANCA E MUITO DENSA

Werner L. Heidermann¹

Vou contar um caso que aconteceu aqui em Santa Catarina, na região de Angelina, não muito distante de Florianópolis, lá a caminho para a Serra. É a região da colonização alemã. Na colônia, nos vilarejos, as famílias até hoje se chamam de Schröder, Schmitz, Köhler. Agora faz mais ou menos vinte anos que, numa manhã, a Dona Rosa se levanta, toma seu café, mais um copinho de água e, quer comer pão com geléia. De repente ela coloca a colher na mesa e cai para o chão da cozinha. Stiene, sua filha mais velha, cujo nome correto é Cristina, chama o Humberto; Humberto chama o Carlos, o vizinho do lado direito. "Vamos chamar a Samu?" "Não," responde o Carlos, "vista sua calça e a gente vai levar sua mãe para o hospital." Todos falam português, aliás. Não foi nada fácil carregar a Dona Rosa e deitá-la no carro. "Não é melhor chamar o médico?", pergunta a Stiene. "Pode ser, sim, fala para o doutor, para nos aguardar na bifurcação. Aí ele nos fala o que fazer." Eles saem. Na bifurcação já enxergam o carro do médico. O doutor faz um rápido exame e fala sem devaneios: "É um derrame. Para o HU² já!"

Humberto e Carlos então se dirigem à BR, felizmente não tem engarrafamento hoje. Humberto conhece o caminho; uma das suas irmãs, a Marie, é professora da UFSC e mora perto do Hospital das Clínicas. Humberto para o carro quase na porta da "Emergência", onde no mesmo instante se aproximam dois homens em jaleco que vão receber a Dona Rosa e levá-la para dentro da clínica.

Foi certo o diagnóstico do médico lá do interior: derrame. Depois de uma série de exames vem uma médica bastante jovem e diz: "É um derrame! É sério! Sua mãe vai ter que ficar aqui por um bom tempo. Podem voltar pra casa. A gente entra em contato! Só resta rezar agora!"

A filha da Dona Rosa, aquela que trabalha na UFSC, já falou por telefone com a irmã e vem para o HU. Os dois homens vão para a casa da Marie na Trindade. No

¹ *Florianópolis (Brasil).*

² HU é o Hospital Universitário.

hospital eles não podem ajudar em nada; tudo o que a mãe precisa agora é repouso e mais repouso.

No dia seguinte, Carlos e Humberto voltam para casa, e a irmã cuida do contato com o HU. A mãe está inconsciente, em algum grau de coma. Ela não fala, não se locomove, nem um pouco, nada. Passam os primeiros dias, passa uma semana, passa um mês. Mais ou menos cinco semanas após o derrame, os médicos querem falar com a Marie para dizer que a medicina não pode fazer mais nada para a Dona Rosa. Caso de enfermagem domiciliar! Triste! Os médicos, todos brasileiros, falam português com a Marie, é claro.

No domingo seguinte, a Marie toma o ônibus para encontrar a Cristina e o Humberto para falar sobre como proceder com a mãe. O ônibus entra na ponte quando toca o celular, é o HU. É para vir já, a mãe acordou. O ônibus para na esquina com a BR. Marie sai correndo e chama um táxi. Vinte minutos mais tarde ela está no HU, ao lado do leito da mãe. Dona Rosa, de olhos abertos, e de rosto menos pálido do que nos dias anteriores, olha como quisesse dizer: "Onde é que estou?" E isso é exatamente o que ela fala: "*Wo bün ik?*"

"*Wo bün ik? Wo bün ik? Wo bün ik? Watt sall ik hier maken?*" ('Onde é que eu estou? Onde é que estou? Onde é que estou? O que eu faço aqui?') Marie segura as mãos da mãe e fala muito pausadamente e bem devagar "Tudo bem, mãe, tudo bem, a senhora teve um derrame. Estamos no hospital, tudo vai ficar bem."

O que não está bem é o fato que a Marie fala tudo em português. A mãe abre os olhos ainda mais e fala: "*Watt? - Wo bün ik? Watt sall ik hier maken?*" ('O quê? - Onde é que eu estou? O que eu estou fazendo aqui?') E assim ela fala não apenas por uma hora ou duas, assim ela fala quase durante uma semana inteira: a Dona Rosa fala coisas que ninguém entende, nem os médicos, nem a Marie, nem a Cristina, nem o Humberto. A médica menciona um "fonoaudiólogo"; mas um médico acha que "a língua certa" vai voltar, sim. Dona Rosa é uma senhora muito paciente mas, nesta situação, ela entra em desespero. Ela fala, e fala, e fala - e ninguém faz nada. Ela quer saber novidades dos netos em casa, mas todos só olham para ela e ninguém fala o que aconteceu.

Ela tem que voltar para casa pôr os pepinos em conserva; ninguém sabe fazê-lo, só ela. Os jovens só sabem fazer compras no supermercado; não entendem nem

um pouco da horta. E o que vou fazer com o monte de alface? Ela pergunta e pergunta, e ninguém entende nada. Todos abrem os olhos e falam bobagem.

Neste momento, gostaria de resumir o caso: Temos uma paciente internada na clínica depois de um derrame. Ela está em coma por mais ou menos um mês, quando, de repente, acorda. Acorda, fala, pergunta, mas fala de um jeito que ninguém entende. Ninguém compreende nada. O detalhe é que o que a Dona Rosa fala não é falação de pessoa confusa, mas alemão, mais precisamente um dialeto do alemão que se chama *Plattdütsch*. E ninguém no hospital e, (o que é mais grave) na sua família, entende ou fala *Platt*. E ninguém da família tem a simples ideia de perguntar quem é que poderia ajudar nessa situação. O HU é a clínica da UFSC, e a UFSC tem uma faculdade inteira com professores doutores de todos os idiomas que você poderia imaginar, também de alemão. Mesmo assim, ninguém se dirige até o Centro de Comunicação e Expressão, para se informar, se tem alguém que fala alemão, ou até mesmo, o dialeto em questão.

Foi uma verdadeira ignorância! Aí, a Dona Rosa com seus 84 anos encamada, querendo falar e talvez dizer algo de extrema importância – mas nada, eles não a entendem.

Alguns dias mais tarde, a Marie fala com um especialista, um neurologista. E ele fala que está tudo normal. O derrame destruiu regiões no cérebro, que isso acontece muitas vezes de maneira definitiva, porém às vezes a região se recupera. O médico ainda explica que tem centros cerebrais que se chamam Broca e Wernicke, regiões que organizam a língua do homem. Mas isso já é muito para especialistas! No caso da Dona Rosa, pode ter acontecido que, depois de acordar do coma, o cérebro preferiu o idioma da infância, ou seja, o alemão. E a segunda língua, o português, desapareceu.

Agora, não é difícil imaginar o sofrimento da Dona Rosa, que queria perguntar algo e percebeu que ninguém a entendia. As pessoas no quarto, os médicos e as próprias crianças, Humberto, Marie e Cristina, todas falam de um modo que ela não era capaz de entender. Por que ninguém falava claramente o que queria? Ela sentiu como se estivesse presa dentro de uma nuvem branca muito densa e sem condições de escapar de dentro dela.

A moral da história: é bom e alentador saber qual a língua materna da própria mãe. Quem não souber disso, corre o risco de ver a mãe permanecer, como a Dona Rosa, numa nuvem branca e muito densa – e amargamente muito só.

Para sorte da Dona Rosa, graças a Deus o português voltou, mais ou menos dois meses depois.

**9. WECKER SALL WAT VON WECKERN, WENNIHR, MIT WECKERN, WO, WOANS,
WOMIT UN WOTAU LIHREN? – ÆWER DAT ÜNNERRICHTEN VON EIN
REGIONALSPRÅK, DE (BINÅH) KEIN MUDDERSPRÅK MIHR IS¹**

Birte Arendt²

Ulrike Stern³

Regional- un Minderheitensspråken warden in Europa siet 1999 von de „Europäische Charta der Regional- oder Minderheitenssprachen“ schützt. Dor hüürt ok de nedderdüütsche Språk mit tau. Acht nuurddüütsche Bunneslänner hebben de Charta ünnerschräben un dor de Pflicht mit æwernåhmen, disse Språk tau hägen un tau plägen. De Regiern von dat Bunnesland Meckelnborg-Vörpommern hett dor in't Johr 2017 dat „Landesprogramm ‚Meine Heimat, mein modernes Mecklenburg-Vorpommern‘“ för rutgäben, dat up fief Standbeenen steiht:

(1) „Heimathafen“ – All in de Kinnergoordens sallen de Lütten ehr Ümwelt un dormit ehr Heimat entdecken un erforschen, wo ok de nedderdüütsche Språk tauhüürt.

(2) „Heimatkunde“ – In denn Ünnerricht an Grundschaulen för Kinner von 6 bet 11 Johren sall sik dat ok üm dat dreihn, wat dat Land Meckelnborg-Vörpommern utmåkt: Regionalgeschichte, Regionalkultur un Regionalspråk, üm sei niegelig up dat Eigen tau måken un up dat, wat dat båbentau noch gifft in de Welt.

(3) „Heimatsprache“ – För de Klassen 5 bet 12 sall de nedderdüütsche Språk ein Deil von denn Ünnerricht sien un an Profilschaulen as drüdde Frömdspråk in dat Abitur gellen. Dat sünd tautiets söss Schaulen in't Land.

(4) „Heimatbildung“ – Ok an de Universitäten sallen de Strukturen för de Heimatplääch un dat Lihren von Regionalgeschichte un Regionalspråk utbuucht warden, tau'n Bispill, üm Lihrer un Lihresche för de anner Standbeenen uttaubillen.

(5) „Heimatkultur“ – Disse Punkt hett de Kultur in'n Blick as Uurt, wo dat Olle un dat Niege, dat Traditionelle un dat Moderne, dat Vertruuchte un dat Frömde

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-09>

² Greifswald (Deutschland).

³ Greifswald (Deutschland).

tausâmenkâmen, von 'nanner lihren un tausâmen wassen kœnen.

Dat Ziel bi disse fief Standbeenen is ümmer, dat sik de Minschen in't Land klor warden, wat dor besünners an is un wiert, schützt tau warden. Dit Bewusstsiens för de eigen Identität schafft Verbundenheit un Sâkerheit, so dat wi de Mœglichkeiten von de globalisierte Welt wohrnâhmen kœnen, âwer ok dat bewâltigen kœnen, wat uns rutfœddern deit.

Tau Punkt 4 hûürt ok dat Kompetenzzentrum för Nedderdüütschdidaktik (KND) tau, dat 2017 niech inricht worden is. Dormit gifft dat tau'n iersten Mâl ein Institution in Meckelnborg-Vörpommern, de dor œwer nationale un internationale Grenzen rut an arbeiten un forschen deit, woans die nedderdüütsche Sprâk tau lihren is. Dat KND is Deil von de Universität Greifswald un hett drei grote Upgâwen: (1) niege Lihrens un Lihersche för nedderdüütsche Sprâk in dat Bunnesland Meckelnborg-Vörpommern *utbillen*, (2) Lihrens un Lihersche ut Meckelnborg-Vörpommern in't Fack Nedderdüütsch *wiederbillen* un (3) Erzieher in Kinnergoordens *fuurtbillen*.

Üm disse Upgâwen tau erfüllen, bugen de Bâs'sche Birte Arendt un de weitenschâplich Mitarbeitersch Ulrike Stern ein Präsenzbibliothek up un klamüsern Material ut, mit dat de Sprâk verklaufiedelt un bibööcht warden kann. Bâbentau is âwer hochnödig tau erforschen, woans ein Regionalsprâk allgemein ünnerricht warden kann: So as ein Muddersprâk? Orrer so as ein Frömdsprâk? *Wecker sall wat von weckern, wennihr, mit weckern, wo, woans, womit un wotau lihren?* Up disse Frâgen warden Antwuurten söcht – un funnen.

As ein Antwuurt richt sik dat KND nå aktuelle Prinzipien von de Frömdsprâk- un Sprâkdidaktik. De Grund: Wo lebennig de Sprâk in uns Bunnesland is, wiest sik ihrer in dat schrâben Wuurt as in dat sprâken. In ein Ümfrâch von dat Institut für Deutsche Sprache Mannheim (IDS) un dat Institut für niederdeutsche Sprache Bremen (INS) ut dat Johr 2016 ward düütlich, dat in uns Bunnesland blots noch 20,7% von de befrâchten Lüd seggen, dat sei de Sprâk gaut orrer sihr gaut schnacken kœnen. Disse Lüd sünd âwer meisttiets œwer 50 Johr olt.⁴ Un: De Sprâk wiedergâben un fœddern ward nich as Upgâf von de Fomilie seihn, sünnern as de Upgâf von

⁴ ADLER, Astrid; EHLERS, Christiane; GOLTZ, Reinhard; KLEENE, Andrea; PLEWNIA, Albrecht (2016). *Status und Gebrauch des Niederdeutschen. Erste Ergebnisse einer repräsentativen Erhebung*. Mannheim / Bremen: Institut für Deutsche Sprache und Institut für niederdeutsche Sprache.

Billungsinrichtungen (Schaulen, Kinnergoordens un Volkshochschaulen). Dat föhrt dortau, dat de Kinner ofteins ierst Kontakt tau de Språk kriegen, wenn sei in disse Institutionen kämen daun. Dei Språk is ehr frömd un möt as ein Frömdspråk lihrt warden.

Üm ein Frömdspråk mit Erfolg tau lihren sünd „Interaktion“ (mit'nanner ümgåhn, tau'n Bispill bi't Schnacken), „Motivation“ (gaude Grünn' hebben tau lihren) un „Kontinuität“ (dor œwer lange Tiet ümmer wedder bigåhn) wichtige Busteen. Dat gelt för Lüd, de schnacken lihren willen jüst so as för de, de de Språk lihren, also an anner wiedergåben. Dat Ziel is, sik in de niege Språk utdrücken tau kœnen un tau hanneln, åhn dor grot œwer nådenken tau möten. Dat meint Kompetenzen as (1) mit'nanner Schnacken un Strieden, (2) lut Låsen, (3) Verståhn, wat schråben is un wat secht ward. Åwer ok œwer Orthographie un Grammatik süll ein wat weiten. Dat KND steiht dorbi för fief Grundgedanken: „Methodische Vielfalt“ (våle Wåäch finnen, de Spåk tau vermiddeln un Afwesslung anbeiden), „Authentizität“ (dat, wat lihrt ward, sall wat mit dat Låben von de Schåuler tau daun hebben), „Individualität“ (sülfst för dat Lihren taustännig sien, anwennen, wat ein all kann un weit), „Kooperation“ (Schüler lihren mit un von 'nanner) un „Blended learning“ (digitale Hülþ bi't Lihren). So blifft de Språk bi de niegen Nedderdüütschnacker an'n besten hangen un ward von ehr ok bruukt.

Disse Grundgedanken passen ok tau dat, wat de „Rahmenplan Niederdeutsch“ in Mecklenburg-Vörpommern for de Sekundarstuf I un de gymnasiale Oberstuf ut dat Johr 2017 foddern deit: dat dat Lihren sik nå de Schåulers, dat Hanneln un denn Perzess utrichten sall.⁵

Aktuelle Lihr- un Forschungsprojekte von't KND sünd

- Kooperative Lihr- un Ünnerichtsformen, so as sei ok för de Inklusion utdacht worden sünd, tau'n Bispill „Ik lihr mit di“.⁶

⁵ Rahmenplan Niederdeutsch für die Sekundarstufen I und II in Mecklenburg-Vorpommern, 2017. Abrufbar unter: https://www.bildung-mv.de/export/sites/bildungsserver/downloads/unterricht/rahmenplaene_allgemeinbildende_schulen/niederdeutsch/rp_niederdeutsch-sekundarstufen-I-II.pdf (06.04.2020).

⁶ ARENDT, Birte (i. Dr.). „Peer-Interaktionen im kooperativen Lernen des Niederdeutschunterrichts“. In: Arendt, Birte; Langhanke, Robert (Hrsg.). *Niederdeutschdidaktik: Ansätze, Problemfelder, Perspektiven*. Frankfurt a.M. et al.: Peter Lang.

- Digitalet Vermiddeln von de Språk.⁷ Mit dat Projekt ALWiNE⁸ wier dat KND de ierste Institution, de ein digitale Plattform för dat Vokabellihren anbåden hett.

- Lihren dörch Forschen mit besünner Ogenmark up Linguistic Landscape.⁹

Dat KND hett bi das Forschen ok aktuelle Billungfrågen von uns Sellschåp un Standards von de Weitenschåp in't Ooch, so as internationalet Tausåmenarbeiten un Netten knütten. Ut ein Besäuk tau't Forschen an de Aston University in Birmingham von Birte Arendt 2019 suert so tau'n Bispill Stück för Stück 'n orrig ståwig Nett von Måten ut Grotbritannien rut. Båbentau wiest un disketiert dat KND sien Arbeit up nationale un internationale Kungressen, in Båukers un in Journale. So kann un sall de Nedderdüütschdidaktik æwer regionale un nationale Grenzen rut entwickelt warden un ok von Erfahrungen, de mit annere „lütte“ Språken måkt worden sünd, profitieren.

⁷ ARENDT, Birte; STERN, Ulrike (i. Dr.). „Blended learning im Niederdeutschunterricht“. In: Arendt, Birte; Langhanke, Robert (Hrsg.). *Niederdeutschdidaktik: Ansätze, Problemfelder, Perspektiven*. Frankfurt a.M. et al.: Peter Lang.

⁸ ALWiNE – *Ankibasierte Lernplattform zur Wortschatzvermittlung im Niederdeutsch-Erwerb* (Plataforma da base Anki para a aprendizagem de vocabulário na aquisição do Baixo-Alemão). Vgl.: <https://www.uni-greifswald.de/studium/ansprechpartner/qualitaet-in-studium-und-lehre/projekt-interstudies/projekt-interstudies-2-2017-2020/digitalisierung-in-der-hochschullehre/lehre-hgw-40/softwaregestuetztes-plattdeutschlernen-mit-alwine-und-quizlet/>.

⁹ ARENDT, Birte; STERN, Ulrike (2021). *Das didaktische Potenzial von Linguistic Landscape am Beispiel der universitären Niederdeutschvermittlung*. In: ZIEGLER, Evelyn; MARTEN, Heiko F. *Linguistic Landscapes im deutschsprachigen Kontext. Forschungsperspektiven, Methoden und Anwendungs-möglichkeiten*. Frankfurt a. Main: P. Lang.

**QUEM DEVE APRENDER O QUE, DE QUEM, QUANDO, COM QUEM, ONDE, COMO,
COM O QUE E PARA QUÊ? SOBRE O ENSINO DE UMA LÍNGUA REGIONAL QUE
(QUASE) NÃO É MAIS LÍNGUA MATERNA**

*Birte Arendt*¹

*Ulrike Stern*²

Línguas regionais e minoritárias são protegidas na Europa desde 1999, pela "Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias" ("*Europäische Charta der Regional- oder Minderheitensprachen*"), dentre as quais está também a língua do Baixo-Alemão. Oito estados do norte da Alemanha assinaram a Carta, assumindo assim o compromisso com a proteção e manutenção dessa língua. Para tanto, o governo do estado de Mecklenburg-Vorpommern implantou em 2017 o Programa Estadual "*Meu lugar (de origem), minha moderna Mecklenburg-Vorpommern*" (*Landesprogramm "Meine Heimat, mein modernes Mecklenburg-Vorpommern"*), que se apoia em cinco pilares:

(1) "Heimathafen" / Porto de Origem – já nos jardins de infância, as crianças devem explorar e pesquisar seu entorno e, portanto, seu lugar de origem (sua *Heimat*), o que inclui o Baixo-Alemão;

(2) "Heimatkunde" / História Regional/Local – além dos conteúdos programáticos gerais, as aulas do Ensino Primário (dt. *Grundschule*), para crianças de 6 a 11 anos, devem também abarcar em seu plano de ensino temas que caracterizam o estado de Mecklenburg-Vorpommern: história regional, cultura regional e língua regional. Espera-se com isso despertar nas crianças a curiosidade sobre o que lhes é próprio e também sobre tudo aquilo que há por descobrir no mundo.

(3) "Heimatsprache" / Língua Regional/Local – Do 5º ao 12º ano, o Baixo-Alemão deve ser parte integrante da aula e, em escolas-modelo, também deve ser oferecido enquanto terceira língua estrangeira com a possibilidade de realizar a „*Abitur*“, exame de conclusão escolar e de acesso à Universidade. Atualmente, é o caso de seis escolas do estado.

¹ Greifswald (Alemanha).

² Greifswald (Alemanha). Tradução: Gerônimo Loss Bergmann.

(4) “Heimatbildung” / Educação Regional/Local – também nas Universidades, as estruturas para a manutenção da história regional e local (*Heimatpflege*) e para o aprendizado da história e língua regionais devem ser aprimoradas, por exemplo para formar professoras e professores e demais profissionais da educação nos demais pilares.

(5) “Heimatkultur” / Cultura Regional/Local – Este ponto tem em mente a cultura como um espaço onde o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o familiar e o estrangeiro podem se encontrar, aprender um com o outro e crescer juntos.

Através desses cinco pilares, o objetivo é que as pessoas se conscientizem do que há de especial em seu local de origem e que deve ser preservado. Essa consciência da própria identidade cria uma sensação de conexão e segurança, tornando assim possível reconhecer a possibilidade de um mundo globalizado e superar os desafios que o acompanham.

Faz parte do ponto 4 o Centro de Competência para a Didática do Baixo-Alemão (dt. *Kompetenzzentrum für Niederdeutschdidaktik*, KND), que foi reestruturado em 2017. Trata-se da primeira instituição em Mecklenburg-Vorpommern que pesquisa para além das fronteiras nacionais e internacionais, como o Baixo-Alemão deve ser ensinado. O KND é um setor da Universidade de Greifswald e tem três grandes campos de atuação: (1) *formar* (dt. *ausbilden*) novas professoras e professores de Baixo-Alemão no estado de Mecklenburg-Vorpommern, (2) oferecer cursos de *formação continuada* (dt. *weiterbilden*) na área do Baixo-Alemão para professoras e professores de Mecklenburg-Vorpommern e (3) promover o *aperfeiçoamento* (dt. *fortbilden*) de profissionais para a atuação em creches de turno integral.

Para alcançar esses objetivos, a diretora Birte Arendt e a assistente científica Ulrike Stern estão construindo uma biblioteca física e desenvolvendo materiais para a didática da língua. Nesse contexto, faz-se urgente a pergunta de como ensinar uma língua regional: da mesma forma que é ensinada uma língua materna? Ou como língua estrangeira? *Quem deve aprender o que, de quem, quando, com quem, onde, como, com quais materiais e para que?* Ou seja, *wer soll was von wem, wann, mit wem, wo, wie, womit und wozu lernen?* Para essas perguntas são procuradas respostas – e já estamos encontrando.

Como resposta, o KND orienta-se em princípios correntes da didática de línguas estrangeiras e de línguas, de modo geral. O motivo: a vitalidade da língua em Mecklenburg-Vorpommern é atestada muito mais na escrita do que na fala. Em uma pesquisa do Instituto da Língua Alemã de Mannheim (dt. *Institut für Deutsche Sprache*, IDS) e do Instituto do Baixo-Alemão de Bremen (dt. *Institut für niederdeutsche Sprache*, INS) de 2016, torna-se evidente que no estado de Mecklenburg-Vorpommern apenas 20,7% dos entrevistados informaram saber falar a língua bem ou muito bem. Destes, a maioria tem mais de 50 anos.³ Além disso, a transmissão geracional e o fomento da língua não são vistos como deveres da família, mas sim de instituições educacionais (escolas, creches e centros de formação profissional para adultos). O resultado disso é que as crianças frequentemente têm o primeiro contato com a língua nessas instituições. Até então, a língua é estranha para elas e deve portanto ser ensinada como língua estrangeira.

São pilares fundamentais para o sucesso na aquisição de uma língua estrangeira a *interação*, a *motivação* e a *continuidade*. Diversidade de métodos e variação de técnicas de ensino devem levar ao desenvolvimento de competências, tais como habilidade discursiva, compreensão auditiva e de leitura, além de competências em ortografia e gramática. O objetivo é alcançar a fluência na língua-alvo, com um alto grau de automatização. Para tanto, o trabalho do Centro de Competência em Didática do Baixo-Alemão da Universidade de Greifswald (KND) parte de cinco premissas: diversidade de métodos, autenticidade, individualidade, cooperação e *blended learning*. Espera-se assegurar, com isso, que a língua seja aprendida de forma contínua e que seja de fato aplicada por novos falantes. Esse enfoque está de acordo com os requisitos correspondentes do plano estrutural para o Baixo-Alemão em Mecklenburg-Vorpommern para o Nível Secundário II (Médio), voltado para a orientação de alunos, ações e processos.⁴

³ ADLER, Astrid; EHLERS, Christiane; GOLTZ, Reinhard; KLEENE, Andrea; PLEWNIA, Albrecht (2016). *Status und Gebrauch des Niederdeutschen. Erste Ergebnisse einer repräsentativen Erhebung*. Mannheim / Bremen: Institut für Deutsche Sprache und Institut für niederdeutsche Sprache.

⁴ Rahmenplan Niederdeutsch für die Sekundarstufen I und II in Mecklenburg-Vorpommern, 2017. Disponível em: https://www.bildung-mv.de/export/sites/bildungsserver/downloads/unterricht/rahmenplaene_allgemeinbildende_schulen/niederdeutsch/rp_niederdeutsch-sekundarstufen-I-II.pdf Acesso em 06.04.2020.

Partindo desses pressupostos, desenvolvemos diversos projetos de pesquisa e ensino junto ao KND:

- Formas cooperativas de ensino-aprendizagem, especialmente quando foram desenvolvidas no contexto da inclusão, por exemplo *“Ik lihr mit di”* ('eu ensino contigo').⁵
- Ensino e mediação de Baixo-Alemão em plataformas digitais.⁶ Com o projeto ALWiNE⁷, o KND foi a primeira instituição a oferecer uma plataforma digital para o aprendizado de vocábulos.
- Aprendizagem exploratória, com enfoque em *linguistic landscape* / paisagem linguística.⁸

A linha de pesquisa do KND se baseia tanto em questões sociais da educação como em padrões científicos, tal como a internacionalização e o intercâmbio de pesquisa. Sendo assim, com a estada de pesquisa de Birte Arendt na Universidade de Aston, em Birmingham, estabeleceu-se uma rede de pesquisadores estável. O KND apresenta e discute regularmente os resultados de suas pesquisas, tanto em conferências nacionais como internacionais, publicando-as em coletâneas internacionais ou mesmo em periódicos. Deste modo, a didática do Baixo-Alemão pode e deve se desenvolver para além das fronteiras regionais e nacionais, beneficiando-se além disso com experiências feitas com outras línguas ditas “pequenas”.

⁵ ARENDT, Birte [no prelo]. „Peer-Interaktionen im kooperativen Lernen des Niederdeutschunterrichts“. In: Arendt, Birte; Langhanke, Robert (Hrsg.). *Niederdeutschdidaktik: Ansätze, Problemfelder, Perspektiven*. Frankfurt a.M. et al.: Peter Lang.

⁶ ARENDT, Birte; STERN, Ulrike [no prelo]. „Blended learning im Niederdeutschunterricht“. In: Arendt, Birte; Langhanke, Robert (Hrsg.). *Niederdeutschdidaktik: Ansätze, Problemfelder, Perspektiven*. Frankfurt a.M. et al.: Peter Lang.

⁷ ALWiNE – *Ankibasierte Lernplattform zur Wortschatzvermittlung im Niederdeutsch-Erwerb* (Plataforma da base Anki para a aprendizagem de vocabulário na aquisição do Baixo-Alemão). Vgl.: <https://www.uni-greifswald.de/studium/ansprechpartner/qualitaet-in-studium-und-lehre/projekt-interstudies/projekt-interstudies-2-2017-2020/digitalisierung-in-der-hochschullehre/lehre-hgw-40/softwaregestuetztes-plattdeutschlernen-mit-alwine-und-quizlet/>.

⁸ ARENDT, Birte; STERN, Ulrike (2021). *Das didaktische Potenzial von Linguistic Landscape am Beispiel der universitären Niederdeutschvermittlung*. In: ZIEGLER, Evelyn; MARTEN, Heiko F. *Linguistic Landscapes im deutschsprachigen Kontext. Forschungsperspektiven, Methoden und Anwendungsmöglichkeiten*. Frankfurt a. Main: P. Lang.

10. MEIN DIALEKT – MEINE HERZENSSPRACHE. EINE PERSÖNLICH UND DIDAKTISCH MOTIVIERTE SPURENSUCHE¹

Katja Schnitzer²

„Jetzt losset emol guet zue...“ Die Kinder einer zweiten Klasse in Basel lauschen gebannt einer Geschichte und befinden sich offenkundig weit weg vom Klassenzimmer in einer anderen Welt. Genau wie ich. Die einleitenden Worte meiner Studentin, die ich im Unterricht besuche, haben mich auf eine Zeitreise geschickt. Ganz plötzlich und unerwartet bin ich zurück auf dem Schoss meiner Großmutter, die mir eine Gute Nacht-Geschichte erzählt und diese immer mit den Worten „Jetzt muesch guet zuelosse un ganz liislig sii“ begonnen hat.

Die Geschichten meiner Kindheit wurden mir in unserem süddeutschen Dialekt erzählt. In meiner Familie wurde er schlicht als *Alemannisch* bezeichnet. Tatsächlich gibt es aber eine große Vielfalt an alemannischen Dialekten, die in der Deutschschweiz, dem Südwesten Deutschlands und dem französischen Elsass, darüber hinaus aber auch im österreichischen Vorarlberg beheimatet sind³. Wie der Blick in heute existierende Dialektkarten⁴ zeigt, lautet die genaue Bezeichnung für meinen Dialekt *Hochalemannisch*. Er wird links- und rechtsseits des Hochrheins gesprochen, sowohl im Südschwarzwald, wo ich aufgewachsen bin, als auch der Nordwestschweiz, wo ich heute Lehrpersonen für das Fach Deutsch ausbilde.

Situationen wie die oben beschriebene erlebe ich inzwischen häufig. In der Deutschschweiz gibt es eine große Vielfalt an Dialekten, die in informellen Situationen mit einer großen Selbstverständlichkeit gesprochen werden, teils aber – wie das obige Beispiel zeigt – auch im schulischen Kontext, obwohl dort aufgrund der Schweizer Diglossie⁵ in der Regel Hochdeutsch gesprochen wird. Als Deutsche kann

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-10>

² *Basel (Schweiz)*.

³ LÖFFLER, Heinrich (1998). *Linguistische Grundlagen: eine Einführung unter besonderer Berücksichtigung der Schweizer Verhältnisse*. 2., überarb. Aufl. Aarau: Sauerländer, S. 95.

⁴ Siehe https://escience-center.uni-tuebingen.de/escience/sprachatlas/karten/pdf/K_Dialekte.pdf.

⁵ Form der gesellschaftlichen Zweisprachigkeit, bei der eine funktionale Differenzierung zwischen zwei Varietäten derselben Sprache besteht. In der Deutschschweiz wird in formellen Sprechsituationen und als Schriftsprache die Standardsprache und in informellen Sprechsituationen und als Alltagssprache der jeweilige Dialekt verwendet.

ich darüber nur staunen. Auch in Deutschland gibt es etliche Dialekte. Anders als in der Schweiz ist eine dialektale Sprechweise jedoch eher negativ konnotiert und gilt oftmals als „Deppensprache“. Mir wurde dies in meiner Grundschulzeit durch eine Bemerkung meiner Grundschullehrerin bewusst, nachdem sie ein Gespräch zwischen mir und meiner Mutter gehört hatte. „Dass du ein Dialektkind bist, hätte ich nicht gedacht!“ Ihr Erstaunen rührte offenbar daher, dass ich eine gute Schülerin war. Wenngleich die Äußerung sicher unbedacht war, so hatte sie aber dennoch weitreichende Folgen. Die Erfahrung eines solchen eher defizitorientierten Blickwinkels auf (meinen) Dialekt führte dazu, dass ich während meiner gesamten Schulzeit penibel darauf achtete, ein möglichst „lupenreines“ Hochdeutsch zu sprechen und begann, meinen Dialekt zu verstecken.

Erst viele Jahre später, als ich begann, mich beruflich mit dem Themenkomplex Mehrsprachigkeit zu beschäftigen, begegnete ich dem Konzept der inneren Mehrsprachigkeit⁶, welches davon ausgeht, dass Mehrsprachigkeit auch innerhalb einer (Mutter-)Sprache gegeben ist. So wurde mir bewusst, dass ich über eine mehrsprachige Biografie verfüge und dass Alemannisch nicht nur nicht weniger wert ist als gesellschaftlich privilegierte Sprachen, sondern dass mein Dialekt als meine erste Sprache zudem untrennbar mit meiner Identität verwoben ist.

Die Erfahrungen innerhalb meiner sprachlichen Biografie haben nicht nur persönliche Spuren hinterlassen, sondern prägen auch meine Arbeit innerhalb der Ausbildung von zukünftigen Lehrpersonen für das Fach Deutsch. Zwar muss in der Schweiz glücklicherweise niemand seinen Dialekt verstecken. Jedoch beobachte ich immer wieder, dass es Studierenden mit Migrationsbiografie unangenehm ist, über ihre Familiensprachen zu sprechen, während sie zugleich sorgfältig darauf achten, akzentfrei Schweizerdeutsch zu sprechen. Im persönlichen Gespräch zeigt sich immer wieder, dass es sich dabei um sehr bewusste Entscheidungen handelt, die allesamt auf negative Erfahrungen in der eigenen Schulzeit und den damit verbundenen Wunsch nach (regionaler) Zugehörigkeit zurückzuführen sind. Wie diese Berichte zeigen, sind die Sprachen der Lernenden mit migrationsbedingter Mehrsprachigkeit im Schulalltag oft unsichtbar und erfahren wenig Wertschätzung.

⁶ WANDRUSZKA, Mario (1979). Die Mehrsprachigkeit des Menschen. München: Piper.

Wie schmerzhaft diese Erfahrungen sind, zeigen die oftmals sehr emotionalen Reaktionen der angehenden Lehrpersonen.

Die Bewertung von Mehrsprachigkeit erfolgt in der schulischen Praxis mit diesen Berichten nach wie vor ambivalent. Dass im globalisierten Zeitalter der Erwerb von individueller Mehrsprachigkeit im Rahmen des schulischen Fremdsprachenerwerbs einen hohen Stellenwert hat, Mehrsprachigkeit im Kontext von Migration aufgrund des Zusammenhangs von guten Deutschkenntnissen und Schulerfolg dagegen eher defizitorientiert bewertet wird, bestätigen auch neuere Forschungserkenntnisse⁷. Mit Blick darauf, dass vor dem Hintergrund von seit den 1970er Jahre vorgelegten Befunden aus der Zweitspracherwerbsforschung⁸ etliche Materialien wie z.B. der Sprachenfächer⁹, die KIESEL-Reihe¹⁰ oder die Lesebrücke¹¹ vorliegen, die an mehrsprachenorientierten Ansätzen wie dem Language Awareness-Konzept¹² oder der Didaktik der Sprachenvielfalt¹³ ansetzen und damit die lebensweltliche Mehrsprachigkeit als Ressource für das Sprachenlernen betrachten, ist ein Prozess des Umdenkens dringend angesagt.

Im Schweizer Lehrplan 21 wird der grundsätzliche Mehrwert von Mehrsprachigkeit ausdrücklich betont: „Die Wertschätzung der Erstsprache stärkt die (sprachliche) Identität, die Bewusstheit für weitere Sprachen und das Sprachenlernen“¹⁴. Mit Blick darauf, dass im Raum Basel etwa 50% der Kinder über

⁷ SCHNITZER, Katja (2020). *Mehrsprachigkeit als Ressource. Zur Praxis des Sprachunterrichts in der Sekundarstufe I*. Münster: Waxmann.

⁸ Für einen umfassenden Überblick vgl. OOMEN-WELKE, Ingelore (2016). Zur Geschichte der DaZ-Forschung. In: M. Becker-Mrotzek; J. Roth (Hrsg.). *Sprachliche Bildung – Grundlagen und Handlungsfelder*. Münster: Waxmann, S. 51-71.

⁹ OOMEN-WELKE, Ingelore (2010). *Der Sprachenfächer. Materialien für den interkulturellen Deutschunterricht in der Sekundarstufe I*. Kopiervorlagen. Berlin: Cornelsen.

¹⁰ ÖSZ (Österreichisches Sprachen-Kompetenz-Zentrum) (2012). KIESEL – Materialien zur Mehrsprachigkeit. Abgerufen von http://oesz.at/OESZNEU/main_01.php?page=0151 (5.3.2014).

¹¹ KÜHNREICH, Anna-Sophia; TRAPP, Nora (2011). *Flüsterpost um die Welt – Kulaktan kulağa dünyayğ dolaşır*. Hg. von K. Schnitzer: Die Lesebrücke. Reihe in 3 Bänden zur deutsch-türkischen Leseförderung. Offenburg: Mildenerger.

¹² LUCHTENBERG, Sigrid (2017). Language Awareness. In: B. AHRENHOLZ; I. OOMEN-WELKE (Hrsg.): *Deutsch als Zweitsprache*. 4., vollständig überarb. und erweit. Aufl. Baltmannsweiler: Schneider, S. 150-162.

¹³ OOMEN-WELKE, Ingelore (2017). Didaktik der Sprachenvielfalt. In: B. AHRENHOLZ; I. OOMEN-WELKE (Hrsg.). *Deutsch als Zweitsprache*. 4., vollständig überarb. und erweit. Aufl. Baltmannsweiler: Schneider, S. 617-632.

¹⁴ D-EDK (Deutschschweizer Erziehungsdirektorenkonferenz) (2016). Lehrplan 21 - von der D-EDK Plenarversammlung am 31.10.2014 zur Einführung in den Kantonen freigegebene Vorlage. Fachbereich Sprachen. Bereinigte Fassung vom 29.02.2016, S. 3. Abgerufen von www.lehrplan.ch (28.6.2021).

eine migrationsbedingte Mehrsprachigkeit¹⁵ verfügen, ist dies eine wichtige Botschaft. Nicht selten werden in einer Klasse zehn verschiedene Sprachen und mehr gesprochen (vgl. Abb. 1).

Abb. 1: Familiensprachen der Lernenden an einer Primarschule in Basel-Stadt im Schuljahr 2016/17

<u>Klasse 1a</u>	<u>Klasse 1b</u>	<u>Klasse 2a</u>	<u>Klasse 2b</u>	<u>Klasse 3a</u>	<u>Klasse 3b</u>	<u>Klasse 6a</u>	<u>Klasse 6b</u>
Tamil 2	Türkisch 3	Türkisch 3	Türkisch 5	Türkisch 1	Albanisch 6	Spanisch 4	Albanisch 4
Urdu 1	Rumänisch 1	Portugiesisch 2	Arabisch 2	Rumänisch 2	Kurdisch 2	Urdu 1	Türkisch 2
Kurdisch 5	Deutsch 1	Spanisch 2	Portugiesisch 2	Portugiesisch 3	Türkisch 4	Türkisch 3	Portugiesisch 2
Portugiesisch 1	Portugiesisch 6	Albanisch 7	Englisch 1	Albanisch 3	Deutsch 6	Italienisch 2	Italienisch 1
Slowakisch 1	Spanisch 2	Deutsch 4	Deutsch 3	Englisch 1	Portugiesisch 1	Portugiesisch 2	Kroatish 2
Türkisch 4	Kroatish 1	Französisch 1	Spanisch 1	Spanisch 2	Französisch 1	Albanisch 3	Deutsch 4
Albanisch 3	Italienisch 1	Tamil 1	Albanisch 2	Urdu 1	Tigrinya 1	Serbisch 1	Kurdish 1
Spanisch 1	Albanisch 3	Amharisch 1	Polnisch 1	Tamil 1		Kroatish 1	Arabisch 1
Deutsch 2	Serbisch 1	Arabisch 1	Serbisch 1	Deutsch 2		Mazedonisch 2	Serbisch 1
Arabisch 1	Tigrinya 2		Rumänisch 1	Kurdish 1		Kurdish 1	Slowakisch 1
	Französisch 1		Italienisch 1	Arabisch 1		Tamil 1	Französisch 1
			Kurdish 1				

Auch viele der angehenden Lehrpersonen an der PH FHNW (Pädagogische Hochschule Fachhochschule Nordwestschweiz) verfügen inzwischen in zunehmendem Masse über eine Migrationsbiografie¹⁶. An den Schulen werden sie dringend benötigt, weil sie die schulische und sprachliche Situation der mehrsprachigen Schüler*innen aus eigener Erfahrung kennen und deshalb für die betroffenen Kinder, ihre Lehrpersonen und Eltern wichtige Ansprechpersonen sind. In der täglichen Lehrpraxis an der PH FHNW zeigt sich allerdings immer wieder, dass vielen mehrsprachigen Studierenden ihre entsprechenden Kompetenzen nicht bewusst sind und dass sie die sprachliche Diversität an den Schulen zudem weit häufiger als Herausforderung denn als Chance auffassen. Der defizitorientierte Blick auf Mehrsprachigkeit im Kontext von Migration kann sich in der Folge (unbewusst) fortsetzen, weil vielfach nicht klar ist, dass insbesondere unsere Erstsprachen untrennbar mit der eigenen Identität verwoben sind.

¹⁵ EDBS (Erziehungsdepartement Basel-Stadt) (Hrsg.) (2020). Zahlenspiegel Bildung 2019/20. Abgerufen von www.bildungsstatistik.bs.ch (10.1.2021).

¹⁶ BURREN, Susanne; PORTA, Celestina & SAFI, Netkey (2016). Migration und Gender bei (angehenden) Lehrerinnen und Lehrern: Zur interaktiven Herstellung sozialer Differenz. In: I. HORWATH; I. KRIESI; B. LIEBIG & B. RIEGRAF (Hrsg.). *Geschlecht und Migration in der höheren (Berufs-) Bildung*. Westfälisches Dampfboot, S. 263–283.

Um diesen Kreislauf zu durchbrechen, ist es unabdingbar, angehenden Lehrpersonen die Reflexion ihrer Haltungen gegenüber Mehrsprachigkeit zu ermöglichen¹⁷. Während sich für die Arbeit mit Kindern ein Verfahren eignet, die Bestandteil des Europäischen Sprachenportfolios¹⁸ (ESP) ist und bei der die eigenen Sprachen je nach ihrer Bedeutung in einer Silhouette¹⁹ verortet werden, hat sich in der Arbeit mit Studierenden die ebenfalls an das ESP angelehnte Visualisierung des eigenen sprachlichen Repertoires mittels Sprachenlandschaft²⁰ bewährt. Die unten abgebildete Sprachenlandschaft einer Studentin (Abb. 2) veranschaulicht, wie durch einen solch intuitiven Zugang nicht nur die eigene mehrsprachige Lebenswirklichkeit, sondern gleichzeitig auch die Bedeutung von und die Haltung zu den eigenen Sprachen zum Ausdruck gebracht werden kann:

„Orange ist der Strand, das Festland, auf dem ich stehe und auf dem ich mich sicher fühle. Es symbolisiert das Schweizerdeutsch. Gleich danach kommt das Meer. Vorne, wo das Wasser hellblau und klar erscheint, wird das Hochdeutsch dargestellt. Je weiter man zum Horizont schaut, desto dunkler wird das Wasser und desto unsicherer fühle ich mich in der Sprache wie bei Englisch und Französisch oder Mandarin. Die gelbe Sonne scheint für die Sprache, die ich gerne sprechen würde. Dies wäre Spanisch. Man sieht kleine schwarze Vögel, welche auf die Sprachen deuten, die ich irgendwie oder irgendwann erworben habe wie Türkisch, Italienisch oder Vietnamesisch. Der Himmel repräsentiert meine Muttersprache Kantonesisch. Er ist immer da, egal wo ich bin oder ob es Tag oder Nacht ist.“

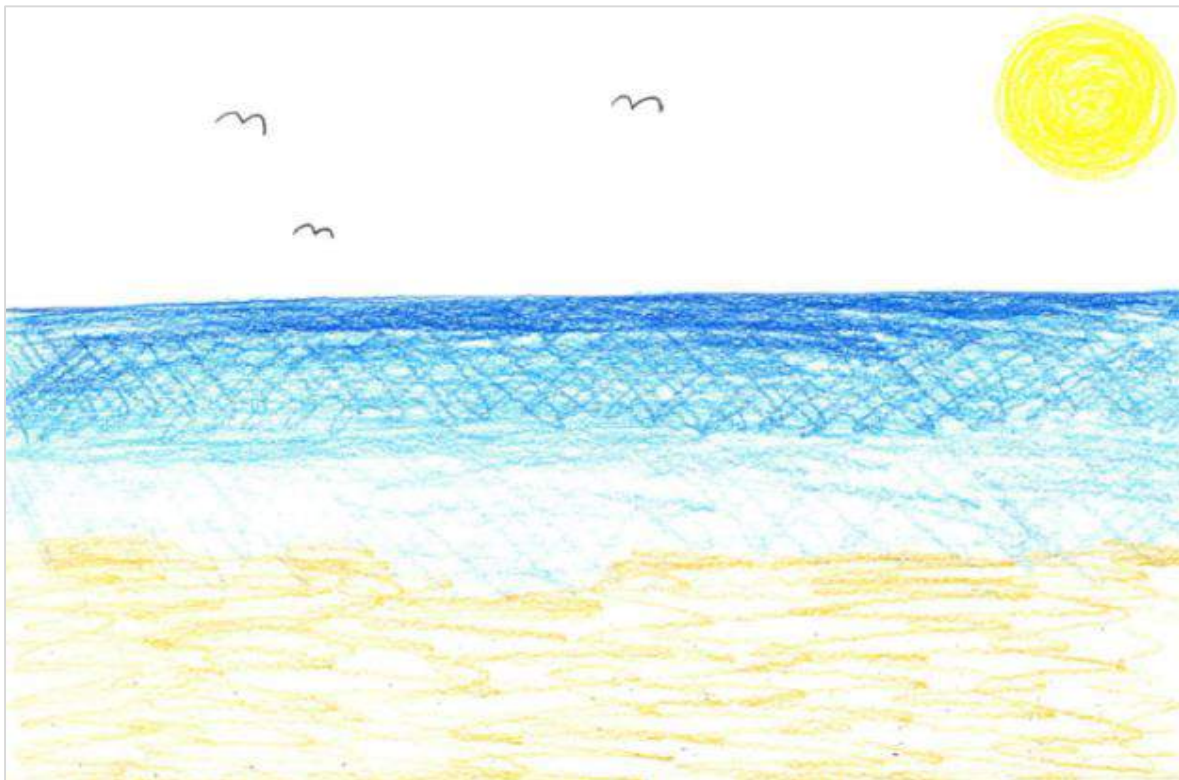
¹⁷ Vgl. dazu SCHNITZER, Katja (2020). *Mehrsprachigkeit als Ressource. Zur Praxis des Sprachunterrichts in der Sekundarstufe I*. Münster: Waxmann, S. 242ff.

¹⁸ Vgl. z.B. HUTTERLI, Sandra; STOTZ, Daniel & ZAPPATORE, Daniela (2008). *Do you parlez andere lingue? Fremdsprachen in der Schule*. PH Zürich: Pestalozzianum.

¹⁹ Viele dieser Silhouetten wurden inzwischen veröffentlicht; vgl. dazu z.B. KRUMM, Hans-Jürgen; JENKINS, Eva-Maria (2001). *Kinder und ihre Sprachen - lebendige Mehrsprachigkeit. Sprachenporträts - gesammelt und kommentiert von Hans-Jürgen Krumm und Eva-Maria Jenkins*. Wien: eviva.

²⁰ AUGER, Nathalie; SCHNITZER, Katja (2015). MALEDIVE: eine Lernplattform für Lehrende vielsprachiger Klassen. In: *Babylonia*, 02/15, S. 25-29. Siehe: <https://maledive.ecml.at/>.

Abb. 2: Beispiel für die Sprachenlandschaft einer Studentin der PH FHNW



Raum für sprachbiografische Arbeit sowohl von angehenden Lehrpersonen als auch Schüler*innen bietet das Projekt SAMS²¹ (Sprachenausstellung zur Mehrsprachigkeit in der Schweiz), das seit 2016 an der PH FHNW beheimatet ist. Seine Ziele sind die Sichtbarmachung, Valorisierung und Nutzbarmachung der an Schulen vorhandenen Sprachenvielfalt sowie die Ermöglichung einer handlungsorientierten Thematisierung des Themengebiets Mehrsprachigkeit in der Aus- und Weiterbildung von Lehrpersonen. Die Inhalte werden in einer systematisch mit dem Projekt verzahnten Lehrveranstaltung gemeinsam mit Studierenden entwickelt und im Rahmen von Projekttagen an Schulen eingesetzt. Mittlerweile liegen verschiedene modular angelegte Materialbausteine wie interaktive Poster (Abb. 3), Workshops wie z.B. „In meiner Schatzkiste hat es viele Sprachen“ (<https://tube.switch.ch/videos/f30e7573>)

²¹ HÄNGGI, Françoise; SCHNITZER, Katja (i.V.). Die Sprachenausstellung SAMS: Ein Instrument zur Wertschätzung und Sichtbarmachung von Sprachenvielfalt. In: E. KROMPÁK; V. TODISCO (Hrsg.). *Sprache und Raum – Mehrsprachigkeit in der Bildungsforschung und in der Schule*. Bern: hep Verlag. Siehe www.mehrsprachen.ch.

Heute erlebe ich an SAMS-Projektwochen immer häufiger, dass Kinder und Studierende ganz offensichtlich stolz auf ihre Sprachen sind. Ich freue mich für sie, denn ich weiß aus eigener Erfahrung, wie wichtig dies ist. Auch ich bin stolz auf meinen Dialekt, der, wie ich heute weiß, meine Herzenssprache ist, und bin froh, ihn wiedergefunden zu haben.

MEU DIALETO – MINHA LÍNGUA DO CORAÇÃO. UMA BUSCA INDIVIDUAL E DIDÁTICA POR VESTÍGIOS

Katja Schnitzer¹

"*Jetzt losset emol guet zue...*" ('Agora prestem bem atenção...') As crianças de uma turma de segundo ano na Basileia (Suíça) ouvem fascinadas uma história e estão claramente muito longe da sala de aula, num outro mundo. Assim como eu. As palavras iniciais da minha aluna, de quem estou assistindo à aula, me levaram para uma viagem no tempo. Súbita e inesperadamente, estou de volta ao colo da minha avó, que me conta uma história de boa noite e sempre começa com as palavras "*Jetzt muesch guet zuelosse un ganz liislig sii*" ('Agora você precisa prestar atenção e ficar bem quietinha').

As histórias que eu ouvia na infância eram contadas no nosso dialeto do sul da Alemanha. Na minha família, dizíamos simplesmente *Alemannisch* (alemânico). No entanto, existe de fato uma grande variedade de dialetos alemânicos, provenientes da Suíça alemã, do sudoeste da Alemanha e da Alsácia francesa, e ainda do estado austríaco de Voralberg². Como mostram os mapas dialetais³ atuais, a denominação exata para o meu dialeto é *Hochalemannisch* (alto-alemânico). Ele é falado de ambos os lados do alto Reno, tanto no sul da Floresta Negra, onde cresci, como no noroeste da Suíça, onde hoje trabalho na formação de professores de alemão.

Com frequência, vivencio situações como a descrita acima. Na Suíça alemã, há uma grande variedade de dialetos, que são falados normalmente em situações informais, mas em certas ocasiões – como mostra o exemplo acima – também no contexto escolar, embora nesse caso geralmente se opte pelo alemão *standard*, devido à diglossia⁴ do país. Como alemã, fico admirada. Também na Alemanha há

¹ *Basel (Suíça)*. Tradução: Sofia Froehlich Kohl.

² LÖFFLER, Heinrich (1998). *Linguistische Grundlagen: eine Einführung unter besonderer Berücksichtigung der Schweizer Verhältnisse*. 2. ed. Aarau: Sauerländer, p. 95.

³ https://escience-center.uni-tuebingen.de/escience/sprachatlas/karten/pdf/K_Dialekte.pdf.

⁴ Forma de bilinguismo social em que existe uma diferenciação funcional entre duas variedades da mesma língua. Na Suíça de língua alemã, a língua padrão é utilizada em situações de fala formal e

muitos dialetos; ao contrário da Suíça, porém, uma forma dialetal de falar tem geralmente conotações negativas e é muitas vezes considerada uma "língua de idiotas". Isso ficou claro para mim já na minha época de escola primária, através de uma observação da professora, após ter ouvido minha mãe e eu conversando: "Eu nunca teria imaginado que você fosse uma criança que fala dialeto". Seu assombro era obviamente decorrência do fato de eu ser uma boa aluna. Embora o comentário fosse certamente impensado, teve mesmo assim muitas consequências. O contato com uma visão tão deficitária do (meu) dialeto me levou a ser meticulosa em falar o mais "impecável" alemão *standard* possível ao longo de todo meu tempo de escola e a começar a esconder o meu dialeto.

Só muitos anos mais tarde, quando comecei a me ocupar profissionalmente com o tema do plurilinguismo⁵, deparei-me com o conceito de plurilinguismo interno⁶, que parte da premissa de que o plurilinguismo também existe dentro de uma mesma língua (materna). Compreendi, assim, que tenho uma biografia plurilíngue, e que o alemânico não apenas tem o mesmo valor que línguas socialmente mais privilegiadas, mas também que meu dialeto, como minha primeira língua, está inextricavelmente entrelaçado com a minha identidade.

As experiências que tive devido à minha biografia linguística não deixaram apenas vestígios em mim como pessoa, mas também moldaram o meu trabalho na formação de futuros professores e futuras professoras de alemão. Felizmente, na Suíça, ninguém precisa esconder o seu dialeto. No entanto, observo repetidas vezes que é desconfortável para os estudantes com uma história de migração falar sobre as línguas de suas famílias e que, além disso, eles têm o cuidado de falar suíço-alemão sem sotaque. Em conversas pessoais, fica claro de que se trata de decisões muito conscientes, resultado de experiências negativas vividas nos dias de escola e ligadas ao desejo de pertencimento (regional). Como mostram esses relatos, as

como língua escrita, e o respectivo dialeto é utilizado em situações de fala informal e como língua do dia a dia.

⁵ N.T.: Ainda que seja possível traduzir *Mehrsprachigkeit/mehrsprachig* ora por "plurilinguismo" (competência em mais de uma língua por um indivíduo), ora por "multilinguismo" (relativo à diversidade de línguas com as quais se entra em contato na sociedade) de acordo com o contexto em que a palavra se apresenta, optou-se por traduzir todas as ocorrências de *Mehrsprachigkeit/mehrsprachig* por plurilinguismo/plurilíngue.

⁶ WANDRUSZKA, Mario (1979). *Die Mehrsprachigkeit des Menschen*. München: Piper.

línguas de estudantes plurilíngues provenientes de migração são frequentemente invisíveis e pouco valorizadas no cotidiano escolar. A dor provocada por tais experiências reflete-se nas reações constantemente bastante emotivas desses futuros professores.

Com base nesses relatos, vemos que a valorização do plurilinguismo nas práticas pedagógicas ainda é ambivalente. Resultados de pesquisas atuais⁷ confirmam que, na era da globalização, a aquisição do plurilinguismo individual no âmbito da aquisição de línguas estrangeiras na escola tem muito valor, enquanto o plurilinguismo em contextos migratórios tende a ser encarado de forma deficitária devido à ligação entre a competência em língua alemã e o bom desempenho escolar. Considerando que existem diversos materiais (por exemplo o livro didático *Sprachenfächer*⁸, a coleção KIESEL⁹ ou a série *Lesebrücke*¹⁰) que se baseiam em abordagens plurilíngues – tais como o conceito de consciência linguística¹¹ ou a didática da diversidade linguística¹² – que têm como pano de fundo os resultados da pesquisa sobre aquisição do bilinguismo¹³ apresentados desde os anos 1970 e, portanto, consideram o plurilinguismo do mundo da vida como um recurso para a aprendizagem de línguas, é urgente repensarmos essa questão.

O currículo suíço do ano de 2021 enfatiza explicitamente o valor agregado fundamental do plurilinguismo: “A valorização da primeira língua reforça a identidade (linguística), a conscientização para outras línguas e a aprendizagem de línguas”¹⁴.

⁷ SCHNITZER, Katja (2020). *Mehrsprachigkeit als Ressource. Zur Praxis des Sprachunterrichts in der Sekundarstufe I*. Münster: Waxmann.

⁸ OOMEN-WELKE, Ingelore (2010). *Der Sprachenfächer. Materialien für den interkulturellen Deutschunterricht in der Sekundarstufe I*. Kopiervorlagen. Berlin: Cornelsen.

⁹ ÖSZ (Österreichisches Sprachen-Kompetenz-Zentrum) (2012). KIESEL – *Materialien zur Mehrsprachigkeit*. Disponível em: http://oesz.at/OESZNEU/main_01.php?page=0151. Acesso em 05 mar 2014.

¹⁰ KÜHNREICH, Anna-Sophia; TRAPP, Nora (2011). *Flüsterpost um die Welt – Kulaktan kulağa dünyayğ dolaşır*. Org. K. Schnitzer. *Die Lesebrücke. Reihe in 3 Bänden zur deutsch-türkischen Leseförderung*. Offenburg: Mildenerger.

¹¹ LUCHTENBERG, Sigrid (2017). Language Awareness. In: B. AHRENHOLZ; I. OOMEN-WELKE (Orgs.). *Deutsch als Zweitsprache*. 4. ed. rev. e ampl. Baltmannsweiler: Schneider, S. 150-162.

¹² OOMEN-WELKE, Ingelore (2017). *Didaktik der Sprachenvielfalt*. In: B. AHRENHOLZ; I. OOMEN-WELKE (Orgs.). *Deutsch als Zweitsprache*. 4. ed. rev. e ampl. Baltmannsweiler: Schneider, p. 617-632.

¹³ Para uma visão geral abrangente, v. OOMEN-WELKE, Ingelore (2016). *Zur Geschichte der DaZ-Forschung*. In: M. BECKER-MROTZEK; J. ROTH (Orgs.): *Sprachliche Bildung – Grundlagen und Handlungsfelder*. Münster: Waxmann, p. 51-71.

¹⁴ D-EDK (Deutschschweizer Erziehungsdirektorenkonferenz) (2016). *Lehrplan 21 - von der D-EDK Plenarversammlung am 31.10.2014 zur Einführung in den Kantonen freigegebene Vorlage*.

Essa é uma mensagem importante, se considerarmos que na região da Basileia cerca de 50% das crianças são plurilíngues em decorrência de migração¹⁵. Não é raro que, em uma única turma, falem-se dez línguas diferentes ou mais (v. fig. 1).

Fig. 1: Línguas das famílias de estudantes de uma escola primária na Basileia/Cidade (ano escolar 2016/2017)

<u>Klasse 1a</u>	<u>Klasse 1b</u>	<u>Klasse 2a</u>	<u>Klasse 2b</u>	<u>Klasse 3a</u>	<u>Klasse 3b</u>	<u>Klasse 6a</u>	<u>Klasse 6b</u>
Tamil 2	Türkisch 3	Türkisch 3	Türkisch 5	Türkisch 1	Albanisch 6	Spanisch 4	Albanisch 4
Urdu 1	Rumänisch 1	Portugiesisch 2	Arabisch 2	Rumänisch 2	Kurdisch 2	Urdu 1	Türkisch 2
Kurdisch 5	Deutsch 1	Spanisch 2	Portugiesisch 2	Portugiesisch 3	Türkisch 4	Türkisch 3	Portugiesisch 2
Portugiesisch 1	Portugiesisch 6	Albanisch 7	Englisch 1	Albanisch 3	Deutsch 6	Italienisch 2	Italienisch 1
Slowakisch 1	Spanisch 2	Deutsch 4	Deutsch 3	Englisch 1	Portugiesisch 1	Portugiesisch 2	Kroatisch 2
Türkisch 4	Kroatisch 1	Französisch 1	Spanisch 1	Spanisch 2	Französisch 1	Albanisch 3	Deutsch 4
Albanisch 3	Italienisch 1	Tamil 1	Albanisch 2	Urdu 1	Tigrinya 1	Serbisch 1	Kurdisch 1
Spanisch 1	Albanisch 3	Amharisch 1	Polnisch 1	Tamil 1		Kroatisch 1	Arabisch 1
Deutsch 2	Serbisch 1	Arabisch 1	Serbisch 1	Urdu 2		Mazedonisch 2	Serbisch 1
Arabisch 1	Tigrinya 2		Rumänisch 1	Kurdisch 1		Kurdisch 1	Slowakisch 1
	Französisch 1		Italienisch 1	Arabisch 1		Tamil 1	Französisch 1
			Kurdisch 1				

Também entre os futuros professores da Escola Superior de Pedagogia (PH FHNW) há um percentual cada vez maior de pessoas com uma história de migração¹⁶. Nas escolas, esses profissionais são extremamente necessários, porque conhecem a situação escolar e linguística dos alunos plurilíngues a partir de sua própria experiência e são, portanto, importantes pessoas de contato para essas crianças, para os professores e para os pais. Na prática diária de ensino na Escola Superior de Pedagogia (PH FHNW), no entanto, observa-se repetidamente que muitos estudantes plurilíngues não têm consciência de suas competências e que, além disso, veem a diversidade linguística na escola antes como um desafio do que como uma oportunidade. A visão deficitária do plurilinguismo no contexto da migração pode se perpetuar (inconscientemente), porque muitas vezes não está claro que sobretudo nossas primeiras línguas estão inseparavelmente entrelaçadas

Fachbereich Sprachen. Bereinigte Fassung vom 29.02.2016, p. 3. Disponível em: www.lehrplan.ch. Acesso em: 28 jun 2021.

¹⁵ EDBS (Erziehungsdepartement Basel-Stadt) (Org.) (2020). *Zahlenspiegel Bildung 2019/20*. Disponível em: www.bildungsstatistik.bs.ch. Acesso em: 10 jan 2021.

¹⁶ BURREN, Susanne; PORTA, Celestina & SAFI, Netkey (2016). *Migration und Gender bei (angehenden) Lehrerinnen und Lehrern: Zur interaktiven Herstellung sozialer Differenz*. In: I. HORWATH; I. KRIESI; B. LIEBIG & B. RIEGRAF (Orgs.). *Geschlecht und Migration in der höheren (Berufs-) Bildung*. Westfälisches Dampfboot, p. 263–283.

com nossa própria identidade.

Para que seja possível quebrar esse ciclo, é essencial proporcionar aos futuros professores uma reflexão sobre suas atitudes face ao plurilinguismo¹⁷. Enquanto é adequado, para o trabalho com crianças, o procedimento do Portfólio Europeu de Línguas¹⁸ (PEL) de localização das próprias línguas em uma “silhueta”¹⁹ de acordo com a sua importância, no caso dos estudantes de ensino superior, a visualização do próprio repertório linguístico através de um mapeamento linguístico²⁰, também com base no PEL, apresentou bons resultados. O mapeamento linguístico de uma estudante (fig. 2) ilustra como esta abordagem intuitiva permite a expressão não apenas da própria realidade plurilíngue, mas também do significado das próprias línguas e da atitude frente a elas:

“O laranja é a praia, a terra firme em que estou e na qual me sinto segura. Ela simboliza o suíço-alemão. Logo adiante, vem o mar. A parte da frente, onde a água é azul clara e cristalina, corresponde ao alemão *standard*. Quanto mais longe se olha no horizonte, mais escura se torna a água e mais insegura me sinto com a língua, como com o inglês e o francês ou o mandarim. O Sol amarelo brilha para a língua que eu gostaria de falar: o espanhol. Há também alguns pássaros negros, que indicam as línguas que adquiri de alguma maneira ou em algum momento, como o turco, o italiano ou o vietnamita. O céu representa a minha língua materna, o cantonês. Ele está sempre lá, não importa onde eu esteja ou se é dia ou noite.”

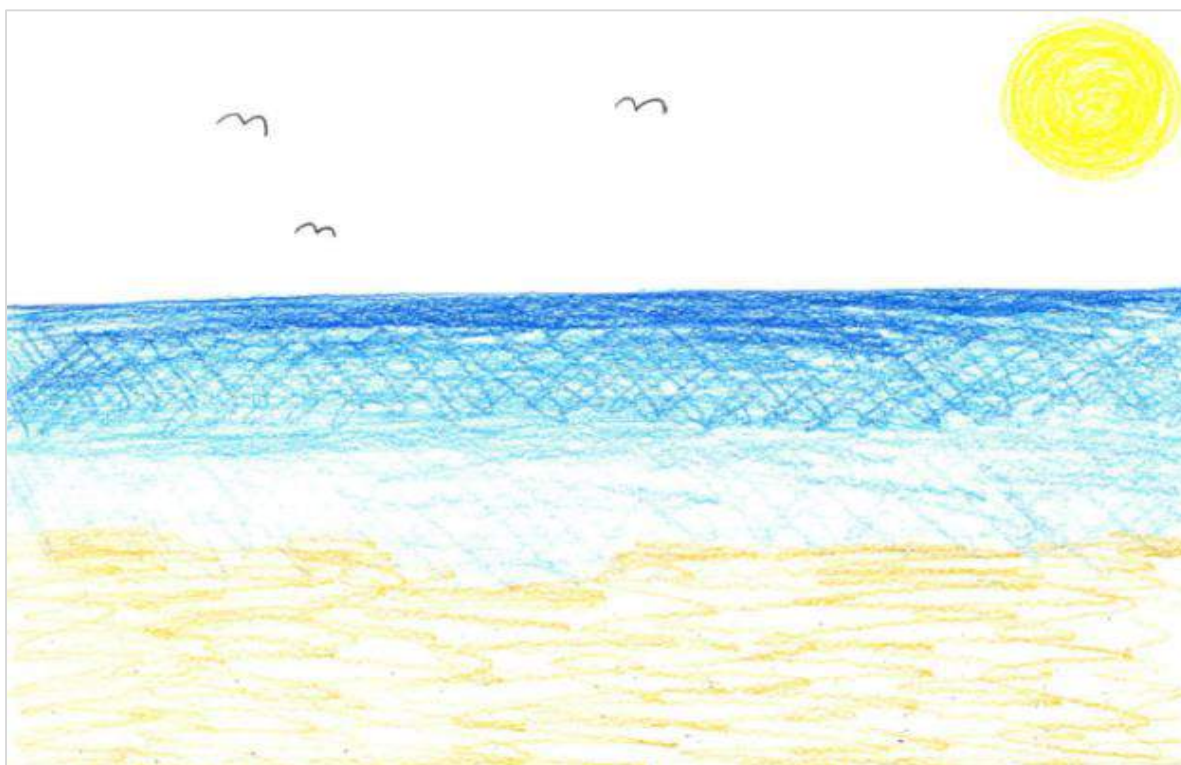
¹⁷ SCHNITZER, Katja (2020). *Mehrsprachigkeit als Ressource. Zur Praxis des Sprachunterrichts in der Sekundarstufe I*. Münster: Waxmann, p. 242ff.

¹⁸ v. e.g. HUTTERLI, Sandra; STOTZ, Daniel & ZAPPATORE, Daniela (2008). *Do you parlez andere lingue? Fremdsprachen in der Schule*. PH Zürich: Pestalozzianum.

¹⁹ Muitas dessas “silhuetas” foram publicadas desde então: v. e.g. KRUMM, Hans-Jürgen; JENKINS, Eva-Maria (2001). *Kinder und ihre Sprachen - lebendige Mehrsprachigkeit. Sprachenportäts - gesammelt und kommentiert von Hans-Jürgen Krumm und Eva-Maria Jenkins*. Wien: eviva.

²⁰ AUGER, Nathalie; SCHNITZER, Katja (2015). *MALEDIVE: eine Lernplattform für Lehrende vielsprachiger Klassen*. In: *Babylonia*, 02/15, p. 25-29. Ver: <https://maledive.ecml.at>.

Fig. 2: Exemplo de mapeamento linguístico de uma estudante da Escola Superior de Pedagogia (FHNW)



Um espaço dedicado ao trabalho com biografias linguísticas é oferecido tanto às futuras professoras e aos futuros professores, quanto às crianças pelo projeto SAMS²¹ (*Sprachenausstellung zur Mehrsprachigkeit in der Schweiz* [Exposição das línguas e do plurilinguismo na Suíça]), sediado na Escola Superior de Pedagogia (PH FHNW) desde 2016. Seus objetivos são dar visibilidade, valorizar e usufruir da diversidade linguística existente nas escolas, permitindo a discussão do tema do plurilinguismo orientada para a prática na formação inicial e continuada do corpo docente. Os conteúdos são desenvolvidos em conjunto com os estudantes de ensino superior em uma disciplina continuamente interligada ao projeto e são utilizados nas escolas nos dias de projeto. Desde então, foram elaborados diversos módulos de material, tais como: cartazes interativos (fig. 3); oficinas, como por exemplo "No meu baú do tesouro há muitas línguas" (<https://tube.switch.ch/videos/f30e7573>) ou

²¹ HÄNGGI, Françoise; SCHNITZER, Katja (no prelo). *Die Sprachenausstellung SAMS: Ein Instrument zur Wertschätzung und Sichtbarmachung von Sprachenvielfalt*. In: E. KROMPÁK; V. TODISCO (Orgs.) *Sprache und Raum – Mehrsprachigkeit in der Bildungsforschung und in der Schule*. Bern: hep Verlag. Ver: www.mehrsprachen.ch.

Nas semanas do Projeto SAMS, percebo cada vez com mais frequência que as crianças, as estudantes e os estudantes claramente se orgulham de suas línguas. Fico feliz por eles, porque sei, por experiência própria, como isso é importante. Também eu me orgulho do meu dialeto, que hoje entendo ser a minha língua do coração, e estou contente por tê-lo reencontrado.

11. HOCHDEUTSCH/ENGLISCH: MEINE MUTTERSPRACHE ZU HAUSE UND IN DER SCHULE UND WAS UNS ZUM SPRACHENLERNEN TREIBT¹

Ingrid Kuchenbecker²

Ich bin in einer deutschen Familie aufgewachsen. Mein Vater wurde in Göttkendorf (Godkovo), Gemeinde Allenstein (Olsztyn), Preußen, Deutsches Reich, Deutschland, heute Polen, geboren. Er kam 1948, kurz nach dem Zweiten Weltkrieg, nach Brasilien. Damals war er dreizehn. Meine Mutter, geboren in Brasilien, ist die Tochter von früheren EinwanderInnen³, die 1932 nach Brasilien kamen. Ich bin die fünfte Tochter von acht, vier Jungen und vier Mädchen. Bei mir zu Hause sprachen meine Eltern nur Deutsch / Hochdeutsch. Und das war normal. Ich erinnere mich, dass mir das erst im Alter von etwa zwölf Jahren bewusst wurde. Damals hatte ich eine Klassenkameradin nach Hause eingeladen, um zusammen eine Schularbeit zu machen, und sie fragte mich, ob meine Mutter schlecht über sie rede. Und ich sagte: „Natürlich nicht, warum?“ Und sie sagte: „Weil sie Deutsch spricht.“ Und ich sagte: „Meine Mutter redet immer so.“

Ich erinnere mich, dass es in meinem Haus nie einer gezwungen wurde, Deutsch oder Portugiesisch zu sprechen, aber ich glaube, meine Eltern haben die meiste Zeit Deutsch gesprochen. In gewisser Weise habe ich dadurch nicht einmal bemerkt, wenn ich Portugiesisch oder Deutsch gesprochen habe. Lange bevor ich über die Sprache nachdachte, die in meinem Haus gesprochen wurde, wurde mir klar, dass wir in meinem Haus die Dinge anders machten als die meisten meiner MitschülerInnen oder NachbarInnen. Jeden Tag nach dem Abendessen, das pünktlich um 18 Uhr serviert wurde, schlug mein Vater ein großes graues Buch auf und las auf Deutsch die Andacht des Tages vor, dann stellte er Fragen zum Text und wir antworteten auf Portugiesisch oder Deutsch. Danach beteten wir das *Vaterunser* und vor dem Schlafengehen beteten wir das Gebet „*Ich bin klein, mein Herz ist rein, soll*

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-11>

² *Porto Alegre (Brasilien)*. Übersetzung: Claudia Wolff Pavan.

³ Augusto Gedrat wurde in Heidekrug (Klaipeda Memel) und Anna Maria Sofia Heine Gedrat in Groß Oesingen geboren.

niemand drin wohnen als Jesus allein“.

Deutsch war neben täglichen Andachten und Gebeten auch die Sprache, die im Alltag verwendet wurde. Jeder in meinem Haus half immer bei der Hausarbeit, es gab immer jemanden, der unter anderem für das Decken des Tisches vor den Mahlzeiten oder das Waschen und Trocknen des Geschirrs verantwortlich war. Jeden Tag hörten wir jemanden beim Decken des Tisches fragen: „*tiefer oder flacher Teller*“. Deshalb, immer wenn ich mich an mein Elternhaus erinnere, erinnere ich mich an die deutsche Sprache.

Wie gesagt, obwohl meine Eltern immer Deutsch gesprochen haben, konnten wir die Sprache frei wählen, die meist, in meinem Fall als fünftes Kind, wahrscheinlich Portugiesisch war. Ich erinnere mich jedoch, dass ich einige Wörter nur auf Deutsch sprach, zum Beispiel „*Waschlappen*“, die in meinem Haus verwendet wurden. Später bemerkte ich, dass ich, selbst wenn ich Portugiesisch sprach, „*Waschlappen*“ sagte, weil ich keine Übersetzung auf Portugiesisch finden konnte. Heute weiß ich, dass es im Portugiesischen kein entsprechendes Wort gibt, da dieses Utensil eigentlich nicht zur brasilianischen Kultur gehört. Das wurde mir klar, als ich in Deutschland war, und gesehen habe, dass die „*Waschlappen*“ dort tatsächlich existieren und verwendet werden. Auch wenn dies ein einfaches Beispiel ist, begann ich zu erkennen, dass Sprache und Kultur untrennbar miteinander verbunden sind, da das Vokabular einer Sprache viel über die Geschichte und Lebensweise eines Volkes ausdrückt.

Meine Wahrnehmung der Kultur des anderen war immer sehr scharf. Und das liegt auch daran, dass mein Vater aufgrund seiner pastoralen Arbeit⁴ von Zeit zu Zeit gerufen wurde, seinen Dienst in verschiedenen Gemeinden von Rio Grande do Sul auszuüben. Ich wurde in Três de Maio geboren. Als ich fünf Jahre alt war, zogen wir nach São Leopoldo, von meinem siebten bis neunten Lebensjahr lebten wir in Moreira⁵, einer Einrichtung, die zwischen Três Coroas und Gramado liegt, die Kinder und ältere Menschen beherbergt. Als ich neun Jahre alt war, kehrten wir nach São Leopoldo zurück, und als ich 17 war, zogen wir nach Porto Alegre. An all diesen Orten hatten wir immer Kontakt zu Deutsch, Hunsrückisch, Niederländisch, Englisch, und anderen Sprachen. Das Leben mit unterschiedlichen Kulturen hat mir also von klein

⁴ Pastor der Evangelisch-Lutherischen Kirche Brasiliens.

⁵ Instituto Santíssima Trindade Moreira. Verfügbar unter: <http://www.isstrindade.org.br/>.

auf klargemacht, dass Menschen entsprechend ihrer Familienkultur unterschiedlich denken und handeln. Und für mich war es schon immer normal, dass Menschen andere Sprachen sprechen und andere Gewohnheiten und Gebräuche haben.

Ich war jedoch immer überrascht von der Reaktion einiger MitschülerInnen oder NachbarInnen, wenn sie mit der Kultur meiner Familie in Kontakt kamen. Ich erinnere mich, dass, als ich einer Kollegin erzählte, dass wir in meinem Haus regelmäßig um sechs Uhr abends gegessen haben, sah sie mir an und sagte: „Meine Güte, wer isst schon um sechs Uhr nachmittags Abend?“ Diese Art von Reaktion, neben so vielen anderen, hat mir immer ein unangenehmes Gefühl in Gegenwart anderer gebracht. Heute verstehe ich, dass Menschen, die keine anderen Orte kennen, mit Sprachen und Kulturen, die sich von ihrer eigenen unterscheiden, die Welt eher als Einbahnstraße wahrnehmen, ohne Seitenstreifen, Kreuzungen, Abzweigungen, Nebenstraßen oder Ausfahrten zu anderen Straßen. Also sie sehen kein Hindernis, das sie aus dem Gleichgewicht bringt oder ihre Denkweise und Sicht auf die Welt beeinträchtigt. Und wenn diese Menschen mit etwas anderem konfrontiert werden, lehnen sie es deshalb meist ab oder zeigen Intoleranz.

Als ich neun Jahre alt war, und meine Familie nach São Leopoldo zurückkehrte, mussten wir Mitte des Jahres die Schule wechseln. Wir sind von einer ländlichen Gemeinschaftsschule aus einem mehrsprachigen Kontext zu einer Schule in einem städtischen Kontext gewechselt, der viel weniger mehrsprachig war. Zum ersten Mal konnte ich die Grausamkeiten der Menschen in der Schule spüren, und das war, als meine Schwester, die ein Jahr älter als ich ist, den Spitznamen „Boracha“ [‚Radiergummi‘ – *borracha* auf Portugiesisch] erhielt, weil sie eines Tages im Unterricht nach einem Radiergummi fragte. Ihre MitschülerInnen haben ihr die von ihnen abweichende Aussprache nicht verziehen, sie lachten und sie litt unter *Bullying*, weil sie die beiden „rr“ nicht aussprach. Die Lehrerin beschloss dann, meine Schwester schnell zum Förderunterricht in der umgekehrten Schicht zu schicken, um diesen Fehler zu „reparieren“, das heißt, sie wurde intensiv trainiert, um beide „rr“ „richtig“ auszusprechen. In der Schule war leider kein Platz für sprachliche Vielfalt oder regionale Sprachmerkmale.

Im folgenden Jahr gelang es meinen Eltern, einen Platz in einer evangelischen Schule zu finden, wo wir neben christlichen Werten auch die deutsche Sprache lernen

sollten. Ich erinnere mich, dass dies ein weiterer wichtiger Moment für mich war, da ich immer dachte, dass das Erlernen einer Sprache für alle gleich sein würde. Ich erinnere mich, dass das erste, was mir besonders auffiel, war, als meine MitschülerInnen das Pronomen „Ich“ trotz ihrer Bemühungen nicht aussprechen konnten. Mir wurde klar, dass ich diese Fähigkeit auf natürliche Weise erworben hatte. Diese Erkennung machte mich glücklich.

Als ich jedoch an die Uni ging, um ein Studium der Anglistik zu absolvieren, waren meine Deutschkenntnisse nicht immer gut angesehen. Es gab eine Professorin, die mich im Unterricht ständig auf die Interferenzen des Deutschen ins Englische aufmerksam machte, sei es in der Aussprache, im Wortschatz oder im Satzbau. Sie sagte immer in einem vorwurfsvollen Ton: „Das ist Deutsch; Englisch, bitte!“. Das hat dazu geführt, dass ich während meines Studiums versucht habe, die deutsche Sprache praktisch zu löschen. Denn ich kam auf dieser Weise zu dem Schluss, dass Deutsch es mir schwer machte, Englisch zu lernen. Ich habe mich damals sogar dafür entschieden, meinen Deutschkurs am Goethe-Institut aufzugeben.

Im Sprachunterricht diskutieren wir kaum über Sprache(n), wie sie sich zueinander verhalten, wie sie in der Gesellschaft verwendet werden, über die Sprachenrechte von Minderheitensprachgemeinschaften oder darüber, welche Sprachen auf dem nationalen Territorium gesprochen werden. Im Sprachunterricht, egal ob Amtssprache oder Fremdsprachen, werden in der Regel sprachspezifische Fragen zur Struktur und zum Aufbau behandelt. Diese Erfahrung habe ich während meiner gesamten Schul- und Studienzeit gemacht.

Das sprachliche Repertoire aller SprecherInnen wird für die Entwicklung *einer plurilingualen und interkulturellen Kompetenz, die als transversale Kompetenz betrachtet wird und sich auf alle erworbenen oder erlernten Sprachen erstreckt*, ignoriert.⁶ Das Sprachenlernen kann nicht als isoliert und geschlossen im Unterricht einer einzigen Sprache betrachtet werden. Sprachen stehen ständig im Dialog miteinander, greifen auf bereits in anderen Sprachen und in der Muttersprache

⁶ BEACCO, J. & BYRAM, M. (2007). *From linguistic diversity to plurilingual education: Guide for the development of Language education policies in Europe* -. Strasbourg: Language Policy Division. Council of Europe (Main Version). Verfügbar unter: <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016802fc1c4>. Zugriff am: 11.02.2021.

erworbenes Wissen zurück, haben Gemeinsamkeiten und Unterschiede, die den Lernenden dazu bringen, über deren Aufbau nachzudenken.

Damit diese Kompetenz weiterentwickelt werden kann, muss jedoch in den Sprachkursen ein Raum geschaffen werden, basiert auf dem Ansatz des sprachlichen Bewusstseins.⁷ Heute bin ich mir voll und ganz bewusst, dass eine inklusivere Bildung das sprachliche Repertoire der Schülerinnen und Schüler und ihrer Schulgemeinschaft berücksichtigen muss. Die Kinder sollen sensibilisiert und motiviert werden, mit der sprachlichen und kulturellen Vielfalt auf lokaler und globaler Ebene umzugehen.

Ich hatte lange Zeit Zweifel, ob ich wirklich sagen kann, dass ich Deutsch spreche, da ich diese Sprache nicht fließend spreche. Mein Verständnis der deutschen Sprache ist sehr gut, während mein mündlicher Ausdruck eher begrenzt ist. Dies minimiert jedoch nicht die Bedeutung der deutschen Sprache in meinem Leben. Die Sprache der Familie nicht fließend zu sprechen, löscht nicht das kulturelle Gepäck aus, das sich in der Kindheit angeeignet hat. Andererseits glaube ich, dass das Fehlen der gesprochenen Sprache und deren Verständnis die Auslöschung von kulturellen Merkmalen verursachen kann.

Schließlich muss man bedenken, dass sich die mehrsprachige Kompetenz je nach sprachlichem Umfeld und persönlichem und sozialem Werdegang der SprecherInnen mehr oder weniger stark entwickeln kann. Ihre Entwicklung durchläuft einen komplexen Prozess, der sprachliche, kommunikative, diskursive und Lernrepertoires voraussetzt und auch von Willen und Emotionen abhängt. Je höher also das sprachliche und kulturelle Repertoire der Sprecherinnen und Sprecher in der Schule geschätzt wird, desto größer ist ihr gesamtes Lernen.

⁷ KUCHENBECKER, Ingrid (2019). Diversidade linguística nos domínios da escola. IX ENCUENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS „Diversidad lingüística. Diversidad cultural“.

HOCHDEUTSCH/ENGLISCH: MINHA LÍNGUA MATERNA EM CASA E NA ESCOLA E O QUE NOS LEVA A APRENDER LÍNGUAS

Ingrid Kuchenbecker¹

Cresci em uma família de alemães. Meu pai nasceu em Göttkendorf (Godkovo), município de Allenstein (Olsztyn), Prússia, Deutsches Reich, Alemanha, hoje Polônia. Ele chegou ao Brasil, logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1948. Na época, ele tinha treze anos. Minha mãe, nascida no Brasil, é filha de um casal de imigrantes,² que chegou ao Brasil em 1932. Sou a quinta filha de oito, quatro meninos e quatro meninas. Na minha casa, meus pais só falavam em alemão / Hochdeutsch. E isso era o normal. Lembro que só me dei conta disso, quando eu tinha mais ou menos uns doze anos. Na época, eu havia trazido uma colega para casa para fazermos um trabalho de escola, e ela me perguntou se minha mãe estava falando mal dela. E eu disse: "Claro que não, por quê?" E ela respondeu: "Porque ela está falando em alemão". E eu disse: "Minha mãe sempre fala assim".

Lembro que não havia nenhuma cobrança na minha casa sobre falar em alemão ou português, mas acredito que meus pais falavam alemão na maior parte do tempo. De certa forma, isso fez com que eu nem percebesse, quando estava falando em português ou alemão. Muito antes de pensar sobre a língua que era falada na minha casa, eu percebia que na minha casa fazíamos as coisas de um jeito diferente da maioria dos meus colegas ou vizinhos. Diariamente após a janta, que era servida às 18h, sentados ao redor da mesa, meu pai abria um grande livro cinza e lia em alemão a devoção do dia, depois fazia perguntas sobre a leitura, e nós respondíamos em português ou alemão, finalizávamos com a oração do Pai Nosso 'Vater Unser' e, antes de dormir, fazíamos a oração "*Ich bin klein, mein Herz ist rein, soll niemand drin wohnen als Jesus allein*".³

O alemão, além das devoções e orações diárias, também era a língua utilizada no dia a dia, nos afazeres domésticos. Todos na minha casa sempre ajudavam nas

¹ Porto Alegre (Brasil).

² Augusto Gedrat nasceu em Heidekrug (Klaipeda Memel) e Anna Maria Sofia Heine Gedrat nasceu em Groß Oesingen.

³ Tradução: "Eu sou pequeno(a), meu coração é puro, que ninguém more dentro, a não ser Jesus."

tarefas domésticas, sempre havia alguém responsável por arrumar a mesa para as refeições, lavar e secar a louça, entre outras tarefas. Diariamente, ouvíamos alguém perguntando "*tiefer oder flacher Teller*" ('prato fundo ou raso') na hora de arrumar a mesa. Por isso que minhas lembranças de casa sempre me remetem à língua alemã.

Como já falei, apesar de meus pais sempre falarem em alemão, éramos livres para escolher a língua, que na maioria das vezes, no meu caso por ser a quinta filha, provavelmente era o português. No entanto, tenho lembranças de que algumas palavras eu só falava em alemão como, por exemplo, "*Waschlappen*", que é uma luvinha de banho ou um pedaço de pano usado para lavar o rosto e o corpo, utilizado na minha casa. Mais tarde, me dei conta de que, mesmo quando falava em português, eu falava "*Waschlappen*", porque não encontrava uma tradução em português. Hoje sei que não existe uma palavra equivalente no português, pois esse utensílio não faz parte da cultura brasileira. Percebi isso quando estive na Alemanha e vi que os "*Waschlappen*" existem e são utilizados por lá. Mesmo sendo um exemplo simples, comecei a perceber que língua e cultura são indissociáveis, pois o vocabulário de uma língua diz muito sobre a história e o modo de viver de um povo.

Minha percepção sobre a cultura do outro sempre foi muito aguçada. E isso se deve também ao fato de que meu pai, devido ao trabalho pastoral,⁴ de tempos em tempos, era chamado para exercer seu ministério em diferentes comunidades, todas no Rio Grande do Sul. Nasci em Três de Maio, aos cinco anos fomos morar em São Leopoldo, dos sete aos nove anos moramos em Moreira, um Instituto⁵ que abriga crianças e idosos, localizado entre Três Coroas e Gramado. Quando completei nove anos, retornamos a São Leopoldo e aos 17 fomos morar em Porto Alegre. Em todos esses lugares, sempre tivemos contatos com falantes de alemão, Hunsrückisch, holandês, inglês, entre outras línguas. O convívio com diferentes culturas, desde cedo, sempre me fez entender que as pessoas pensam e agem de forma diferente, de acordo com a sua cultura familiar. E isso para mim era normal; pessoas falam outras línguas e possuem hábitos e costumes diferentes.

No entanto, eu sempre me surpreendia com a reação de alguns colegas de escola ou vizinhos, quando estes entravam em contato com a cultura da minha

⁴ Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

⁵ Instituto Santíssima Trindade Moreira. Disponível em: <http://www.isstrindade.org.br/>.

família. Lembro que quando falei para uma colega que na minha casa jantávamos às 18h, ela olhou para mim e disse: "Credo, quem janta às seis da tarde?". Esse tipo de reação, entre tantas outras, sempre me deixava numa posição desconfortável perante os outros. Hoje, eu compreendo que para uma pessoa que não transita em lugares diferentes, com línguas e culturas diferentes da sua, tende a perceber o mundo como uma via única, de sentido único, sem encruzilhadas, sem retornos, sem pistas laterais ou saídas para vias secundárias. Nenhum obstáculo para desacomodar ou causar algum desequilíbrio na sua forma de pensar e ver o mundo. E, quando confrontado com algo diferente, normalmente rejeita o diferente ou demonstra intolerância.

Aos nove anos, quando minha família retornou a São Leopoldo, tivemos que mudar de escola no meio do ano. Saímos de uma escola comunitária rural, contexto multilíngue, para uma escola em um contexto urbano, contexto menos multilíngue. Pela primeira vez, pude sentir a crueldade das pessoas na escola, quando a minha irmã, um ano mais velha que eu, recebeu o apelido de "*Boracha*", a partir de um episódio em sala de aula em que ela pediu uma borracha emprestada. Os colegas não perdoaram, riram e ela sofreu *bullying* por não pronunciar os dois "rr". A atitude da professora foi de rapidamente convocar minha irmã para aulas de reforço, no turno inverso, e com isso "reparar" essa falha, ou seja, ela foi submetida a um treinamento intensivo para pronunciar os dois "rr" "corretamente". Não havia espaço na escola para qualquer variedade ou marcas regionais.

No ano seguinte, meus pais conseguiram vaga em uma escola confessional evangélica, onde além dos valores cristãos, também teríamos a língua alemã inserida no currículo. Lembro que esse foi outro momento marcante para mim, pois sempre achei que a aprendizagem de uma língua seria igual para todos. Lembro que meu primeiro estranhamento foi quando meus colegas não conseguiam pronunciar o pronome "*Ich*", apesar de seus esforços. Comecei a perceber que eu tinha adquirido essa habilidade naturalmente e isso me deixou feliz.

No entanto, quando entrei na faculdade para cursar Letras, Licenciatura em Inglês, o meu conhecimento em alemão nem sempre foi bem visto. Havia uma professora que constantemente chamava a minha atenção sobre a interferência do alemão nas aulas de inglês, quer seja na pronúncia, no léxico ou na estrutura da frase.

Ela sempre dizia em tom de repreensão: "*This is German; English, please!*". Isso fez com que eu tentasse apagar o alemão durante a minha Graduação. Passei a acreditar que o alemão estava dificultando a aprendizagem do inglês. Na época, inclusive, optei por cancelar o curso de alemão que eu estava cursando no Instituto Goethe.

Difícilmente, em uma aula de língua, fala-se sobre língua(s), sobre como as línguas se relacionam, sobre como as línguas são usadas na sociedade, sobre os direitos linguísticos de comunidades que falam línguas minoritárias ou sobre que línguas são faladas no território nacional. Uma aula de língua, oficial ou estrangeira, normalmente se ocupa com questões de estrutura e funcionamento específicos da língua em questão. E isso ocorreu em toda a minha vida escolar e na graduação.

*Ignora-se o repertório linguístico do indivíduo para o desenvolvimento de uma competência plurilíngue e intercultural, que é considerada como uma competência transversal que se estende a todas as línguas adquiridas ou aprendidas.*⁶ A aprendizagem de línguas não pode ser vista como algo isolado e fechado no ensino de uma única língua. As línguas dialogam entre si, valem-se de conhecimentos já adquiridos em outras línguas e na língua materna, possuem semelhanças e diferenças que levam o aluno a refletir sobre o seu funcionamento.

Entretanto, para que essa competência seja construída, há necessidade de se abrir um espaço nas aulas de línguas, baseado numa abordagem de conscientização linguística.⁷ Hoje tenho plena consciência de que uma educação mais inclusiva precisa levar em conta o repertório linguístico do aluno e de sua comunidade escolar. É necessário sensibilizar e motivar a criança para lidar com a diversidade linguística e cultural, local e global.

Por muito tempo, fiquei em dúvida se realmente posso afirmar que sou falante de alemão, uma vez que não domino o uso fluente dessa língua. Minha compreensão em alemão é muito boa, ao passo que a minha fala é bastante limitada. No entanto,

⁶ BEACCO, J. & BYRAM, M. (2007). *From linguistic diversity to plurilingual education: Guide for the development of Language education policies in Europe* -. Strasbourg: Language Policy Division. Council of Europe (Main Version). [Disponível em: <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016802fc1c4>]. Acesso em: 11 de fev 2021.

⁷ KUCHENBECKER, Ingrid (2019). Diversidade linguística nos domínios da escola. IX ENCUESTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS "Diversidad lingüística. Diversidad cultural".

isso não diminui em nada a importância da língua alemã na minha casa, na minha vida. Não ser fluente na língua da família não apaga a bagagem cultural adquirida durante a infância. Por outro lado, acredito que a ausência da língua falada ou compreendida pode causar o apagamento de traços culturais.

Por fim, é importante lembrar que a competência plurilíngue pode ser mais ou menos desenvolvida de acordo com o ambiente linguístico e a trajetória pessoal e social de cada indivíduo. Seu desenvolvimento passa por um processo complexo que pressupõe repertórios linguísticos, comunicativos, discursivos e de aprendizagem, além de vontades e emoções. Por isso, quanto mais valorizado o repertório linguístico e cultural do indivíduo na escola, maior será a sua aprendizagem como um todo.

12. DIE „MOTTERSPROCH“ MEINER VORFAHREN AUF DEM WEG DER MIGRATION: EINE RETTUNG DER ERINNERUNG¹

Marcia Meurer²

Der Gebrauch und die Variation der portugiesischen Sprache ist Gegenstand meiner Doktorarbeit über die Migration von Süd- nach Nordbrasilien. Bei der Suche nach Wissen habe ich viele Entdeckungen gemacht; eine aber wurde mir besonders bedeutsam: „die Sprache meiner Vorfahren als eine Muttersprache, die den Weg der Migration vom Süden nach Norden des Landes nachging“. Als Einwanderer-nachkommerin und Rückwanderin die in den Süden zurückkehrte, um an der UFRGS in Porto Alegre zu promovieren, hatte ich die Gelegenheit, die Muttersprache wiederzuentdecken, die auf dem Weg durch Zeit und Raum der Migration verloren gegangen war. Was hat das in mir geweckt?

Nicht nur die Einwanderung meiner Vorfahren ist Teil meiner Geschichte, sondern auch der Verlauf der Wanderungen meiner Familie. Als Urenkelin der ersten europäischen Einwanderer in São Pedro de Alcântara, Santa Catarina, wurde ich in Entre Rios, einer der neuen Kolonien slawisch-deutscher Einwanderer im Landesinneren des Bundesstaates Paraná, geboren. Viele Nachkommen und vor allem junge Menschen aus kinderreichen Familien der alten Siedlungen des 19. Jahrhunderts und der Umgebung wanderten im 20. Jahrhundert weiter in die neuen Siedlungen. Dies war in Südbrasilien³ ziemlich üblich. Und meine Eltern, frisch verheiratet, waren da keine Ausnahme. Eine der Sprachen, die in meiner Heimat in der Kolonie gesprochen wurde, war das Donauschwäbische, eine Varietät der deutschen Sprache, die sich von der „*Mottersproch meiner Vorfahren*“ deutlich unterschied.

Aus dieser Zeit, in der ich in einer der Kolonien von Entre Rios lebte und wo ich den Kindergarten begann, der bald durch die Migration in eine andere Kolonie im Inneren des Staates Paraná unterbrochen wurde, stammen einige sprachliche

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-12>

² *Balsas - MA (Brasilien)*. Übersetzung: Claudia Wolff Pavan.

³ *Mutterkolonie und Tochterkolonie*, nach ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald (2016). A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderi de Andrade; ROMANO, Valter P. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, S. 371-392.

Verwendungen meiner Kindheit, an die ich mich noch erinnere, wie zum Beispiel meine *Brotdose*, oder solche Spiele wie der *Speck* und sogar eine *Tüte*, mit der ich *Brot* beim Moser kaufen ging, also in der *Vende* (pt. *a venda* ‚Laden‘) von Herrn Moser. Ich erzählte meiner Mutter (per Handy) von diesen Erinnerungen, und sie erklärte mir, dass in der Kolonie viel Weizen angebaut wurde, und die Siedler fertiges Brot erhielten, das sie nur noch abholen mussten. In Erinnerung geblieben ist mir ebenfalls das Pflücken schöner Blumen und die regelmäßigen Besuche zusammen mit *Tante Effe* am Grab der lieben Ana Maria. Das Gebet, das wir auf Deutsch sprachen und in dem wir Gott baten, sich um meine erste kleine Freundin zu kümmern, die an einer Hirnhautentzündung gestorben war, fällt mir leider nicht mehr ein.

Von meiner Kindheit in der Kolonie in Paraná bis zu den Besuchen bei den Großeltern und Onkeln in Santa Catarina waren neben dem Portugiesischen immer auch deutsche Sprachvarianten präsent, sei es durch meine Eltern, die sich beim Essen am Tisch unterhielten oder auch durch eine Tante, die mit einem Ausdruck auf Deutsch auffiel. Nicht zuletzt auch, wenn ich meine Großmutter beim Melken begleitete und ihr mit den Rufen „*komm, komm, komm*“ half, sowie bei den Spielen meines verstorbenen Großvaters mütterlicherseits mit dem Ausdruck „*Komm upa!*“ (‘Komm auf meinen Schoß!’) und in den schönen Karrenfahrten mit ihm, um Traktaten auf den Feldern zu holen, und seine Warnung *Raus!* in den wunderschönen blühenden *Tifas*⁴ des Vale do Itajaí.

Dies sind einige der Erinnerungen an meine frühe Kindheit in Südbrasilien und die ich in Texten, Bildern, Besuchen, Aufnahmen und Filmen des ALMA-Projekts⁵ an

⁴ So hieß der Weg, der von der Hauptstraße abzweigte und in ein Tal führte. An dieser Nebenstraße befanden sich Häuser, wobei jedes Haus ein Grundstück mit bewässerten Reisfeldern oder Weiden in der Ebene und Palmenhainen, Bananenplantagen oder sogar Zuckerrohrplantagen in den Hügeln darstellte. Somit gehörten die dortigen Bewohner zu der Tifa X (+ Referenznamen). Ich kann mich nicht mehr an den Namen der Tifa meiner Großeltern mütterlicherseits erinnern, aber die Tifa meiner Großeltern väterlicherseits war die „Tifa Monos“. Ein Blick in das Houaiss-Wörterbuch zeigt, dass *tifa* ein Regionalismus aus Santa Catarina ist und dieselbe Bedeutung wie ‚cafundó‘ trägt, als ‚ein entlegener und schwer zugänglicher Ort. Obwohl die Etymologie unbekannt ist, ist jedoch nicht auszuschließen, dass das Wort aus dem Deutschen *Tiefe* stammt, da es im Allgemeinen eine einzelne Straße bezeichnet, die am letzten Haus endet, d.h. „ganz hinten“, was auf tief verweist, vielleicht kommt daher der Ausdruck „tiefes Tal“. Und die Tifas meiner Kindheit waren unvergesslich; an jeder Kurve der Straße, schöne Blumen, Wasserfälle, Farne und viele Palmen, sehr alte typische Brücken und atemberaubende Häuser, einige noch im Holzfachwerk-Stil.

⁵ Forschungsprojekt koordiniert von Prof. Cléo V. Altenhofen (UFRGS) und von Prof. Harald Thun (Univ. Kiel).

der UFRGS wiedergesehen habe. Sie sind Überreste der Sprache und kulturelle Gewohnheiten, die nach so vielen Jahren, nach den Wanderungen von Süden nach Norden, eine schlummernde affektive Erinnerung ans Licht brachten.

Wie ich bereits erwähnt habe, ist die Migration Teil meiner Geschichte, da ich schon sehr früh zu einer Migrantin wurde. Als ich etwa fünf Jahre alt war, zogen wir von Entre Rios in einen anderen Ort im Landesinneren von Paraná, Rio Negro. Bei meinen Recherchen zum Thema erfuhr ich, dass diese Migration in einem umgekehrten Prozess stattfand: von einer neuen Kolonie zu einer alten – Rio Negro ist eine alte Kolonie deutscher Einwanderer aus dem 19. Jahrhundert, zu der auch eine Gruppe Bukowiner gehörte. Dies erklärt zum Teil, wie eine Migrantin, die bereits in so jungen Jahren begann, auf die verschiedenen *Sprechweisen* zu achten, in ihrer Umgebung trotz der Anwesenheit benachbarter Nachkommen und Bekannter in diesem Ort keine Varietäten des Deutschen mehr hörte. Auch der Kontext, in dem ich alphabetisiert wurde, bestätigte dies. Die ländliche Schule in einem der Bezirke von Rio Negro, die neben einer katholischen Kirche lag, empfing vom ersten bis zum vierten Schuljahr Schüler verschiedener Ethnien in einer mehrstufigen Klasse, wobei der Unterricht auf Portugiesisch stattfand. Ich erinnere mich nicht, ob die Lehrerin⁶ Ausdrücke in einer anderen Sprache verwendet hat, aber ich erinnere mich, dass das von ihr gesprochene Portugiesisch ein *Kontakt-Portugiesisch* war, weil ich an diesem Ort ein anderes Portugiesisch kannte, von dem ich heute weiß, dass es die sogenannte *Paulista-Varietät* ist, die im Norden von Paraná gesprochen wird.

Nach zwei Jahren strengen Winters wanderte meine Familie erneut aus, diesmal aus der südlichen Region, um der großen Migration der Südländer nach Mato Grosso zu folgen. Dieser Regionswechsel hatte einen großen Einfluss auf mein Leben, als wären wir in ein anderes Land ausgewandert, von anderen Menschen, anderen Kulturen. Es waren Migrantinnen und Migranten aus verschiedenen Regionen Brasiliens da, wie die Mineiros, aus dem Bundesstaat Minas Gerais, die das Land an meine Familie verkauft hatten und nach dem Bundesstaat Rondônia weiterwanderten. Auch die Anwesenheit von Ureinwohner/innen im Stadtgebiet war zu bestimmten

⁶ Leonilda Theiss stammte aus einer Einwandererfamilie, aber ich erinnere mich nicht, ob sie zweisprachig war. Der Name der ersten Lehrerin bleibt mir immer im Gedächtnis, denn sie prägt den Beginn unseres Schullebens.

Jahreszeiten recht bemerkenswert. Meine Schulzeit setzte ich in einer städtischen Schule in der Peripherie fort, wo ich keine anderen Sprachen hörte außer der portugiesischen Varietät von Mato Grosso.

Wie bei den Migrationen haben sich mit den Veränderungen der geografischen, sozialen und kulturellen Räume auch die sprachlichen Praktiken in den verschiedenen Domänen, die ich durchlaufen habe, verändert. Das spiegelte sich auch in meinem Zuhause, in meiner Familie wider. Gelegentlich hörte ich, wie mein Vater uns mit dem Ausdruck „geh'ma esse!“ zum Essen einlud, oder uns fragte „trink Wasser?“ oder am Abend sagte „schlafen gehen!“. Von Zeit zu Zeit hörte ich, wie sich meine Eltern bei den Mahlzeiten auf Deutsch unterhielten, aber jeden Tag hörte ich immer weniger Deutsch, und es wurde immer seltener.

Der soziolinguistische Kontext an diesem Ort in den frühen 1980er Jahren schien den Gebrauch der Sprache nicht zu begünstigen. Der Bundesstaat Mato Grosso war zu diesem Zeitpunkt in Mato Grosso (MT) und Mato Grosso do Sul (MS) aufgeteilt, und einige Jahre später wurden die ersten CTGs (Centros de Tradição Gaúcha)⁷ gegründet, um die südliche Gemeinschaft zusammenzubringen, die vor allem in der Nähe der Hauptstadt ziemlich verstreut war. Damit kam es zu einer starken Wiederbelebung des Gaucho-Traditionalismus durch Migrantinnen und Migranten aus der Pampa und den Grenzen des Bundesstaates Rio Grande do Sul (RS), die nicht von Sprecherinnen und Sprechern der Einwanderungssprachen abstammten. Dieses Ideal des „Grenzgauchos“, des Pioniers der „neuen Länder“, war damals etwas Neues, sowohl für die Bewohner von Mato Grosso als auch für die von Paraná, Santa Catarina und für andere Migrantinnen und Migranten aus anderen Regionen Brasiliens. Der Regionalismus der Gauchos drückte sich in einem anderen *Kontaktportugiesisch* aus, dem Grenzportugiesischen (*fronteiriço*). Dies darf dazu beigetragen haben, die Sprecherinnen und Sprechern der verschiedenen Einwanderersprachen, wie die aus Santa Catarina und Paraná, die sich als Ausgestoßene fühlten und ein anderes Kontaktportugiesische sprachen, um die Gaucho-Identität zu vereinigen und so eine homogenere Gemeinschaft der südlichen

⁷ A.d.Ü: CTGs sind Zivilgesellschaften ohne Erwerbszweck, die sich um die Verbreitung der Traditionen und der Folklore der Gaucho-Kultur bemühen, wie sie von den von der Bewegung anerkannten Folkloristen systematisiert und inventarisiert wurde.

Sprache, in einem Raum mit anderen regionalen Varietäten des *Kontaktportugiesischen*, zu bilden.

In diesem Klima der Eroberung kam es zu einer umfassenden Neuordnung der landwirtschaftlichen Grenzen in Mato Grosso, mit zahlreichen Umsiedlungen in den Norden des Staates. Infolgedessen begannen auch die Regionen Mato Grosso do Sul und das südliche Mato Grosso Bevölkerungskontingente an andere Staaten und Regionen zu verlieren. Auch hier entging meine Familie der Regel nicht und beschloss, erneut auszuwandern, und zwar diesmal in den Nordosten, in den Süden des Bundesstaates Maranhão, wo es bereits seit Mitte der 1970er Jahre eine südliche Migrantengemeinschaft gab.

In diesem letzten Migrationskontext meiner Familie gibt es SprecherInnen verschiedener Sprachen, aber die mehrsprachige Praxis ist beschränkt und auf das familiäre Umfeld, meist der Pioniermigrantinnen und -migranten, beschränkt. Viele dieser zweisprachigen Migrantinnen und Migranten mit unterschiedlichem Sprachverlust, die die Nationalisierungspolitik der Diktatur Vargas⁸ miterlebt haben (nicht zufällig heißt das CTG des Ortes *Getúlio Vargas*), haben zweisprachige Kinder, die die Einwanderungsvarietät nicht sprechen oder einsprachig portugiesisch sind. Auch hier scheint der vielfältige sprachliche Kontext der portugiesischen Varietäten den Gebrauch anderer Sprachen zu stigmatisieren, was die Schwierigkeit widerspiegelt, sich zu vergemeinschaften und das Anderssein als etwas Natürliches zu akzeptieren. Im Gegensatz zu der Vielfalt, die ich in mehr als fünf „Migrationsstationen“ erlebt habe, ist es seltsam zu beobachten, dass es in der brasilianischen Gesellschaft im Allgemeinen kein Mehrsprachigkeitsbewusstsein gibt. Das liegt sicherlich daran, dass wir in der pädagogischen Vorstellungswelt immer noch den Mythos eines „Purismus“ pflegen, in dem die Schule Schüler empfängt, die als „tabula rasa“ angesehen werden, und wenn die zu Hause gesprochene Sprache in diesem Umfeld auftaucht, neigt man dazu, sie als minderwertig und verzerrt zu diskriminieren, ohne sie als eigenständiges Wissen anzuerkennen, das einen eigenen Wert und eine eigene Historizität hat.

⁸ Siehe HENTSCHE, Jens R. (2010). „Getúlio Vargas.“ *Populisten, Revolutionäre, Staatsmänner. Politiker in Lateinamerika*, S. 216-236. Abrufbar unter: <https://core.ac.uk/download/pdf/304709033.pdf>.

Die *brasilianischen Einwanderungssprachen* sind bei den Sprecherinnen und Sprechern selbst als kulturelles Erbe und als wichtige Sprachkompetenz für ihre Kinder unbekannt. Eine Sprachkompetenz, die die Türen für das Erlernen der Standardsprache dieser Sprachen öffnet und die auch Fenster für das Erlernen von besser verständlichen Sprachen wie Englisch und Spanisch öffnet. Das Recht, zweisprachiger Muttersprachler zu sein, bleibt Tausenden von Brasilianerinnen und Brasilianern verwehrt, die in *internationalen Bildungsrankings* in unfaire Weise mit Schülern auf allen Ebenen konkurrieren und hart um den Erwerb neuer Sprachkenntnisse kämpfen.

So wird die Muttersprache in der Migrationsgeschichte in der Regel als das schöne Geschenk behandelt, das man in der Kindheit erhält, mit dem man aber nicht spielen darf, sondern das man „gut aufbewahren“ muss, bis es im Laufe der Zeit in einer alten Truhe in irgendeiner Ecke des Hauses vergessen wird. Viele Jahre später, an einem bestimmten Tag, wenn man es aus der Truhe nimmt und dieses kostbare Geschenk berührt, verblasst es, zerfällt in Stücke wie Ausdrücke und lose Worte, die einst so viel Sinn, so viel Bedeutung hatten, weil sie lebendig waren. „*Die Mottersproch meiner Vorfahren*“ ist mir in den ersten Jahren meines Lebens begegnet, aber es hat sich langsam aufgelöst, so wie es sich auch im Gedächtnis von Tausenden von Einwanderernachkommen meiner Generation aufgelöst hat. Glücklicherweise sind jedoch diejenigen, die die Möglichkeit haben, sie so lebendig zu halten, wie sie ist: die Sprache der Zuneigung, der Familie und der Wurzeln.

"DIE MOTTERSPROCH MEINER VORFAHREN" NO CAMINHO DAS MIGRAÇÕES: UM RESGATE DA MEMÓRIA

Marcia Meurer¹

O uso e variação da língua portuguesa é objeto da minha pesquisa de Tese sobre a migração do sul para o norte do Brasil. Em meio à busca, muitas descobertas e uma delas, muito particular e significativa: "a língua dos meus antepassados, como uma língua materna que percorre o caminho das migrações do sul para o norte do país". Revisitar as origens, como descendente e *remigrante* (*Rückwanderer*) retornando ao sul para realizar o Doutorado na UFRGS, em Porto Alegre, oportunizou nesse sentido o reencontro com a língua materna perdida ao longo do caminho, no tempo e no espaço da migração. O que isso despertou em mim?

Não só a imigração dos antepassados faz parte da minha história, mas também a trajetória de migrações da minha família. Como descendente (*Ururenkelin*) dos imigrantes europeus pioneiros de São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, nasci em uma das colônias novas de imigrantes eslavo-germânicos, no interior do estado do Paraná, em Entre Rios. Muitos descendentes e, principalmente, jovens de famílias numerosas das antigas colônias do século XIX e entorno migraram para as novas colônias formadas no século XX. Isso era bastante comum no sul do Brasil². E meus pais, recém-casados, não fugiram à regra. Uma das línguas faladas no entorno do meu lar na colônia era o *Donauschwäbisch*, uma variedade de língua alemã diferente da "*Mottersproch meiner Vorfahren*".

Desse período vivido em uma das colônias de Entre Rios, onde iniciei o *Kindergarten*, logo interrompido pela migração para outra colônia, no interior do estado do Paraná, recordei, recentemente, de alguns usos linguísticos da minha infância, como a minha *Brotdose* ('lancheira'), de brincadeiras como a do *Speck* ('toicinho') e até de uma *Tüte* ('sacola') de buscar *das Brot* ('o pão'), no Moser, ou

¹ Balsas - MA (Brasil).

² *Mutterkolonie und Tochterkolonie*, segundo Altenhofen e Thun (2016) em *A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.

seja, na venda do Sr. Moser. Relatei isso a minha mãe (via celular), que me explicou que lá na colônia se produzia muito trigo, e os colonos então recebiam o pão pronto, era só buscar. Também ficou na minha memória colher lindas flores e realizar visitas regulares ao túmulo da querida Ana Maria, junto com a *Tante Effe*. A oração em alemão que fazíamos, pedindo a Deus para cuidar da minha primeira amiguinha acometida por uma meningite, não me vem mais à lembrança, infelizmente.

Dessa infância na colônia no Paraná a visitas aos avós e tios em Santa Catarina, além do português, variedades de línguas alemãs estavam sempre presentes, seja com meus pais conversando à mesa nas refeições ou alguma tia chamando a atenção com alguma expressão em alemão. Ou também, acompanhando minha avó na hora de tirar o leite, ajudando-a com os vocativos "*komm, komm, komm*", assim como nas brincadeiras do meu saudoso avô materno com a expressão "*Komm upa!*" ('vem no colo!') e nos adoráveis passeios de carroça com ele para buscar trato na roça, e seu advertido "*Raus!*" ('sai daí!'), nas lindas tifas³ floridas do Vale do Itajaí.

Essas são algumas das lembranças da minha primeira infância vivida no Sul do Brasil e que vi serem reproduzidas em textos, imagens, visitas, gravações e filmes do projeto ALMA⁴, na UFRGS. São resquícios da língua e hábitos culturais que trouxeram à tona uma memória afetiva adormecida, depois de tantos anos, após as andanças do sul para o norte.

Como mencionei, a migração faz parte da minha história, porque passei a ser migrante muito cedo. Por volta dos meus cinco anos de idade, migramos de Entre Rios para outra localidade no interior do Paraná, Rio Negro. Estudando sobre o tema, soube que essa migração ocorreu em um processo inverso – de uma colônia nova

³ Assim se chamava o caminho que saía da estrada principal e entrava em um vale. Havia casas à beira dessa estrada secundária, sendo cada moradia um lote de terras com lavouras de arroz irrigado ou pastagens nas planícies e palmitais, bananais ou mesmo canaviais nos morros. Então, esses moradores pertenciam à tifa + nome de referência, porém, não me recordo o nome da tifa dos meus avós maternos, mas a tifa dos meus avós paternos era a tifa Monos. Olhando no dicionário Houaiss, *tifa* é regionalismo de SC e significa 'cafundó', com etimologia desconhecida, mas não se descarta a possibilidade de provir do alemão *Tiefe*, 'profundidade', porque geralmente representa uma estrada única que termina na última moradia, ou seja, "lá nos fundos" que remete a profundo, talvez daí venha a expressão "vale profundo". E as tifas de minha infância eram inesquecíveis, a cada curva do caminho, lindas flores, cascatas de água, samambaias e muitas palmeiras, típicas pontes muito antigas e cada moradia deslumbrante, algumas casas ainda eram em estilo enxaimel.

⁴ Projeto de pesquisa coordenado pelo orientador, Prof. Cléo V. Altenhofen (UFRGS), e pelo Prof. Harald Thun (Univ. Kiel).

para uma colônia velha – Rio Negro é uma antiga colônia de imigrantes alemães do século XIX, que também recebeu um grupo de bucovinos. Isso explica, em parte, como uma migrante ainda tão pequena, que já começava a prestar atenção aos diferentes *modos de falar*, não mais ouvia variedades de alemão no seu entorno, apesar da presença de descendentes vizinhos e conhecidos naquela localidade. Também o contexto, onde me alfabetizei, confirmava isso. A escola rural de um dos distritos de Rio Negro, que ficava ao lado de uma igreja católica, recebia alunos de diferentes etnias em uma turma multisseriada, do primeiro ao quarto ano, e as aulas eram ministradas em português. Não me recordo se a professora⁵ usava expressões em outra língua, mas lembro que o português falado por ela era um *português de contato*, porque eu conheci um português diferente nessa localidade e que hoje compreendo ser a variedade do norte paranaense, a variedade paulista.

Dois anos de severos invernos, e a minha família migra novamente, dessa vez para fora da região Sul, seguindo o fluxo da grande corrente migratória sulista para o Mato Grosso. Essa mudança de região teve um grande impacto na minha vida, pois era como se tivéssemos migrado para outro país, de outras gentes, outras culturas. Migrantes de várias regiões do Brasil se encontravam ali, como os mineiros que haviam vendido a terra para a minha família e estavam migrando para Rondônia. Também a presença de indígenas na zona urbana, em determinadas épocas do ano, era bem marcante. Minha escolarização continuou em uma escola municipal de periferia, onde eu não ouvia outras línguas, mas de forma predominante, a variedade do português mato-grossense.

Assim como nas migrações, com mudanças de espaços geográficos, sociais e culturais, também foram mudando as práticas linguísticas nos diferentes domínios por onde passei. Isso se refletia dentro do lar, na minha família. Esporadicamente, ouvia meu pai nos convidar para as refeições com a expressão "*geh'ma esse!*" ('vamos comer!') ou "*trink Wasser?*" ('quer água?') ou dizer, à noite, para "*schlafen gehen!*" ('dormir!'). Era possível ouvir, de vez em quando, os meus pais conversarem em alemão, às refeições, mas a cada dia fui ouvindo cada vez menos o alemão, que foi gradativamente se silenciando.

⁵ Leonilda Theiss era descendente de imigrantes, mas não lembro se ela era bilíngue. Sempre se recorda o nome da primeira professora, por ser alguém que marca o início de nossa vida escolar.

O contexto sociolinguístico naquela localidade, no início dos anos 1980, parecia não favorecer o uso da língua. O estado havia sido dividido naquele período em MT e MS, e em poucos anos foram fundados os primeiros CTG's (Centros de Tradição Gaúcha), na tentativa de reunir a comunidade sulista que estava bastante dispersa, principalmente naquela localidade próxima à capital. Com isso, houve uma forte retomada do tradicionalismo gaúcho por migrantes da região dos pampas e da fronteira do RS, que não eram descendentes de falantes de línguas de imigração. Esse ideal de "gaúcho da fronteira", desbravador de "novas plagas", era algo novo naquela época, tanto para mato-grossenses como para paranaenses, catarinenses e demais migrantes de outras regiões do Brasil. O regionalismo gaúcho se expressava em um *português de contato* diferente, o fronteiriço. Isso certamente possibilitou angariar os falantes do português de contato das comunidades de línguas de imigração, que se sentiam desterrados, como os catarinenses e os paranaenses a aderirem à identidade gaúcha, formando assim uma comunidade mais homogênea e de fala sulista, em um espaço com outras variedades regionais do *português em contato*.

Nesse clima de conquista, houve um grande reordenamento das fronteiras agrícolas no Mato Grosso, com inúmeros deslocamentos para o norte do estado. Com isso, as regiões do Mato Grosso do Sul e sul do Mato Grosso passaram a perder contingentes populacionais também para outros estados e regiões. Mais uma vez, a minha família não fugiu à regra e decidiu migrar de novo, e agora, para o nordeste, no sul do Maranhão, onde já havia uma comunidade migrante sulista contemporânea a nossa migração, de meados dos anos 1970.

Nesse último contexto de migração da minha família, há falantes de diferentes línguas, mas a prática multilíngue está restrita e confinada aos ambientes familiares, geralmente dos migrantes pioneiros. Muitos desses migrantes bilíngues, com diferentes graus de perda linguística, e que viveram a época da política de nacionalização da era Vargas⁶ (não por acaso o CTG da localidade se chama *Getúlio Vargas*), têm filhos bilíngues não falantes ou monolíngues em português. Novamente, o contexto linguístico diversificado de variedades do português parece

⁶ Ver HENTSCHKE, Jens R. (2010). "Getúlio Vargas." *Populisten, Revolutionäre, Staatsmänner. Politiker in Lateinamerika*, p. 216-236. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/304709033.pdf>.

estigmatizar o uso de outras línguas, refletindo a dificuldade de socializar e aceitar a alteridade como algo natural. Contrastando com a diversidade vivida por mim, nas mais de cinco “escalas de migração”, é estranho observar que, de modo geral, não há uma consciência plurilíngue na sociedade brasileira. Isso, certamente, porque ainda alimentamos, no imaginário educacional, o mito de um “purismo”, onde a escola recebe alunos que são vistos como “tábula rasa”, e quando a língua falada no lar emerge nesse ambiente tende-se a discriminá-la como inferior e deturpada, do que reconhecê-la como um conhecimento em si, de direito, com um valor e uma historicidade própria.

As línguas brasileiras de imigração são desconhecidas como herança cultural pelos próprios falantes, como uma importante competência linguística para seus filhos que abre portas para a aprendizagem da língua padrão dessas línguas, e que também abrirá janelas para a aprendizagem de línguas intercompreensíveis como o próprio inglês e o espanhol. O direito de ser um falante nativo bilíngue tem sido negligenciado a milhares de brasileiros afora, que injustamente competem com estudantes em *rankings* educacionais internacionais em todos os níveis, e que batalham muito para adquirir novas competências linguísticas.

A língua materna na trajetória de migrações costuma, assim, ser tratada como aquele lindo presente recebido na infância e que não se pode brincar, mas “se deve guardar bem” até ser esquecido ao longo do tempo, em algum velho baú de algum canto da casa. Passados muitos anos depois, em certo dia, ao retirar de lá e tocar naquele precioso presente, desvanece-se, desmancha-se em pedaços como expressões e palavras soltas que um dia tiveram tanto sentido, tanto significado, porque tinham vida. “*Die Mottersproch meiner Vorfahren*” chegou até mim nos primeiros anos de vida e se dissipou, assim como na memória de milhares de descendentes da minha geração. Feliz, contudo, quem tem a oportunidade de mantê-la viva, como ela é, a língua do afeto, da família e das raízes.

13. MINE MODERSPROAK UN WU GUED UP SE UPPASST WIÄRN KANN (MEINE MUTTERSPRACHE UND WIE SIE ERHALTEN WERDEN KANN)¹

Elmar Eggert²

Ick ben met Plattdüütsch graut woan, mine Moder hätt alltied Platt küert, bis se inne School kummen was, woa se Hauchdüütsch liärn moss. Auk min Vater konn biäter Platt äs Hauchdüütsch küern. Bloß met us Kinner häbbt se alltied Hauchdüütsch küert, wi sullt ja wat „orndlicket“ liärn. Ick söfst häbb veel Platt hürt, noch vandaage bi't tohörn van de Noabers de unner sick Platt küert, man med us junge Lü wiärd bloß up Hauchdüütsch „kommunezeert“.

De Sproaken häbbt mi ümmer interesseert, von darum häbb ick velle Sproaken liärnt, toerst Engelsk, denn Latien un Französk, later auk Spaansk un annere äs Greeks. Umdat ick da en heel Pläsier in de Unnerscheden van de Sproaken fünnt hebb, häbb ick denn auk Sproakwiettenschopp studeert. Un nu arbeit ick äs Perfesser in Kiel anne Universität un unnerichte üöwwer de Portugeeske un wiedere nielatienske Sproaken. Aower dat Mönsterlänner Platt bliff mine Moderspraok van't hiärt, niäm't Hauchdütsk äs usse allgemeene Ümgangssproak.

Übersetzung:

Ich bin mit Plattdeutsch großgeworden, meine Mutter hat immer Platt gesprochen, bis sie in die Schule kam, wo sie Hochdeutsch lernen musste. Auch mein Vater konnte besser Plattdeutsch als Hochdeutsch sprechen. Nur mit uns Kindern haben sie immer Hochdeutsch gesprochen, wir sollten ja was Ordentliches lernen. Ich selbst habe viel Plattdeutsch gehört, noch heute, wenn ich zuhöre, wie die Nachbarn untereinander Platt sprechen, doch mit uns jungen Leuten wird nur auf Hochdeutsch kommuniziert.

Sprachen haben mich immer interessiert, daher habe ich viele Sprachen gelernt, zuerst Englisch, dann Latein und Französisch, später auch Spanisch und andere Sprachen wie Griechisch. Da ich große Freude an den Unterschieden in den Sprachen hatte, habe ich dann auch Sprachwissenschaft studiert. Und jetzt

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-13>

² Kiel (Deutschland).

arbeite ich als Professor in Kiel an der Universität und unterrichte über die portugiesische (Sprache) und weitere romanische Sprachen. Aber das Münsterländer Platt bleibt meine Muttersprache des Herzens, neben Hochdeutsch als unsere allgemeine Umgangssprache.

Als Sprachwissenschaftler ist es für mich ein unschätzbare Vorteil, mit einem Dialekt neben der offiziellen Sprache aufgewachsen zu sein. Durch die Dialekterfahrung habe ich gelernt, wie weit eine Sprache verwendet werden kann und was man alles versteht, obwohl die Wörter und Satzformen sich stark unterscheiden und ganz unterschiedliche Gestalt annehmen.

Aber es ist auch schade, dass ich nie selbst aktiv habe Platt sprechen können und sollen, denn es war eine Blockade da, sowohl bei meinen Eltern als auch der gesamten älteren Generation: sie sollten und konnten daher nicht Platt mit den Kindern sprechen. Dadurch habe ich selbst eine Blockade erlebt, mit der ich zwar immer zuhörte und somit Platt sehr gut verstehe, aber eben selbst keine aktive Sprachkompetenz aufgebaut habe, was meine Blockade verstärkte. Seltsam ist, dass meine Mutter nicht mit mir Platt sprechen konnte, obwohl sie Muttersprachlerin war, als ich sie als Erwachsener darauf ansprach. Aber dies zeigt, dass die Wahl der Sprache auch von der Gewohnheit des Sprechens mit dem Gegenüber abhängt, also Teil der Diskurstradition ist. Man muss lernen, sich mit jemandem in einer anderen Sprache, auch einer Regionalsprache, zu unterhalten und die Blockade zu überwinden, unabhängig von der Fähigkeit, diese zu sprechen.

Das Problem beim Plattdeutschen im Münsterland, wo ich aufgewachsen bin, ist, dass es eben leider lange als minderwertiger und ländlicher Dialekt gesehen wurde und somit als „schädlich“ hingestellt wurde. Alles, was als wichtig galt, wurde deshalb auf Hochdeutsch verhandelt: die Schule, die Ausbildung, Texte, Zeitungen und Medien, so dass der Gebrauch des Plattdeutschen stark abnahm und es heute kaum noch von Jüngeren gesprochen wird. Dabei ist das Plattdeutsche im Münsterland ein Dialekt einer eigenen Sprache, des Niederdeutschen, und somit eine wertvolle Sprache mit vollen Rechten und beileibe kein Dialekt des Hochdeutschen! Doch es änderte sich seit den Achtziger und Neunziger-Jahren die Sicht auf das Niederdeutsche, so dass sie nun als kultureller Wert und als Merkmal der regionalen

Identität angesehen wurde, als das Plattdeutsche jedoch schon im täglichen Gebrauch bei jüngeren Generationen verschwunden war, wie bei mir. Doch dann begannen einige, diesen Prozess des Vergessens nicht weiter hinnehmen zu wollen und bemühten sich, die Sprache zu stärken. Mit diesem Bewusstsein, dass Sprache ein kultureller Wert ist, beginnt die Umsetzung einer wichtigen Sprachkultur.

Um unsere Regionalsprache zu bewahren, muss sie vor allen Dingen gesprochen werden. Das ist aber nicht so leicht, denn dazu muss man sie sowohl sprechen können (Sprachkompetenz) als auch sprechen wollen (Spracheinstellung) und zudem noch sinnvoll einsetzen können (Sprechgelegenheiten). Dass die Sprachkompetenz nicht reicht, zeigt das Beispiel meiner Mutter, denn ihre Einstellung zur Sprache war noch durch die Stigmatisierung geprägt.

Die **Einstellung** zur Sprache wird durch die gesellschaftliche Meinung geformt, welche durch die offizielle Sprachpolitik verändert werden kann. Im Münsterland wird das Platt zwar als historische Regionalsprache anerkannt und ein wenig gefördert, doch eine Anerkennung als richtige Sprache besteht bei den meisten noch nicht, eher als Dialekt der älteren Generationen auf dem Land, den man aber eigentlich nicht (mehr) benötigt. Zwar sieht sich das Land NRW durch die Ratifizierung der EU-Sprachencharta durch Deutschland verpflichtet, auch die niederdeutsche Sprache zu fördern, doch da die Charta kaum in der Öffentlichkeit verhandelt wird, hat sich die Einstellung zum Platt noch wenig verbessert. Und Platt wird kaum gesprochen. Dabei ist der tatsächliche Gebrauch der Sprache in vielen Bereichen entscheidend dafür, ob eine Sprache als „gut“ oder sinnvoll angesehen wird oder nicht, und dafür braucht es eine Sprachkompetenz.

Die **Sprachkompetenz** kann durch Sprechen und Weitergabe in der Familie erreicht und durch Schule und andere Bildungsbereiche gestärkt werden. Da keine Weitergabe des Platt mehr stattfindet, kann der Aufbau einer Sprachkompetenz allein durch letztere getragen werden. Doch wurde in den Schulen viele Jahrzehnte lang nur auf Hochdeutsch gelehrt. Nun aber gibt es seit 2014/2015 im Münsterland ein Pilotprojekt der Bezirksregierung mit Platt an sechs Grundschulen, v.a. für die Klassen 3 und 4. Dafür werden Unterrichtsmaterialien vom *Centrum für Niederdeutsch* der Universität Münster erarbeitet, denn diese gab es nicht, wie auch nur wenige Lehrer in der Lage waren, Platt zu unterrichten. So wurden Strukturen

aufgebaut, um Plattdeutsch zu erforschen und Unterricht auf Platt mit ausgebildeten Lehrern und Schulmaterialien zu ermöglichen. In ganz Deutschland wird Niederdeutsch aber heute nur an vier Universitäten erforscht und gelehrt: Münster, Oldenburg, Kiel und Hamburg, daneben gibt es auch in Greifswald einen Masterstudiengang.³

Aber eine Sprachkompetenz bringt nichts ohne die umfängliche Praxis des Sprechens. Und so sind es die **Gelegenheiten** des Hörens und Sprechens, die zentral werden. Erst wenn es normal wird, Platt in verschiedenen Bereichen zu verwenden, hat die Sprache eine Zukunft. Solche Bereiche, eine Sprache zu verwenden (eben nicht als Selbstzweck wie im Unterricht), sind Heimatvereine, Freizeit- und Sportvereine, Theatergruppen, Lesezirkel, Musikgruppen und weitere Aktivitäten im Alltagsleben. In einigen Vereinen wird Karten gespielt, gekegelt, Schach oder Boule praktiziert und das unter Nutzung der Regionalsprache, z.B. die Niederdeutsche Bühne am Theater Münster oder das Plattdeutsche Theater in Everswinkel. Mittlerweile ist Platt bei einigen Jugendlichen eine „coole“ Sprache geworden: so gibt es z.B. einen „Post-Poetry NRW“ mit Kurzgedichten auf Platt, von denen die besten auf Postkarten gedruckt und verkauft werden, oder eine „Literarische Leezen-Tour“, eine Fahrradtour, auf der fünf literarische Texte auf Platt an besonderen Stellen rezitiert werden.⁴ Es gibt mehrere Musikbands, die auf Platt singen. Sehr bekannt ist die Bremer Hip-Hop-Gruppe *De fofftig Penns*, die mit ihrer Musik mit niederdeutschen Texten schon bundesweite Beachtung aufgrund ihrer Erfolge gefunden haben. Das steigert das Ansehen unserer Regionalsprache. Auch das Regionalfernsehen NDR bringt Radio-Sendungen auf Platt und hat eine Seite zur Regionalsprache.⁵ Diese Sprachkultur muss von immer mehr Leuten getragen werden.

Aower auck in'n Olldag muet wi de Spraok gebruiken küennen und se bruiken, so bi't inkoop, bi't liäsen van't Dagbladd, van de nieste Naorichten in't Innet of bi't unnerhollen met de Frönden: bi't klönen of wi dat in de Noorden seggt woor: bi'n Klönschnack. Met sonnen Biespielen sall dat gued müeglick sien, dat de Lüü dat Platt

³ <https://www.uni-muenster.de/Germanistik/cfn/Plattinfos/Sprachpflege.html> (Zugriff 25.09.2020).

⁴ https://www.bezreg-muenster.de/de/kultur_sport/literatur/programme_projekte/index.html (Zugriff 25.09.2020).

⁵ https://www.ndr.de/kultur/norddeutsche_sprache/plattdeutsch/Plattdeutsch-in-Radio-und-Fernsehen,platt710.html (Zugriff 25.09.2020).

biäter achten dait, et upwwert't und wiärklick to bruiken anföngt: blooß up disse Wiese heebt dat Platt ne Tokumst.

Übersetzung:

Aber auch im Alltag muss die Sprache Verwendung finden können, so beim Einkaufen, beim Lesen der Tageszeitung oder der neuesten Nachrichten im Internet und bei einer normalen Unterhaltung mit Freunden: beim Plaudern (=Klönen) oder wie es im Norden heißt: Klönschnack. Mit diesen Beispielen haben wir gute Ansätze, das Platt aufzuwerten und tatsächlich zu sprechen: nur so hat Platt eine Zukunft.



„Übersichtskarte: Westfälische Mundarten 1905“⁶

⁶ <http://www.muensterlaender-platt.de/>. (Zugriff 26.08.2021)

**MINE MODERSPROAK UN WU GUED UP SE UPPASST WIÄRN KANN
(MINHA LÍNGUA MATERNA E COMO É POSSÍVEL PRESERVÁ-LA)**

Elmar Eggert¹

"Ick ben met Plattdüütsch graut woan, mine Moder hätt alltied Platt küert, bis se inne School kummen was, woa se Hauchdüütsch liärn moss. Auk min Vader kann biäter Platt äs Hauchdüütsch küern. Bloß met us Kinner häbbt se alltied Hauchdüütsch küert, wi sullt ja wat 'orndlicket' liärn. Ick söfst häbb veel Platt hüört, noch vandaage bi't tohörn van de Noabers de unner sick Platt küert, man med us junge Lü wiärd bloß up Hauchdüütsch 'kommunezeert'.

De Sproaken häbbt mi ümmer interesseert, von darum häbb ick vielle Sproaken liärnt, toerst Engelsk, denn Latien un Französk, later auk Spaansk un annere äs Greeks. Umdat ick da en heel Pläsier in de Unnerscheden van de Sproaken fünnt hebb, häbb ick denn auk Sproakwiettenschopp studeert. Un nu arbeit ick äs Perfesser in Kiel anne Universität un unnerichte üöwwer de Portugeeske un wiedere nielatienske Sproaken. Aower dat Mönsterlänner Platt bliff mine Moderspraok van't hiärt, niäm't Hauchdütsk äs usse allgemeene Ümgangssproak."

Tradução:

Cresci ouvindo *Plattdeutsch*: a minha mãe só falava *Platt* até ir para a escola, onde teve que aprender Hochdeutsch. Também meu pai falava melhor *Plattdeutsch* do que Hochdeutsch. Só conosco, as crianças, falavam sempre em Hochdeutsch, porque nós deveríamos aprender algo "correto". Eu mesmo já ouvi muito *Plattdeutsch* – ainda hoje em dia, quando ouço vizinhos falando uns com os outros em *Platt*. Mas conosco, os jovens, só se "comunicam" em *Hochdeutsch*.

Línguas sempre me interessaram. Por esse motivo, aprendi muitas delas: primeiro inglês, depois latim e francês, mais tarde espanhol e ainda outras línguas, como grego. Uma vez que observar as diferenças entre as línguas era algo muito prazeroso para mim, estudei também linguística. Hoje trabalho como professor na Universidade de Kiel e leciono sobre a língua portuguesa e outras línguas

¹ Kiel (Alemanha). Tradução: Sofia Froehlich Kohl.

românicas. Mas o *Platt* da região de Münster continua sendo minha língua materna do coração, ao lado do *Hochdeutsch*, nossa língua vernácula corrente.

Como linguista, é uma vantagem inestimável para mim ter crescido simultaneamente com a língua oficial e com um dialeto. Através da experiência com o dialeto, aprendi o quanto uma língua pode ser usada e tudo que se consegue entender de outras línguas, ainda que as palavras e as estruturas frasais sejam muito diferentes e assumam configurações completamente distintas.

Ao mesmo tempo, é também uma pena que eu próprio nunca tenha conseguido e sequer tenha tido permissão para falar *Platt* ativamente, já que, em relação ao dialeto, sempre houve um bloqueio – tanto no caso dos meus pais como de toda a geração mais velha: eles não deviam e por isso não conseguiam falar *Platt* com as crianças. Como resultado, eu próprio vivi um bloqueio: sempre ouvia o *Platt* e, por isso, compreendo o dialeto muito bem. Ainda assim, não consolidei qualquer competência linguística ativa, o que reforçou o meu bloqueio. Já quando adulto, quando me dirigia à minha mãe no dialeto, ela estranhamente não conseguia me responder em *Platt*, apesar de ser falante nativa. Isso mostra, portanto, que a escolha da língua também depende do hábito do falante em relação ao interlocutor, ou seja, que faz parte da tradição discursiva. É preciso aprender a falar com alguém em uma outra língua, mesmo numa língua regional, e a superar o bloqueio, independentemente da habilidade que se tenha com essa língua.

Infelizmente, na região de Münster, onde cresci, o *Plattdeutsch* foi visto por muito tempo como um dialeto inferior e rural e, por essa razão, considerado "danoso". Por consequência, tudo o que era julgado importante se tratava em *Hochdeutsch*: a escola, a educação, os textos, os jornais e os meios de comunicação, de modo que o uso do *Plattdeutsch* decresceu acentuadamente, e hoje o dialeto é pouco falado pelos mais jovens. Além do mais, o *Plattdeutsch* é um dialeto de uma língua própria, do *Niederdeutsch* (baixo-alemão), e é portanto uma língua valiosa e com plenos direitos. Não é, de forma alguma, um dialeto do *Hochdeutsch*!

Contudo, a percepção a respeito do *Niederdeutsch* começou a mudar a partir dos anos 80 e 90, de modo que hoje ele é reconhecido como um valor cultural e como uma característica identitária da região – no entanto, isso aconteceu quando o

Plattdeutsch já havia desaparecido do uso cotidiano entre as gerações mais jovens, como no meu caso. Naquela época, algumas pessoas não mais admitiram esse processo de esquecimento e se esforçaram por fortalecer a língua. Com essa consciência, de que a língua é um valor cultural, instituiu-se uma importante cultura linguística.

Mas para que nossa língua regional seja preservada, é necessário sobretudo que seja falada. Isso, porém, não é tão simples, pois para tanto é preciso ser capaz de falar a língua (competência linguística), bem como desejar fazê-lo (atitude linguística) e também ter a possibilidade de utilizar a língua de forma significativa (situações de uso da língua). O exemplo da minha mãe mostra que a competência linguística não é suficiente, porque sua atitude em relação à língua ainda era de estigmatização.

A **atitude linguística** é moldada pela opinião social, mas pode ser modificada através das políticas linguísticas oficiais. Na região de Münster, o *Platt* é reconhecido como uma língua regional histórica e é até certo ponto promovido. Ainda assim, ele continua não sendo reconhecido como uma verdadeira língua pela maioria das pessoas, antes como um dialeto das gerações mais velhas do campo, e que além disso já não é (mais) necessário.

Embora o estado da Renânia do Norte-Vestfália se veja obrigado – em razão da ratificação da Alemanha da Carta Linguística da União Europeia – a promover também o *Niederdeutsch*, a atitude linguística em relação ao *Platt* ainda não é consideravelmente melhor, uma vez que a Carta raramente é discutida em público. E isso é pouco comentado. Ademais, o uso efetivo da língua em muitas áreas é decisivo para que uma língua seja ou não considerada “boa” ou coerente, e para isso é necessária a competência linguística.

A **competência linguística** pode ser conquistada através da transmissão e do uso da língua pela família e reforçada na escola e em outras áreas da educação. Uma vez que o *Platt* já não é mais transmitido, o desenvolvimento da competência linguística é sustentado unicamente por essa última – durante muitas décadas, porém, só se ensinava em *Hochdeutsch* nas escolas. Em contrapartida, existe desde 2014/2015 um projeto-piloto do governo distrital da região de Münster para inserção do *Platt* em seis escolas primárias, sobretudo nas 3ª e 4ª séries. Para esse fim, o

Centrum für Niederdeutsch (Centro para o Baixo-alemão) da Universidade de Münster elaborou materiais didáticos, que até então não existiam, assim como também não existiam muitos professores preparados para ensinar o *Platt*. Para isso, montou-se a estrutura necessária para que se pesquisasse o *Plattdeutsch* e fosse possível oferecer aulas em *Platt*, com professores treinados e materiais didáticos específicos. Em toda a Alemanha, no entanto, o *Niederdeutsch* é estudado e ensinado hoje em dia em apenas quatro universidades: Münster, Oldemburgo, Kiel e Hamburgo, além do programa de mestrado oferecido em Greifswald.²

A competência linguística não tem contudo qualquer utilidade sem que se fale a língua extensivamente. E, dessa forma, as **oportunidades** de se ouvir e de se falar se tornam centrais. Somente quando for normal utilizar o *Platt* em diferentes âmbitos é que a língua terá um futuro. Alguns exemplos de ambientes em que a língua poderia ser utilizada (não como um fim em si mesma, como na sala de aula) são: associações tradicionalistas e folclóricas, clubes de lazer e desportivos, grupos de teatro, círculos de leitura, grupos musicais e outras atividades da vida cotidiana. Em algumas associações, jogam-se cartas, bolão, xadrez e bocha na língua regional – exemplos desse uso são o *Niederdeutsche Bühne* (Palco Baixo-Alemão), no Teatro Münster, e o *Plattdeutsches Theater* (Teatro Baixo-Saxão), em Everswinkel. De uns tempos para cá, o *Platt* tornou-se uma língua bem-vista para alguns jovens: há, por exemplo, o concurso “Post-Poetry NRW”, para poemas curtos em *Platt*, dos quais os melhores são impressos em postais e vendidos, e o *Literarische Leezen-Tour* (Tour literário de Leezen), um passeio de bicicleta em que 5 textos literários são recitados em *Platt* em lugares específicos.³ Há inclusive vários grupos musicais que cantam em *Platt*: um bem conhecido é o *De fofftig Penns*, grupo de *hip-hop* de Bremen – suas letras em *Niederdeutsch* já atraíram a atenção de todo o país devido ao seu sucesso. Essas ações aumentam a visibilidade da nossa língua regional. Também a emissora de televisão regional NDR veicula programas de rádio em *Platt* e mantém uma página sobre a língua da região.⁴ Essa cultura linguística precisa do apoio de cada vez mais

² <https://www.uni-muenster.de/Germanistik/cfn/Plattinfos/Sprachpflege.html>. Acesso em 25.09.2020.

³ https://www.bezreg-muenster.de/de/kultur_sport/literatur/programme_projekte/index.html. Acesso em 25.09.2020.

⁴ Ver https://www.ndr.de/kultur/norddeutsche_sprache/plattdeutsch/Plattdeutsch-in-Radio-und-Fernsehen,platt710.html. Acesso em 25.09.2020.

peessoas.

"Aower auck in'n Olldag muet wi de Spraok gebruiken küennen und se bruiken, so bi't inkoopn, bi't liäsen van't Dagbladd, van de nieste Naorichten in't Innet of bi't unnerhollen met de Frönden: bi't klönen of wi dat in de Noorden seggt wuor: bi'n Klönschnack. Met sonnen Biespielen sall dat gued müeglick sien, dat de Lüü dat Platt biäter achten dait, et upwwert't und wiärklick to bruiken anföngt: blooß up disse Wiese heebbt dat Platt ne Tokumst."

Tradução:

Mas a língua também deve poder ser utilizada na vida cotidiana, por exemplo, ao se fazer compras, ler o jornal ou as últimas notícias na Internet, e nas conversas habituais com os amigos (bater um papo ou, como se diz no norte: *Klönschnack*). Esses exemplos sugerem bons começos para se valorizar o *Platt* e de fato falá-lo: só assim o *Platt* terá um futuro.



„Übersichtskarte: Westfälische Mundarten 1905“⁵

⁵ Fonte: <http://www.muensterlaender-platt.de/>. Acesso em 26.08.2021.

14. MIIENE MUTTERSprauche IN LÄBEN – UN DAT LIÄBEN VAN MIIENE MUTTERSprauche¹

Lucildo Ahlert²

Vieles wat in Vörloup däi Tiit vörkwümp ännert dat Liäben van däi Menschen. Sau is et auk mit däi Muttersprauche däi us lenket un biie us blif, in äine Oot van denken un wuu män mit dat Liäben ümmegäit.

In düssen Artikel will ick däi Liäser däi Geliägenhät giben ümme Aspäkte kennen läären däi vörbuun sind mit miene Muttersprauche un mit däi westfäliske Sprachgemäinde.

Upskoons ick miene Muttersprauche, hüüde an Dag, bloos toun küren in uutnaams Momente benutze, häf säi sick nich ännert un däi Vörknüpfung un däi Gluut mit miene Sprachgemäinde hät sick vörstärket. In miien Liäben, tou mit miien Pappen un miene Mämme küren häwwe ick immer däi Muttersprauche benutz. Sau is et auk wiitergaun mit miene Bröös, Freunde und Bekannte, däi in Westfalia, Taquari Taal, in Staad Rio Grande do Sul liäwet, wiägen äin Gespräch mit iähr bloos Wäadvull is, wänn et mit däi Muttersprauche maaket wäd.

Däi westfäliske Sprachgemäinde van däi Region Taquari-Taal, wor ick in Johrgang 1950 gebuoden bin, häf siied siene Gründung bes vandage henn äin Däil van däi Hauptpunkte äine unnerskaidlike Kultur biie behaulen un uppast. Dor tou hörd däi Organisatioun van kläine Gemäinden, däi Nauberskup nennt wääd, wor jiede Familge, däi dor tou hörd, äin eesten Nauber häf. Däi Familge van den eesten Nauber gäit vödden up un vörträt däi Familge in nautwändige Momente, os Stiäwfälle, Krankenfälle un ännere Nautwändigkäiten. Wänn äin Bewuoner siien Geburtsdag fiht, olle Familgen van däi Nauberskup wääd dann dor tou inlaad. Dat sülwige passeed auk wänn äine van däi Familgen hirauted.

Äin ännern Hauptpunkt, däi schlieslik äine van däi wichtigsten is, bedräp sick mit den Gebruuk van charakteristike Skou, däi van pur Holt maaket sind un nennt

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-14>

² *Westfália (Brasil).*

wääd os Holtskou (Holske). Düssen Gebruuck hölt sick bes vandage nor un däi Naukwuomende van däi Westfälers sind bekannt os däi Holzkelühe.

Ower, äine van däi gröttesten Hauptpünkte van däi Kultur is doch däi Sprauche, däi bekannt is os Plattdüütsk. Ofwoll et äine Wariante van däi düütsken Sprauche is, urspünglik van äine Saksiske Lienje, is et sick ähnlik mit däi niederländiske Sprauche un is auk vörwandt mit däi englisken Sprauche. Wänn auk däi Medien van Wiitkiieken olles in niemt hüüde an Dag, is Plattdüütsk stetz noch biie viele westfäliske Familgen däi Muttersprauche.

Sau, bes siben Johr, hannele sick miien Liäben mit dat touhaupeliäben bie westfäliske Familgen, dor mit olle Gewüönhäiten beliäwen un för sick unnerhauen bloos äine äinzige Sprauche benutzen, däi Plattdüütske Muttersprauche. Wiägen dat miien Grossvatter äin Holzkemaaker was in däi Regioun, häwwe ick däi Geliägenhät hat persöhnlik kennenläären wuu me Holzke maaket un häwwe se auk jieden Dag driägen os Foutgeskier. Äin Paar van däi häwwe ick miie wäglegt toun Andenken.

Fig. 1: Holzke maaket van Karl Christian Wessel in däi Tiit van 1930 bes 1940



Quelle: Autor

Os ick tou't eeste Moll nor däi Grundskoule gaun bin, häwwe ick äin niggen Skrit in miien Liäben maaket. In däi Skoule geif et twäi Sotten van Skoilers, däi wor Plattdüütsk küren un däi wor Düütsk orre Hunsrückisk küren. Bloos olle wören Anfänger in däi portugisisken Sprauche. In düsse nigge Wüörkligkäit, was däi Figur van den Skoulmester wichtig, wiägen häi i Kenntnisse hadde van däi Skoilers iähre Liäben. Däi Punk was dat häi liäwede un in däi Gemäinde gebuoden was. För sick

lichtfärrig anpassen biie däi Skoilers, küre häi, wänn et nauwendig was, mit iähr in Dialect, Plattdüütsk orre Hunsrückisk.

Sau, wänn jiedes Johr äin nigge Skouljohr anföng, woiden däi niggen Skoilers van den Skoulmester upnuom un dat eeste Gespräch woid in däi Muttersprauche afhauen. Dat geif iähr Courask för iähren Naam un auk däi Naams van iähre Aulen tou seggen. Dormit kreigen däi niggen Skoilers dat henn däi Vördächtigkäit mit däi Vörännerung vörüöwer göng un kreigen Interesse un üöwerneumen sick för jieden Dag inne Skoule gaun för wat läärden, nich bloos wat nigges för iähre Liäben, owwer auk äine Sprauche däi besden Dag henn nor ganz unbekannt was.

Dat Beliäwniss (Touhaupeliäben) in däi Skoule, dat häf, kann män sau seggen, acht Johr anhauen. Dat häf miie däi Möglikkäit giben äine goo Bildung biie bringen un auk däi Geliägenhäit giben ümme däi mindesten Kenntnisse bekwuom för miie unnerhauen in däi portugisiske Sprauche, in skriieben un liäsen. Dor dür häwwe ick auk, äinige Maure, dat Düütsk küren läärd, aune miiene Muttersprauche dormit vörlaisen.

Os ick 16 Johr ault woid, häwwe ick miie mär Arbäit üöwer nuom up den Hoff van miiene Aulen, däi Landwirtschaft bedreiben. Wiägen dat ick däi jüngste was, geif miiene Mämme miie mär Friehäit, dormit hadde ick mär Tiit för läärden un ännere Dinge doun an däi ick Interesse hadde. Deswiägen häwwe ick miie olltiit an dat liäsen interessid, dat tou däi Gebruke van miiene Familge hörde.

Van 17 Johr an, häwwe ick Däil nuom an äin Vörein van Buhrenjugend, däi bekannt wör os 4-S Club, wor ick vieles läärd häwwe, nigge Freundskuppen upbowwet un dor dür häwwe ick auk dat jienige fuun dat vandage miien Wiief is.

Gigenan dat un mit däi Arbäit däi ick maakede up den Buhrenhoff, bin ick mit miien Studium anfangen den ick biie Huus maakede mit Materialen däi ick bekweimp dür däi Post. Os ick dann 19 Johr ault was, wör ich mit den Kurz färrig un, dür den Exam den ick in Lajeado üöwerstaun häwwe, kreig ick miien Tüügniss van Gymnasium för uutwüösige.

Mit äine Studiumhölpe van dat Nationale Vöreinsraut 4-S uut Rio de Janeiro, däi ick dür miiene Projekte, däi ich maakede, bekwuom häwwe, bin ick dann wär äin ännern niggen Skrit gaun in miien Liäben. Mit twindig Johr bin ick dann in däi

Landwirtschaftskoule anfangen tou studeeren, touhaupe mit den Kurz van dat twedde Skoulgraad.

Däi Kontakt mit äine nigge Realität van äin stadtlukes Liäben un mit Mensken mit ännere kulturele Realitäre, geif miie äin grauten Skock. Däi portugisiske Sprauche, däi ick bloos alsmoll bruuckede, wör nuu däi äinzige Form tou´n unnerhauen. Viele Uutsprauchprobleme, däi bes dor henn ick nich mitbekwuom hadde, kweimen tou´n vörskiiien. Däi Kollegen, däi miiene Fäblers insäugen, benutzen däi Geliängenhäit un hoilen miie för Dumm. Ower mit viele Muut un Fliiesigkäit för däi Probleme üöwerdriäben, häwwe ick et, in äin half Johr, färrig bracht däi Uutsprauchfäblers tou korrigen, un ick woid ankieken un upnuom os äin respektide un ganz integride Kollege.

Wiägen däi Studium den ganzen Dag anhoilt, wör ick twungen däi Wieken üöwer in äine Pensioun liäben un kweimp dann wär trügge nor Huus biie miiene Aulen jiede Wiekenände. In düssen Fall was ick niie van miiene ursprünglike Gemäinskup wiiet wiäge, wor ick dann miie uphoilt un ängertouhaupe arbäitede an Ände däi Wieken nuu os Föhrer van den 4-S Club.

In Johrgang 1972 göng däi Kurz in däi Landwirtschaftskoule tou Ände un dann bombs naudem, dat änner Johr, bin Ich mit miiene Arbäit in däi nigge Profissioun anfangen. Van däi Tiiet an hadde ick bloos nor Kontakte mit miiene ursprünglike Gemäinskup an Wiekenände un dat häf standhauen bes dat Johr 1975, os ick hirautet häwwe un dann äin Wuonplatz üöwer nuom häwwe in däi Regioun wor ick arbäiten dää.

Siied däi Tiiet is miien Tougang mit miiene ursprünglike Gemäinskup wieter uutenänner gaun, ower nich vörluoden gaun, wiägen ick dor Mittgliied biie vörskäidene Vörbände bliben bin.

Nau mär os teggen Johr, in Johrgang 1988, häwwe ick miie wär dichter an däi westfäliske Gemäinskup anpasst, os ick anfangen bin miie kümmern un arbäitet häwwe för däi Geskichte van däi Ahlert Familie touhaupe setten. Däi Arbäit häf in Johrgang 2002 däi Möglikkäit given för dat Bouk Familie Ahlert – dräi Johrhundert Geskichte - friie tou giben.

Van 1992 an wieter sind dann däi Kontakte mit Düütskland anfangen. Däi hät miie däi Möglikkäit giben Kenntnisse bekwuom üöwer den Hiärkumpf van miiene

Vörvaaren un den Kring van miiene Freundskep vörbräiten. Däi Kontakte, in Johrgang 1993, hät erlaubt touhaupe mit miien Wiief däi eesten Räise nor Düütskland maaken.

Dor häwwe ick Mensken kennen läard, däi Partnerschaften vörmöglig maaket hät, däi vandage nor bestood. Dor, häwwe ick auk däi Wiärke van den vörsturbenden Skriiewer Friedrich Schmedt, däi märere Boiker üöwer westfäliske Kultur friie giben häf, kennen läard. In siene Skriiewkammen, däi upwaad is, häwwe ick däi Geliägenhät hat siene Manuskripte anpacken, dat schliieslik, aune dat ick dat vörnuom häwwe, miie infectid häf mit äin „anstikenden Wirus“, dat het, dat miie höttket häf laader auk sülben äin Skriiewer wäaden.

Nau düssen Besoik, mit viele ännere däi vörüöwergaun sind un mit gicensiietige Besoike tüsken Familgen uut Westfalia un düütske Familgen, van däi Bundesstaaten Nordrhein-Wesfalen un Nidersachsen, sind däi Bewegungen in däi Region anfangen ümme däi westfäliske Kultur retten. Mit olle Dings is dann entsluoden wuoden äine Comissioun, wor ick touhöre, gründen, däi sick üowerniem soll Driärpen van däi westfäliske Kultur organisiden, däi nennt woiden os Plattdüütske Driärpen, worvan dat eeste in Johrgang 1977 passeed is. Naudem, sind nor veere ännere Driärpen van däi Comissioun organisid wuoden: 1998, 2001, 2003 un 2005.

Düsse Bewegungen brachten äin Echo auk in däi Öffentligkäit, mit äin Gesetz dat upsett wuoden is un entsluoden häf in Westfalia äin offiziellen Dag bestimmen an den Plattdüütsk kürt wäd. Däi Plattdüütske Dag is fastestellt för den 24 März, den Johresdag van däi Emanzipatioun van dat Munizip Westfalia.

Ümme nigge Wiäge soiken för däi westfäliske Kultur retten un dat säi bestaun bliieben soll in däi Toukunft, in Johrgang 2012, häwwe ick biie vörskäidene Bewuoners van Westfalia Frauen stellt ümme tou wieden un kennen läarden wat däi Lühe, däi dor wuont, denket van iähre Kultur. Dat Resultat, dat beskriben is in däi Monografie “Westfäliske Kultur: Wohniemungen üöwer iähre Wüörklikkäit, Wichtigkäit un Houpnung up den Toukunft van dat Munizip Westfalia”³, brachte mit sick nigge Ideen, os däi Gründung van däi Gruppe Freunde van däi Plattdüütsken (Holskedriäger).

³ AHLERT, Lucildo (2012). *Cultura westfaliana: percepções sobre a sua realidade, importância e expectativas futuras no município de Westfália*. Monografia do Curso de Especialização, Ivoti.

Sau is dann däi Idee vörkwuom för äine Gruppe gründen däi sick üöwerniem soll däi westfäliske Kultur, däi in 19. Johrhunnert mittbracht wuoden is van däi Immigranten uut däi westfäliske Regioun van Düütskland, uppassen un instande haulen. Os general Regeln is dacht wuoden äine representatiwe Gruppe van däi vörskäidene Segmenten van däi Westfäliske Gesellskup touhaube bringen, ümme beküren un Regel tourächte stellen van däi Immigranten iähre Sprauche, os Biiespell däi Skriiewformen, un kulturelle Aspäkte van däi Vörvaars studeeren. Däi Gruppe is toun eesten Moll tou haube kwuom in Monat Mei 2013, wor äinstimmig däi Mitiglieder beschluoten hät däi Gruppe Freunde van däi Plattdütsken gründen.

Gigen an, mit däi Arbäit van däi Gruppe, häf dat Munizip Westfalia, den 16. März, in Johrgang 2016, dat Gesetz mit Nummer 1.302 inföhrt dat erlaubt däi Plattdüstke Sprauche, däi bekannt is däi os Holskesprauche, os däi twette offiziele Sprauche biie däi Gemeinde Westfalia.

Wieterhenn, in März 2017, is däi Gruppe Freunde van däi Plattdüütken van däi Gemeinde Westfalia, dör dat Gesetz mit Nummer 1.375, offiziel os Friewilligedenstleister anerkennt. Dor dör häf däi Gruppe Erlaubniss tou Mithölpe bekwuom van dat Munizip, för Kosten betahlen däi maaket wääd dör iähre Arbäiten.

Driben van den Ideaal för den Plattdüütken Dialekt up däi Bäine haulen, dör äine friewiilige upnuomende Arbäit, häf däi Gruppe, in vörloup van iähre Driärpen, Regeln toun Skriieben un üöwer Phonetic van däi westfäliske Sprauche tourächte stellt. Säi süölt benutz wääden biie dat skriieben, biie dat liäsen van Texte un biie Lieder singen. Düsse Regeln sind tou fiien in dat Wöörebouk "Brasilaniske Westfäliske Sprauche"⁴ dat oll friie giben is in September 2019.

Dat Wiärk rettet nich bloos däi Geskichte, et präsentid auk äin uutgebräidet Woodschaft, dat möglik maaket den Dialekt up däi Bäine haulen lauden, däi bes dor henn van Generatioun tou Generatioun mündlik wieter giben wuoden is. Mit dat Wiärk häf sick dat Haupte, wat däi Gruppe sick vörnuom hadde, vullbracht, dat was dat tourächtestellen van äin Wöörebouk in dräi Sprachchen – Brasilianiske Westfäliske Sprauche, Düütsk un Portugisisk – mit mär os 6.000 Uutdruckswööre. Dat Wiärk bring mit sick nigge Möglikkäiten, dorbiie dat Skriieben, dat Studeeren, dat Läären van

⁴ AHLERT, Lucildo (2019). *Dicionário da língua westfaliana brasileira: história e contos westfalianos*. Westfália (RS): Edição do autor.

den Dialekt, worbiie düsse äinzigootige Äigenschaft van uuse Volk bestaun bliieben kann.

In November, 2020, is äin Heft tourächte stellt wuoden mit däi Haupten Uutdrücke däi Dag tou Dag van däi Wesfälers benutz wääd, in veer Sprauchen – Westfälisk, Portugiesisk, Düütsk un Englisch – dat in Johrgang 2021 friie giben wuoden is I, toun bruuken in Skoulen un för ännere Interessenten.

Fig. 2: Enkelkiind, Maisa Ahlert, bruuket dat He „Haupten Uutdrücke den Olldag biie däi Wesfälers“ ümme Däile fiien däi t gif in däi Skoule, för äine engliske Unnerricht



Quelle: Autor

In Moment is däi Grammatik van däi Brazilianiske Westfäliske Sprache in Arbäit un wäd fastestellt mit olle Regeln däi dor tou hört. Dat nigge Wiärk sall in dat neigeste Johr, 2022, offiziel friie giben wäaden.

Gigen biie däi schriftliken Arbäiten däi oll friie giben sind, hät däi Mitglieder van däi Gruppe Audios upnuom, däi in Wideos ümmersett sind, mit Texte däi vörliäst wääd, Volkslieder däi sungen wääd, sau auk os Wideos mit Präsentatiounen van däi Gruppe, däi olle toun fiien sind up den Canal "Amigos do Sapato de Pau" biie Youtube ⁵. Vörskäidene Volkslieder, däi Tougang hät mit Immigratioun,

⁵ <https://www.youtube.com/channel/UCeizN3dY9yHlciGkARExZZQ>.

Geburtsdagsfeste, Wiienachtslieder, un ännere bekannte Volkslieder däi olle üöwersett sind in Plattdüütsk sind auk oll tourächte stellt wuoden.

Mit olles wat ick in däi Johren, däi oll vörgaun sien in miien Liäben, beliäwet häwwe, kann ick seggen dat däi Muttersprauche, däi miene Aulen miie mit Läiwe biiebracht hät, mit olle Wäade däi güldig sind för äin ganzet Liäben, äin Gout hiä stellt mit äin Wäad den me nich miäden un nich anpacken kann, un dat dat Liäben äin Sinn gif. Et is ähnlik mit Wuodel van äine Plante, däi, demnau os me den Boden tourächte maaket, düngget un däi Plante uppast, wänn se in Anfang is mit siien Wassen, desto stärker un kräftiger wäad säi un sau döt däi Plante viele mär inbringen.

MINHA LÍNGUA MATERNA NA VIDA E A VIDA DA MINHA LÍNGUA MATERNAL

Lucildo Ahlert¹

Muitos acontecimentos vão moldando ao longo do tempo a vida de uma pessoa. Nesse contexto, a língua materna é uma das influências que se mantém presente no indivíduo, no modo de pensar e de encarar a vida.

No presente artigo, quero dar a oportunidade ao leitor, para conhecer aspectos da minha vida relacionados com a minha língua materna e com a comunidade linguística westfaliana.

Mesmo que eu, atualmente, use a língua materna somente na fala, em situações especiais, ela continua intacta e, mais do que isso, os laços fortaleceram a paixão pela minha comunidade linguística. Na minha vida, a comunicação com os meus pais sempre foi na língua materna. E assim continua sendo com meus irmãos, amigos e conhecidos residentes na Westfália, no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, pois a conversa com estes somente faz sentido se for através da língua materna.

A comunidade linguística westfaliana na região do Vale do Taquari, onde nasci em 1950, manteve desde a sua criação, até os dias atuais, parte das características de uma cultura diferenciada. Entre estas, está a sua organização em microcomunidades, chamadas de vizinhanças, em que cada família tem o seu primeiro vizinho. A família do primeiro vizinho é a representante oficial na organização do cerimonial de velórios, na organização de equipes de ajuda em casos de doenças e em outras necessidades da família. Quando aniversaria um morador, todas as famílias da vizinhança participam da confraternização; assim, também, acontece quando um filho de uma das famílias casa.

Outra característica, que talvez seja uma das mais importantes, está relacionada com o uso de um sapato característico feito integralmente de madeira, chamado de sapato-de-pau. Esse costume, inclusive, repercute até os dias atuais, sendo os descendentes de westfalianos conhecidos como os Sapatos-de-Pau.

¹ *Westfália (Brasil)*

No entanto, uma das grandes características é a sua língua, conhecida como *Plattdüütsk*, que, apesar de ser uma variante do alemão, do baixo-alemão, assemelha-se à língua holandesa e guarda relação com a língua inglesa. Apesar de todas as influências da mídia televisiva, ainda é a língua materna em muitas famílias westfalianas na atualidade.

Assim, até os sete anos, a minha vida resume-se ao convívio com famílias westfalianas, vivenciando todos os costumes e usando, como única língua na comunicação, a língua materna *Plattdüütsk*. Como o meu avô era o sapateiro da região, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente a fabricação de sapatos-de-pau e de usá-los, diariamente, sendo que um desses pares guardo até hoje como recordação.

Fig. 1: Sapato de pau feito por Carlos Cristiano Wessel, na década de 1930 a 1940



Fonte: Autor

Quando fui pela primeira vez na escola primária, uma nova fase da minha vida se iniciou. Na escola, havia dois tipos de alunos, os que falavam o *Plattdüütsk* e os que falavam a língua alemã ou o dialeto *Hunsrückisch*. No entanto, todos eram iniciantes na língua portuguesa. Nessa nova realidade, foi importante a figura do professor, que tinha vivência da realidade dos seus alunos, pois era integrante nato da comunidade. Para facilitar a aproximação com os alunos, ele comunicava-se, quando necessário, no respectivo dialeto.

Assim, no início de cada ano, os novos alunos eram recebidos pelo professor e as primeiras falas ocorriam na língua materna, o que os encorajava a falar o seu

nome e o nome dos pais. Dessa forma, os novatos conseguiam superar as primeiras desconfianças da mudança e se interessavam em assumir o desafio de ir, diariamente, à escola para aprender, além de novas coisas para a vida, uma língua até então totalmente desconhecida.

Essa (con)vivência escolar, que durou praticamente oito anos, possibilitou-me uma boa formação e me proporcionou o aprendizado básico para me comunicar, de forma escrita e falada, na língua portuguesa e, de forma falada, na língua alemã, sem perder a minha língua materna.

Chegando aos 16 anos, assumi com mais intensidade atividades na propriedade dos meus pais, que se dedicavam à agropecuária. A minha mãe, por eu ser o filho caçula, dava-me mais liberdade para que pudesse me dedicar aos estudos e fazer outras coisas do meu interesse. Assim, sempre me interessei pela leitura que fazia parte dos costumes da minha família.

A partir dos 17 anos, participei de uma entidade de jovens rurais, conhecida como Clube 4-S, onde aprendi muitas coisas, construí novas amizades e encontrei aquela que é hoje a minha esposa.

Paralelamente a isso e ao exercício de atividades na propriedade, comecei a estudar por correspondência, cujo curso concluí aos 19 anos, obtendo aprovação nas provas exigidas para o curso de Madureza Ginásial, em Lajeado. Agraciado com uma bolsa de estudos pelo Conselho Nacional de Clubes 4-S, do Rio de Janeiro, pelos projetos desenvolvidos, iniciei uma nova etapa da minha vida. Aos vinte anos, iniciei o curso de Técnico Agrícola, em conjunto aos estudos do Segundo Grau.

O contato com uma nova realidade de vida mais urbana e com pessoas com outra realidade cultural representaram para mim um grande choque. A língua portuguesa, que usava eventualmente, tornou-se a única forma de comunicação. Muitos problemas de pronúncia, despercebidos até então, começaram a ser escancarados. Os colegas, percebendo meus erros, usavam-me para fazer chacota. Mas, com perseverança e com vontade de acertar, em meio ano consegui corrigir os erros de pronúncia e me tornei um colega respeitado e totalmente integrado.

Como o estudo acontecia nos dois turnos diários, fui obrigado a morar numa pensão durante a semana, retornando, sempre, à casa dos meus pais, nos finais de semana. Dessa forma, não me afastava da minha comunidade de origem, na qual me

mantinha, de forma coesa, nos finais de semana, agora atuando no Clube 4-S, na função de líder.

Concluído o curso, em 1972, iniciei minhas atividades profissionais no ano seguinte. A partir disso, as minhas relações com a comunidade de origem mantiveram-se nos finais de semana até 1975, quando casei e fixei residência na região onde exercia atividades profissionais. Desde essa época, a minha relação com a comunidade de origem ficou mais distante, mas não se extinguiu, pois continuei sendo membro de diversas associações.

Depois de mais de uma década, as minhas investidas na comunidade westfaliana recomeçaram, com atividades de pesquisa histórica e genealógica, da família Ahlert, em 1988, que resultou no lançamento, no ano de 2002, do livro “Família Ahlert - Três Séculos de História”.

A partir de 1992, iniciaram-se os contatos com a Alemanha, que permitiram ampliar os conhecimentos sobre a origem dos meus antepassados e ampliar o círculo de relações de amizade. Esses contatos viabilizaram a minha primeira viagem, juntamente com a minha esposa, à Alemanha, em 1993. Lá, conheci pessoas que viabilizaram parcerias ainda hoje existentes. Lá, conheci, também, as obras do saudoso escritor Friedrich Schmedt que publicou vários livros na área da cultura. No seu escritório preservado, tive a oportunidade de manusear os seus manuscritos, que, talvez, sem me dar conta, me “infectaram com um vírus contagioso”, ou seja, instigaram-me a tornar-me, mais tarde, um escritor.

A partir dessa visita, seguida por várias outras e com visitas recíprocas entre famílias da Westfália e famílias alemãs, dos estados da Renânia do Norte-Vestfália e Baixa Saxônia, começaram movimentos na região para resgatar a cultura westfaliana. Com esses movimentos, foi formada uma Comissão Organizadora, à qual estou integrado, que se engajou na organização de eventos da cultura westfaliana, chamados de Encontros do Sapato-de-Pau, sendo que o primeiro foi realizado em 1997. Posteriormente, foram realizados mais quatro eventos, 1998, 2001, 2003 e 2005.

Esses movimentos fizeram eco também no setor público, com a criação da lei que instituiu em Westfália o Dia Oficial do Uso do Dialeto do Sapato-de-Pau, para o dia 24 de março, data do aniversário da emancipação do município.

Buscando novas formas para consolidar o resgate da cultura westfaliana, em 2012, fiz uma pesquisa com diversos moradores de Westfália, para conhecer o pensamento da população do município em relação a sua cultura. O resultado, que está retratado na monografia "Cultura westfaliana: percepções sobre a sua realidade, importância e expectativas futuras no município de Westfália",² trouxe novas ideias, que propiciaram a criação do Grupo Amigos do Sapato de Pau, em 2013.

Dessa forma, foi lançada a ideia de formar um grupo para se encarregar da preservação da cultura westfaliana, trazida pelos imigrantes oriundos da região de Westfália, da Alemanha, no século XIX. Como princípio geral, pensou-se em reunir um grupo representativo dos diversos segmentos da sociedade westfaliana, para discutir regras da língua dos imigrantes, como por exemplo sua forma de escrevê-la, e discutir aspectos culturais dos antepassados. O grupo reuniu-se pela primeira vez em maio de 2013, quando também, por unanimidade, os integrantes decidiram pela criação do Grupo Amigos do Sapato de Pau.

Paralelamente ao trabalho do grupo, o município de Westfália também publicou, em 16 de março de 2016, a lei nº 1.302 de cooficialização da língua *Plattdüütsk*, mais conhecida como Sapato-do-Pau, como a segunda língua oficial de Westfália.

Em março de 2017, o Grupo Amigos do Sapato de Pau foi reconhecido de forma oficial pelo município de Westfália, através da lei nº 1.375, como prestador de serviços voluntários, podendo receber recursos públicos para pagamento de despesas referentes a atividades nominadas.

Impulsionado pelo ideal de preservação do dialeto *Plattdüütsk*, com engajamento em um trabalho voluntário, o grupo, no decorrer dos encontros, definiu regras de ortografia e de fonética da língua westfaliana, usadas na escrita, leitura de textos e cantos e, em setembro de 2019, publicou o Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira.³ Esta obra, além de resgatar a história, apresenta um vasto vocabulário que permite a preservação deste dialeto, até então, passado oralmente de geração em geração. Com esta obra, conclui-se um grande objetivo do grupo, que era o da

² AHLERT, Lucildo (2012). *Cultura westfaliana: percepções sobre a sua realidade, importância e expectativas futuras no município de Westfália*. Monografia do Curso de Especialização, Ivoti.

³ AHLERT, Lucildo (2019). *Dicionário da língua westfaliana brasileira: história e contos westfalianos*. Westfália (RS): Edição do autor.

confeção de um dicionário trilíngue – língua westfaliana brasileira, alemão e português –, com mais de 6.000 verbetes. A obra traz novas possibilidades, incluindo a escrita, o estudo e o ensino desse dialeto, preservando esta característica tão singular de nosso povo.

Em novembro de 2020, foi finalizada uma Cartilha com as principais expressões do cotidiano dos westfalianos, em quatro línguas – westfaliana, portuguesa, alemã e inglesa – que foi disponibilizada a partir de 2021, para uso em escolas e para interessados.

Fig. 2: A neta, Maísa Ahlert, usando a Cartilha de Expressões do Cotidiano dos Westfalianos, para conhecer itens da escola, para a aula de inglês



Quelle: Autor

No momento, está sendo finalizada a Gramática da Língua Westfaliana Brasileira, com todas as regras pertinentes. A obra deverá ser lançada oficialmente no próximo ano, em 2022.

Além destas publicações, já foram gravados, pelos integrantes, áudios que estão sendo transformados em vídeos, de leitura de textos e cantos populares, e vídeos de apresentação do grupo, disponibilizados no Canal Amigos do Sapato de

Pau, no Youtube.⁴ Vários cantos populares relativos à imigração, festejos de aniversários, cantos natalinos e outros cantos populares já foram traduzidos para a língua westfaliana.

Por tudo que eu pude vivenciar ao longo dos anos de minha vida, a língua materna, ensinada com amor pelos pais, acompanhada de valores que servem para a vida inteira, representa um bem intangível de valor incomensurável, que dá sentido à vida. É como a raiz de uma planta que, dependendo do preparo do solo, da adubação e do cuidado que se dá à planta nos primórdios de seu crescimento, será mais vigorosa e tornará a planta mais produtiva.

⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCeizN3dY9yHlciGkARExZZQ>.

15. DAI TRADITIONAL POMMERISCH FOLK GÄIT NAM UNIVERSITÄD: DAILE FON KULTUR, SPRÄK UN EDUKATION¹

Erineu Foerste²

Gerda Margit Schütz-Foerste³

Dai airste pommern sin mir fon XIX jårhuunerd nam Brasil kåme. Dat sin hüüt ungefäär 300 duusend afstamung⁴ un eer presens is gewöönlig identificijrt in Rio Grande do Sul, (RS), Santa Catarina (SC), Espírito Santo (ES), Minas Gerais (MG) e Rondônia (RO). Foir dun na, oiwer 150 jåre sin al forgåe un dai pommerisch kultur un språk sin leewig un rüstig. Sai sin air Traditional Pommerisch Folk in dai Dekret Presidential numer 6.040 fon de 7^{te} februar 2007⁵ betracht (National Amt fon Folk un Traditional Gemainde, in 2015 taum National Råd fon Traditionlle Folke un Gemainde foräänre woora).

Air swår dail un twang is dai schaulung up pommerisch. Bij dai Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) find ma wek forschungen oiwer pommerisch kultur, språk un edukation. T'hooparbären mit pommerisch lærers un forschers in Brasil (Cleo V. Altenhofen, Mônica M. G. Savedra, Carmo Thum, José Wálter Nunes, Sérgio Nunes de Jesus un anerds) un in Düütschland (Bernd Fichtner, Joachim Born, Harald Thun, Peter Rosenberg, Konstanze Jungbluth, Mathias Vollmer, Göz Kaufmann, Joachim Steffen, Elmar Eggert, Eva Gugenberger un anerds) sin registrijrt.

Nuu is oos objektiv dår oiwer dat forschungsdail bij UFES reere. Kultur-språk-edukation sin drai pommerisch daile t'hoop, wat sër oiwer reert un lërt muit. Taum dai pommerisch språk stärken, woo küün dat schaulungsprocess mithelpe?

¹ Dës text wourde mit Edineia Koeler un Jandira Marquardt Dettmann diskutiert. Dat oiwerseta up pommerisch is frai måkt wourer un wij danka dat Simone Kurth Dettmann Hila ous dår bij hulpa hät. DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-15>

² *Vitória (Brasil)*.

³ *Vitória (Brasil)*.

⁴ JACOB, Jorge Küster (2012). *População pomerana no Estado do Espírito Santo – Brasil*. Vila Pavão: Secretaria Municipal de Cultura. (Documento de Trabalho).

⁵BRASIL. Decreto 6.040/2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm Acesso em: 15 nov. 2020.

Dai forschungskorpus sin fon UFES taum analysis henlegt, mit srijwerswöir soo as: pommerisch kultur un språk⁶. Dai Grung is up akademike srijwen (monographien, dissertationen un thesen), artikeln un anerd arbërd maint.

Dat airst forschung is fon 1993. Dat is tracht taum dai Schaulswährhët diskutijre fon kiner wat afstamung sin fon düütsche imigrants⁷. Gerlinde Merklein Weber⁸ (1998) dait lëren in Melgaço, eine pommerischen gemainde, beachte, taum sin kultur un dai schaulswakhët analisijre. Dat giwt kulturwiederstand oiwer dat ofitialeduktionprojekt.

In 2005 is dai Pommerisch Schaulprogram (PROEPO) upricht, waat up dai språk konzentriert, taum lëren anerds garantijre. Bet 1940 dai parokialainsiglëren mitfeelklassenseries⁹ hare düütschschaul mit sin aigen kurrikulum. Dai däire dai gemainde tauhööre, âwer dai staat hät dat forbåre (Getúlio Vargas).

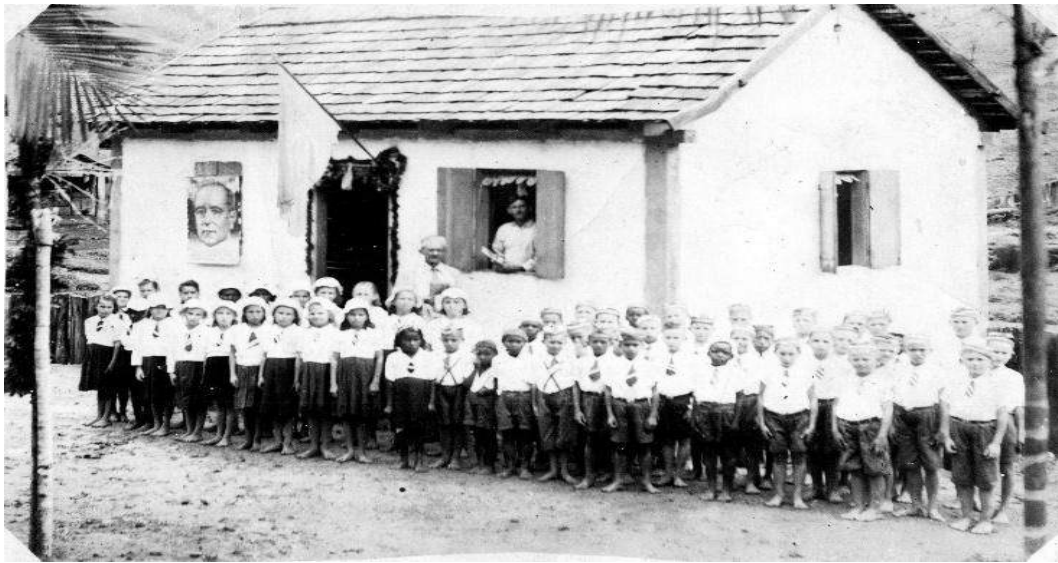
⁶ FOERSTE, Erineu *et al.* Povo Tradicional Pomerano: o que diz a produção acadêmica? *In.*: FOERSTE, Erineu (org.). **Culturas, parcerias e educação do campo**. Curitiba: Appris, 2020a, pp. 361 – 378.

⁷MIAN, Bernadete G. **Educação escolar de filhos de imigrantes alemães no Espírito Santo**: um processo pouco explorado. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES, 1993.

⁸WEBER, Gerlinde Merklein. **A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins**. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES, 1998.

⁹ Consultar: a) CASTELLUBER, Arildo. **Ensino primário e matemática dos imigrantes descendentes germânicos em Santa Leopoldina (1857-1907)**. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: UFES, 2014; b) DELBONI, Juber H. B. **Imagem e memória**: uma análise da escola multisseriada na comunidade do campo em Santa Maria de Jetibá-ES. Dissertação (Mestrado em educação). Vitória: UFES, 2016; d) DELBONI, Juber H. B. **Escola multisseriada, infâncias e comunidade tradicional pomerana**; diálogos mediados por imagens e memórias. Tese (Doutorado em educação) Vitória: UFES, 2020; d) MÜLLER, Eucineia R. **Classe multisseriada em Domingos Martins/ES**: um estudo de caso sobre cultura escolar e cultura de escola. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES, 2019.

Fig. 1: Bijld fon Gemaindeschau, Pancas – ES, 1940



Fon: Bijld fon Emílio Schulz. Höört dai Foerster familg

Fig. 2: Bijld fon Foerster bruirers, Pancas- ES. 1940



Fon: Bijld fon Emílio Schulz. Höört dai Foerster familg. Fon dai rechts bet links: Adolph Reetz Foerster, Franz Reetz Foerster, Hedwig Reetz Foerster um Rudi Reetz Foerster.

Dai bijler daue tauhööre tau dai geschicht wat leewend sin, un daue dârmit wijse dat wêrd un dat weeg trööghåle fon dai gemainde. Dai dâit fatelen dat leewend fon sijn kultur un gedächtnis behulen, wat wichtig sin oiwêr bekâmen un forspeelen.

Dat figur 1 dâit ain gemaindeschau fon feelklassenserien in Pancas foirstele. Dat is mit ainig t'hooparbêrt up Carlos Foerster sijn aigendom in Laginhagemainde upbuugt. Air schaulärer un dai buur fon pommerisch familg daue dai schaulung behüte. Dat benutsen von schaultüch, dai uutsmüktpapijre, girlande, fân un dat bijld mit Getúlio Vargas an dai doire un luuke sin stärke institutionalisierte ideologien un symbolen. Dat is air slim tijd tau dai imigranten west. Dat bijld dâit dai nationalist diskurs intreke, wat dai praktisch oiwêr kultur in dai tijd registriert.

Scientifische studiums oiwêr dai pommerer in Brasil sin nog wêinig bekend. Dat inwijgtenâforsche foir linguistikskontakt fon Elizana Schaffel Bremenkamp¹⁰ hât, âwer, identificiert un analysiert dat dai mehrsprachigkêd düttsch-pommerisch-portuguijsisch, wat hüt mank dai pommerisch folk is (simlig ale fruuges oiwêr 60 jâre), wijrermâkt ka. Is mööglig dat dai schaulpraxis mit twaisprâkisch düttsch-pommerisch bet dai moment dârgêgen dai "drür generation gesets" fon Weinreich¹¹ koine seege. Wouweegen fon dai afstamung fon dai drürte un firte generations nog 85% dai pommerischmutersprâk fatelen daue?

In dai tijd passiert dai koofficialisation, wat fon Adriana Vieira Guedes Hartwig¹², Jandira Marquardt Dettmann¹³, Síntia Bausen Küster¹⁴ un Edineia Koeler¹⁵ analysiert is. Sai hâwe oiwêr dês linguistikspolitik in Santa Maria de Jetibá pedagogisch munge diskutiert (in Pancas – 2007, Vila Pavão - 2009, Laranja da Terra - 2009, Domingos

¹⁰ BREMENKAMP, Elizana Schaffel (2014). *Análise sociolinguística da manutenção da Língua Pomerana em Santa Maria Jetibá, Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória: UFES.

¹¹ WEINREICH Uriel ([1953] 1970). *Languages in contact: findings and problems*. Paris: Mouton.

¹² HARTWIG, Adriana V. (2011). *G. Professoras(as) pomeranas(as): um estudo de caso sobre o PROEPO desenvolvido em Santa Maria de Jetibá/ES*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

¹³ DETTMANN, Jandira Marquardt (2014). *Práticas e saberes da professora pomerana: um estudo sobre interculturalidade*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

¹⁴ KÜSTER, Síntia Küster (2015). *Cultura e Língua Pomeranas: um estudo de caso em uma escola do Ensino Fundamental no município de Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo – Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

¹⁵ KOELER, Edineia (2016). *Uma professora pomerana e sua comunidade*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

Martins - 2011, Afonso Cláudio - 2015 un Itarana - 2016; in Canguçu - RS in 2010 un Pomerode - SC foir 2017 is koofitialisition passijrt). Fängt dai pommerisch kultur un språk ine schaul an; dat dai pommerisch edukation air praxis fon landgëgend is, wart diskutijrt¹⁶. Dai gloobe dat dai twaispråkisch swakhët bringt un dai ofitiale språk ine schaul forstöört dait mitlangsâm forgæ. Dai diskution oiwer språkdeficit forspeelt kraft. Dai schaulërs daue sich dat promotion fon dat linguistiksunerschäd oiwerneeme.

Dat reeren oiwer dai linguistikrechte sin nationals (Dekret numer 7.387/2010)¹⁷. Tau Born, Foerste un Dettmann¹⁸ kultur, språk un edukation gründe dai grund wat erlaube dait dai mehrsprachigkëd soo as ain recht ni bloos tau dai pommerisch folk, åwer uk tau dai indigenen, kilombolas, afstamung foir dai imigrants un dai gewöönlig folk. Nog in 1970 jåre, Klaus Granzow¹⁹ hät dai pommerische gemainde in RS, SC un ES besuikt un hät historisch schrijwt fon eer kultur un språk, wat nog leewe dait, in ain land wat mit groude kulturelle un linguistik unerschäd anmarkt is, låte.

Betrachte dat uprichten un dat analysis fon akademike schafen bijn UFES, koine wij marke: i) schaulërs, familg u gemaind daue dai werk fon pommerisch kultur, språk un edukation ümfåter; ii) dai ofitiale ordnung daue sich stark politik fon dai pommerisch kultur, språk un edukation anneeme; iii) fon dai pommerisch afstamung, 85% fatele pommerisch soo as sin muterspråk (BREMENKAMP, 2014); iv) lëren oiwer fonetik muit inricht²⁰; v) dai mehrsprachigkëd fon dai pommerisch folk dait anwijse dat dai pommerisch språk rüstig fijnem is; vi) dat srijwen fon dat pommerisch språk ine kurikulum kan swår sin taum familg-gemaind-schaul

¹⁶ FOERSTE, Erineu (2020). *Culturas, parcerias e educação do campo*. Curitiba: Appris.

¹⁷ BRASIL. Decreto 7.387/2010. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1026069/decreto-7387-10> Acesso em: 15 nov. 2020.

¹⁸ BORN, Joachim; FOERSTE, Erineu; DETTMANN, Jandira Marquardt (abr. 2019). *Língua pomerana na escola: práticas docentes e diversidade linguística*. Revista Brasileira de Educação, v. 24. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782019000100210. Acesso em: 15 nov. 2020.

¹⁹ GRANZOW, Klaus (1975). *Pommeranos unter dem Kreuz des Südens*: Deutsche Siedler in Brasilien. Tübingen: Horst Erdmann Verlag.

²⁰ BENINCÁ, Ludmilla Rüpff (2008). *Dificuldade no domínio de fonemas do português por crianças bilíngues de português e pomerano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Vitória: UFES; un SCHAEFFER, Shirlei C. Barth (2012). *Descrição fonética e fonológica do pomerano falado no Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória: UFES.

t'hoopfatelen²¹; vii) dai pommern sin fon dai staad soo as Traditional Pommerisch Folk betracht (Dekret 6.040/2007); viii) dai Traditional Pommerisch Folk hät sin recht taum territorium t'hoop mit ander Folk un Traditionalle Gemainde gewinnt, un uk dai recht taum sin wöör ine universitäd uutsprääke.

Taulätst is råd dat wat någåe dait: a) dat lëren stark oiwergeewe mit grund fon historisch oiwer dai pommerisch folk, weegen feel sin bloos taum forsuiken west; b) dat t'hoopstæe stärken taum dai mehrsprachigkëd höögerbrijnge; c) interinstitutionelle akademike bemühung inrichte tau dai pommerisch kultur un språk registrijren; d) Dår mut kooperatione promovijrt ware mit lër- un forschungsinstitutione fon Brasil un fon Düütschland, tüschen anerds, woofeel forschungsgruppe mit erfahren giwt.

²¹ DETTMANN, Jandira Marquardt (2020). *Práxis docente pomerana: cultura, língua e etnicidade*. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: UFES.

O POVO TRADICIONAL POMERANO VAI À UNIVERSIDADE: QUESTÕES SOBRE CULTURA, LÍNGUA E EDUCAÇÃO¹

Erineu Foerste²

Gerda Margit Schütz-Foerste³

Os primeiros pomeranos chegaram ao Brasil em meados do século XIX. Hoje, são cerca de 300 mil descendentes⁴, e sua presença é identificada de um modo geral nos estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Espírito Santo (ES), Minas Gerais (MG) e Rondônia (RO). Mais de 150 anos já se passaram desde então, e a cultura e língua pomeranas estão vivas e vigorosas. São considerados Povo Tradicional Pomerano no Decreto Presidencial nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007⁵ (Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais, transformada em Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais em 2015).

A escolarização pomerana é uma questão complexa e desafiadora. Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), há algumas pesquisas sobre cultura, língua e educação pomeranas. Registram-se parcerias com educadores pomeranos e pesquisadores no Brasil (Cléo V. Altenhofen, Mônica M. G. Savedra, Carmo Thum, José Wálter Nunes, Sérgio Nunes de Jesus entre outros) e na Alemanha (Bernd Fichtner, Joachim Born, Harald Thun, Peter Rosenberg, Konstanze Jungbluth, Mathias Vollmer, Göz Kaufmann, Joachim Steffen, Elmar Eggert, Eva Gugenberger entre outros).

Realizar um diálogo com parte das pesquisas na UFES é nosso objetivo agora. A tríade cultura-língua-educação pomeranas suscita debates e estudos. Como o processo de escolarização pode contribuir para o fortalecimento da língua pomerana?

O corpus para análise são pesquisas disponíveis da UFES, com descritores,

¹ O texto foi discutido com Edineia Koeler e Jandira Marquardt Dettmann. A tradução para o pomerano é livre e nós agradecemos à ajuda de Simone Kurth Dettmann Hila.

² *Vitória (Brasil)*.

³ *Vitória (Brasil)*.

⁴ JACOB, Jorge Küster (2012). *População pomerana no Estado do Espírito Santo – Brasil*. Vila Pavão: Secretaria Municipal de Cultura. (Documento de Trabalho).

⁵BRASIL. Decreto 6.040/2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 15 nov. 2020.

como: pomeranos, cultura, língua pomerana⁶. Os dados referem-se a relatórios acadêmicos (monografias, dissertações e teses), artigos e outros trabalhos.

A primeira pesquisa é de 1993. Objetivou discutir dificuldades escolares de crianças descendentes de imigrantes germânicos⁷. Gerlinde Merklein Weber⁸ protagoniza estudos na comunidade pomerana de Melgaço, para analisar suas culturas e fracasso escolar. Há resistências culturais ao projeto oficial de educação.

Em 2005, é criado o Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO), para garantir educação diferenciada, focando a língua. Até 1940, as escolas paroquiais unidocentes – com classes multisseriadas⁹ – tinham um currículo próprio, com aulas em alemão. Pertenciam às comunidades locais, mas o Estado proibiu-as (Getúlio Vargas).

⁶ FOERSTE, Erineu et al. (2020). *Povo Tradicional Pomerano: o que diz a produção acadêmica?* In.: FOERSTE, Erineu (org.). *Culturas, parcerias e educação do campo*. Curitiba: Appris, pp. 361 – 378.

⁷MIAN, Bernadete G. (1993). *Educação escolar de filhos de imigrantes alemães no Espírito Santo: um processo pouco explorado*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

⁸ WEBER, Gerlinde Merklein (1998). *A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

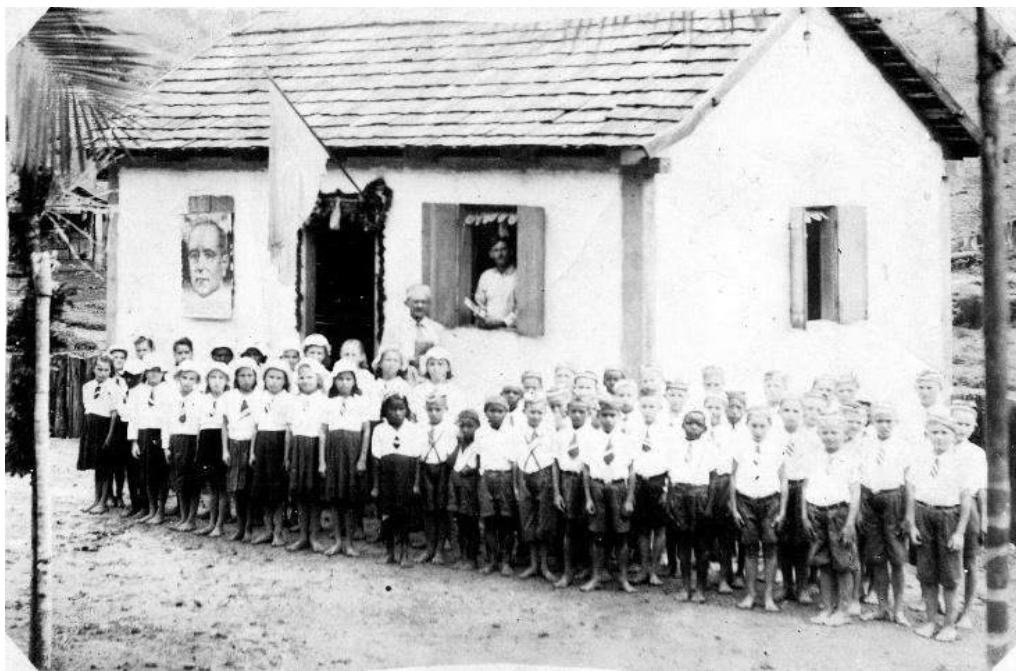
⁹ V. CASTELLUBER, Arildo (2014). *Ensino primário e matemática dos imigrantes descendentes germânicos em Santa Leopoldina (1857-1907)*. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: UFES;

DELBONI, Juber H. B. (2016). *Imagem e memória: uma análise da escola multisseriada na comunidade do campo em Santa Maria de Jetibá-ES*. Dissertação (Mestrado em educação). Vitória: UFES;

DELBONI, Juber H. B. (2020). *Escola multisseriada, infâncias e comunidade tradicional pomerana; diálogos mediados por imagens e memórias*. Tese (Doutorado em educação) Vitória: UFES;

MÜLLER, Eucineia R. (2019). *Classe multisseriada em Domingos Martins/ES: um estudo de caso sobre cultura escolar e cultura de escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

Fig. 1: Fotografia de Escola Comunitária, Pancas- ES. 1940



Fonte: Fotografia de Emílio Schulz. Acervo da família Foerster

Fig. 2: Fotografia dos irmãos Foerster, Pancas- ES. 1940



Fonte: Fotografia de Emílio Schulz. Acervo da família Foerster. Da direita para a esquerda: Adolph Reetz Foerster, Franz Reetz Foerster, Hedwig Reetz Foerster e Rudi Reetz Foerster.

As imagens fotográficas materializam histórias vividas e constituem-se como mediação semiótica na retomada das trajetórias das instituições. Narram experiências culturais e guardam memórias marcadas por conquistas e perdas.

A figura 1 apresenta uma escola comunitária de classes multisseriadas em Pancas, construída em mutirão na propriedade de Carlos Foerster, na comunidade de Laginha. Um professor e o agricultor familiar pomeranos zelam pela escolarização. O uso de uniforme escolar, as bandeirolas, guirlandas, a bandeira e o cartaz com a imagem de Getúlio Vargas nas janelas e portas são símbolos institucionais e ideológicos fortes. Eram tempos difíceis para os imigrantes. O discurso nacionalista impregna a fotografia, que registrou práticas culturais daquela época.

Ainda são pouco conhecidos os estudos acadêmicos sobre os impactos dessa imposição aos pomeranos e demais imigrantes germânicos. Todavia, a investigação inaugural sobre contatos linguísticos de Elizana Schaffel Bremerkamp¹⁰ identificou e analisou a continuidade do plurilinguismo alemão-pomerano-português, hoje, entre pomeranos (quase todas as mulheres com idade superior a 60 anos). Possivelmente as práticas escolares bilíngues alemão-pomerano, até aquele momento, podem refutar a “lei da terceira geração” de Weinreich¹¹. Ou seja, por que 85% dos descendentes da terceira e quarta gerações ainda falam o pomerano como língua materna?

Nesse contexto, observa-se um número cada vez mais crescente de cooficializações, o que é analisado por Adriana Vieira Guedes Hartwig¹², Jandira Marquardt Dettmann¹³, Síntia Bausen Küster¹⁴ e Edineia Koeler¹⁵. Todos esses estudos discutem dimensões pedagógicas da política linguística em Santa Maria de

¹⁰ BREMENKAMP, Elizana Schaffel (2014). *Análise sociolinguística da manutenção da Língua Pomerana em Santa Maria Jetibá, Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória: UFES.

¹¹ WEINREICH Uriel ([1953] 1970). *Languages in contact: findings and problems*. Paris: Mouton.

¹² HARTWIG, Adriana V. G. (2011). *Professores(as) pomeranos(as): um estudo de caso sobre o PROEPO desenvolvido em Santa Maria de Jetibá/ES*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

¹³ DETTMANN, Jandira Marquardt (2014). *Práticas e saberes da professora pomerana: um estudo sobre interculturalidade*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

¹⁴ KÜSTER, Síntia Küster (2015). *Cultura e Língua Pomeranas: um estudo de caso em uma escola do Ensino Fundamental no município de Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo – Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

¹⁵ KOELER, Edineia (2016). *Uma professora pomerana e sua comunidade*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: UFES.

Jetibá. No Espírito Santo, houve cooficialização em Pancas (2007), Vila Pavão (2009), Laranja da Terra (2009), Domingos Martins (2011), Afonso Cláudio (2015) e Itarana (2016). Somam-se a esses municípios Canguçu - RS (2010) e Pomerode - SC (desde 2017). Nesse processo, introduzem-se na escola cultura e língua pomeranas; discute-se educação pomerana como prática de educação do campo¹⁶. Aos poucos, há desconstrução da crença de que o bilinguismo causa fracasso na escola e bloqueia a aquisição da língua oficial. Os debates sobre *déficit linguístico* perdem, com isso, força. Os professores, a família e a comunidade assumem a promoção da diversidade linguística.

Os debates sobre direitos linguísticos têm-se desdobrado nos últimos anos, tanto no Brasil (Decreto nº 7.387/2010)¹⁷. Para Born, Foerste e Dettmann,¹⁸ cultura, língua e educação constituem a base que promove o plurilinguismo como um direito não somente do povo pomerano, mas também dos indígenas, quilombolas, descendentes de imigrantes e sociedade em geral. Ainda nos anos de 1970, Klaus Granzow¹⁹ visitou comunidades pomeranas no RS, SC e ES e deixou registros históricos da vitalidade de sua cultura e língua num país marcado por grandes diversidades culturais e linguísticas.

Considerando o levantamento e análise da produção acadêmica acumulada na UFES, podemos destacar: i) professores abraçam a causa da cultura, língua e educação pomeranas; ii) órgãos oficiais adotam políticas de fortalecimento da cultura, língua e educação pomeranas; iii) 85% dos descendentes pomeranos falam pomerano como língua materna²⁰; iv) dispõe-se de estudos sobre fonética do pomerano²¹; v) o plurilinguismo do povo pomerano indica que a língua pomerana

¹⁶ FOERSTE, Erineu (2020). *Culturas, parcerias e educação do campo*. Curitiba: Appris.

¹⁷ BRASIL. Decreto 7.387/2010. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1026069/decreto-7387-10> Acesso em: 15 nov. 2020.

¹⁸ BORN, Joachim; FOERSTE, Erineu; DETTMANN, Jandira Marquardt (abr. 2019). *Língua pomerana na escola: práticas docentes e diversidade linguística*. In: Revista Brasileira de Educação, v. 24. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782019000100210. Acesso em: 15 nov. 2020.

¹⁹ GRANZOW, Klaus (1975). *Pommeranos unter dem Kreuz des Südens: Deutsche Siedler in Brasilien*. Tübingen: Horst Erdmann Verlag.

²⁰ BREMENKAMP, Elizana Schaffel (2014). *Análise sociolinguística da manutenção da Língua Pomerana em Santa Maria Jetibá, Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória: UFES.

²¹ BENINCÁ, Ludmilla Rüpff (2008). *Dificuldade no domínio de fonemas do português por crianças bilíngues de português e pomerano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Vitória: UFES;

encontra-se vigorosa; vi) a ênfase na escrita da língua pomerana no currículo pode dificultar o diálogo família-comunidade-escola²²; vii) os imigrantes pomeranos são reconhecidos pelo Estado como Povo Tradicional Pomerano (Decreto 6.040/2007); viii) o Povo Tradicional Pomerano conquistou, juntamente com outros Povos e Comunidades Tradicionais, também o direito de pronunciar suas palavras na universidade.

Para finalizar, recomenda-se o que segue: a) imprimir maior rigor nos estudos com base em fontes históricas sobre o povo pomerano, pois predominam referências do gênero ensaio; b) fortalecer parcerias para incremento do plurilinguismo; c) articular esforços acadêmicos interinstitucionais para o inventário da cultura e língua pomeranas; d) promover cooperação com instituições de ensino e pesquisa do Brasil e da Alemanha, entre outros, onde há coletivos de pesquisas com experiências para produzir conhecimento sobre o plurilinguismo e a língua pomerana.

un SCHAEFFER, Shirlei C. Barth (2012). *Descrição fonética e fonológica do pomerano falado no Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória: UFES.

²² DETTMANN, Jandira Marquardt (2020). *Práxis docente pomerana: cultura, língua e etnicidade*. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: UFES.

16. MOTTERSPROCH/MODDERSPRÅK IM WANDEL: DIE ERFAHRUNG MIT DEM DEUTSCHEN IN BRASILIEN UND RUSSLAND¹

Peter Rosenberg²

Als ich das erste Mal nach Brasilien kam, um die deutschen Sprachinseldialekte zu erforschen, konnte mir niemand sagen, ob ich im Süden, in Rio Grande do Sul, Pomeranos finden würde. Von Hunsrückern wusste jeder, von Pommern wenige. Ich bekam einen Eindruck von der weiten und vielfältigen Sprachlandschaft in diesem großen Land. Ein Schüler in Ivoti hat mir schließlich geholfen, indem er einfach seinen Vater, den evangelischen Pastor Nilo Bidone Kolling, anrief, der mich mit den Worten einlud: „Hier gibt es viele Pommern, komm vorbei.“ Was für eine Gastfreundlichkeit!

Die Pommern und die Hunsrücker in Brasilien interessierten mich, zumal ich schon in anderen Ländern deutsche Sprachinseln erforscht hatte, zum Beispiel in Russland. Die Sprachinseln dort wurden in den letzten Jahrzehnten von der dortigen Mehrheitssprache, dem Russischen, „überflutet“. Und dabei taten sie etwas, das ganz erstaunlich war: Die Sprache verschwand nicht einfach, sondern sie wurde von manchen vereinfacht weiterverwendet. Die Endungen der Substantive, die die Fälle anzeigen (Dativ, Akkusativ) wurden zusammengefasst (zum Akkusativ: *ich red mit den Monn*) oder gleich ganz aufgegeben (*mit de Monn*). Das passierte überall, nur nicht bei den Personalpronomen (*ich, du, er, sie*), die für Menschen stehen. Diese Entwicklung ist eigentlich nichts Besonderes, sondern auch in Deutschland üblich. Aber die Sprachinseln in der „Flut“ zeigten eine besonders schnelle Entwicklung. Die Sprachinseln lassen Sprachwandelprozesse wie in einem sprachwissenschaftlichen „Labor“ beobachten, die in Deutschland Jahrhunderte gedauert haben.

Was besonders erstaunte, war: In Brasilien war dies genauso wie in Russland, obwohl die russische Mehrheitssprache sechs Fälle unterscheidet und die portugiesische nur bei den Personalpronomen (*me/mim, te/ti, lhe*). Anscheinend setzen unter dem Druck der Kontaktsprache in den Sprachinseln die gleichen

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-16>

² Frankfurt (Oder) (Deutschland).

Vereinfachungen ein, wenn die Normen verblassen, wenn nicht mehr alle wissen, wie die ehemals „korrekte“ Grammatik war, wenn die Sprache immer weniger in der Familie gelernt wird, wenn sich die Sprachen im Alltagsgebrauch mischen.

In beiden Ländern sprechen die Sprecher meist Dialekte, kaum Standarddeutsch, das durch die Restriktionen der Vergangenheit aus den Schulen verdrängt wurde. Wie entwickeln sich aber solche Dialekte ohne ein „Dach“ der eigenen Standardsprache? Gehen die Sprecher bald zur Mehrheitssprache über, weil sie in ihrem Dialekt keine Bildung, keine besseren Berufe, keinen höheren Status erhalten können?

Brasilien und Russland sind die beiden Länder mit den meisten Deutschsprechern auf der Welt (außerhalb Deutschlands). Zweifellos geht die Sprache im Laufe der Zeit zurück, besonders unter den Jüngeren. Aber nicht ganz: Für manche ist es noch die Familiensprache, manchmal sogar die Sprache mit den Nachbarn oder auf der Arbeit. Für eine zweite Gruppe ist es mehr ein „Erbe“, das an die Oma erinnert, eine Sprache, die man noch (passiv) kann, aber meist nicht mehr aktiv verwendet, und auch nicht mehr so, wie die Großeltern sie sprachen. Und für eine dritte Gruppe ist sie eine „Identifikationssprache“, Ausdruck der familiären Herkunft, aber ohne sie zu verstehen: „Deutsch ist meine Muttersprache, deshalb muss ich sie jetzt lernen“, hörte ich einmal von einem aus dieser Gruppe.

Ist die Reise von der ersten zur zweiten zur dritten Gruppe unaufhaltbar? Lohnt es sich noch, die *Mottersproch/Modderspråk* zu lernen, wenn sie immer weniger gesprochen wird? Hat sie in der Zukunft noch einen Wert (außer für Linguisten)?

Ich glaube, sie hat einen Wert als etwas, das die Einzigartigkeit ihrer Sprechergruppe zeigt: den Unterschied zu anderen in der sprachlichen Vielfalt Brasiliens. Aber muss Sprache nicht der Gemeinsamkeit mit den anderen dienen? Doch, aber der Mensch kann mehr als eine Sprache sprechen: Pommerisch/Hunsrückisch (ebenso wie die anderen Minderheitensprachen) und Portugiesisch.

In Brasilien hat nach langer Zeit der Verleugnung eine Sprachenpolitik eingesetzt, die die Minderheitensprachen anerkennt und manche sogar kooffizialisiert. Im Jahr 2021 sind es nach dem IPOL³ 19 kooffizialisierte Sprachen in 41 Munizipien,

³ Quelle: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>.

davon 13 indigene in 10 Munizipien und 6 Sprachen der Immigration in 31 Munizipien. (Hinzu kommen 2 weitere indigene Sprachen und insgesamt 4 weitere Munizipien im Prozess der Kooffizialisierung). Dort kann man sie sogar in der Schule unterrichten.

Aber damit stellt sich die Frage noch schärfer: Wie kann das gehen, eine Sprache zu unterrichten, die keine Standardsprache ist? Kann man Pommerisch oder Hunsrückisch als Unterrichtssprache verwenden, kann man darin Mathematik lernen, über Geschichte, Kultur, Politik sprechen? Wie bekommt man das Buch in eine Gemeinschaft, die die Sprache immer nur mündlich verwendet hat?

In Espírito Santo wird gerade ein Schulprojekt begonnen, das die beiden Interessen – Einzigartigkeit (im Pomerano) und Gemeinschaftlichkeit (im Portugiesischen) – zu verbinden versucht:

Dort soll ab der ersten Klasse bilingualer Unterricht Pomerano-Portugiesisch gegeben werden. Warum das? Damit jedes Kind die Sprachfähigkeiten einbringen kann, die es aus dem Elternhaus mitbringt. Mehr als eine Sprache (teilweise) zu können, ist nämlich ein Gewinn und kein Schaden – und das sollte genutzt werden.

Ab der dritten Klasse soll Standarddeutsch dazukommen und ab der sechsten Klasse Englisch. Warum das? Weil Kinder, die eine deutsche Varietät können, aufgrund der sprachlichen Verwandtschaft günstige Voraussetzungen haben, eine andere germanische Sprache zu lernen.

Die Mottersproch/Modderspråk kann ein Kapital und eine Brücke zu anderen Sprachen sein.

Wenn man sie auf diese Weise anerkennt und fördert, kann man die Reise vielleicht umkehren: von der dritten Gruppe (Identifikationssprache) zur zweiten (sprachliches Erbe) zur ersten (Familiensprache).

Dafür braucht es Schulbücher, Lehrer/innen, die das können, Schuldirektoren, die das erlauben, secretarias de educação, die das planen, prefeito(a)s und vereadore(a)s, die das initiieren. Aber das Wichtigste sind die Sprecher, die das wollen.

“MOTTERSPROCH/MODDERSPRÅK” EM MUDANÇA: A EXPERIÊNCIA COM A LÍNGUA ALEMÃ NO BRASIL E NA RÚSSIA

*Peter Rosenberg*¹

Quando fui ao Brasil pela primeira vez, para pesquisar as ilhas dialetais de língua alemã, ninguém sabia me dizer se eu encontraria pomeranos no Rio Grande do Sul. Todos sabiam da existência de hunsriqueanos, mas, dos pomeranos, ninguém. Tive, assim, uma impressão da paisagem linguística ampla e diversa desse vasto país. Por fim, em Ivoti, um estudante me ajudou, simplesmente ligando para seu pai, o pastor Nilo Bidone Kolling, que me convidou dizendo: “Aqui há muitos pomeranos. Venha para cá.” Que hospitalidade!

Interessavam-me os pomeranos e os hunriqueanos no Brasil, sobretudo porque eu já havia pesquisado ilhas linguísticas alemãs em outros países, como na Rússia. Lá, as ilhas linguísticas têm sido “inundadas” nas últimas décadas pela língua majoritária, o russo. Frente a isso, ocorreu algo curioso: a língua não desapareceu simplesmente, mas alguns continuaram a utilizá-la de forma simplificada. As terminações dos substantivos que indicam o caso (dativo, acusativo) fundiram-se (para o acusativo: *ich red mit den Monn* [‘eu conversei com o homem’]) ou foram completamente abandonadas (*mit de Monn*). Isso ocorreu de maneira geral, salvo com os pronomes pessoais (*ich, du, er, sie*). Essas transformações não são nenhuma excepcionalidade; são inclusive, comuns também na Alemanha. Porém, as ilhas linguísticas que se encontravam nessa “inundação” apresentavam um desenvolvimento especialmente rápido: elas possibilitavam que se observassem os processos de mudança linguística (que levaram centenas de anos para ocorrer na Alemanha) como em um “laboratório”.

O mais surpreendente foi constatar que aconteceu no Brasil exatamente o que aconteceu na Rússia, ainda que a língua majoritária russa diferencie seis casos gramaticais, enquanto, no português, isso ocorre apenas com os pronomes pessoais (*me/mim, te/ti, lhe*). Pelo visto, as mesmas simplificações são incorporadas sob a

¹ *Frankfurt (Oder) (Alemanha). Tradução: Sofia Froehlich Kohl.*

pressão da língua em contato, quando as normas esmorecem, quando poucos ainda sabem como era a gramática “correta”, quando a língua é cada vez menos aprendida na família, quando as línguas se misturam no uso cotidiano.

Em ambos os países, a maioria dos falantes fala dialeto, raramente o alemão-padrão, que foi retirado dos currículos escolares em decorrência das restrições do passado. Como, porém, se desenvolvem esses dialetos sem sua língua-teto padrão? Será que os falantes passam a falar a língua majoritária porque não recebem instrução em seu dialeto, não conseguem melhores empregos nem melhoram seu *status*?

O Brasil e a Rússia são os dois países com maior número de falantes de alemão no mundo (à exceção da Alemanha). Sem dúvida, a língua está retrocedendo com o passar do tempo, principalmente entre os jovens. Mas não por completo: para alguns, ela é ainda a língua da família, às vezes, é mesmo a língua com que se fala com os vizinhos ou no trabalho. Para um segundo grupo, ela é como uma “herança”, que remete à avó: uma língua que ainda se conhece (passivamente), mas que geralmente não é mais utilizada ativamente e também não mais da mesma forma como os avós a falavam. E, para um terceiro grupo, ela é uma “língua de identificação”, expressão da origem da família, mas que não é mais compreendida: “alemão é minha língua materna, por isso agora eu tenho que aprendê-la”, ouvi certa vez de alguém desse grupo.

Seria impossível deter a viagem que leva do segundo ao terceiro grupo? Ainda vale a pena aprender a *Mottersproch/Modderspråk* [‘língua materna’], se ela é cada vez menos falada? Será que ela ainda terá algum valor no futuro (além do valor que possui para os linguistas)?

Acredito que seu valor esteja naquilo que a particularidade de seu grupo de falantes evidencia: na diferença em relação às outras línguas na diversidade linguística do Brasil. Mas não deveria uma língua servir ao interesse comum? Certamente. Mas uma pessoa pode falar mais de uma língua: pomerano / hunsriqueano (assim como outras línguas minoritárias) e português.

No Brasil, depois de muito tempo de rejeição, foi implantada uma política linguística que reconhece línguas minoritárias e inclusive cooficializa algumas delas.

Em 2021, segundo o IPOL,² há 19 línguas cooficializadas em 41 municípios, sendo 13 línguas indígenas em 10 municípios e 6 línguas de imigração em 31 municípios. (Somam-se a elas ainda 2 línguas indígenas e outros 4 municípios em processo de cooficialização.) Nos municípios com línguas cooficiais, há inclusive a possibilidade de ensino dessas línguas nas escolas.

Mas é então que a pergunta se apresenta com ainda mais ênfase: como é possível ensinar uma língua que não é uma língua padrão? É possível que se utilize o pomerano ou o hunsriqueano como língua de ensino? É possível aprender matemática, história, cultura, política nessas línguas? Como se pode introduzir o livro em uma comunidade que sempre só usou a língua oralmente?

Um projeto atualmente em fase inicial no Espírito Santo procura unir os dois interesses – o particular (em pomerano) e o comum (em português): nesse projeto, planejam-se aulas bilíngues em pomerano-português, a partir do primeiro ano. Por quê? Para que as crianças possam utilizar as competências linguísticas que trazem de casa. Mais do que saber (parcialmente) uma língua, isso é certamente uma vantagem e de modo algum um prejuízo – e deveria ser aproveitado.

A partir do terceiro ano, deverá também ser ensinado alemão-padrão e, a partir do sexto ano, inglês. Por quê? Porque crianças que sabem uma variedade de alemão aprendem outras línguas germânicas mais facilmente do que crianças que trazem de casa uma língua românica.

A Mottersproch/Modderspråk pode ser um capital ou uma ponte para outras línguas.

Se ela for reconhecida e incentivada, talvez seja possível inverter a viagem: do terceiro grupo (língua de identificação) para o segundo (herança linguística) para o primeiro (língua da família).

Para isso, são necessários livros didáticos, professore(a)s que tenham a capacitação, diretores(a)s de escola que o permitam, secretarias de educação que o planejem, prefeito(a)s e vereadores(a)s que tomem a iniciativa. Mas o mais importante são falantes que de fato queiram que isso aconteça.

² Fonte: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>.

17. „MUTTERSPRACHEN IN DER MEHRSPRACHIGKEIT“: KULTURELLE IDENTITÄTEN IM WANDEL¹

Anna Ladilova²

Was genau ist eine Muttersprache? Im eigentlichen Sinne die Sprache der Mutter. In vielen Fällen handelt es sich dabei auch um die Erstsprache (im Sinne der zuerst erlernten Sprache) und die dominante (also die am besten beherrschte) Sprache einer Person. Doch wenn diese Person von einer anderssprachigen Person erzogen wurde, wäre die Erstsprache eine andere als die Sprache der Mutter. Auch wenn er oder sie in einer anderssprachigen Umgebung lebt, könnte die dominante Sprache ebenfalls von der Muttersprache und der Erstsprache abweichen. Oder wenn jemand mehrere Mütter hat? Ist das überhaupt möglich? Durchaus – denn so wie das Heimatland sich ändern kann – durch Migration, kann sich auch die Mutter ändern – z.B. durch Adoption oder die Neuheirat des Vaters. Im Folgenden möchte ich die Geschichte einer Wanderung erzählen – Wanderung im Raum, Sprache und Identität, die diesen Fragen auf den Grund geht.

Eigentlich begann diese Wanderung als ich 10 Jahre alt war und meine Mutter eine Postdoc-Stelle in Göteborg bekam. Aber in Wirklichkeit begann sie schon einige Jahre vorher – denn meine Eltern waren Esperantisten und wir nahmen regelmäßig an internationalen Treffen teil. Dort lernte ich nicht nur meine Zweitsprache (Esperanto), sondern traf auch auf die unterschiedlichsten Kulturen und vor allem auf die Esperanto-Kultur, die den Anspruch erhob kulturelle Unterschiede durch eine internationale Sprache zu überwinden. Die Sprache, die weltweit stattdessen den Status einer *lingua franca* erhielt, ist aber Englisch, die ich ebenfalls in Russland im Rahmen eines Intensivkurses lernte – denn Schwedisch gab es damals in der russischen Wissenschaftsstadt, in der wir lebten, nicht als Fremdsprache. Zudem wird ja Englisch tatsächlich in Schweden gesprochen, und ich bin dort auf eine englische Schule gekommen. So wurde Englisch zu meiner Drittsprache, neben der Erst- und Muttersprache Russisch, die bis dahin auch meine dominante Sprache war,

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-17>

² Gießen (Deutschland).

und der Zweitsprache Esperanto, die wir jedoch nie als Familiensprache benutzten. Schwedisch wurde mit der Zeit zu meiner Viertsprache – vor allem weil meine Mutter später einen Schweden heiratete, und wir neben dem Russischen auch Schwedisch in der Familie verwendeten.

In der internationalen englischen Schule in Schweden, auf die ich kam, gab es in einer Klasse von 23 Kindern 20 verschiedene Nationalitäten. Somit war meine russische Identität eine Bereicherung der kollektiven Diversität und lediglich einmal ein Thema, als mir ein Klassenkamerad sagte, dass er und ein Paar andere Kinder mich nicht mögen würden, weil ich aus Russland wäre. Das hat mich sehr verwundert und es war nie wieder ein Thema, bis ich mit 13 Jahren nach Deutschland zu meinem Vater zog, der ebenfalls einige Jahre zuvor aus Russland dorthin ausgewandert war. Ich kam auf eine (deutsche) Schule, auf der Russisch als Fremdsprache gelernt werden konnte. Daher gab es viele Kinder von Spätaussiedlern (Deutschen aus Russland). Viele von denen haben bereits in Russland die Schule abgeschlossen, aber ihr Abschluss wurde nicht anerkannt und sie mussten das Abitur nachholen. Die Russlanddeutschen versammelten sich an einer bestimmten Stelle in der Schule während der Pausen, und da wir die russische Sprache gemeinsam hatten, sprach ich häufig mit ihnen. Mir fiel auf, dass die russlanddeutschen Schüler*innen nie mit den „deutschen“ zu tun hatten und umgekehrt. Also fragte ich beide Parteien, warum das so sei. Beide antworteten, dass die jeweils andere Partei nichts mit ihnen zu tun haben wolle. Das verwunderte mich sehr und ich versuchte für Aufklärung zu sorgen, denn ich hatte mit allen zu tun. Zudem fiel mir sofort auf, dass es in der Interaktion mit „deutschen“ Schüler*innen für mich wesentlich positiver war zu sagen, dass ich aus Schweden kam, als aus Russland. Bei Schweden wurden die Augen meiner Gesprächspartner*innen groß und leuchtend und bei Russland fiel der Blick nach unten mit einem tiefen „Aha“. Ich wurde also in Schubladen gesteckt und die russische war nicht so interessant, die schwedische dagegen der Knaller. Bei den Heimatsbesuchen in Russland war die Tatsache, dass ich in Deutschland lebte, übrigens auch nicht sehr positiv – da versuchte ich also schlichtweg eine „einfache“ Russin zu sein.

Ein Kontext, für den beide Identitäten (deutsch und russisch) dagegen durchaus positiv waren, war die Erforschung der Sprachkontaktsituation der

Wolgadeutschen in Argentinien, der ich mich in meiner Doktorarbeit widmete. Die Vorfahren dieser Migrant*innengruppe sind Ende des 18. Jahrhunderts nach Russland ausgewandert und ca. 100 Jahre später nach Argentinien. Daher verstehen sie sich unter anderem als *rusos* und sprechen Varietäten des Deutschen, die dem Westmitteldeutschen und vor allem der rheinfränkischen Mundarten zugeordnet werden – also unter anderem Dialekten in der Umgebung von Gießen, wo ich aktuell wohne. Vor meinem Aufenthalt in Argentinien sprach ich aber lediglich die Gießener Varietät des Hochdeutschen und nahm die anderen Dialekte kaum wahr. Nachdem ich während meiner Feldstudie mit den wolgadeutschen Dialekten in Argentinien vertraut wurde, fielen sie mir auch in Deutschland auf, z.B. auf dem Wochenmarkt oder bei meinen Vermietern. Auch kann ich den Vogelsberger Dialekt verstehen, den meine Schwiegermutter mit ihrer Mutter spricht – was auch nicht selbstverständlich ist. Mit mehr Sprachen sieht man also mehr. Was ich dagegen kaum verstand, ist das Hunsrückische in Brasilien, das für meinen Mann, der den Großteil seiner Kindheit in Rheinland-Pfalz verbrachte, überhaupt kein Problem war. Somit habe ich in der Ferne meine dominante Sprache in ihren Varietäten und ihrer kulturellen Vielfalt besser kennengelernt.

Die Familiensituation in Deutschland führte dazu, dass Deutsch zu meiner dominanten Sprache wurde. Dies betraf einerseits die Herkunftsfamilie, denn mein Vater hatte eine deutsche Frau geheiratet, weshalb wir zuhause Deutsch sprachen. Somit wurde Deutsch zu meiner Fünftsprache und zweiten Muttersprache. Andererseits betrifft das auch die Familiensprachpolitik meiner aktuellen Familie, in der wir Deutsch sprechen – obwohl ich mit den Kindern natürlich meine Erstsprache spreche, in der Hoffnung, dass sie es auch sprechen werden. Dies würde der drei-Generationen-Regel, nach der die Sprache der Migrant*innen spätestens mit der dritten Generation verloren geht widersprechen, weshalb ich auch in allen Situationen Russisch mit ihnen spreche. Auch in der Öffentlichkeit oder wenn nicht-russischsprachige Personen dabei sind. Gegebenenfalls übersetze ich dann, damit sie sich nicht außen hervor fühlen. Diese gleichzeitige Verwendung mehrerer Sprachen ist in meiner Herkunftsfamilie mutterseits die Regel. Dort wurde immer Russisch und Schwedisch verwendet und, wenn ich mit jemanden aus Deutschland zu Besuch war, wurde noch Englisch und Deutsch gesprochen.

Später studierte ich noch Spanisch – meine Sechstsprache, und lernte während der Promotion Portugiesisch – meine Siebtsprache. Spätestens das Spanische verdrängte Esperanto vollständig, auch deshalb, weil ich mit 16 das letzte Esperantotreffen besuchte und es schlichtweg keine Sprechgelegenheiten dafür mehr gab. So erging es mir auch mit ein paar Sprachen, die ich zwar lernte, aber nur in sehr eingeschränktem Maße im Alltag verwendete (Farsi, Französisch, Italienisch), weshalb ich sie nicht zu „meinen“ Sprachen zähle.

Zu diesem Zeitpunkt verstand ich mich übrigens als „Russin“ – denn in Deutschland ist es üblich Menschen mit Migrationshintergrund auch dann damit zu identifizieren, wenn sie in Deutschland geboren wurden. Erst während meines Forschungsaufenthaltes auf Gran Canaria, als ich feststellen musste, dass die dort lebenden russischen Migrant*innen sich deutlich von mir unterschieden, wurde mir klar, dass ich schon lange deutsch bin. Auch als ich aus Spanien nach Deutschland „nach Hause“ kam und feststellte, dass ich mich ohne Worte verstanden fühlte – was trotz meiner sehr guten Spanischkenntnisse in Spanien nicht der Fall war – wusste ich, dass ich keine reine „Russin“ mehr bin. Trotzdem bleibt meine russische Identität weiterhin für mich von Bedeutung, denn ich bin natürlich anders als die „reinen“ Deutschen (die es als solche ja auch nicht gibt). So war es während meines Aufenthalts in Brasilien (wo ich 2019 einen Postdoc über interkulturelle Kommunikation zwischen Deutschen und Brasilianer*innen machte) manchmal schwer zu entscheiden, welche kulturelle Identität ich während der jeweiligen Begegnungen in den Vordergrund rücken sollte. Bei Menschen, mit denen ich häufiger zu tun hatte, sagte ich, dass ich eine Deutsche mit russischer Herkunft bin, aber bei kurzen Begegnungen, wie z.B. mit Taxifahrer*innen? Da sagte ich einfach oft, dass ich Deutsche bin. Das wäre mir während des ersten Brasilienaufenthaltes (2009) nicht eingefallen – da war ich bei meiner Gastfamilie „nur“ die *filha russa*. In Argentinien war dagegen meine Identität als Russin, die in Deutschland lebt und nach Argentinien kam, sehr sympathisch für die Wolgadeutschen, denen ich begegnet bin. Sie identifizierten sich teilweise damit und sprachen sehr gerne mit mir über die wolgadeutsche Sprache und Kultur, was mir den Zugang zum Feld deutlich erleichterte.

Ich könnte jetzt damit abschließend sagen, dass ich von einer russischen Identität zu einer deutschen fand, was für eine Lebensspanne schon viel ist, aber dann würde ich vier Sprachen von außen hervor lassen, die in meinem Leben auch eine zentrale Rolle spielen: das Englische, Schwedische, Spanische und Portugiesische. Natürlich kann ich nicht behaupten, schwedisch, spanisch oder brasilianisch zu sein; sie stehen also nicht für nationale Identitäten. Doch durchaus für andere kulturelle Identitäten, die sich aus den Kontexten ihrer Verwendung ergeben. Schwedisch verwende ich zum Beispiel eher privat, weshalb diese Sprache neben dem Russischen und Deutschen für meinen transkulturellen familiären Kontext steht, der durch vielfältige Bewegungen zwischen verschiedenen Kulturen, Sprachen und Ländern (Russland, Schweden, Deutschland, Grenada) gekennzeichnet ist. Spanisch und Portugiesisch verwende ich dagegen meist in beruflichen Kontexten, weshalb sie für meine Identität als Romanistin stehen. Englisch steht – neben seiner Funktion als *lingua franca* – für beides.

Und so wird deutlich, dass statt einer *lingua franca* wie Englisch oder Esperanto, die Mehrsprachigkeit der Schlüssel zur Verständigung ist. Der Verständigung von anderen und von einem selbst. Dabei kann es sich sowohl um Nationalsprachen wie Russisch oder Schwedisch, wie auch um Varietäten einer Sprache handeln, wie der Wolgadeutsche oder Vogelsberger Dialekt. Im Grunde sprechen wir immer Sprachvarietäten, die an den jeweiligen Gebrauchskontext angepasst sind und dort genau richtig sind. So kann ich in meiner zweiten Muttersprache Deutsch wunderbar über meine Arbeit sprechen, aber nicht in meiner zweiten Muttersprache. Auf Russisch spreche und singe ich aber lieber mir meinen Kindern und wünsche mir, dass mir eines Tages auf Russisch sagen, dass sie mich lieben.

“LÍNGUAS MATERNAS NO MULTILINGUISTO”: IDENTIDADES CULTURAIS EM TRANSIÇÃO

*Anna Ladilova*¹

O que é exatamente uma língua materna? No sentido estrito, a língua da mãe. Em muitos casos, é também a primeira língua de uma pessoa (no sentido da língua que foi aprendida primeiro) e a língua dominante (ou seja, a língua melhor dominada). Mas se essa pessoa fosse criada por alguém que falasse outra língua, a primeira língua seria diferente da língua da mãe. Além disso, se ele ou ela vive em um ambiente de língua diferente, a língua dominante também pode ser diferente da língua materna e da primeira língua. E se alguém tiver várias mães? Isso é mesmo possível? Pois, assim como o país de origem pode mudar – através da migração, a mãe também pode mudar – por exemplo, através da adoção ou de um novo casamento do pai. A seguir, gostaria de propor uma reflexão sobre o conceito de “língua materna” por meio da minha história pessoal de migração e deslocamentos – no espaço, por línguas e identidades.

Minha trajetória de migrações e deslocamentos começou quando eu tinha 10 anos de idade e minha mãe conseguiu um pós-doutorado em Gotemburgo, Suécia. Na verdade, começou alguns anos antes disso – porque meus pais eram esperantistas e nós participávamos regularmente de reuniões internacionais. Lá eu não só aprendi minha segunda língua (o esperanto), como também conheci todos os tipos de culturas e especialmente a cultura esperantista, que pretendia superar diferenças culturais através de uma língua internacional. A língua que tinha o *status* de língua franca no mundo inteiro, contudo, era o inglês, que também aprendi na Rússia em um curso intensivo, pois o sueco, de que eu precisava para a minha nova moradia, não estava disponível como língua estrangeira na cidade russa onde vivíamos na época. Além disso, o inglês é realmente falado na Suécia, e eu frequentei uma escola inglesa lá. Assim, o inglês tornou-se minha terceira língua, ao lado de minha língua materna e primeira língua, o russo, que era também minha língua

¹ *Gießen (Alemanha).*

dominante até então, e a segunda língua, o esperanto, que nunca usávamos como língua de família. O sueco tornou-se minha quarta língua ao longo do tempo – principalmente porque minha mãe mais tarde se casou com um sueco, e usamos o sueco na família, bem como o russo.

Na escola inglesa internacional que frequentei na Suécia, havia 20 nacionalidades diferentes em uma turma de 23 crianças. Portanto, minha identidade russa foi um enriquecimento da diversidade coletiva e só uma vez foi um problema, quando um colega de classe me disse que ele e outros dois meninos não gostavam de mim, porque eu era da Rússia. Isto me surpreendeu, mas nunca mais foi um problema naquele lugar. Com 13 anos, eu me mudei para a Alemanha para viver com meu pai, que também havia emigrado da Rússia alguns anos antes. Na Alemanha, estudei em uma escola, onde o russo podia ser aprendido como língua estrangeira. Lá havia muitos filhos de imigrantes da Rússia que tinham ascendência alemã. Muitos deles já haviam terminado a escola na Rússia, mas seu certificado não havia sido reconhecido, de maneira que precisavam repetir a *Abitur*, a prova de conclusão dos estudos escolares. Os russos-alemães se reuniam em um certo lugar na escola, durante os intervalos, e, como tínhamos a língua russa em comum, eu falava com eles com frequência. Notava que os alunos russo-alemães não se relacionavam com os “alemães” e vice-versa. Assim, em determinado momento, resolvi perguntar a ambas as partes por que isso acontecia. Ambos os lados responderam que não havia interesse da outra parte. Isso me surpreendeu muito, e tentei esclarecer a situação, porque tinha boas relações com todos eles. Também notava que, ao interagir com estudantes “alemães”, era muito mais positivo para mim dizer que eu era da Suécia do que da Rússia. Quando falava da Suécia, os olhos de meus interlocutores brilhavam, ao passo que quando eu falava da Rússia, as olhadas das pessoas eram de desinteresse. Assim, notava que a minha identidade russa não era tão interessante como a sueca, naquele espaço especificamente. Também quando eu visitava a Rússia, o fato de eu viver na Alemanha parecia para as pessoas também não ser muito positivo – na Rússia, eu tentava então simplesmente ser uma russa.

Um contexto, contudo, em que ambas as minhas identidades e línguas (alemã e russa) eram percebidas de uma maneira bastante positiva foi durante a minha pesquisa de doutorado sobre a situação de contato linguístico dos alemães do Volga

na Argentina. Os antepassados desse grupo emigraram da Alemanha para a Rússia no final do século XVIII e, da Rússia para a Argentina, cerca de 100 anos mais tarde. É por isso que eles se veem como russos e falam variedades de alemão que são atribuídas ao alemão médio ocidental e, acima de tudo, aos dialetos francônio-renanos – ou seja, entre outros dialetos, os da área ao redor de Gießen, onde eu moro atualmente. Antes de minha estadia de pesquisa na Argentina, no entanto, eu só falava a variedade padrão de Gießen e não percebia outros dialetos. Depois que eu me familiarizei com os dialetos alemães do Volga na Argentina, passei a notar também outras variedades linguísticas em Gießen, na feira semanal ou com os locadores do meu apartamento, por exemplo. Também consigo agora entender o famoso dialeto local de Vogelsberg que minha sogra fala com sua mãe – o que também não é nada evidente. Assim, com mais idiomas, você vê mais. O que eu quase não entendia, por outro lado, era a língua Hunsrück falada no Brasil, o que não era problema algum para meu marido, que passou sua infância na Renânia-Palatinado. Assim, conheci minha língua dominante melhor em suas variedades e diversidade cultural mesmo quando eu estava longe territorialmente da Alemanha.

O alemão se tornou minha língua dominante. Por um lado, isso se deve a minha família de origem, uma vez que meu pai acabou casando-se com uma alemã, e é por isso que falávamos alemão em casa. Assim, o alemão tornou-se minha quinta língua e minha segunda língua materna, a língua da minha segunda mãe. Por outro lado, isso também se deve à política linguística da minha família atual – na qual falamos em alemão – embora eu naturalmente fale minha primeira língua com os meus filhos, na esperança de que eles também a falem, embora isso contradiga a regra das três gerações, segundo a qual a língua dos migrantes é perdida na terceira geração, no máximo. Portanto, eu falo russo com eles em todas as situações, mesmo em público ou quando não falantes de russo estão presentes. Se necessário, eu traduzo para que eles não se sintam excluídos. Esse uso simultâneo de vários idiomas é a regra na minha família de origem, pelo lado da minha mãe. O russo e o sueco sempre foram aí usados e, quando eu visitava alguém da Alemanha, também se falava inglês e alemão.

Mais tarde, estudei espanhol – minha sexta língua – e aprendi português – minha sétima língua – durante meu doutorado. Tenho a impressão de que o espanhol

influenciou negativamente no meu conhecimento de esperanto. Eu tinha participado aliás da última reunião de esperanto aos 16 anos e simplesmente não tive mais oportunidades de falar a língua. Esse também foi o caso de alguns idiomas que aprendi, mas que só foram usados de forma muito limitada na vida cotidiana (farsi, francês, italiano), razão pela qual não os conto como “meus” idiomas.

A propósito, naquela época, eu me considerava “russa” – porque na Alemanha é costume identificar pessoas com antecedentes migratórios como sendo “de fora”, mesmo que nascessem na Alemanha. Foi somente durante minha estadia de pesquisa em Gran Canaria, na Espanha, quando percebi que os migrantes russos que viviam lá eram muito diferentes de mim, que percebi que eu já era alemã há muito tempo. Além disso, quando voltei para “casa”, na Alemanha, percebia que me sentia compreendida, mesmo sem o uso de palavras – o que não era o caso na Espanha, apesar de meu bom conhecimento de espanhol. Percebi assim que eu não era somente “russa”. No entanto, minha identidade russa continua sendo importante para mim, porque sou, naturalmente, diferente dos alemães “puros” (que não existem como tal). Assim, durante minha estada no Brasil, em 2019 (onde estava fazendo um pós-doutorado sobre comunicação intercultural entre alemães e brasileiros), era difícil às vezes decidir qual identidade cultural eu deveria destacar durante alguns encontros. Com pessoas com quem tive contato frequente, eu disse que era alemã de origem russa, mas em encontros curtos, como com motoristas de táxi... Muitas vezes eu só dizia que era alemã. Eu não pensava e falava assim durante minha primeira estada no Brasil, em 2009, onde eu era “apenas” a filha russa da família que me recebeu. Na Argentina, por outro lado, minha identidade como russa vivendo na Alemanha e vindo para a Argentina era muito simpática aos alemães do Volga que conheci. Eles se identificavam parcialmente com isso e ficavam muito felizes em falar comigo sobre a língua e a cultura alemã do Volga, o que facilitou muito o meu acesso ao campo de pesquisa.

Eu poderia concluir dizendo que passei de uma identidade russa para uma alemã, o que é muito em uma vida, mas então eu estaria deixando de fora quatro idiomas (e suas culturas) que também desempenham um papel central em minha vida: inglês, sueco, espanhol e português. É claro que não posso afirmar que sou sueca, espanhola ou brasileira; portanto, essas línguas não representam identidades

nacionais para mim. Mas elas certamente representam outras identidades culturais que surgem dos contextos em que são utilizadas. Por exemplo, utilizo o sueco em contextos privados, de modo que ele está ao lado do russo e do alemão em meu contexto familiar transcultural, que se caracteriza por múltiplos movimentos entre diferentes culturas, idiomas e países (Rússia, Suécia, Alemanha, Granada). Espanhol e português, por outro lado, eu uso profissionalmente, e é por isso que eles representam a minha identidade como pesquisadora das línguas românicas. O inglês – além de sua função de língua franca – representa ambos os contextos.

E assim fica claro que, em vez de uma língua franca como o inglês ou o esperanto, o multilinguismo é a chave para a compreensão. A compreensão dos outros e de si mesmo. Isto pode envolver línguas nacionais como o russo ou o sueco, bem como variedades de uma língua, como o dialeto dos alemães do Volga ou de Vogelsberg. Na verdade, sempre falamos variedades de línguas que são adaptadas ao respectivo contexto de uso e aí elas são perfeitamente corretas. Por exemplo, eu posso falar e escrever bem sobre meu trabalho em alemão, minha segunda língua materna, mas não em russo. Em minha primeira língua materna, porém, prefiro falar e cantar para meus filhos e desejo que um dia eles me digam que me amam em russo.

18. MIT DREE SPRAAKEN OPWASSEN: SPAANSCH, PLATTDÜÜTSCH UN HOCHDÜÜTSCH¹

Joachim Steffen²

Nahdem ik in dat Studium vun de frömme Spraaken Spaansch un Engelsch an de Universität Kiel ünner annern de nieeste Theorien to individuelle Mehrsprachigkeit vörstellt kreegen harr, hett sik de beste Gelegenheit beden, düsse eenmal sülm to prøven. Wi kreegen een Tochter, in de wi een passend Studienobjekt kennen deen. Na de Lehrmeenung schull dat mööglich ween, dat dat Kind mehrere Sprachen gliektiedig lehren kunn, un wi weern lichtfardig noog, dar an to glöven. Al de Naam weer Deel vun't Programm: *Alicia Stine* verbind de spaansch un de plattdüütsch Siet vun ehr spraakliche Identität, denn mien Fru snackt Spaansch un ik Plattdüütsch mit ehr (wobi wi uns to Anfang hauptsächlich op de mööglichst kunstvull Imitatschoon vun Luuten vun Dierten –vun de Koh bet to'n Pogg– konzentreeren deen). Hochdüütsch –so nähmen wi an– wörr se noch noog in de Gegend hören, üm dat to lehren. Uns Sorg weer ehrer, dat een vun de beiden Minderheitenspraken, de se in' Alldag praktisch bloots vun ehr Öllern hören dee, nich richdig lehrt warn oder bald opgeven wörr.

To uns egen Verwunnern gung uns Reken un de Kalkulatschoonen to den nödigen spraaklichen *Input* aver op, un wi stellten fast, dat uns Studium nich ganz un gaar unnütz ween weer. So versöken wi, iesern bi uns jeweilig Spraak to blieven, obgliek dat nich selten fragen Blicken op den Spielplatz oder in' Kinnergaarn geven hett. All tosommen weern de Reaktschoonen vun de Umwelt aver ehrer positiv, wat ok mit en hüüdigendags grötteret Prestige vun dat ümmer mehr vun't Utstarven bedrohte Plattdüütsch to doon hebben mag oder ok mit en algemeen högere Toleranz för den Gebruk vun mehrere Spraaken. Verwunnerlich weer för uns, dat Alicia vun Anfang an bi'n Snacken en bannig streng nah Personen trennt Spraakwahl bibeholen dee un dat Mischen vun de Spraaken oder dat Hen- un Herwesseln vun jede Aart vermeeden dee.

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-18>

² Augsburg (Deutschland).

Dat weer för ehrn Broder, de dree Jahr later born worr, tonächst nich so sülvstverständlich. He weer to Anfang vun sien Snack-Karriere düütlich ungehemmter bi de Utwahl vun sien spraaklichen Formen un hett de Spraaken darbi ok nich ümmer recht nah Personen trennt. To'n Glück harr he sien Süster, de em vörmaak, welke Spraak mit welke Person un in welke Situatschoon uttowählen weer, un jichenswann hett he sik ok in dit Schicksal fögt.

Noch vör Intritt in de School trocken wi denn nah Mexiko, un wi as Öllern dachen, dat nu Spaansch bald wenn nich Hochdüütsch doch tomindst Plattdüütsch allgemeen verdrieven wörr. Wi hebbt aver in de Familie uns Spraakkonstellatschoon eenfach biholen, dorum dat se sik middewiel so fast etableert harr, dat uns dat eegenaardig vörkamen weer, wenn wi en Spraak harrn opgeven schullen. Nah mehrere Johren in Mexiko un dornah bi Statschoonen in Brasilien hett sik dar ok nümmers mehr ännert. Hochdüütsch bleev för uns ümmer de Hauptschriftspraak – in de ok in de Kindheit al vörlest worr– aver Plattdüütsch bleev de Spraak vun de mündliche Kommunikatschoon mit den Vadder, un Spaansch mit de Moder. De empirische Pröving vun dat spraakwetenschopliche Modell vun Mehrspraakigkeit is also positiv utgahn un hett nah uns Ansicht ok de Spraakkompetenz in de hoochdüütsch Standardspraak nich wieder schaadt.

Liekers stellt sik natürlich de Fraag: woför de ganze Opwand? Dat is sach ok de Versöök, de Kinner in en globaliseerte Welt, blangen de Weltspraak Spaansch un de Spraak mit de meisten Moderspraaklern in Europa, Düütsch, en Verbinnen to en lokaliseerbare un mit en spezifische Herkunft verbunnene traditschonelle Spraak mittogeven. In dat Plattdüüt swingt jüst hüüt, wioldat een hauptsächlich op mündliche Register reduzeerte Sort Spraak is, en gewisse Boddenhaftigkeit un Buurlichkeit mit, op de een as Sleswig-Holsteener ok stolt is. Annerersiets gifft dat ok en Verbinnen to en lang Spraaktraditschoon, de op de Spraken vun de Nordseegermanen trüchgeiht, spezifisch op de oltsassische Spraak, in de vun AD 800 an de eersten Spraakdenkmalen vörhannen sünd. Dat Plattdüütsche is darüm eng mit Freesch un Engelsch vun de Angelsassen, de in dat föffte Jahrhunnert ut uns Gegend utwannert sünd, verwandt. Vun Hochdüütsch hett sik dat al dör de tweete (hoochdüütsche) Luutverschuuven (ruugweg AD 600 bit 800) trennt. En Blöödentiet beleev dat Plattdüütsch wiels de Tiet vun de Hanse siet ehr Anfang in't 12.

Jahrhunnert (formell 1356 gründ) bet to'n Anfang vun dat 16. Jahrhunnert. De Lübecker Norm vun 1400 worr damals as Standardspraak in dissen Hannelsbund bruukt, un Plattdeutsch worr as noordeuropäische Verkehrsspraak vun de Kooplüüd in Hansestäder as Visby, Nowgorod un Riga snackt un vör alleen ok schreven. Wennlied dat Hochdüütsche nah de Tiet vun de Hanse dat Plattdüütsche endgültig ok in' Norden den Rang as Hochsprak aflopen hett, is mit de Romanen vun Fritz Reuter un de Gedichten un Vertelln vun Klaus Groth in dat 19. Jahrhunnert noch groot Literatur, de een landschapliche Charakter opwiesen deit, entstahn. Ok in dat 20. Jahrhunnert is mit de *Baasdörper Kröönk* vun Friedrich Ernst Peters noch en ünnerholsamet as ok gliektietig melanklööterig Wark in Plattdüütsch entstahn.

To düsse Historie un kommunikative Traditschoon heff ik mien Kinner en Slötel geven wullt. Woans se em bruuken un wat se em wiedergeven wöllt, blifft nu ehr överlaaten.

CRESCENDO TRILÍNGUE COM ESPANHOL, *PLATTDEUTSCH* E *HOCHDEUTSCH*

Joachim Steffen¹

Depois de ser apresentado, durante meus estudos na Universidade de Kiel, às últimas teorias sobre plurilinguismo individual nas filologias das línguas estrangeiras espanhol e inglês, entre outras, tive a oportunidade ideal de testá-las eu mesmo. Tivemos uma filha, e nela reconhecemos uma fonte de estudo oportuna. De acordo com as teorias, seria possível, para uma criança, aprender várias línguas ao mesmo tempo, e éramos audaciosos o suficiente para acreditar nisso. Até mesmo o nome já fazia parte do programa: *Alicia Stine* conecta o lado do espanhol e do *Plattdeutsch* de sua identidade linguística, porque minha esposa falava espanhol, e eu falava *Plattdeutsch* com nossa filha (embora no início nos concentrássemos principalmente na imitação, mais artística possível, de sons de animais – da vaca ao sapo). O *Hochdeutsch* – presumimos – ela ouviria o suficiente em seu entorno, para aprendê-lo. Nosso receio maior era que uma de nossas línguas minoritárias que, no dia a dia, ela ouvia praticamente apenas de seus pais, não fosse totalmente aprendida ou fosse logo abandonada.

Para nossa própria surpresa, no entanto, nossas estimativas e nossos cálculos sobre o aporte linguístico necessário funcionaram e descobrimos que nossos estudos não haviam sido totalmente inúteis. Assim, tentamos nos ater à nossa respectiva língua, embora não fossem raros os olhares curiosos no *playground* ou no jardim de infância. Em geral, porém, as reações ao nosso redor eram bastante positivas, o que também pode estar relacionado ao maior prestígio do *Plattdeutsch* atualmente – não obstante, ameaçado de extinção – ou ainda a uma maior tolerância em relação ao plurilinguismo. O que para nós foi surpreendente foi o fato de Alicia, desde que começou a falar, manter uma escolha linguística bastante rigorosa, dependendo da pessoa com quem estava falando, além de evitar qualquer tipo de mistura ou de alternância linguística.

¹ Augsburg (Deutschland). Tradução: Cláudia Wolff Pavan.

O mesmo não foi tão natural, a princípio, para seu irmão, que nasceu 3 anos mais tarde. No início de sua carreira como falante, ele era bem mais desinibido na escolha de suas formas linguísticas e nem sempre separava com tanto rigor as línguas de acordo com a pessoa. Felizmente, ele teve sua irmã para lhe mostrar qual língua escolher, dependendo da pessoa e da situação, e em algum momento ele também se conformou a esse destino.

Antes mesmo de começarem a escola, nós nos mudamos para o México, e, como pais, pensávamos que o espanhol logo substituiria completamente, se não o *Hochdeutsch*, pelo menos o *Plattdeutsch*. Contudo, simplesmente mantivemos nossa constelação linguística na família, pois ela já havia se tornado tão firmemente estabelecida que nos pareceria estranho se tivéssemos de abrir mão de uma língua.

Mesmo depois de vários anos no México e de passagens subsequentes pelo Brasil, isso nunca mudou. O *Hochdeutsch* sempre foi, para nós, a principal língua escrita – na qual desde a infância fazíamos leituras –, mas o *Plattdeutsch* continuou a ser a língua de comunicação oral com o pai, e o espanhol, com a mãe. O teste empírico do modelo linguístico do plurilinguismo se revelou assim positivo e, em nosso juízo, não trouxe prejuízos à competência linguística no *Hochdeutsch*.

No entanto, surge naturalmente a questão: por que todo esse esforço? Sem dúvida, é também uma tentativa de proporcionar aos filhos, em um mundo globalizado – além da língua internacional, o espanhol, e da língua com mais falantes nativos na Europa, o alemão –, uma conexão com uma língua tradicional localizável, associada a uma origem específica. No *Plattdeutsch*, especialmente hoje em dia, por se tratar de um dialeto que se limita principalmente a registros orais, há um certo enraizamento e uma ruralidade de que os residentes de Schleswig-Holstein muito se orgulham.

Por outro lado, também lhes proporciona uma conexão com uma longa tradição linguística, que remonta às línguas dos alemães do Mar do Norte, mais especificamente à língua saxônica antiga, da qual, desde 800 d.C., encontram-se os primeiros registros linguísticos. O *Plattdeutsch* está, portanto, intimamente relacionado ao frisão e ao inglês dos anglo-saxões que emigraram no século V.

O *Plattdeutsch* já havia se separado do *Hochdeutsch* por meio da segunda mudança consonantal (aproximadamente entre 600 e 800 d.C). Seu apogeu ocorreu

durante o período da Liga Hanseática, desde seu início no século XII (formalmente a Liga foi fundada em 1356) até o início do século XVI. A norma de Lübeck, instituída em 1400, tornou-se, na época, a língua padrão para essa liga comercial, enquanto o Plattdeutsch era falado e sobretudo escrito como a língua franca do norte da Europa, utilizada pelos comerciantes de cidades hanseáticas, como Visby, Nowgorod e Riga.

Embora o *Hochdeutsch* tenha, por fim, superado o Plattdeutsch, no Norte após o período da Liga Hanseática, importante literatura com caráter bastante pitoresco ainda foi produzida no século XIX, com os romances de Fritz Reuter e os poemas e contos de Klaus Groth. Também no século XX, com a ilustre *Baasdörper Krönk* (*crónica da Aldeia Chefe*), de Friedrich Ernst Peters, produziu-se uma obra envolvente e melancólica em Plattdeutsch, entre outras.

Eu quis proporcionar a meus filhos uma chave para essa história e tradição comunicativa. Como vão usá-la e se vão querer transmiti-la está agora nas mãos deles.

19. DAS „DEUTSCH / DEITSCH VON DEHEMM“: ÜBER DIE KUNST UND DAS WAGNIS, DIE MUTTERSPRACHE AN KINDER WEITERZUGEBEN¹

Marcelo Jacó Krug²

Cristiane Horst³

Von Kind on is das Deitschspreche for uns etwas ganz Natierlich, weil Deutsch (von der Seit von der Mama) unn Deitsch (vom Papa) unsere eerschte Sproche sinn. Mea sinn in zweu Gemeinde uff die Welt komm, wo die Deutsch/Deitsch Sproch nechst iwerall gesproch gebb is, ooch wenn in die Schul das Portugiesische vielmols keen Platz for das Deutsche/Deitsche geloss hot. Die Schullehrer honn uns gesoht, dass mea net meh Deutsch/Deitsch in der Schul spreche sollte, awer das woor net so leicht for ze kontrolliere unn, ganz ehrlich gesoht, mea woore net dodron interessiert. Bloss wenn Besuch komm is, honn mea dehemm kenn Deutsch/Deitsch gesproch.

Mea tun hier im Texto Deutsch unn Deitsch benutze, weil mea von unnerschiedliche Gemeinde in Rio Grande do Sul herkomme, besser gesoht aus en deutsch Gemeind aus Colinas unn en Deitsch Gemeind aus Batinga im Munizip vun Brochier. Unser Kindheit honn mea mit annre Kinner gespielt, wo ooch Deutsch/Deitsch spreche konnte. Mea sinn gross gebb, honn immer meh unn weiter gelennt. Deerscht honn mea in die Schul in Colinas/Brochier gelennt, nocheer in Ivoti/São Leopoldo, do hot unser Mottersproch wenicher Wert gehat. Datt musste mea gut Portugiesisch unn gute Kenntnisse von Hochdeutsch honn, „ohne die Probleme“, wo mea vom Dialekt kriecht oder mitgebrung honn, wie die mehrschte von unsere Lehrer es uns immer iwer unsere Dialekt gesoht unn vorgemacht honn.

In die Zeit, wo mea in die Universidade woore, honn'se uns gesoht, dass mea uns uff das Hochdeutsche unn uff das Portugiesische konzentriere sollte unn damit unser Muttersproch immer weiter vergesse sollte, weil sie net gut ongesiehn weer unn beim Hochdeutsch- unn Portugiesischlenne nur hinnre teere. Oft honn die Leut

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-19>

² Chapecó (Brasilien).

³ Chapecó (Brasilien).

uns ausgespott unn honn uns for dumme Leut gehall. Nur nohdem, wo mea formiert woore unn honn Schul gebb, honn mea das echte Wert gesiehn, wo unsere deutsche Dialekte honn, die mea dehemm gelennt honn, wenn ma das Hochdeutsche lenne will. Mea honn gesiehn, dass die kleene Kinner, die noch Deutsch/Deitsch dehemm gesproch honn, dass die schon die Sproch besser spreche konnte. Die konnte ooch schon viel mehr Werter, was for das Schulhalle gut woor, weil der Lehrer immer schneller weitermache konnt. Schun die, wo nix uff Deutsch/Deitsch konnte unn honn Deutsch for Fremdsprach gelennt, for denne woor es net so leicht. Das selwiche Deutsch/Deitsch, wo'se uns verspott honn, hot ooch uns der Wech uffgemacht, for weiter ze lenne, for Mestrado unn Doutorado ze mache.

Jede Schritt, wo mea gebb honn, woor wichtich, dass mea gesiehn honn, dass mea in die richtiche Richtung woore unn mea honn ooch gesiehn, wie reich unser kleen Sproch is unn wie vielmols mea gute Erlebnisse in unser Lewe hotte. Awer mea honn ooch gesiehn, dass so wie mea unsere Sproch for was Gutes benutzt honn unn honn das Deutsch/Deitsch spreche gelennt, viel Leit net das selwiche Glick hotte. Mea kenne das soohn, weil dorch unsere Pesquisas for der ALMA unn ALCF,⁴ in die Munizipe, wo mea dorchgefoohr sinn unn honn die Leit graveert, honn sich nechst 100% von die Leit bekloht, dass die sein Deutsch/Deitsch net for seine Kinner unn Enkelkinner weitergebb honn.

Heitzutooch is es immer noch so, wie mea in en Artikel von 2020⁵ geschribb honn: Viel Familie lenne nemme das Deutsche/Deitsche der Kinner, weil die bang honn, dass die das Portugiesische net in die Schul lenne tun. Gewiss is es viel leichter uffgewe unn der Kinner zweu Sproche lenne, unn die Kinner nur mit dem Português grossziehe. Das wedd immer leichter, mit nur een Sproch grossziehe, wenn sogoo die Lehrer in die Schul das fomentiere, weil ooch die net die Vantagens for zweu Sproche lenne kenne.

Es is schood, dass unsere Leit noch so on die Diktatur vebunn sinn, wo ma nur een Sproch spreche konnt unn der Ditado „um povo, uma língua“ heere musst. Mea misse on alles denke, was die Leit in die Zeit vun die Era Vargas gelitt honn, unn dass

⁴ Der "Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata" unn der "Atlas das Línguas em Contato na Fronteira".

⁵ HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo J. (2020). *Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso*. Linguagem & Ensino (UCPel), v. 23, p. 1274-1296.

ma das noch heit speere kann unn ooch noch heere muss, wenn die Leit soohn, „mea wohne in Brasil unn hier spreche mea Português!“ . Ooch weche dem Rádio unn die Telwesong unn ooch die neie Munizipe, alles hat geholf, dass die Leit immer wenicher Deutsch/Deitsch spreche unn immer mehr nore noch Portugiesisch spreche.

Wenn'ma alles, was mea hier geschribb honn, so guckt, is es uns bekannt, dass das Deutsch/Deitsch net leicht is, for unser Kinner ze lenne, awer mea honn's gepack, mea honn's geploont unn unser Ploon mit Kenntnis ingehall. Dodavor honn mea Meglichkeete ausgedenkt, for unsere Sproche denne weitergewe. Mea spreche mit unsre Kinner nur uff Deutsch, mea lese unn gucke Filme bloss uff Deutsch. Das Scheene is, dass die Kinner Deutsch spreche unn verstehn unn spreche ooch uff Deitsch, wenn se Gelechenheit honn. Unser zweu Kinner, F1 hot 10 Johre unn F2 hot 7 Joohre, die zweu honn die Deutsh-Sproch zuerst gelennt unn bis drei Jahr honn se nore Deutsch gesproch, unn das Portugiesische honn se bloss verstann. Noh die drei Jahr honn se ongefing in die Schul ze gehn unn honn ongefing Portugiesisch ze lenne. Awer dehemm ore wenn mea meue gehn, tun mea in Familie nore Deutsch mitsammer spreche. F1 kann lese unn schreiwe uff Deutsch. Schon F2 kann spreche, awer er is eerscht noch on schreiwe unn lese lenne.

Mea wisse, wie streng mea sinn misse, unn ooch decidiert, dass mea net nohgewe derfe, dass das Deutsche noch dehemm gesproch wedd. Es is in unsrem Fall en Sproch, wo net die Hauptsproch is unn noch ganz anneschter wie das Portugiesiche is, hauptseechlich wenn die annre Sproch, Portugiesisch, iwerall viel mehr gesproch wedd. Ma muss ooch soohn, dass een von die grosse Motivos is, dass die Eltre der Kinner das Deutsch/Deitsche net meh lenne wolle, weil die Bang honn, dass die Kinner Schwierichkeete in die Schul honn werre. Mit Bang, dass sein Kind in die Schul prejudikeert wedd, ore bis ausgespott wedd, ore Bullyng hot, dann tun die Eltre nur noch meh Portugiesisch spreche. Een anner Problem is, wenn die Lehrer noch net wisse, dass wenn ma zweu Sproche sprecht, dass das gut is, genau so wisse se net, dass, wenn ma viel Sproche von kleen uff lennt, dass das gut for die Kinner is, unn dass se net die Kinner so ausspote solle, dass se sich scheeme for Deutsch/Deitsch ze spreche. Das alles macht uns nohdenke: Sollt die Schul net das Platz senn, wo die Vielfalt von der Sproche, wie jeder Diversitet, uffgenomm gewe misst?

Das scheint dumm, awer efter honn mea selbscht Momente dorchgemacht, wo die Leit uns gefroht honn unn unsere Kinner als „oorme Kinner“ gedauert honn, well se Deutsch mit uns gesproch honn. Das hot awer net vehinnert, dass unsere Kinner sich debei gut finne unn sich ooch etwas inbilde, weil se meh Sproche konnte. Unn mea honn gezeichnet, das Wert, wo unser Deutsch unn Deitsch honn, so wie alle Sproche, wo das Recht honn, in all ehr Bedeutung unn Funktion gelennt, gebraucht unn respektiert ze werre.

For uns honn alle Sproche sein gross kulturelles Wert, en Identidade, wo ma goo net schetze kann. Desweche derfe mea net soohn, dass een Sproch besser ore schlechter, scheener ore ecklicher, richtich ore falsch, ehrlich ore net ehrlich is for uns. Mea derfe nur respektere. Mea misse die Werte on unsere Kinner weitergewe unn so mache, dass die es verstehn, dass es hinner jeder Sproch en lang Geschicht gibt, en Kultur, en Identidade von dem Volk, unn dass ma se eenfach respektere muss aus dem eenfache Grund, dass jeder das Recht hot, sein Mottersproch in seim Domínio – dehemm in der Familie – selbst unn frei ze bestimme.

O „*DEUTSCH/DEITSCH* DE CASA“: SOBRE A ARTE E OUSADIA DE TRANSMITIR A LÍNGUA MATERNA AOS FILHOS

Marcelo Jacó Krug¹

Cristiane Horst²

Desde criança, falar uma variedade alemã é algo muito natural para nós, pois *Deutsch* (por parte da mãe) e *Deitsch* (pelo lado do pai) são nossas línguas maternas. Nascemos em comunidades, cuja variedade alemã estava presente em praticamente todos os ambientes, mesmo que na escola a língua portuguesa, muitas vezes, tenha encoberto a variedade alemã.

Os professores nos orientavam a não falar alemão na escola, mas isso não era tão simples controlar e, no fundo, não era do nosso interesse. Em casa, a variedade alemã só não era falada quando chegava visita que não falasse *Deutsch/Deitsch*. Usamos essas definições para as nossas línguas maternas, pois viemos de comunidades diferentes, ou seja, uma comunidade *Deutsch*, Colinas, e a outra, uma comunidade exclusivamente *Deitsch*, Batinga, no interior de Brochier, ambas no Rio Grande do Sul. Nossas infâncias foram marcadas pelas brincadeiras e pelo contato com crianças que igualmente falavam variedades alemãs. À medida que fomos crescendo e avançando em nossos estudos, nas escolas que frequentamos, primeiramente em Colinas / Brochier, depois em Ivoti / São Leopoldo, tivemos que conviver com a situação comum de que muitos educadores pouco se importavam com nossas variedades, sempre prezavam pelo “bom português” e/ou pelo “bom domínio da língua alemã” ensinada na escola sem os “problemas herdados dos dialetos”, como eram chamadas e rotuladas “nossas línguas maternas” pela maioria dos professores.

Enquanto estudantes na universidade, fomos orientados a nos concentrarmos nas variedades mais prestigiadas, tanto do alemão, quanto do português, distanciando-nos assim das nossas línguas maternas, pois as mesmas eram vistas como um retrocesso na aprendizagem do padrão do alemão e do português. Muitas

¹ *Chapecó (Brasil).*

² *Chapecó (Brasil).*

vezes sofremos *bullying* e preconceito linguístico. Depois de formados e no exercício de nossa profissão, foi possível verificar ainda mais o real valor das variedades de alemão que aprendemos em casa no ensino e aprendizagem do alemão padrão, pois as crianças que falavam *Deutsch / Deitsch* em casa, além de dominarem a fonologia do alemão, possuíam um avantajado vocabulário. o que poupava tempo de aula para o avanço no aprendizado da língua padrão, em comparação com os que não dominavam alguma variedade de alemão e que aprendiam alemão como língua estrangeira na escola. A mesma variedade que nos fez vítimas de *bullying* e preconceito também abriu caminho para seguirmos com nossos estudos para o mestrado e posterior doutorado.

A cada passo que dávamos, maior era a certeza de que estávamos no caminho certo. E víamos o quão ricas eram as nossas variedades, que, inclusive, já nos propiciaram muitas experiências gratificantes pessoais e profissionais. Porém, também vimos que, assim como nós conseguimos aproveitar as oportunidades de aprender as variedades *Deutsch / Deitsch*, muitas pessoas não tiveram o mesmo destino. Podemos dizer isso, pois a partir das pesquisas de campo realizadas para o ALMA e ALCF,³ dos municípios por onde passamos e coletamos dados, em praticamente 100% deles, os informantes lamentavam não terem repassado a variedade alemã para seus filhos ou netos. Também os informantes que não falavam a variedade lamentavam não a terem aprendido na infância.

Ainda hoje ocorrem casos semelhantes, como escrevemos em um artigo de 2020⁴, em que famílias deixam de repassar as suas variedades para os filhos pelo medo de as crianças apresentarem algum tipo de deficiência no aprendizado da língua portuguesa, ao iniciarem sua vida escolar. Claro que é muito mais comum e cômodo desistir de uma educação bilíngue e abandonar a variedade em certo momento da vida da criança e seguir monolíngue. Ainda mais quando essa comodidade é fomentada por professores que desconhecem as vantagens que tem um falante bilíngue.

³ O "Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata" e o "Atlas das Línguas em Contato na Fronteira".

⁴ HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo J. (2020). *Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso*. Linguagem & Ensino (UCPel), v. 23, p. 1274-1296.

Infelizmente, nossa sociedade ainda está calcada no que se dizia em épocas de ditadura, ao evocarem o mito de “um povo, uma língua”. Devemos levar em consideração todo o sofrimento vivido nas épocas de proibição da língua na Era Vargas e que, ainda hoje, pode ser ouvido em frases do tipo “moramos no Brasil e aqui só falamos português”. Também as mídias e a emancipação de novos municípios colaboraram para que as comunidades se tornassem cada vez mais monolíngues em português.

Tomando por base os fatores aqui relatados, temos consciência de que ensinar uma língua materna minoritária para os filhos não é tarefa fácil, mas conseguimos, com planejamento, constância e conhecimento, criar a oportunidade de repassar nossas variedades aos nossos filhos. Nos dirigimos a eles somente em *Deutsch*, com suporte escrito e audiovisual em Hochdeutsch. Observamos que nossos filhos falam *Deutsch*, mas também entendem e respondem em *Deutsch*, quando estão em um ambiente *Deutsch*. Nossos dois filhos – filho 1 está com 10 anos e filho 2, com 7 anos – ambos possuem a língua alemã como língua materna e, até os três anos, compreendiam o português, mas só falavam em *Deutsch*. A partir dos três anos, com o ingresso na escola, foram se tornando proficientes em língua portuguesa. Porém, em casa ou em algum ambiente em companhia de outras pessoas, nossa comunicação, a língua da família, sempre foi e ainda é em *Deutsch*. F1 é proficiente tanto na fala como na leitura e escrita da língua alemã. Já F2 é proficiente na fala e está em fase de alfabetização e aprendizagem de leitura e escrita.

Sabemos como é necessário ser firme, decidido e coerente para manter em casa uma língua diferente daquela reconhecida como a única língua brasileira, principalmente quando todos os demais domínios de uso da língua são majoritariamente em português. Vale mencionar que um dos grandes motivos de os pais deixarem de repassar a variedade aos filhos é o fato de ficarem receosos com as dificuldades que o filho poderá encontrar ao ingressar na escola. Com medo de que o filho seja prejudicado na escola ou até mesmo de ser ridicularizado, sofrendo algum tipo de discriminação, os pais acabam cedendo ao português. Outro motivo é quando os professores ainda não possuem um conceito claro dos benefícios do bilinguismo, assim como desconhecem as vantagens de uma educação

plurilinguística na vida das crianças e fazem comentários que as inibem de falar. Diante desse quadro, cabe a pergunta: não deveria a escola ser um espaço de acolhimento à diversidade linguística, como de toda diversidade?

Parece paradoxal, mas vivenciamos ocasiões em que fomos questionados e até nossos filhos chamados de “coitados” e vistos com um sentimento de pena, por estarem falando em alemão conosco. Apesar dessas incompreensões e equívocos, conseguimos fazer nossos filhos se sentirem orgulhosos por saberem mais línguas e mostramos a eles o grande valor que esta língua, *Deutsch* ou *Deitsch*, pode ter, assim como todas as outras, com direito a serem aprendidas, utilizadas e respeitadas no seu significado e função.

Acreditamos que o ensino plural e plurilinguístico é a melhor alternativa para reduzirmos velhos estigmas existentes na sociedade, principalmente aqueles de superioridade atribuídos a uma ou outra língua. Entendemos que todas as variedades linguísticas carregam um valor cultural, identitário imensurável, portanto não cabe a ninguém julgá-las como sendo melhor ou pior, mais bonita ou mais feia, mais certa ou mais errada, digna ou não digna de ser aprendida, a nós somente compete respeitar a diversidade e os direitos linguísticos de cada falante. Repassar tais valores aos nossos filhos e fazer com que eles entendam que por trás de uma língua existe toda uma história, uma cultura e identidade de um povo, é não apenas uma arte, como também um grande desafio. Só com os anos nos damos conta do que agregamos ao repertório linguístico ou deixamos para trás.

20. AUF DER SUCHE NACH EINER ZWEITEN MUTTERSPRACHE...¹

Karen Pupp Spinassé²

Ich bin einsprachig aufgewachsen. Bei mir zu Hause wurde nur Portugiesisch gesprochen, in der Umgebung ebenfalls. Da ich Verwandte in vielen Bundesstaaten Brasiliens habe, wurde ich bald mit den Variationen innerhalb der portugiesischen Sprache konfrontiert, wobei ich unbewusst versuchte, meinen Akzent und meinen Wortschatz an die jeweilige Umgebung anzupassen. Ich erinnere mich, dass ich Wörter aus dem Dialekt aus Espírito Santo absichtlich anbrachte, die Prosodie des Dialektes aus Minas Gerais imitierte oder bestimmte Lieder mit dem [r] der *Gaúchos* sang... Aber ich habe das immer als eine Vielfalt innerhalb einer einzigen Sprache gesehen, als Möglichkeiten, sich innerhalb derselben Sprache zu bewegen.

Natürlich hatte ich auch Kontakt mit fremdsprachigen Äußerungen, hauptsächlich durch Lieder, die im Radio oder auf Schallplatten liefen. Ich erinnere mich, dass ich das „komische Portugiesische“ einer gewissen puerto-ricanischen Gruppe seltsam fand, oder dass ich erst Jahre später herausfand, dass das Lied auf Spanisch auf der Platte meines Cousins eigentlich Französisch war. Die sprachliche Vielfalt umgab mich, aber ich fühlte mich nicht als Teil davon, ich habe sie mir nicht angeeignet.

Als Teenager besuchte ich Italienisch-, Englisch- und Deutschkurse und begann somit, zweisprachig zu werden. Aber das befriedigte mich nicht ganz: Ich trug eine gewisse „Frustration“ in mir, nicht zweisprachig aufgewachsen zu sein. Ich fand die Berichte von Menschen einfach fantastisch, die seit ihrer frühen Kindheit in einem Umfeld aufgewachsen waren, das ihnen im sozialen Leben, also in der täglichen Interaktion, den Kontakt mit mehr als einer Sprache bot. Diese Menschen verkehrten frei zwischen zwei oder mehreren Sprachen und wechselten automatisch von einer zur anderen, je nach Gesprächspartner und nach spezifischen Bedürfnissen. Wie gerne hätte ich gewusst, wie das ist! Was geht im Kopf eines Menschen vor, der zwei

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-20>

² *Porto Alegre (Brasil)*.

Sprachen als Muttersprachen beherrscht? Wie geschieht dieser Wechsel? Ist es bewusst? Wie ist es, in zwei verschiedenen Sprachen zu denken? Ich wusste, dass ich nie erfahren würde, wie das ist. Es war etwas Vollendetes: Ich würde nie in der Lage sein, eine Sprache so weit zu beherrschen, dass sie für mich den Status einer zweiten Muttersprache hätte. Ich würde nie erfahren, wie es wäre, zwei Muttersprachen zu haben.

Zu dieser Zeit wurde ich mit der Realität der Migrationssprachen in Brasilien konfrontiert, insbesondere mit Sprechern des „deutschen Dialekts“ in Rio Grande do Sul – eine Situation, die ich übrigens einfach fabelhaft fand. Allerdings war im Allgemeinen die erste Reaktion dieser Sprecher, wenn ich überhaupt einen kennen gelernt habe, sich praktisch dafür zu „entschuldigen“, dass sie ihre Mundart überhaupt sprechen. Obwohl sie diese Sprachen seit ihrer Geburt im Alltag verwendeten, schienen sich viele Sprecher dafür zu schämen, diese andere Muttersprache zu haben, und betrachteten sie als minderwertig. Wenn sie mir erzählten, dass sie Deutsch sprechen, wiesen sie immer wieder darauf hin, dass es nicht das „korrekte“ Deutsch sei, das in Deutschland gesprochen wird, sondern ein „lokales“ Deutsch – als ob „lokal“ das Antonym von „korrekt“ wäre. Ich verstand ihre Reaktionen nicht ganz, denn während ich die Tatsache bewunderte, dass sie eine zweite Muttersprache beherrschen, wertschätzten sie sie nicht und bezeichneten sie als „Dialekt“, gerade um ihren vermeintlich minderwertigen Status gegenüber anderen Varietäten zu kennzeichnen. Im Allgemeinen war die Einstellung der Sprecher, mich zu bewundern, weil ich das „grammatikalische“ Deutsch spreche. Sie wussten jedoch nicht, dass ich, egal wie gut ich Standarddeutsch spreche, dieses Sprachsystem niemals so gut beherrschen werde wie sie. Ich werde weder den breiten Wortschatz, noch die akkurate Aussprache und noch die Sprechgeläufigkeit erreichen, die sie haben, weil der „Dialekt“ ihnen diese Werkzeuge gibt.

Während die Sprecher Scham und Verachtung gegenüber ihrer eigenen Sprache zeigten, konnte ich jedoch auch eine sehr merkwürdige Tatsache feststellen: Als ich den Wert des Standarddeutschen relativierte und ihnen den sprachlichen Reichtum zeigte, über den sie verfügten (sogar mit Neid meinerseits), änderte sich die Einstellung sofort, und die Sprecher begannen, Stolz zu zeigen und mir positive Geschichten in Bezug auf ihre Sprache zu erzählen.

Angesichts dessen wurde eines meiner Hauptziele in meinen Forschungsprojekten als Dozentin und Forscherin an der Bundesuniversität zu Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasilien), einen Beitrag zur Veränderung dieser Situation zu leisten – das heißt, zu diesem Wendepunkt von Scham zu Stolz beizutragen. Mir ist aufgefallen, dass viele Sprecher diese Scham nur aufgrund mangelnder Kenntnisse über die Sprache zeigen, oder vielmehr, weil sie nur Mythen oder Vorurteile gegenüber der Sprache kennen. Von dem Moment an, in dem sie den Reichtum hinter dieser Domäne erkennen, von dem Moment an, in dem Fehlinformationen dekonstruiert werden, scheint es, dass diese Last der Scham wegfällt, als hätten die Sprecher schon immer auf diese „Erlaubnis“ gewartet, stolz auf ihre Sprache sein zu dürfen – welche ein Teil ihres ethnischen Erbes, ihrer Familiengeschichte und ihrer Identität ist. In diesem Sinne arbeite ich mit Schulen in Kontaktregionen Portugiesisch-Hunsrückisch und versuche, den kleinen Sprechern den Wert der Einwanderungssprache und die Wichtigkeit der Mehrsprachigkeit zu zeigen.

Durch den Kontakt mit dem Hunsrückischen habe ich eine passive Sprachkompetenz entwickelt: Ich verstehe alles und kann an Interaktionen in dieser Sprache teilnehmen. In Bezug auf Produktion beschränke ich mich aber auf ein paar Sätze und Ausdrücke. In den Interaktionen ist dies jedoch kein Problem, denn in einer mehrsprachigen Umgebung kommt es vielmehr auf die Kommunikationsstrategien und die Bereitschaft zur Interaktion an.

Den Wunsch, zwei Muttersprachen zu haben und erleben zu können, wie es ist, sich auf natürliche Weise zwischen zwei Sprachen zu bewegen, mit denen man sich identifiziert und die denselben Platz im Gehirn – und möglicherweise im Herzen – einnehmen, werde ich mir, wie gesagt, nie erfüllen können. Meine Mehrsprachigkeit, aus dem Erlernen mehrerer Fremdsprachen stammend, ist anders als die von jemandem, der zwei Muttersprachen beherrscht. In gewisser Weise erfülle ich mir aber diesen Wunsch, indem ich mich an diesen Aktionen für die Mehrsprachigkeit der hunsrückischsprechenden Kinder beteilige. Und ich habe ihn mir auch in meinen Kindern erfüllt, indem ich ihnen die Möglichkeit gab, diese Erfahrung zu machen, die ich nicht hatte. Meine Suche nach einer zweiten Muttersprache habe ich in ihnen verwirklicht.

Es ging aber nicht um bloße Frustration. Als aktive Deutschlehrerin, mit jährlichem Austausch, intensivem Kontakt zu Deutschland, deutschen Freunden und einer riesigen Bibliothek mit deutschsprachigen Bänden, wurde mir klar, dass meine Kinder nicht zu 100% an meinem Leben teilnehmen könnten, wenn sie kein Deutsch sprächen. Sie würden mich nicht vollständig kennen, wenn sie nicht an meiner „deutschen“ Seite, also meiner Seite als Deutschsprachige, teilhaben könnten. Neben den kognitiven Vorteilen, welche die Zweisprachigkeit mit sich bringt, und neben dem Wunsch, ihnen die Erfahrung zu geben, die ich nicht haben konnte, war auch dieser Faktor sehr schwer: Sie sollten mich vollständig kennen, an allem teilhaben, was mein Leben betrifft – und die deutsche Sprache spielt dabei eine wichtige Rolle. Also beschloss ich, als ich früh schwanger mit meinem ersten Kind war, nur Deutsch mit ihm zu sprechen. Da mein Sohn in Brasilien lebt, machte ich mir keine großen Sorgen darüber, wie er Portugiesisch lernen würde, da dies in seinen sozialen Interaktionen außerhalb des Hauses und in der Schulgemeinschaft unvermeidlich sein würde. Also beschloss ich zusammen mit meinem Mann – ebenfalls Deutschlehrer –, dass wir mit dem Kind ausschließlich Deutsch sprechen würden, um ihm den nötigen Input zu geben, um diese Sprache zu beherrschen – was wir später auch mit dem zweiten Kind wiederholten. Beides erfolgreich.

Ich bin einsprachig aufgewachsen. Aber ich habe später andere Sprachen gelernt und wurde zweisprachig. Ich engagierte mich für die Zweisprachigkeit von Sprechern von Minderheitensprachen. Ich habe zwei Kinder zweisprachig erzogen. Ich glaube, dass ich damit einen Beitrag zu einer vielfältigeren, mehrsprachigen und pluralen Welt leiste.

EM BUSCA DE UMA SEGUNDA LÍNGUA MATERNA...

Karen Pupp Spinassé¹

Cresci monolíngue. Em minha casa só se falava português; na comunidade idem. Por ter parentes em muitos estados do Brasil, logo cedo fui confrontada com a variação dentro da língua portuguesa, procurando adaptar, inconscientemente, meu sotaque e meu léxico ao ambiente do momento. Lembro de me apropriar de palavras do dialeto capixaba, de imitar a prosódia do dialeto mineiro, de cantar determinadas músicas utilizando o [r] "gaúcho"... Mas sempre encarei isso como uma diversidade dentro de uma única língua, como formas de transitar dentro de um mesmo idioma.

Obviamente tive contato também com algumas manifestações em línguas estrangeiras, principalmente por meio de músicas que tocavam no rádio ou em trilhas sonoras em vinil. Lembro-me de estranhar aquele "português diferente" que o grupo porto-riquenho cantava, ou de vir a descobrir, anos mais tarde, que aquela música em espanhol no disco do meu primo era, na verdade, em francês. A diversidade linguística me rodeava, mas eu não me sentia parte daquilo, eu não me apropriava dela.

Ao longo da adolescência, frequentei cursos de italiano, inglês e alemão, e, assim, comecei a me tornar uma pessoa bilíngue. Mas aquilo não me satisfazia plenamente: eu carregava em mim uma certa "frustração" por não ter crescido bilíngue. Eu achava simplesmente fantásticos os relatos de pessoas que, desde a primeira infância, foram criadas em ambientes que lhes ofereciam o contato com mais de uma língua em seu dia-a-dia social, ou seja, em sua interação diária. Essas pessoas transitavam livremente entre duas ou mais línguas, passando de uma para a outra automaticamente, dependendo de seu interlocutor e de suas necessidades específicas. Como eu queria saber como era aquilo! O que se passa na cabeça de uma pessoa que domina duas línguas como línguas maternas? Como se dá essa alternância? Seria consciente? Como é pensar em duas línguas diferentes? Eu sabia

¹ *Porto Alegre (Brasil).*

que eu nunca saberia como é, era algo consumado: eu nunca mais poderia aprender uma língua a ponto de tê-la como uma segunda língua materna. Eu nunca saberia o que é ter duas línguas maternas.

Nessa época, comecei a conviver com a realidade das línguas de imigração no Brasil, em especial com falantes de “dialeto alemão” no Rio Grande do Sul – uma situação, diga-se de passagem, que eu achava incrível. Contudo, de modo geral, a primeira reação desses falantes ao me conhecerem era praticamente de se “desculpar” por falarem suas línguas. Muitos falantes, mesmo utilizando essas línguas em seu dia a dia desde que nasceram, pareciam envergonhar-se de terem essa língua materna diferente, considerando-a menor, de menos valor. Ao me dizerem que falavam alemão, os falantes sempre faziam a observação de que não se trata do alemão “correto”, falado na Alemanha, mas sim de um alemão “daqui” – como se “daqui” fosse antônimo de “correto”. Eu não compreendia bem aquelas reações, pois, enquanto eu admirava o fato de eles falarem uma segunda língua materna, eles mesmos a menosprezavam, e a denominavam “dialeto” justamente para marcar seu *status* supostamente inferior a outras variedades. A atitude dos falantes, em geral, era me admirar, por eu falar o alemão “gramatical”. Entretanto, o que eles não sabem é que, independente de quão bem eu fale o alemão *standard*, eu nunca teria a propriedade que eles têm desse sistema linguístico, nem o vocabulário que eles possuem e tampouco a pronúncia acurada e a fluência que eles têm, já que o “dialeto” os dá essas ferramentas.

Entretanto, ao mesmo tempo em que os falantes demonstravam vergonha e menosprezo em relação à própria língua, eu também pude perceber um fato bastante curioso: quando eu relativizava o valor do alemão *standard* e mostrava a riqueza linguística que eles tinham – digna, inclusive de inveja de minha parte – a atitude mudava instantaneamente, e os falantes passavam a demonstrar orgulho e a me contarem histórias positivas relacionadas à sua língua.

Percebendo isso, um dos meus maiores objetivos em meus projetos de pesquisa enquanto professora e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul passou a ser colaborar para reverter esse quadro – ou seja, contribuir para essa virada da vergonha para o orgulho. Notei que muitos falantes só demonstravam essa vergonha por falta de conhecimento sobre a língua, ou melhor,

por só conhecerem mitos ou atitudes preconceituosas em relação à língua. A partir do momento em que percebiam a riqueza por trás desse domínio, a partir do momento em que as informações deturpadas são desconstruídas, parece que esse peso da vergonha vai embora, como se eles já tivessem sempre esperado por essa "permissão" para terem orgulho de sua língua – a qual é parte de sua herança étnica, de sua história familiar e de sua identidade. Nesse sentido, atuo junto a escolas de regiões de contato português-Hunsrückisch, procurando mostrar aos pequenos falantes o valor da língua de imigração e o valor de ser plurilíngue.

O contato com o Hunsrückisch me levou a ter uma competência passiva do mesmo: entendo tudo e consigo participar de interações nessa língua. Mas em termos de produção, me limito a poucas frases e expressões. Contudo, isso não é um problema nas interações, pois, em um ambiente multilíngue, o que conta são as estratégias de comunicação e a vontade de interagir.

A minha vontade de ser bilíngue precoce e de poder experienciar como é transitar naturalmente entre duas línguas com a qual me identifique e que ocupam um mesmo lugar no cérebro – e possivelmente no coração –, essa eu nunca mais vou poder realizar, como já disse, pois o meu bilinguismo, oriundo da aprendizagem de diversas línguas estrangeiras não é o mesmo daquele de quem aprende duas línguas maternas. De certa forma, porém, realizo esse desejo participando dessas ações em prol do plurilinguismo das crianças falantes de Hunsrückisch. E também o realizei em meus filhos, dando a eles a oportunidade de ter essa experiência que eu não tive.

Como professora de alemão atuante, com intercâmbios anuais, contato intenso com a Alemanha, amigos alemães e uma vasta biblioteca de itens em língua alemã, percebi que, se meus filhos não soubessem alemão, eles não fariam parte 100% da minha vida. Eles não me conheceriam plenamente, se não pudessem tomar parte do meu lado "alemão", ou seja, do meu lado enquanto falante de língua alemã. Além das vantagens cognitivas que o bilinguismo traz e além de querer proporcionar a eles a experiência que eu não pude ter, também esse fator falou muito alto: eles tinham que me conhecer plenamente, fazer parte de tudo o que envolve a minha vida – e a língua alemã tem parte importante nisso. Assim, com meu primeiro filho na barriga, decidi só falar alemão com ele. Morando no Brasil, eu não tinha grandes

preocupações em relação a como ele aprenderia português, já que isso seria inevitável, em suas interações sociais fora de casa e na comunidade escolar. Então, decidi, junto ao meu marido – também professor de alemão – que falaríamos exclusivamente alemão com a criança, para lhe dar o insumo necessário para se tornar proficiente nessa língua – o que repetimos com a filha mais nova, posteriormente. Ambos de forma bem-sucedida.

Cresci monolíngue. Mas aprendi outras línguas mais tarde e me tornei bilíngue. Engajei-me na causa do bilinguismo de falantes de línguas minoritárias de imigração. Bilinguei duas crianças. Creio estar dando minha contribuição para um mundo mais diverso, multilíngue e plural.

21. DÄI MUTTERSprauche TUSKEN INHAULEN UN UPGIBEN: DAT PLATTDÜÜTSKE IN MIIENE FAMILGE¹

Fernanda Von Mühlen²

Änners os däi mäisten Brazilianern, häwwe ick äine twedde Muttersprauche an siiet van Portugiesisk: dat Westfälisk, wat auk Plattdüütsk het. Ofwoll ick oll paar Johr in Ivoti wuone, wor viele Lühe Hunsrückisk küret, kuome ick uut äin enne lütck un sköön Eck, wat up Haudüütsk Heimat het, wor ick Platt läärd häwwe.

Biie Huus mit miene Familge, in Ächte Berliien, in Munizip Westfalia, Brasilgen, häwwe ick düsse Sprauche läärdd, dat mächtig wichtig vör miie is. Ächte Berliien is etwas wiiet van däi Stadt, twiälw Kilomäiter van däi Hauptstadt af. Biie us biie Huus häf immer miine Mutter un Vater wuont, van miien Mamma siien Siiet. Sau hät wiie immer viel Plattdüütsk hoort un kürt. Dat ganze Familge kann Platt küren orre vörstaunen. Platt is däi Sprauche van jieden Dag, mit dat miene Familge olles biäter uutleggen kann. Wenn dat schnell siien mot, dann läiwer up Platt seggen!

Ick häwwe goute Andenken os ick noch äin Blagen wör un Platt jieden Dag lustert häwwe. "Fernanda, kumm jüst miie helpen!", "Lot miie schmäcken!", "Wecker nich arbäitet, krig käin läden.", "Täi mit den Grauten drinken, bloos wänn duu konfirmied bis!". Dat sind äin paar Sätze van miien Kinnertiiet, däi in miien Kopp blieben sind.

Wiägen ick däi Sprauche in däi Familge lädt un in äin Buhdenhoff wuont häwwe, sind miene Wööre up Platt mächtig üöwer Diere, Arbäit up Land un läden. Os Kiiend, häwwe wiie im Koustall un im Hounestall spielt, tüsken Kögge un Küüken, im Riängen us nat maat, viele Kätkes uppasst, im Schwiiestall (wor kein Sugem mär drinne wör) äin Hüusken bowwet, mit Miälke, Egge un Dräck buuten kuoket. Wiie hät auk viel Fahrrad föhrt un van äin Biärg runner rutsket mit äin Brett, dat miien Priieme fein glatt maaket häf. Giegen Aumt kuaimp däi Kinner van Nauberskupp biie us up den Hof un dann där wiie Fussball spielen un viel küren. Üönes, wänn ick Tiiet haddre,

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-21>

² *Ivoti (Brasil)*. Ick danke miien Mäm Neiva Von Mühlen unn miien Pabm Márcio Von Mühlen, dat miie mit den Text up Platt holpet hät. Danke sköön!

häuwe ick Bolo bucket un för miien Besoik utdäilt, un olle hät sick mächtig fröwwet, wiägen Kinner hät immer Schmackt up Goos. In däi Tiiet hät wiie olle noch Platt kürt. Dat wör wat sköönes, dat wör äine skööne Tiiet!

Dat Liäben tüsken den Westfälen wör fein. Owwer olle hadden immer viiele un schwoore Arbäit, jieden Dag, van muonsens bes aumes. Ick kann immer noch dran denken, os ick mit in Plandask gaun där un dann hät wiie Futtermülgen affacket för däi Köge fooren. Miien Onkel häf immer däi Ossen an äin Wagen anspannt. Äin Tiiet föört, un äin Stück wieter, moss häi "Oh" för däi Ossens seggen. Miien Vater Leviien woll sick immer äin Stücksken Anäis afmaan för utkäwwen. Bes ganz wiiet in Plandask häf miien Vater dat käwwet un miien Onkel un ick hät sunge. Dat is sau faacken passeed.

Wiie mossen faaken biie Huus bliieben, mit miiene Mutter Anilda. Dat där us uppassen. Dat kann nich mehr in Plandask gaun, wiägen et wör krank un siah in äin Fahrstoul. Wiie sind mit dat in Bedde gaun un hät dor märmolls schlaupet. Dat kann nich gout Brazilianisk vörstaun un up däi Sprauche küren, sau för us in Schlaupen bringen, häf dat immer up Platt sunge:³

Heuo *Nene*⁴ schleupken, dor buuten löp äin Skäupken.

Häf söcke witte Foide, dann schmäck dat *Titte*⁵ soide.

Heuo *Nene* schleupken, dor buuten löpp äin Skäupken.

Häf söcke schwarre Wulle, dann schmäck dat *Titte* strulle.

Übersetzung ins Hochdeutsche:

Schlaf, Kindchen, schlaf, dort draußen läuft ein Schaf.

Es hat so weiße Füße, dann schmeckt die Milch gar süß.

Schlaf, Kindchen, schlaf, dort draußen läuft ein Schaf.

Es hat so schwarze Wolle, dann schmeckt die Milch gar sauer.

³ Vgl. SARR, Renate (2014). *Dokumentation Kinderlied. Erschließung der Liedmappen des Deutschen Volksliedarchivs im Zentrum für Populäre Kultur und Musik. Gruppe K I: Wiegenlied, Einzelmappen. Findbuch*. Freiburg: Zentrum für Populäre Kultur und Musik, S. 226 u. 388. Abrufbar unter: <https://freidok.uni-freiburg.de/data/13322>.

⁴ Pt. *nenê* 'Schoßkind'.

⁵ Vgl. pt. *teta*, im Volksmund auch „tite“.

Mit däi Mutter hät wiie viel Telvison kiaken. Lääder, os wiie tou Skoule gaun sind, häf dat immer up us toft. Dat woll wieden, wuu olles in Skoule gaun is un wiie wollen nich mär up Platt antwooden, bloos up Brazilianisk. Mit däi Tiiet häf miene Mutter mit us un mit den Telvison dat brasilianiske Sprauche auk läärd.

Miine Mutter und Vater wor in Schmidtsplade wuont, küret Plattdüütsk un küönt auk Hunsrückisk un Brazilianisk. Von Mühlens Erno häf immer för us up Platt sungen un Spöskes vörtellt. Häi häf us mit tou äine Bieke nuom, us Mülgen gieben för däi Heune up Hof fooden. Miine Mutter Norma is dat äinsige dat noch liäbet. Biie et wör un is dat immer lustig un gif immer wat Goos tuu iäden: Hüggespäune, Dösse, Koiskskes, Pannekouken, Galinhade. Olles schmäcket üöwer gout!

Immer wänn ick nor Huus gor un miine Mutter besoike, vesoiket wiie unner us bloos up Platt küren. Owwer dat is nich sau licht: för miien Pabm, Mäm, Mutter un Onkel doch: däi küret sau dahier. Ick vörstoor olles wat säi segget, owwer miie hölt dat schwoor, wiägen bloos wänn ick wäkwuome küre ick Platt. För küren mot ick faacken däi Wööre soiken un äinmol utküren för achtekwuom, op dat stimmet. Owwer dat döt nix: wiie vörstoot us oll un miine Mutter is froh, wiägen ick bin dat äinsige Änkelkiind, dat sick noch an Platt küren interesseed.

För us os Kinner wör Platt immer däi Sprauche in däi Familge. Wiiehnachten, Oustern, Kerb, wenn däi sick olle druapen hät, wör dat bloos up Platt. Owwer vandage is dat äin bietken änners: wenn miine Onkels unner sick küret, dann is dat Platt. Owwer miien Priems hät sick Skätzkes van äinner Gemäinde rummied un däi mäisten küren kein Platt. Sau, hoot mär auk immer mär Brazilianisk.

Wenn ick an miine Skouletiiet denke, fählt miie in dat dor kein Problem wör Platt küren. Viele Skoulmesters hät auk Platt küren konnt und hät dat unner sick maaket. Owwer paar Skoulmesters uut unner Säcke, Imigrante, hät kein Platt vörstaun. Däi siän, dat wiie in siien Unnerricht Brazilianisk küren sollen, för dat säi olle dann vörstaun konn.

Wiie hät niie Platt in Skoule läädt. Wiie hät Haudüütsk in Skoule hat un dat wör ganz änners os Platt, owwer wör auk sköön. Bloos in däi achte Klasse hät wiie Platt wüörklik in Unnerrichtstiiet twäi Mol benutzt. Dat eeste Mol, wör os wiie äin Theaterstück in Düütskeskoule maaket hät för in São Lourenço do Sul vörbringen, un dor is Düütsk un auk Platt vörkwuom. Dat twedde Mol wör os dat äin Liesepriuifung

in däi Munizip Colinas gieben häf, un dann häf äin Wicht van Berliin äin Text üöwersett un up Platt vörläist. Un dat häf auk den eesten Platz kriegen!

Däi mäisten van miiene Freunde küönt noch Platt küren orre vörstaun un hät däi Sprauche behuus läärd. Owwer mär sütt, dat wäinig Lühe unner twindig Johr Platt küret. In viiele Hüuse wor däi Aulen stuorben sind, is dat Plattdüütske sick an vörläisen. Däi Kinner willen däi Sprauche nich gääden lääden un dann küren däi wieter up Brazilianisk. Miien Broor will auk nich Platt küren. Häi glöf, dat et häf kein Zweck Platt küren, wiägen Platt kwümp nich in Celular un in YouTube. Sau denken auk viiele, däi nich mär nautwennig is, Plattdüütsk för däi Blagen biietoubringen.

Owwer ick gläuwe doch dat Platt wichtig is un dat däi Sprauche weitergaun soll. Däi Sprauche wäd ol mär os hunnert sesstig Johr in Brasilgen küret un häf äine skööne Geskichte. Plattdüütsk häf äin graut Wärt.

Dat Westfälisk is, vör olles, wat wäädvull dat me kennt un kann, os biie olle ännere Sprachchen van däi Welt. Bloos wat ennes is, is dat däi Wuodel in däi Familge unn in Hädde van däi Lühe wat mä kennt is, in dat ganze Geskichte, dat dat Sprauche bes hie hennbracht häf. Et is äin Weltuutsicht, äin Gedanken van däi Geskichte, tuuleste: Is dat Sprauche van däi Kinnertiit un kann dat Sprauche van däi aule Lühe siien, os noch vandage van miien Mutter Norma siien Moul utkümp.

Olles wat me vörläist, döt us wäi. Äine Muttersprauche vörläisen is os wänn äin Vörwandt wat me gääden häf daud gäit: äin Stück van us gäit auk mit. Däi junge Lüh mot sick naudenken un nich bloos achte nigge Dingen gaun; wiägen däi nigge Kraums wät auk äin Dag ault. Dat passeed bloos nich, wänn wiie dat nigge un dat aule touhauptäin dot un wänn dat Liäben van däi Sprachchen wieter gäit.

Süss hät däi aule feine Skäppe auk kein Wärt. Däi Lühe hät däi olle vörkooft för äin paar Tracksen, ganz billig. Un hüüde an Dag, wecker noch äin häf, fröwwet sick un halt et wär biie. Sau denke ick auk: äin Mol kann uuse Sprauche auk wär Wärt kriegen. Dat hoffe ick!



(Dat Skapp häf miien Urgrossvater Tirps Walter sülsen bowwet, vör mär os nigenzig Johr trügge. Dat häf süss os Brautskapp däint un vandage is äin fein Skapp in miien Mäm säin Küöken.)

A LÍNGUA MATERNA ENTRE A PERDA E A MANUTENÇÃO: O VESTFALIANO NA MINHA FAMÍLIA

*Fernanda Von Mühlen*¹

Contrariamente à maioria dos brasileiros, tenho uma segunda língua materna, ao lado do português: o vestfaliano, também conhecido como sapato-de-pau. Apesar de morar há alguns anos em Ivoti, onde muitas pessoas falam hunsriqueano, venho de um outro pequeno e bonito canto, que no alemão se chamaria de *Heimat*, onde aprendi o vestfaliano.

Foi no berço da família, em Berlim Fundos, no município de Westfália, Brasil, que aprendi essa língua para mim especialmente significativa. Essa localidade fica um pouco afastada da cidade, a doze quilômetros do centro. Conosco em casa, sempre viveram minha avó e meu avô. Assim, nós sempre escutamos e falamos bastante vestfaliano. Toda a família sabe falar ou ao menos compreende essa língua. Ela é a língua do dia a dia, com a qual minha família consegue explicar tudo melhor. Quando as coisas precisam ser rápidas, então é preferível que se fale em vestfaliano!

Tenho boas lembranças do tempo em que eu era criança e escutava vestfaliano todos os dias. "Fernanda, *kummes jüst miie helpen!*" ['Fernanda, vem agora me ajudar!'], "*Lot miie schmäcken!*" ['Deixe-me experimentar!'], "*Wecker nich arbäitet, krich kein läden.*" ['Quem não trabalha, não ganha comida.'], "*Täi mit den Grauten trinken, bloos wänn duu konfirmied bis!*" ['Tomar chimarrão com os adultos, somente quando você fizer a confirmação!']. Essas são algumas frases que ficaram na minha memória, do meu tempo de criança.

Por ter aprendido a língua na família e morado em uma propriedade agrícola, meu vocabulário em vestfaliano é especialmente rico em temas como animais, trabalho na roça e alimentação. Quando eu era criança, nós brincávamos na estrebaria e no aviário, entre vacas e pintos, nos molhávamos na chuva, cuidávamos de muitos gatinhos, construíamos casinha no chiqueiro (onde não havia mais porcos

¹ *Ivoti (Brasil)*. Agradeço minha mãe Neiva Von Mühlen e meu pai Márcio Von Mühlen, que me ajudaram com o texto em vestfaliano. Muito obrigada!

dentro), fazíamos “comidinha” com leite, ovos e barro no pátio de casa. Nós também andávamos bastante de bicicleta e escorregávamos de um morro com uma tábua que meu primo deixava bem lisa. Antes da noite, vinham as crianças da vizinhança no nosso pátio e então jogávamos futebol e conversávamos bastante. À tarde, quando eu tinha tempo, fazia bolo e dividia com quem me visitava, e todos ficavam bastante contentes, porque crianças sempre têm fome de coisa boa. Naquele tempo, todos nós ainda falávamos vestfaliano: isso era algo bonito, foi uma época muito boa!

A vida entre os vestfalianos era muito agradável. Mas todos tinham sempre bastante trabalho pesado, todo dia, de manhã até de noite. Eu ainda posso lembrar, quando eu ia junto para a roça, e nós cortávamos milho, para tratar as vacas. Meu tio sempre atrelava os bois a uma carroça. Ele andava um pouco e então tinha que dizer “Oh” para os bois. Isso porque meu avô Levino gostava de pegar um pedaço de chá de anis para mascar. Até o fundo da roça, meu avô mascava o anis, e eu e meu tio cantávamos. Isso se repetia dessa maneira várias vezes.

Quando eu era criança, ficava também muitas vezes com minha avó Anilda. Ela cuidava de nós. Ela não podia mais ir para a roça, porque estava doente e se movimentava através de uma cadeira de rodas. Nós íamos com ela para a cama e dormíamos lá diversas vezes. Ela não compreendia bem português e não falava nessa língua. Assim, para nos fazer dormir, ela sempre cantava em vestfaliano:²

Heuo *Nene*³ schleupken, dor buuten löp äin Skäupken.

Häf söcke witte Foide, dann schmäck dat *Titte*⁴ soide.

Heuo *Nene* schleupken, dor buuten löpp äin Skäupken.

Häf söcke schwarre Wulle, dann schmäck dat *Titte* strulle.

² Cf. SARR, Renate (2014). *Dokumentation Kinderlied. Erschließung der Liedmappen des Deutschen Volksliedarchivs im Zentrum für Populäre Kultur und Musik. Gruppe K I: Wiegenlied, Einzelmappen. Findbuch*. Freiburg: Zentrum für Populäre Kultur und Musik, p. 226 e 388. Disponível em: <https://freidok.uni-freiburg.de/data/13322>.

³ Pt. *nenê* ‘criança de colo’.

⁴ Cf. pt. *teta*, popularmente também „*tite*“.

Tradução para o português:

Dorme, nenê, dorme, lá fora caminha uma ovelhinha.

Se ela tiver pés brancos, então o leite tem gosto doce.

Dorme, nenê, dorme, lá fora caminha uma ovelhinha.

Se ela tiver pés pretos, então o leite tem gosto azedo.

Lembro também que, com a avó Anilda, assistíamos bastante televisão. Outro fato marcante para mim é que ela sempre nos esperava depois da escola. Ela gostava de saber como tudo tinha corrido na escola; e me lembro que, nessa época, nós não queríamos mais responder em vestfaliano, somente em português. Com o tempo, minha avó aprendeu a língua portuguesa conosco e com a televisão.

Meus avós paternos moravam em outra localidade, na Linha Schmidt. Eles falavam vestfaliano e também sabiam hunsriqueano e português. Erno Von Mühlen sempre cantava e contava piadas para nós em vestfaliano. Ele nos levava no arroio e nos dava milho para tratar as galinhas no pátio. Minha avó Norma é a única dos quatro avós que ainda vive. Na casa dela era e ainda é muito animado e sempre há algo bom para comer: cueca virada, biscoitos, bolinhos fritos, panquecas, galinhada. Tudo é muito gostoso!

Sempre que eu vou para casa e visito a minha avó, nós tentamos nos comunicar somente em vestfaliano. Mas isso não é tão fácil. Meu pai, mãe, avó e tio não sentem dificuldades: falam fluentemente. Eu entendo tudo o que eles dizem, mas para mim é um pouco complicado, porque eu só falo vestfaliano quando volto para casa. Isso, porém, não é problema: nós nos entendemos e minha avó fica feliz, porque eu sou a única de quatro netas que ainda demonstra interesse em falar a língua de casa.

O vestfaliano sempre foi a língua da família. Natal, Páscoa, Kerb, quando nossa família se encontrava, a comunicação era somente em vestfaliano. Mas, hoje, isso é um pouco diferente: somente meus tios falam vestfaliano entre si. A maioria dos meus primos e primas têm namorados de outras comunidades, que não falam vestfaliano. Assim, escuta-se cada vez mais o português.

Quando eu penso no meu tempo de escola, recordo-me que lá normalmente não havia problema em falar em vestfaliano. Naquela época, a linha Berlim pertencia

ao município de Imigrante. Muitos professores e as merendeiras também falavam em vestfaliano. Porém, outros, que vinham de Seca Baixa ou do centro de Imigrante para lecionar na nossa escola, não entendiam a língua e nos pediam com frequência para falarmos em português nas suas aulas, para que todos pudessem compreender.

Nós não aprendemos vestfaliano formalmente na escola. Nós tivemos, contudo, ensino de alemão-padrão. Essa língua era bem diferente da nossa língua materna, mas também era bonita. Naquela época, nossa localidade já passava a fazer parte do município de Westfália. Somente na oitava série, nós utilizamos o vestfaliano duas vezes em horário de aula. A primeira vez foi quando fizemos um teatro na aula de língua alemã, para uma apresentação em São Lourenço do Sul. A peça foi apresentada em alemão e em vestfaliano. A segunda vez foi quando houve um concurso de leitura no município de Colinas, e então uma colega minha traduziu e leu um texto na nossa língua. E ela ganhou o primeiro lugar!

A maioria dos meus amigos ainda fala ou entende vestfaliano e aprendeu a língua em casa. Mas se vê que poucas pessoas com menos de vinte anos ainda falam vestfaliano. A língua está se perdendo. As crianças já não querem aprender a língua, e elas usam principalmente o português. É, por exemplo, o caso do meu irmão.

Acredito, contudo, que o vestfaliano é importante sim e que essa língua deve ser mantida. A língua já é falada no Brasil há mais de cento e sessenta anos e tem uma bela história. O vestfaliano tem um grande valor.

O vestfaliano é, antes de tudo, um conhecimento e uma habilidade como a de qualquer outra língua do mundo, com a diferença que tem sua raiz na família e no coração de quem de fato se conhece, em toda a sua história que o trouxe aqui. É uma visão de mundo, uma memória histórica, enfim: é a língua da infância e pode ser a língua da velhice, como ainda soa hoje na boca da minha avó Norma.

Toda perda dói. Perder uma língua materna é como perder um ente querido e, assim, também um pedaço de nós. Cabe aos jovens parar para pensar não apenas no ímpeto que os move para as coisas novas; porque as coisas novas, como as coisas velhas, um dia deixarão de o ser. A não ser que se some o novo ao velho e que se continue a vida das línguas.

Antigamente, os belos armários que havia também não eram valorizados. As pessoas vendiam todos eles por alguns tostões, bem barato. Hoje em dia, quem ainda tem um, fica feliz e volta a usá-lo. Da mesma forma, acredito que um dia a nossa língua pode ser novamente valorizada. É o que espero!



(Este armário foi construído pelo meu bisavô Walter Tirp, há mais de noventa anos. Ele servia, naquela época, para armazenar o pão e hoje é um belo armário na cozinha da minha mãe.)

22. UP MIEN GROTMUDDER EHR SPRÄK¹

Martin Hansen²

Plattdüütsch is nich mien Modderspråk. Plattdüütsch is mien Grottmudder ehr Språk. Ik heff disse Språk nie richtig liernt, un dorher bild ik mi ok nich in, dat ik sei gaut kann. Plattdüütsch räd ik ok nur mit mien Grottmudder, de ik hochdüütsch Oma nenn. Un wenn ik tau Besök bün bi de Pomeranos, de Nähkämen von de pommerschen Ierstsiedler in Brosilien. Liekers ees will ik vörsöken, lütt bäten wat up Mäkelborg-Vörpommersch Platt tau vertellen: öwer dat pommersch Platt wat man in miene Heimat un in Brosilien räd.

Ik bün nägenundörtig Johr, up de Insel Rügen gebuuren un in Rostock opwassen. Mien Modderspråk is Hochdüütsch. So'n bäten Plattdüütsch heff ik von mien Oma upschnappt! Wenn ik inne Ferien bi ehr wier un dat mittenmank hüürt heff. Denn hett ok de Förwandschapp öfters Platt räd. Mit de Tiet heff ik mi denn son eigen Riem up disse Språk måkt. Von miene Öllern heff ik ok lütt bäten Platt mitkrägen. So gifft mien Vadder af un an vör de Mähltiet en plattdüütsch Dischgebett taun bästen: „Gott möcht gäwen dat dat leiwer'n bäten bäter waard as'n bäten schlichter. Amen“. Miene Öllern sünd Kinner von Fischers un Buern von de Inseln Rügen un Ummanz. Sei sünd inne DDR-Tiet grot wurden. Doon hemm de Lihrer inne Schaul sihr achtgäwen dat man nur Hochdüütsch räd. Dat hett doon männigeen gäwen de wat mit'n Stock krägen hett, wenn hei inne Schaul Platt vertellt hett. Ik glöf dorwägen heff ik dat Gefäuhl, dat dat nich ehr richtig Språk is. Ganz gewiss is sei dat äwer hüt noch för mien Oma!

As Student heff ik denn an de Universität Griepswold mihr öwe Plattdüütsch liernt. Dor hemm wi väl Lüd up de Dörper besökt un nähfrägt wurans, worüm un mit wem se noch Plattdüütsch räden daun. As ik nägenuntwintig wier, heff ik dat Glück hatt dat ierste Mål de pommerschen Siedler-Nähkämen in Brosilien besöken tau können. Dat wier en wichtig Biläwnis un hett ok mien Verbinnung mit disse Språk

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-22>

² Göteborg (Schweden).

verännert. Dat is gråd dat vorpommersch Platt wat hüt noch meist ähnlich mit de Språk von de Pomeranos is.

In Norddüütschland is Plattdüütsch öwer fiefhunnert Johr mit de offizielle hochdüütsch Språk in Wettstriet wäst. In disse Tiet hett Plattdüütsch sik vörännert, äwer hett bet hüt ok sihr väl Eigen bewohrt. Man kann ok seggen Platt hett sik in disse lang Tiet nich unnerkrägen låten: dat is mündlich ümmer von de Öllern an de Kinner wiedergäwt wurden. Meist wiern dat Buern, Arbeiter un Fischer. För weckereen von disse Lüd is dat hüt noch lichter mit ehre Arbeitskollegen in Plattdüütsch as in Hochdüütsch tau räden. Hütodågs giff dat ümme wenige Lüd de, gråd so as mien Oma, vorpommersch Platt spräken. Sei gäwen dat ok meist nich mihr an de Kinner wieder un warden sülwst ümmer öller.

Worüm liehrn de jungen Lüd hüt nich mihr von klein up Plattdüütsch?

Dat hett woll tau daun mit de Mechanisierung in de Agrarindustrie taun End von dat nägenteigente Johrhunnert, de Folgen von de beid' Weltkrieg un de DDR-Regierung, de de plattdüütsch Språk un Kultur as nich väl wert anseihn hett. Hüt kümmt dortau, dat de traditionellen Berufe wie Küstenfischer mihr un mihr afkommen, denn de jungen Lüd måken leiwer wat anners as disse schwor Arbeit, de sik oft nich mihr lohnt. Dat wier schon taun Beginn von 1900 so, dat man Hochdüütsch räden müsst, wenn man gaud Geld verdeinen wull.

Äwer dat giff hüt junge Lüd de noch Plattdüütsch liehrn wullen! Se marken, dat se domit en Verbunnenheit tau ehre Leiwsten inne Familie, un mit de Region wo sei opwassen sünd up ne ganz besondre Wies utdrücken können. An de Universität Griepswold warden ok Lihrrers utbild, de Plattdüütsch denn inne Schaul unnerrichten. Gråd so as in'n por Regionen in Brosilien, is Plattdüütsch in Norddüütschland en offiziell Minnerheitsspråk. Liekers mütt man äwer seggen, dat de plattdüütsch un dormit ok de pommersch Kultur un Språk in de letzte hunnert Johren in ehre ostdüütsch Heimat, besonnens nå den Tweiten Weltkrieg ümme mihr verschwunnen is.

Dat pommersch Platt (Pomerano) un de pommersch Kultur in Brosilien sünd wat ganz Besonnens, un ik will ok kort verklören worüm!

Tauierst giff dat nich mihr dat Land von denn de iersten pommerschen Siedler nå Brosilien komm sünd, un ok de Språk de se mitbröcht hem. Dit Land östlich von

denn Strom Neiße is nå den Tweiten Weltkrieg polnisch wurden. Dormit is tohopgâhn, dat ok dat pommersche Plattdüütsch wat dor räd wurd, un ok Hinnerpommesch nennt ward, verschwunnen is. Disse Språk is in ehre olle Heimat schon in de Tiet as Pommernlüd nå Brosilien utwannert sünd, sihr unnerschiedlich wäst. So is all antaunähmen dat Hinnerpommesch nich as en einheitlich Språk nå Brosilien henkommen is. Hüt giff dat in Düütschland keeneen de noch Hinnerpommersch räden kann.

Tweitens hemm de Pomeranos in de nieg brosilianisch Heimat sihr an ehr pommersch Kultur, Språk un denn lutherischen Globen fastholt. Sihr einfach uttdrückt hett dat dortau führt, dat Plattdüütsch in Brosilien hüt öfters noch dat is, wat Plattdüütsch in Norddüütschland vör hundert Johren wäst is. So räd man hütodâgs noch pommersch Platt, up de Strât un bi't Arbeiten up'm Land (up de Rosse) in de pommerschen Regionen in Espírito Santo un Rio Grande do Sul! Un bet vör twintig Jahr wier dat gang un gâf dat man dat as Familienspråk an de Kinner wiedergäwt hett. Nu is dat intressant tau kieken, wurans sik dat pommesch Platt in disse hunnertsösstig Jahr in Brosilien verännert hett, un wat so bläwen is.

Dorbi is dat as Bewies för de Läbennigkeit av disse Språk antauseihn, dat man taun Bispill niege Wüür för Planten un Veihtüg funnen hett, un väl niege Wüür ut de Technik von dat brosilianische Portugiesisch dortau kommen sünd. Wenn man hüt dat Pomerano beschriewen will is äwer nich nur dat brosilianische Portugiesisch wichtig. Man mütt ümmer ok de unnerschiedliche Inwannergeschicht von de Region in Blick hebben: Wo wichtig is dat Hochdüütsch wäst? Hett dat ok andre Siedler, taun Bispill Hunsrück gäwen? Dat giff soväl Regionen in Brosilien wo sik de Pommern nierelâten hemm, un dorwâgen is antaunähmen dat sik dat Pomerano dor ok unnerschiedlich entwickelt hett.

Drüddens lääft ok de pommesch Kultur in Brosilien wieder! So as de Språk, hett sik ok de Kultur up ehre gans eigen Ort verännert. Bet hüt lääft dor noch de pommersch Hochtiet, de pommesch Dänz, dat pommesch Äten un väl mihr. In Norddüütschland sünd disse Traditionen verlustig gâhn un hüt vörgeten.

Dat giff also väl Grünn' up einanner niegelich tau sin un nich tauletzt mit väl Respekt up dat tau kieken wat de Nähkâmen von de Pommern in Brosilien schafft hemm'!

Bi de gastfründlichen Pommern in Brosilien heff ik liernt mihr un bäder Plattdüütsch tau räden. Hier heff ik, mihr as tau Hus, kennenliernt, dat man sik hinner de plattdüütsch Språk nich einfach verstecken kann, gråd so as dat mit Hochdüütsch geht! Plattdüütsch is een ihrlich un direkt Språk de von't Hart kümmt un nâh't Hart geht.

NA LÍNGUA DA MINHA AVÓ

Martin Hansen¹

Plattdeutsch não é minha língua materna. Plattdeutsch é a língua da minha avó. Nunca aprendi realmente essa língua, e por isso não imagino que a domine bem! Eu falo Plattdeutsch apenas com minha avó – que chamo de “Oma” ‘vó’ em Hochdeutsch –, e também quando visito os pomeranos, os descendentes dos primeiros imigrantes da Pomerânia no Brasil. Ainda assim, apesar da lacuna, tentarei contar um pouco, no Plattdeutsch da região de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, sobre o *Platt* pomerano que é falado em minha terra natal e no Brasil.

Tenho 39 anos, nasci na ilha de Rügen e cresci em Rostock. Aprendi um pouco de Plattdeutsch com minha *Oma*, quando passava as férias em sua casa e escutava um pouco aqui e ali. Naquela época, os parentes também falavam *Platt* com mais frequência. Com o tempo, criei minha própria rima nessa língua. Também aprendi um pouco de *Platt* com meus pais. Meu pai, por exemplo, às vezes faz uma oração em Plattdeutsch, antes das refeições, à mesa: “*Gott möcht gäwen dat dat leiwer'n bäten bäter waard as'n bäten schlichter. Amen*” (‘Que Deus permita que as coisas sejam um pouco melhores do que um pouco piores. Amém.’) Meus pais são filhos de pescadores e agricultores das ilhas Rügen e Ummanz. Eles cresceram na época da RDA (Alemanha Oriental). Naquele tempo, os professores na escola cuidavam muito para que fosse falado apenas Hochdeutsch. Havia aqueles que eram espancados quando falavam *Platt* na escola. Acho que é por isso que sinto que essa não é sua verdadeira língua. Mas, com toda a certeza, ela é até hoje a da minha *Oma*!

Como estudante, aprendi mais sobre o Plattdeutsch na Universidade de Greifswald. Visitamos muitas pessoas nos vilarejos e lhes perguntamos como, por que e com quem elas ainda falavam Plattdeutsch. Com 29 anos, tive a alegria de poder visitar pela primeira vez descendentes de imigrantes da Pomerânia no Brasil. Essa foi uma vivência importante, que mudou minha relação com a língua. O *Platt* da Pomerânia Ocidental tem até hoje a maior semelhança com a língua dos pomeranos no Brasil.

¹ Göteborg (Suécia). Tradução: Amanda Timmen Mello.

No norte da Alemanha, o Plattdeutsch concorre há mais de quinhentos anos com o Hochdeutsch. Durante esse tempo, o Plattdeutsch mudou, mas também conseguiu preservar muito de seu caráter até os dias de hoje. Podemos dizer também que o *Platt* não se deixou derrotar ao longo desses anos: foi sempre transmitido oralmente de pais para filhos. Estes eram, em sua maioria, agricultores, trabalhadores e pescadores. Para muitas dessas pessoas, é ainda hoje mais fácil falar Plattdeutsch do que Hochdeutsch com seus colegas de trabalho. Atualmente, há cada vez menos indivíduos que, como minha *Oma*, falam o *Platt* da Pomerânia Ocidental. Eles também não costumam mais transmiti-lo para as crianças, e os falantes dessa variedade estão ficando cada vez mais velhos.

Por que os jovens de hoje não aprendem mais o Plattdeutsch desde pequenos?

Isso tem muito a ver com a mecanização da indústria agrária ao final do século XIX, com as consequências das duas guerras mundiais e com o regime da RDA, que considerava a língua e a cultura do Plattdeutsch inferiores. Ainda hoje, comunidades tradicionais, como a de pescadores costeiros, estão desaparecendo, pois os jovens preferem fazer algo diferente desse trabalho pesado, que muitas vezes não dá mais lucro. Já no começo de 1900, se alguém quisesse ganhar um bom dinheiro, precisava falar Hochdeutsch.

Mas hoje ainda existem jovens que querem aprender Plattdeutsch! Eles percebem que, fazendo isso, podem expressar, de uma forma muito especial, um vínculo com seus parentes próximos e com a região onde cresceram. Na Universidade de Greifswald, são formados professores que ensinam Plattdeutsch na escola. Assim como em algumas regiões do Brasil, no norte da Alemanha, o Plattdeutsch é uma língua minoritária oficial. Apesar disso, é preciso dizer que, nos últimos cem anos, a cultura e a língua do Plattdeutsch, e com isso também do pomerano, têm desaparecido cada vez mais em suas terras natais na Alemanha Oriental, especialmente após a Segunda Guerra Mundial.

O *Platt* pomerano e a cultura pomerana no Brasil são muito especiais, e quero explicar brevemente o porquê!

Em primeiro lugar, não existe mais a terra de onde emigraram os primeiros imigrantes pomeranos para o Brasil, nem a língua que trouxeram consigo. Essa terra,

a leste do rio Neisse, tornou-se polonesa após a Segunda Guerra Mundial. Isso foi acompanhado pelo desaparecimento do *Plattdeutsch* pomerano, também chamado de *Hinterpommersch*, falado naquela região. Essa língua já era bastante heterogênea em sua antiga terra natal na época em que os pomeranos emigraram para o Brasil. Portanto, pode-se supor que o *Hinterpommersch* não veio para o Brasil como uma língua uniforme. Hoje, não existe ninguém na Alemanha que ainda consiga falar *Hinterpommersch*.

Em segundo lugar, em seu novo lar brasileiro, os pomeranos se apegaram muito à sua cultura e língua e às crenças luteranas. Dito de outro modo, daí resultou que o *Plattdeutsch* no Brasil hoje se assemelha muitas vezes ao *Plattdeutsch* do norte da Alemanha falado há cem anos. Atualmente, as pessoas ainda falam o *Platt* pomerano na rua e durante o trabalho no campo, em regiões pomeranas no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul! Até vinte anos atrás, também era muito comum transmiti-lo às crianças como língua de herança familiar.

Nesse sentido, é interessante analisar as mudanças que o *Platt* pomerano sofreu ao longo de seus 160 anos no Brasil, e o que se manteve estável. Certamente é um sinal da vitalidade dessa língua, a criação de novas palavras para plantas e animais, por exemplo, bem como as novas palavras da área da tecnologia, emprestadas do português brasileiro. Se quisermos descrever o pomerano hoje, porém, não é apenas a influência do português brasileiro que deve ser levada em conta. É preciso ter sempre em mente as diferentes origens da imigração na respectiva região:

Qual *status* possui o alemão padrão regional? Houve a presença também de outros imigrantes, como, por exemplo, os hunsriqueanos? São muitas as regiões no Brasil em que os pomeranos se estabeleceram, por isso, pode-se supor que eles também tenham se desenvolvido de forma diferente por lá.

Em terceiro lugar, continua viva a cultura pomerana no Brasil! Assim como a língua, também a cultura mudou à sua própria maneira. Até hoje, ainda existem, no Brasil, casamentos pomeranos, danças pomeranas, comida pomerana e muito mais. No norte da Alemanha, essas tradições foram perdidas e estão hoje esquecidas.

Há, portanto, muitas razões para se ter curiosidade uns pelos outros e, não menos importante, para olhar com muito respeito para o que os descendentes dos pomeranos no Brasil conquistaram!

Aprendi a falar mais e melhor o Plattdeutsch com os hospitaleiros pomeranos no Brasil. Aqui, percebi, mais do que em casa, que não se pode esconder-se tão facilmente atrás do Plattdeutsch como atrás do Hochdeutsch! Plattdeutsch é uma língua honesta e direta que parte do coração e ao coração se destina.

23. DIE „SPRACHE DER MUTTER“ UND DIE „MUTTERSPRACHE“: HUNSRÜCKISCH UND PORTUGIESISCH IN DER DOMÄNE MEINER FAMILIE¹

Lucas Löff Machado²

In unsere Erinnerungen an Sprachen fließen Menschen, Gegenstände und Orte ein, die wir Linguistinnen und Linguisten *Sprachenrepertoire* nennen, aber uns als einen „Sprachenkoffer“ vorstellen können. Der Begriff *Sprachenkoffer* existiert in einem Projekt (pt. *mala de herança*)³, das die portugiesische Sprache von zugewanderten Sprecherinnen und Sprechern weltweit fördert. Dort ist das Portugiesische meistens eine Familiensprache (pt. *língua de herança*) und wird durch verschiedene Aktivitäten in Wort und Schrift praktiziert.

Unser „Sprachenkoffer“ wird durch Sprachen und deren Varianten geprägt, die wir im Laufe des Lebens erlernen. Die erste Sprache, die man im Schoß der Familie seit dem Kindergarten lernt, nennt man üblicherweise „Muttersprache“. Unser sprachliches Gepäck kann man zwar nicht wiegen, ist aber im übertragenen Sinne voller Kenntnisse. Lieder, Geschichten, Witze und Gespräche etwa stammen von verschiedenen Sprachvarietäten und sind mit Menschen aus unterschiedlichen Orten verbunden. Ein Großteil dieses Gepäcks ist weder individuell noch unwandelbar. Im Gespräch tauschen wir Worte und Geschichten aus diesem Gepäck, also aus diesem Repertoire aus.

Wenn zum einen das Portugiesische meine Muttersprache ist, mit der ich während der Kindheit am meisten kommunizierte, lassen sich zum anderen weitere Sprachen zu meiner Identität hinzufügen. Diesen begegnete ich vor allem in der Familie: Während die Sprache meines Vaters ebenfalls das Portugiesische war, hatte meine Mutter in ihrem Sprachenkoffer außerdem das Hunsrückische, das sie von zu Hause mitbrachte. Wie die Einwanderer und Einwanderinnen portugiesischer Sprache

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-23>

² *Porto Alegre (Brasilien)*.

³ Das Projekt „Mala de Herança“ wurde 2012 in München gegründet. Abrufbar unter <http://maladeheranca.com/?fbclid=IwAR2V6Fmhlxb-YFCIDzh70Jor47R7-2ts5GX9AtigLJa0xMXMAvsxPyhPGEg>.

machte auch sie sich auf den Weg: Sie ist von Santo Cristo im Nordwesten von Rio Grande do Sul vor mehr als 40 Jahren nach Porto Alegre gezogen. In diesem Kontext bin ich geboren.

Unser familiärer „Sprachenkoffer“ enthält außer Portugiesisch und Hunsrückisch ebenso das Standarddeutsche, das durch das Studium an der Bundesuniversität Rio Grande do Sul (Graduation und Master) und letztlich durch die Promotion an der Katholischen Universität Eichstätt-Ingolstadt hinzugekommen ist. Die Tatsache, dass meine eigene (Mutter-)Sprache nicht dieselbe meiner Mutter war, obwohl sie einem Teil ihres Repertoires sowie auch der Sprache meines Vaters entsprach, hat stets Fragen aufgeworfen. Dennoch blieben beide Sprachen lange Zeit in dem Sprachengepäck der Familie getrennt, da ich vornehmlich mit dem Portugiesischen aufgewachsen bin. Nichtsdestotrotz ist der „Sprachenkoffer“ meiner Mutter nach und nach in mein Blickfeld geraten.

Eine der ersten nahen Begegnungen, in der mir die *Mottersproch* meiner Mutter bewusst wurde, war bereits in der Stadt Porto Alegre. In der Wohnung, in der ich aufgewachsen bin, gab es ein Bücherregal mit einladenden Titeln, die ich damals noch nicht entziffern konnte. Ein altes Buch mit einem abgenutzten Umschlag ist irgendwann in meinen zehnjährigen Händen gelandet. Der Titel hörte sich vielversprechend an: „das Deutsche genau wie man spricht“ (pt. *O alemão tal qual se fala*). Die Entdeckung dieser Sammlung aus Redewendungen und Äußerungen in beiden Sprachen würde behilflich sein, wenn ich künftig nochmal die Heimat meiner Mutter in Santo Cristo besuchen möchte. Dort sprechen ihre Verwandten das Hunsrückische, das sie aus dem Gepäck ihrer Vorfahren aus dem Caí-Tal geerbt haben. Es dauerte also nicht lange, wurde das Buch zu einer Art Reiseführer, und jedes Wort, das mit der Sprachvarietät der Familienmitglieder übereinstimmte, hörte sich wie „Musik in meinem Ohr“. Nach einigen Anläufen in den Übersetzungen habe ich dennoch festgestellt, dass Mündlichkeit und Schrift häufig weit auseinandergehen. Die gesprochenen Wörter klangen lebendiger, aber gleichzeitig schwieriger. So wie jedes Reiseziel einen Typ von „Koffer“ verlangt, entwickelt jede Sprache verschiedene Varietäten für jedes Medium (Variation nach Schriftlichkeit oder Mündlichkeit) oder jeden Anlass (Variation nach Situation).

Trotzdem waren viele Ausdrücke nicht mehr fremd. Die Begrüßung „alles gut?“ (wie geht's?) und ihre Antwort mit einem langen „aaalles“ übermittelten eine gewisse Vertrautheit zu Menschen, die ich nicht unbedingt verstehen konnte, aber denen ich mit Lust und Freude begegnete. In der Zusammenkunft der Familie und der Freunde unter dem Schatten eines Mangobaums im Sommer packte jeder sein Hunsrückisch aus. Zur Runde gehörte ein Tee (*Chimarrão*) – oder ein *Tererê*, wenn eine Cousine oder ein Cousin das zubereitete – sowie eine Blech *Doss* ‚Kekse‘). Ab und zu schnappte ich ein „mein Gott noch mole“ oder „allegebott“ (jedes Mal) auf. Dieses *Verzehlen* bzw. Gespräch kommt mir heute als eine Feier vor. Die Worte gingen wie der *Chimarrão* von Hand zu Hand herum. Bei mir löste es Bewunderung aus, denn ich war immer noch in demselben Land und hörte eine vollkommen andere Sprache. Für sie war es Alltag. Ich konnte mit den anderen Kindern und den Hühnern Fangen spielen. Durch die universale Sprache der Kinder und das Portugiesische hat man das hinbekommen. Im Deutschen blieb ich allerdings sprachlos. Aber immer faszinierter.

Diese Spaltung erlebte ich hautnah nicht nur in der *Kolonie*, sondern auch ab und zu in Porto Alegre, wenn Onkel und Tanten zum Kartenspiel *Canasta* kamen. Vielleicht aus Überzeugung, dass das Deutsche etwas Besonders sei, besorgte meine Mutter zu dieser Zeit eine Mitgliedschaft in der Bibliothek des Goethe-Instituts in Porto Alegre und ich lieh mir ein Paar Mal Bücher und Computerspiele auf Deutsch. Diese wurden mir sogar einmal an einer Bushaltestelle der Großstadt gestohlen. Das war damals keine schöne Begegnung. Zum Glück lässt sich unser „Sprachenkoffer“ nicht stehlen.

Erst als ich 12 Jahre alt war, erweiterte ein unerwartetes Erlebnis meinen Horizont in kontinentalem Ausmaß. Während des 3. Weltsozialforums in Porto Alegre 2003 ging ich mit meiner Mutter in eine Theateraufführung, in der wir einer deutschen Theatergruppe begegneten und mit ihnen ins Gespräch kamen. Dieses Treffen hat sich als ein Perspektivenwechsel eingepägt: In diesem Moment ist mir bewusst geworden, dass über Rio Grande do Sul hinaus meine Mutter ihren „Sprachenkoffer“ bei den „Deutschen aus Europa“ (die sie als „Deitschlenner“ kannte) auspacken konnte. Dies hat meine Faszination noch einmal bestätigt und umso mehr mein Interesse am Deutschen verstärkt. Die Begegnung verwischte einen Großteil der

Vorurteile, nämlich dass Deutsch nur in der Kolonie gesprochen wurde, zumal es für mich noch ziemlich „verborgen und unsichtbar“ in Porto Alegre war.

2008 habe ich den Privatunterricht mit Aneliese angefangen, unsere Nachbarin und meine Deutschlehrerin. Ihre Familie wurde nach dem Zweiten Weltkrieg zwangsläufig von Tschechien nach Deutschland umgesiedelt. Später heiratete sie einen Brasilianer. Durch ihre Korrekturen wurde ich auf die unterschiedlichen lautlichen Färbungen von „Eins, zwei, drei“ im *Hochdeutschen* und „*Enns, zwoi, drei*“ in der *Mottersproch* meiner Mutter aufmerksam. Zu dieser Zeit war ich bereits von Sprachen und Literatur begeistert, so dass ich eine Zulassungsprüfung erfolgreich an der Bundesuniversität von Rio Grande do Sul zunächst für das Studium Englisch-Portugiesisch absolviert habe. Kurz vor dem Studienbeginn jedoch habe ich mich doch umentschieden und ein Germanistikstudium begonnen.

Das Studium an der Bundesuniversität ermöglichte neue Begegnungen bei verschiedenen Menschen und ihren Sprachen. Im Rahmen des Projekts ALMA (*Sprachkontaktatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken*) bin ich in Kontakt mit Professor Cléo V. Altenhofen und Kolleginnen und Kollegen getreten, welche über ihre „Sprachkoffer“ mit großer Liebenswürdigkeit forschten. In demselben Projekt lernte ich eine Methodologie kennen, wonach das Sprachwissen jeder Sprecherin und jedes Sprechers des Deutschen in Brasilien wertgeschätzt wird. Dort begriff ich weiterhin, dass dieses Wissen nicht individuell ist, sondern von mehreren Orten in Brasilien und in der Welt geteilt wird! Im Laufe des Bachelors und des Masters wurde mir nach und nach bewusst, dass das ein kulturelles Gut ist, das vor Diskriminierung und Unverständnisse geschützt werden muss. In der linguistischen Forschung lernt man die Sprachvariation als ein Teil der Sprachsozialisation aufzufassen, nämlich ein wichtiges Wissen, dem sich das Individuum für das Handeln in seiner Umwelt bedient.

Spätestens im Masterstudium war ein guter Teil meiner Sprachkenntnisse durch Sprachvarietäten des Deutschen geprägt. Durch das Deutsche begegnete ich vielen Menschen, die mehr oder weniger die *Mottersproch* meiner Mutter und ihren „Sprachkoffer“ teilten. In meiner Forschung zum Hochdeutschen vergleiche ich die *Mottersproch* verschiedener Gemeinschaften. Dabei hat sich gezeigt, dass Deutsch sowohl in Lateinamerika als auch in Europa eine lebendige Sprache bleibt: In der

deutschen *Mottersproch* meiner Mutter sowie auch anderer deutsch-brasilianischer Sprachgemeinschaften lassen sich zum Beispiel Wiederbegegnungen zwischen Wissen vor und nach der Einwanderung feststellen, die im „Sprachenkoffer“ der Vorfahren aus Europa mitgebracht und in der neuen Welt stets angereichert wurden und werden.

Während der Promotion hat meine Familie mich in Deutschland besucht und meine Mutter konnte ihren „Sprachenkoffer“ auspacken und so Hunsrückisch auf der Straße, in dem Bus und im Museum sprechen. Für sie bedeutete das ebenfalls eine Wiederbegegnung mit dem Wissen ihrer eigenen Vorfahren. Sie konnte in dem Hunsrück-Museum in Simmern sogar ein bestimmtes Vorurteil abbauen: *Hunsrückisch* hat nach dem Leiter des Museums nicht mit dem lautähnlichen Wort „Hundsdeutsch“ (pt. *alemão-cachorro*), was in Brasilien oft abwertend gemeint wird, sondern geht vermutlich auf die bergige Landschaft des Hunsrücks zurück, welche an den Rücken eines Hundes erinnert. Inzwischen haben wir mit Unterstützung des Landesarchivs von Koblenz und durch die Ahnenforschung meines Cousins den Herkunftsort meiner Vorfahren mütterlicherseits in Erfahrung gebracht: Aus Waldesch im Mosel-Rhein-Gebiet ist Wilhelm Loef 1857 nach Brasilien ausgewandert. Seine Eltern, Magdalena (geb. Laux) und Johann sind fünf Jahre später ebenfalls nach Rio Grande do Sul mit drei Söhnen gezogen, Johan, Philipp und Franz.

Daher trage ich diesen „Sprachenkoffer“ mit Stolz und Sorgfalt, denn Sprachen sind wie ein großes „Gepäck“, das wertvolles Wissen in sich trägt und uns auf unserem Weg nicht nur persönliche Begegnungen, sondern auch Wiederbegegnungen ermöglichen. Denn die „Sprache meiner Mutter“, das Hunsrückische – auch wenn sie für mich nicht dieselbe „Sprachkompetenz“ wie beim Portugiesischen voraussetzt – nimmt nach wie vor einen besonderen Platz in meinem Sprachenkoffer ein. Ich trage sie deshalb immer bei mir, als wäre sie doch eine meiner Muttersprachen. Letztendlich ist sie für mich gleichfalls eine Identitätssprache der Familie.

A “LÍNGUA DA MÃE” E A “LÍNGUA MATERNA”: HUNSRÜCKISCH E PORTUGUÊS NO DOMÍNIO DA MINHA FAMÍLIA

Lucas Löff Machado¹

Recordações sobre línguas incluem objetos, pessoas e lugares, os quais nós, linguistas, chamamos de *repertório linguístico*, mas que podemos comparar com uma “mala cheia de línguas” que carregamos por onde quer que andemos. É o que sugere, aliás, um projeto de mesmo nome,² em que se busca estimular o português falado por migrantes em várias partes do mundo. Nesse projeto, o português é, na maioria das vezes, a língua da família (língua de herança) e é praticado em diversas atividades de fala e de escrita.

Nossa “mala carregada de línguas” inclui, portanto, um repertório amplo de variantes e línguas que reunimos ao longo da vida, por onde passamos. A primeira língua, adquirida no seio da família, desde a pré-escola, costuma-se chamar de “língua materna”. A “bagagem de línguas” não podemos pesar, porém ela contém – em sentido figurado – muitos conhecimentos, como por exemplo músicas, histórias, piadas e conversas que advêm de diferentes variedades linguísticas e estão ligadas a pessoas de diferentes origens. Uma grande parte dessa bagagem não é individual nem imutável. Quando interagimos, trocamos palavras e histórias dessa bagagem linguística, isto é, desse repertório.

Se, no meu caso, o português é minha língua materna, com a qual me comuniquei na maior parte da vida, outras línguas se tornaram parte da minha identidade ao longo do tempo. Essas variedades linguísticas reencontrei no âmbito da família: enquanto a língua do meu pai é o português, da bagagem linguística da minha mãe também fazia parte o Hunsrückisch. E, como no caso dos migrantes de fala portuguesa, também ela migrou: veio do interior de Santo Cristo, no noroeste do Rio Grande do Sul, há mais de 40 anos, para a capital, Porto Alegre. Foi nesse contexto que eu nasci.

¹ Porto Alegre (Brasil).

² O Projeto “Mala de Herança” foi criado em 2012, em Munique. Disponível em: <http://maladeheranca.com/?fbclid=IwAR2V6Fmhlxb-YFCIDzh70Jor47R7-2ts5GX9AtigLJa0xMXMAvsxPyhPGEg>.

Nossa “mala de línguas” familiar inclui, portanto, português e Hunsrückisch, mas também o alemão standard, que se intrometeu por meio dos estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Graduação e Mestrado) e na Universidade de Eichstätt-Ingolstadt (Doutorado). Sempre me inquietou o fato de minha língua materna não ser a língua (materna) da mãe, embora fosse parte de seu repertório assim como também a língua do meu pai. Entretanto, por um longo tempo as duas línguas maternas permaneceram sem se misturar na bagagem linguística da família, já que eu cresci basicamente falando português. Aos poucos, porém, a “bagagem de línguas” da minha mãe inevitavelmente entrou em meu campo de interesses.

Um dos primeiros encontros, no qual me tornei consciente da língua materna da minha mãe, ocorreu ainda em Porto Alegre. No apartamento onde cresci, havia uma estante de livros com títulos convidativos que eu nem sempre conseguia decifrar. Um livro antigo com uma capa desgastada caiu certa vez nas minhas mãos de dez anos de idade. O título era promissor: “O alemão tal qual se fala”. A descoberta desse vocabulário com traduções de palavras e enunciados para o português seria útil em uma próxima visita à terra natal da minha mãe, Santo Cristo. Lá nossos parentes falam o Hunsrückisch que eles herdaram das malas dos antepassados do Vale do Caí. Não demorou muito, aquele livro começou a se converter em um guia-turístico, e cada palavra, que correspondia com a variedade linguística da minha família, era um deleite para os meus ouvidos. Após algumas tentativas de tradução, porém, eu percebi que escrita e oralidade tomavam por vezes caminhos bem diferentes. As palavras faladas soavam mais vivas, mas ao mesmo tempo mais difíceis. Assim como cada destino de viagem exige um tipo de mala, cada língua desenvolve variedades distintas para o meio (variação dentro da escrita ou da oralidade) ou para cada ocasião (variação segundo a situação).

Apesar de tudo, muitas expressões já não eram mais estranhas. O cumprimento “*alles gut?*” (equivalente ao português *tudo bem?*) e sua resposta com um longo “*aaalles*” (‘tudo’) transmitiam uma certa proximidade para pessoas, as quais eu não necessariamente entendia, mas encontrava com prazer e alegria. Nos encontros de amigos e da família, sob a sombra de uma mangueira no verão, cada um abria a sua “mala de Hunsrückisch”. Nessas rodas, sempre havia um Tee

'chimarrão' – ou tererê, quando uma das primas ou dos primos preparava – e Doss 'bolacha'. Volta e meia, eu fisgava um "*mein Gott noch mole*" ('meu Deus do céu') ou um "*allegebott*" ('à toda hora'). Aquele *verzehlen* ou 'prosa, conversa' vejo hoje como uma celebração. As palavras circulavam, como o chimarrão, de mão em mão. Para mim, isso era motivo de admiração, pois eu estava no mesmo país, porém ouvindo uma língua completamente diferente. Para eles, isso era o dia a dia. Eu conseguia brincar de pega-pega com as outras crianças e com as galinhas. Através da língua universal dos pequenos e do português, isso era possível. No alemão, no entanto, eu permanecia sem a diversão da comunicação. Ainda que cada vez mais fascinado.

Eu vivia essa divisão muito próximo de mim não apenas na colônia, mas também em Porto Alegre, quando tias e tios nos visitavam e jogavam cartas (canasta). Talvez por convicção de que a língua alemã seria algo a mais, minha mãe providenciou naquele tempo uma matrícula na biblioteca do Instituto Goethe em Porto Alegre, e eu pude pegar emprestado algumas vezes livros e CD de jogos em alemão. Certa vez, eles foram roubados quando eu estava em uma parada de ônibus da cidade grande. Por sorte, nossa "mala de línguas" não pode ser assaltada.

Por volta dos doze anos, um encontro inesperado expandiu meus horizontes para além-mar. Durante a realização do III Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em 2003, minha mãe e eu fomos à apresentação teatral, depois da qual conversamos com um grupo de atores alemães. Esse encontro foi responsável por uma mudança de perspectiva: nesse momento, ficou claro para mim que para além do Rio Grande do Sul, minha mãe poderia abrir sua "mala de línguas" com os "alemães da Europa" (para ela, os "*Deutschlenner*"). Isso confirmou minha fascinação e impulsionou meu interesse na língua e cultura alemãs. Esse encontro apagou uma grande parte dos preconceitos, como por exemplo, de que alemão se falava apenas na colônia, pois em Porto Alegre era, para mim, infelizmente ainda muito "oculto e invisível".

Em 2008, decidi iniciar aulas de alemão com Aneliese, nossa vizinha de bairro e professora de alemão. Sua família foi deslocada compulsoriamente depois da Segunda Guerra Mundial da República Tcheca para a Alemanha. Mais tarde, ela se casaria com um brasileiro. Através de suas correções, fui tomando consciência das colorações distintas entre o "*Eins, zwei, drei*" do Hochdeutsch e o "*Enns, zwoi, drei*" da língua materna da minha mãe. Nessa época, eu já estava bastante entusiasmado

pelas palavras e pela literatura, de modo que prestei vestibular em 2009, com sucesso, primeiramente para o curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pouco antes da matrícula, todavia, decidi-me pela ênfase Alemão-Português.

A faculdade na Universidade Federal me possibilitou novos encontros com diferentes pessoas e línguas diversas. No Projeto ALMA (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata*), conheci o professor Cléo V. Altenhofen além de outros colegas, os quais pesquisavam com diligência notável “suas malas de línguas”. No mesmo projeto, conheci uma metodologia de pesquisa que aprecia o conhecimento de cada falante de alemão, de modo igual. Ali, também compreendi que esse conhecimento não é individual, mas é compartilhado em diferentes lugares do Brasil e do mundo! Ao longo da Graduação e do Mestrado, tornou-se mais e mais claro que estava carregando um patrimônio cultural, o qual precisava ser protegido de ideias falsas e incompreensões. Na pesquisa linguística, aprendemos a ver a variação como um conhecimento em si, uma bagagem da qual os falantes lançam mão para agir no mundo ao seu redor.

Já no Mestrado, boa parte dos meus conhecimentos linguísticos estava preenchida por variedades do alemão. Através da língua alemã, encontrei muitas pessoas que compartilhavam em alguma medida a língua materna da minha mãe e sua “mala de línguas”. Na minha pesquisa sobre o Hochdeutsch (alto-alemão), comparo a língua materna de sete comunidades. Os dados mostram que o alemão permanece tanto na América Latina quanto na Europa uma língua viva: na língua materna da minha mãe e de outras comunidades teuto-gaúchas, ocorrem, por exemplo, reencontros entre conhecimentos anteriores e posteriores à imigração no Brasil, os quais foram e são trazidos da Europa e permanentemente enriquecidos no Novo Mundo.

Durante o doutorado, minha família me visitou na Alemanha e minha mãe pôde, assim, “desempacotar” sua *Mottersproch* – *auspacken*, como se diria em alemão – na rua, no ônibus, em museus. Para ela, isso também significou reencontros com o conhecimento dos seus antepassados. Ela pôde até mesmo desfazer um preconceito, na oportunidade em que visitamos o Museu do Hunsrück, em Simmern: *Hunsrück* não tem a ver, segundo afirmou o coordenador do Museu,

com “língua de cachorro” (*Hund* = cachorro), mas possivelmente com o relevo montanhoso da região, que lembra o dorso de um cachorro. Há pouco, com auxílio do Arquivo Estadual de Koblenz e com base nas pesquisas genealógicas do meu primo, descobrimos o lugar de origem do meu antepassado do lado materno: Wilhelm Loef emigrou em 1857 de Waldesch na região moselano-renana para o Brasil. Cinco anos depois seguiram seus pais, Magdalena (nasc. Laux) e Johann, também para o Rio Grande do Sul com outros três filhos, Johan, Philipp und Franz.

Por isso, carrego essa “mala de línguas” com orgulho e cuidado, pois línguas são como uma grande “bagagem” que guardam conhecimentos valiosos e nos possibilitam ao longo do caminho não apenas encontros pessoais, mas também reencontros. Porque a “língua da minha mãe”, o Hunsrückisch – mesmo não sendo a “língua da minha proficiência” principal, o português – de um modo ou de outro também ocupa um lugar importante em minha bagagem de línguas. Eu a carrego por isso comigo, onde quer que eu vá, como se fosse também uma de minhas “línguas maternas”, pois de um jeito ou de outro faz parte de mim, como língua da identidade e da família.

24. MUTTERSPRACHEN, „GOTTENSPRACHEN“, „BUNTE SPRACHEN“¹

Claudia Wolff Pavan²

Die schweizerdeutschen Sprachen habe ich nicht als Kind gelernt. Erst mit 21, als ich in die Schweiz gezügelt bin, lernte ich sie. Sie sind nicht meine Muttersprachen, aber ich kann sie meine lieben „Gottensprachen“ nennen, denn sie sind die Sprachen des Landes, das mich als junge Frau aufgenommen hat, in dem ich zum ersten Mal mit dem Tram gefahren bin, in dem ich meinen ersten Job bekommen habe, in dem ich realisiert habe, dass ich Übersetzerin werden möchte. Sie sind auch die Sprachen des Landes, in dem meine Buben geboren sind, in dem wir mit dem Velo in den Wald gefahren sind, um *Cervelat* oder *Wienerli* zu grillieren.

Ich verwende hier den Plural, weil ich mich wirklich auf mehr als eine Sprache beziehe, ich meine mindestens zwei: Schweizerdeutsch/Schwiizerdüütsch und Schweizerhochdeutsch. Die Diskussion darüber, ob es sich um zwei Sprachen oder einen Dialekt und eine Sprache handelt, ist eine alte Diskussion. Peter von Matt plädiert für zwei Gestalten der gleichen Sprache: „Unsere Muttersprache ist Deutsch in zwei Gestalten: Dialekt und Hochdeutsch [...]“.³

Obwohl ich mich auf zwei Sprachen beziehe und Matt auf zwei Gestalten der gleichen Sprache, glaube ich nicht, dass unsere Ansichten gegensätzlich sind. Folgt man der Argumentation von Coseriu (1980)⁴, wenn die Opposition Dialekt-Sprache (Dialekt oder Sprache) in Bezug auf eine historische Sprache (und nicht auf den allgemeinen Begriff „Sprache“) gemacht wird, also in Bezug auf «ein Gefüge von historischen Traditionen des Sprechens, das eben als autonome „Sprache“ [...] anerkannt wird»⁵, sind sowohl Schwiizerdüütsch als auch Schweizerhochdeutsch der deutschen Sprache als historische Sprache zugeordnet und somit zwei Gestalten der

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-24>

² *Porto Alegre (Brasilien)*.

³ MATT, Peter von (2010). «Der Dialekt als Sprache des Herzens? Pardon, das ist Kitsch!» Tagesanzeiger.

⁴ COSERIU, Eugenio (1980). „Historische Sprache“ und „Dialekt“. Franz Steiner Verlag.

⁵ *Ibidem*, S. 109.

gleichen Sprache. Handkehrum argumentiert Coseriu auch, dass „wenn ‚Sprache‘ ein Sprachsystem, ein Gefüge von Traditionen des Sprechens ist, so bezeichnen Sprache und Dialekt Gegenstände genau der gleichen Art, denn auch ein Dialekt ist ein vollständiges Sprachsystem, ein vollständiges Gefüge von sprachlichen Traditionen“.⁶

In diesem Sinne meine ich zwei verschiedene Sprachen, denn sowohl Schwiizerdüütsch als auch Schweizerhochdeutsch sind vollständige Sprachsysteme, vollständige Gefüge von sprachlichen Traditionen, die eine gleichberechtigte Aufmerksamkeit verdienen. Das ist auch der Grund, warum ich mich entschlossen habe, diesen Text in und über die hochdeutsche Sprache zu schreiben, die in der Schweiz gebraucht wird.

Wie bereits erwähnt, Schwiizerdüütsch und Schweizerhochdeutsch stellen zwei sprachliche Traditionen, zwei Muttersprachen – und für mich zwei „Gottensprachen“ – dar, die sich durch einzigartige Merkmale auszeichnen. Die Entscheidung, nur das eine über das andere zu verwenden, stellt eine sprachliche und kulturelle Verarmung dar. Die deutschschweizerischen Dialekte sind eine bunte Wunderwelt: Sie blühen und wuchern, weil sie sich nicht an eine standardisierte Schriftform halten müssen, was auch dazu beiträgt, ihren Wortschatz recht vielfältig zu machen. Dies wird zum Beispiel durch die verschiedenen Bezeichnungen für Ameise deutlich: „*Ämesse, Omeisele, Äbese, Aweissi, Ameisi, Uweisse, Wurmeissi, Wurmeisle, Wurmasle, Harmäusli, Ambeisse, Umbeisse, Hampeissi, Lombeisse, Empeisele, Ambitzli, Wumbitzgi [...]*“.⁷

Ausserdem würde es nicht gut tönen, dem Dialekt einer Region gegenüber einer anderen den Vorzug zu geben, denn die Dialekte in der Schweiz variieren von Ort zu Ort, von Region zu Region, und genau diese Buntheit ist meiner Meinung nach eines ihrer faszinierendsten Merkmale. Darüber hinaus sollte berücksichtigt werden, dass es neben den deutschen Dialektvarianten auch Dialektvarianten aus dem Französischen, Italienischen und Rätoromanischen gibt – den drei anderen Landessprachen der Schweiz.

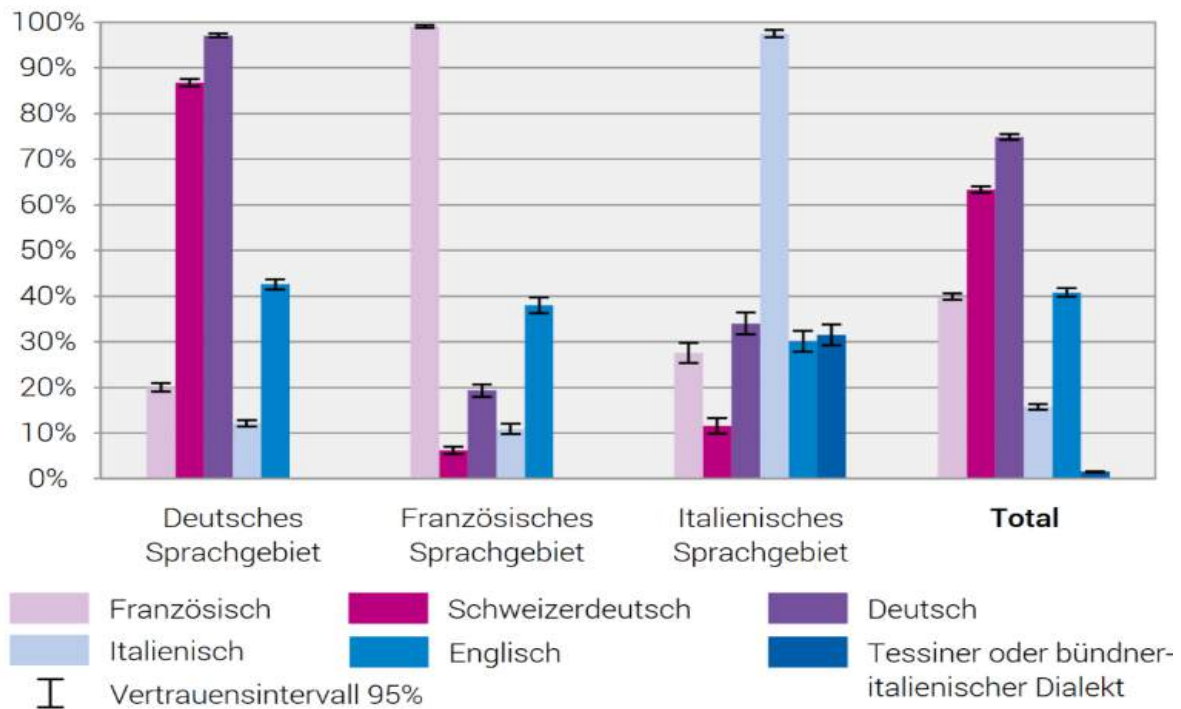
Gemäss der folgenden Grafik ist die Zahl der Sprecher, die häufig Schweizerhochdeutsch verwenden, grösser als die Zahl der Sprecher, die Schwiizerdüütsch

⁶ Ibidem, S. 108.

⁷ MATT (2010), op. cit.

sprechen, und je nach Region des Landes ist dieser Unterschied recht ausgeprägt, was auch für die Verwendung des Schweizerhochdeutschen in schriftlichen Texten spricht:

Abb. 1: Sprecher nach den am häufigsten verwendeten Sprachen und Sprachregion



Quelle: BFS [Bundesamt für Statistik] (2016)⁸

Ein weiteres relevantes Thema ist, dass das Schweizerhochdeutsch sich in einigen Aspekten vom Hochdeutschen, das in Deutschland gebraucht wird, unterscheidet. Die meisten Unterschiede beziehen sich auf einzelne Wörter, die als Helvetismen bekannt sind, einige davon habe ich bereits in diesem Text verwendet: *Gotte* (‚Patin‘), *Velo* (‚Fahrrad‘), *Bub* (‚Junge/Sohn‘), *Tram* (‚Strassenbahn‘), *realisieren* (‚erkennen‘), *zügeln* (‚umziehen‘), *grillieren* (‚grillen‘), *tönen* (‚klingen‘), *handkehrum* (‚andererseits‘). Andere Wörter und Ausdrücke, die nur in den schweizerdeutschen Varianten gebraucht werden, sind z.B.: *Abänderung* (‚Wechseljahre‘), *Abwart* (‚Hausmeister‘), *Bettanzug* (‚Bettbezug‘), *Bussenzettel*

⁸ Vgl. BFS [Bundesamt für Statistik] (2016): Sprachliche Praktiken in der Schweiz Erste Ergebnisse der Erhebung zur Sprache. Religion und Kultur. Abgerufen von <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/sprachen-religionen.assetdetail.1000161.html>.

(,Strafzettel'), *Hahnenwasser* (,Leitungswasser'), *in Minne* (,ohne Streit, friedlich'), *NeulenkerIn* (,FahranfängerIn') und *Notfall* (,Notaufnahme').

Während man in der Schweiz „Schwingbesen und Wallholz in die Abwaschmaschine gibt, den Kompost zur Grünabfuhr bringt, das Fixleintuch aus dem Tumbler holt und den Spannteppich in der Stube reinigt“, tönt das in deutschen Haushalten völlig anders: „Schneebesen und Nudelholz in den Geschirrspüler, Kompost zum Wertstoffhof, das Spannbettuch aus dem Wäschetrockner und Teppichbodenreinigung im Wohnzimmer“.⁹

Man soll auch „ruhig mit dem Natel im alten Plastiksack und im Trainer durchs Quartier“. Denn „in der Schweiz wäre es höchstens verboten, mit dem Handy in der alten Tüte im Trainingsanzug durch das Stadtviertel zu laufen“.¹⁰

Wichtige Unterschiede sind auch in Bezug auf Grammatik, Rechtschreibung und Aussprache zu erkennen. Einer der auffälligsten ist, dass im Schweizerhochdeutschen das Eszett (ß) nicht verwendet wird: also *Strasse*, *gross*, *Gruss*. Was auch bedeutet, dass in den schweizerischen Schrifttexten die Unterschiede zwischen „Bussen“ und „Bußen“, „Masse“ und „Maße“ vom Kontext abhängig sind.

Einer der am häufigsten genannten Gründe für die Abschaffung des Eszett in der Schweiz (und auch in Liechtenstein) ist die Einführung der Schweizer Einheitstastatur für Schreibmaschinen in den dreissiger Jahren: damit mussten die Grapheme <ç>, <é>, <à> und <è> auf der Tastatur untergebracht werden. Dem <ç> fiel das Eszett zum Opfer, den <à>, <é>, <è> die Versalumlaute <ä>, <ö>, <ü>.

Der Einfluss der französischen Sprache auf die schweizerdeutschen Varianten ist ebenfalls ein wichtiges Merkmal. Einige Beispiele für weit verbreitete Wörter französischen Ursprungs sind: *Velo* (,Fahrrad'), *Camion* (,Lastwagen'), *Jupe* (,Rock'), *Billett* (,Fahrkarte'), *Poulet* (,Hänchen'), *Coiffeur* (Frisör), *Cheminée* (,Kamin'), *Trottoir* (,Gehsteig').

⁹ SPINELLI, Annina (2020). «Schweizer Hochdeutsch und «richtiges» Hochdeutsch». Diction. Abgerufen von <https://www.diction.ch/schweizer-hochdeutsch-und-richtiges-hochdeutsch/>.

¹⁰ GREBER-PROBST, Tatjana; HUNZIKER, Nicole; CAVEGN, Myriam (2015). «Die Rechnung geht auf, oder? Ein Plädoyer für unser Schweizerhochdeutsch». Global Translations. Abgerufen von <https://www.global-translations.ch/de/blog/schweizer-hochdeutsch>.

Abb. 2: Halte- und Parkverbotsschild in Zürich

Quelle: Eigene Aufnahme

So kann man in der Deutschschweiz mindestens zwei verschiedene Sprachsysteme unterscheiden: das Schwiizerdüütch und das Schweizerhochdeutsch. Letzteres wiederum weist gegenüber der in Deutschland gebräuchlichen Standardsprache einige ganz charakteristische Unterschiede auf.

Für mich ist es wichtig, daran zu denken, dass jede dieser Varianten ihren eigenen Verwendungsbereich, ihren eigenen Wert hat: Sie sind nicht nur sprachliche Systeme, sondern stellen einzigartige Identitäten und Erfahrungen dar. Auch heute noch, wenn ich Hochdeutsch mit einem Sprecher der deutschen Variante spreche, entdecke ich neue Unterschiede und Eigenheiten. So war es mit „tönen“, als ich einer deutschen Freundin „das tönt gut“ antwortete, und sie mir sagte, dass ich die schweizerische Variante benutze, denn auf Hochdeutsch würde es „das klingt gut“ heissen. Bei einem Gespräch mit einem Deutschen in Bremen erfuhr ich, dass eine meiner Lieblingssuppen, die Randensuppe, in Deutschland „Rote-Bete-Suppe“ heisst – nur in der Schweiz heisst die „Rote Bete“ „Rande“. Vor einigen Jahren traf ich in einem Aufzug in São Paulo einen deutschen Mann. Ich kannte weder seinen Namen noch wusste ich, aus welchem Teil Deutschlands er stammte, und er wusste auch nichts über mich, aber in diesem kurzen Gespräch im Lift sagte er, er wusste, dass ich aus der Schweiz kam, und zwar aufgrund der Art, wie ich „wirklich?“ aussprach.

Diese Begegnungen wecken meine Neugier und Leidenschaft, mehr und mehr über diese Sprachen zu lernen und zu entdecken, sowie meinen Wunsch, die Buntheit

dieser Sprachen zu bewahren, die zwar nicht meine Muttersprachen, aber meine lieben „Gottensprachen“ sind.

LÍNGUAS MATERNAS, LÍNGUAS MADRINHAS, LÍNGUAS COLORIDAS

Claudia Wolff Pavan¹

Não aprendi as línguas suíço-alemãs quando criança. Só aos 21 anos, quando me mudei para a Suíça, comecei a aprendê-las. Não são minhas línguas maternas, mas posso chamá-las de minhas queridas línguas madrinhas, pois são as línguas do país que me acolheu quando jovem, onde eu andei pela primeira vez de bonde, onde consegui meu primeiro emprego, onde percebi que queria ser tradutora. Elas também são as línguas do país onde meus filhos nasceram, onde íamos de bicicleta à floresta para grelhar *Cervelat* ou *Wienerli*.

Eu uso o plural, porque estou realmente me referindo a mais de uma língua, estou me referindo a pelo menos duas: *Schweizerdeutsch/Schwiizerdüütch* [suíço-alemão] e *Schweizerhochdeutsch* [alemão standard suíço]. A discussão sobre tratar-se de duas línguas, ou um dialeto e uma língua, é antiga. Peter von Matt defende o conceito de duas configurações da mesma língua: "Nossa língua materna é o alemão em duas configurações: Dialeto e Hochdeutsch [...]".²

Embora eu me refira a duas línguas e Matt a duas configurações da mesma língua, não creio que nossas opiniões sejam contraditórias. Seguindo a argumentação de Coseriu³, quando a oposição dialeto-língua (dialeto ou língua) é feita em relação a uma língua histórica (e não ao conceito geral "língua"), ou seja, com referência a "uma estrutura de tradições históricas da fala, reconhecida como "língua" autônoma [...]"⁴, tanto o *Schwiizerdüütch* quanto o *Schweizerhochdeutsch* estão delimitados no interior da "língua alemã como língua histórica" e são, portanto, duas configurações da mesma língua. Por outro lado, Coseriu também argumenta que "se 'língua' é um sistema linguístico, um conjunto de tradições da fala, então língua e dialeto designam objetos exatamente do mesmo tipo, pois um dialeto

¹ *Porto Alegre (Brasil)*.

² MATT, Peter von (2010). «Der Dialekt als Sprache des Herzens? Pardon, das ist Kitsch!» *Tages Anzeiger*.

³ COSERIU, Eugenio (1980). "Historische Sprache" und "Dialekt". Franz Steiner Verlag.

⁴ *Ibidem*, p. 109.

também é um sistema linguístico completo, uma estrutura completa de tradições linguísticas".⁵

Nesse sentido, refiro-me a duas línguas diferentes, pois tanto o *Schwiizerdüütch* quanto o *Schweizerhochdeutsch* são sistemas linguísticos completos, estruturas completas de tradições linguísticas que merecem igual atenção. Essa também é a razão pela qual decidi escrever a contraparte deste texto em português, na e sobre a língua alemã standard usada na Suíça.

Como já mencionei, o *Schwiizerdüütch* e o *Schweizerhochdeutsch* representam duas tradições linguísticas, duas línguas maternas – e para mim duas línguas madrinhas – marcadas por características únicas. Escolher usar apenas uma em detrimento da outra representa um empobrecimento linguístico e cultural. Os dialetos suíço-alemães são um maravilhoso mundo colorido: eles florescem e se multiplicam exatamente porque não precisam respeitar uma forma escrita padronizada, o que também colabora para tornar seu vocabulário bastante diversificado, como ilustram as várias denominações para "formiga": "Ämesse, Omeisele, Äbese, Aweissi, Ameisi, Uweisse, Wurmeissi, Wurmeisle, Wurmasle, Harmäusli, Ambeisse, Umbeisse, Hampeissi, Lombeisse, Empeisele, Ambitzli, Wumbitzgi [...]".⁶

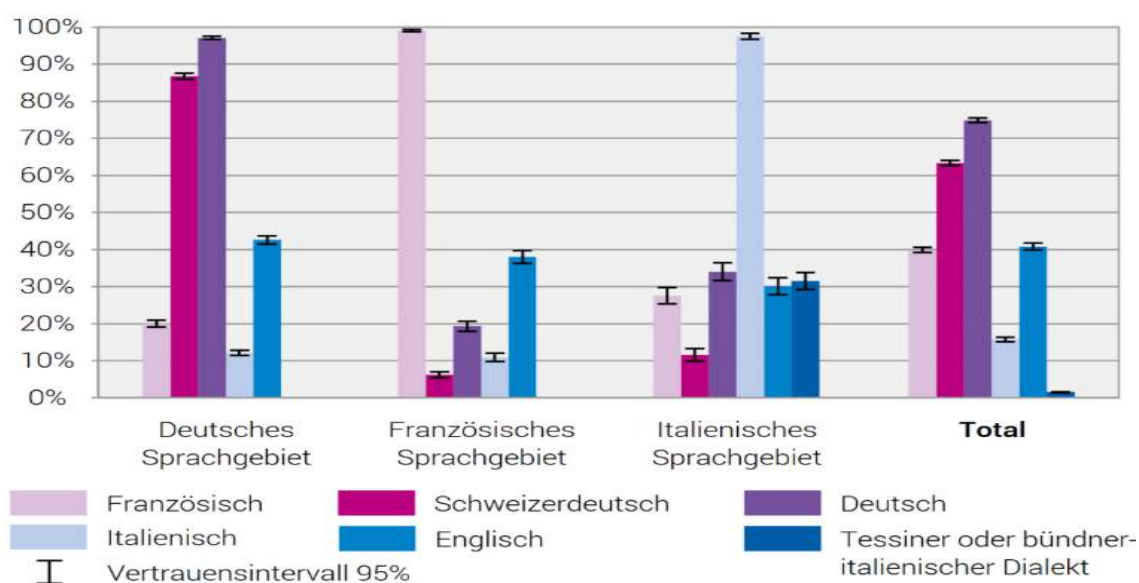
Portanto, não soaria bem dar preferência ao dialeto de uma região e não de outra, porque os dialetos na Suíça variam de um lugar para outro, de uma região para outra. Precisamente esse colorido é, ao meu ver, uma de suas características mais fascinantes. Também é essencial levar em conta que, além das variantes dialetais alemãs, existem as variantes dialetais do francês, do italiano e do reto-românico – as três outras línguas nacionais da Suíça.

De acordo com o gráfico a seguir, o número de falantes que usam o *Schweizerhochdeutsch* com frequência é maior do que o número de pessoas que falam o *Schwiizerdüütch* e, dependendo da região do país, essa diferença é bastante acentuada, o que também fala a favor do uso do *Schweizerhochdeutsch* em textos escritos:

⁵ Ibidem, p. 108.

⁶ MATT (2010), op. cit.

Fig. 1: Percentual de falantes conforme as línguas mais frequentemente usadas e suas respectivas regiões



Fonte: BFS [Bundesamt für Statistik] (2016)⁷

Outra questão bastante relevante é que o *Schweizerhochdeutsch* difere em certos aspectos do Hochdeutsch usado na Alemanha. A maioria das diferenças está relacionada a palavras conhecidas como *helvetismos*, algumas das quais já usei neste texto: *Gotte* ['madrinha'], *Velo* ['bicicleta'], *Bub* ['menino/filho'], *Tram* ['bonde'], *realisieren* ['reconhecer/perceber'], *zügeln* ['mudar-se'], *grillieren* ['grelhar'], *tönen* ['soar'], *handkehrum* ['por outro lado']. Outras palavras e expressões usadas apenas nas variantes suíço-alemãs são, por exemplo: *Abänderung* ['menopausa'], *Abwart* ['zelador'], *Bettanzug* ['roupa de cama'], *Bussenzettel* ['multa de trânsito'], *Hahnenwasser* ['água encanada'], *in Minne* ['sem brigas, pacificamente'], *NeulenkerIn* ['motorista novato/a'], *Notfall* ['emergência'].

Além disso, "*während man in der Schweiz Schwingbesen und Wallholz in die Abwaschmaschine gibt, den Kompost zur Grünabfuhr bringt, das Fixleintuch aus dem Tumbler holt und den Spannteppich in der Stube reinigt*", nas casas alemãs, isso soa completamente diferente: "*Schneebesen und Nudelholz in den Geschirrspüler,*

⁷ Cf. BFS [Bundesamt für Statistik] (2016). Sprachliche Praktiken in der Schweiz: Erste Ergebnisse der Erhebung zur Sprache. Religion und Kultur. Abgerufen von <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/sprachen-religionen.assetdetail.1000161.html>.

Kompost zum Wertstoffhof, das Spannbettuch aus dem Wäschetrockner und Teppichbodenreinigung im Wohnzimmer” [‘coloca-se o Fouet e o rolo de massa na máquina de lavar louça, leva-se o lixo orgânico ao centro de reciclagem, tira-se o lençol da máquina de secar roupa e limpa-se o carpete da sala’].⁸

Na Suíça, pode-se andar tranquilamente *“mit dem Natel im alten Plastiksack und im Trainer durchs Quartier”*, pois seria absolutamente proibido *“mit dem Handy in der alten Tüte im Trainingsanzug durch das Stadtviertel zu laufen”* [‘andar pelo bairro de abrigo, com o celular dentro de um saco plástico velho’].⁹

Existem também diferenças importantes em relação à gramática, à ortografia e à pronúncia. Uma delas é que no *Schweizerhochdeutsch* nunca se usa o *Eszett* (ß), ou seja, escreve-se *Strasse, gross, Gruss* [‘rua, grande, saudação’]. O que também significa que, nos textos suíços escritos, as diferenças entre *Bussen* und *Bußen* [‘ônibus’ e ‘penitência’], *Masse* e *Maße* [‘multidão’ e ‘moderação’] dependem do contexto.

Uma das razões mais citadas para a supressão do *Eszett* na Suíça (e também em Liechtenstein) foi a introdução do teclado padronizado para máquinas de escrever, na década de 1930: os grafemas <ç>, <é>, <à> e <è> tinham de ser colocados no teclado. O *Eszett* deu lugar ao <ç>; <ä>, <ö>, <ü> deram lugar a <à>, <é>, <è>.

A influência da língua francesa sobre as variantes suíço-alemãs também representa uma característica marcante. Alguns exemplos de palavras de origem francesa amplamente usadas são: *Velo* [‘bicicleta’], *Camion* [‘caminhão’], *Jupe* [‘saia’], *Billet* [‘passagem’], *Poulet* [‘frango’], *Coiffeur* [‘cabeleireiro’], *Cheminée* [‘lareira’], *Trottoir* [‘calçada’].

⁸ SPINELLI, Annina (2020). «Schweizer Hochdeutsch und «richtiges» Hochdeutsch». Diction. Disponível em: <https://www.diction.ch/schweizer-hochdeutsch-und-richtiges-hochdeutsch/>.

⁹ GREBER-PROBST, Tatjana; HUNZIKER, Nicole; CAVEGN, Myriam (2015). «Die Rechnung geht auf, oder? Ein Plädoyer für unser Schweizerhochdeutsch». Global Translations. Disponível em: <https://www.global-translations.ch/de/blog/schweizer-hochdeutsch>.

Fig. 2: Placa de proibido parar e estacionar, em Zurique



Fonte: Autora

Assim, é possível distinguir ao menos dois sistemas linguísticos diferentes na Suíça de língua alemã: o *Schwiizerdüütch* e o *Schweizerhochdeutsch*. O *Schweizerhochdeutsch*, por sua vez, mostra certas diferenças bastante características em comparação com o Hochdeutsch falado na Alemanha.

Para mim, é importante lembrar que cada uma dessas variantes tem seu próprio espaço de uso, seu próprio valor: não são apenas sistemas linguísticos; representam identidades e experiências únicas. Ainda hoje, quando falo Hochdeutsch com algum falante da variante alemã, descubro novas diferenças e peculiaridades. Foi assim com *tönen* ['soar'] quando respondi a uma amiga alemã *das tönt gut* ['Isso soa bem' / 'parece bom'] e ela me disse que eu estava usando a variante suíça, pois em Hochdeutsch seria "*das klingt gut*". Foi também conversando com um alemão, em Bremen, que descobri que uma das minhas sopas prediletas, *Randensuppe* ['sopa de beterraba'], chama-se na Alemanha "*Rote-Bete-Suppe*" – só na Suíça beterraba é *Rande*. Há alguns anos, encontrei um alemão em um elevador em São Paulo. Não sabia seu nome nem de que parte da Alemanha ele vinha, nem ele sabia nada sobre mim, mas, naquela curta conversa "de elevador", ele disse que sabia que eu vinha da Suíça por causa da forma como pronunciei *wirklich?* ['verdade?' / 'mesmo?'].

Esses encontros alimentam minha curiosidade e minha paixão por aprender e descobrir cada vez mais sobre essas línguas bem como meu desejo de preservar o

colorido dessas que, embora não sejam minhas línguas maternas, são minhas queridas línguas madrinhas.

25. SPRACHEN UND ERINNERUNGEN MEINER KINDHEIT¹

Willian Radünz²

Geboren wurde ich in Três de Maio, nordwestlich von Rio Grande do Sul, Brasilien, in einem Kontext, in dem „Brasilianisch oder Portugiesisch“ gesprochen wird und ein „anderes Deutsch“ als das Deutsch, das ich später in meinem Lehramt Deutsch und Portugiesisch an der UFRGS lernte und dass ich es derzeit für meine Promotion an der Universität Gießen verwende. Die Vorfahren meines Vaters stammen aus dem ehemaligen Pommern und sind am Ende des XIX Jahrhunderts nach Brasilien ausgewandert. Die Vorfahren meiner Mutter stammen aus Sachsen und kamen nach dem Ende des ersten Weltkrieges nach Brasilien.

Aus einer restriktiven Sichtweise der „benannten Sprache“ heraus (*named language* nach Otheguy et al.)³ ist weder Hunsrückisch noch Pommerisch oder Deutsch meine Muttersprache. Nach meiner Mutter wurde ich „ausschließlich“ in Portugiesisch, der nationalen Sprache Brasiliens, sozialisiert, obwohl das Sprachrepertoire meiner Eltern auch durch andere Komponenten gekennzeichnet war. Sie benannten diesen „alemão“, ihr Deutsch. Und weder „Hochdeutsch“ noch „Hunsrick“ aus der Nachbarstadt São José do Inhacorá. Sie sprachen diese Varietät untereinander, mit Freunden, mit meinen Tanten, Onkeln und Großeltern. Interessanterweise wurde dieses „alemão“ nicht von und mit den jüngeren Generationen gesprochen. In meinem Fall sagt meine Mutter, dass sie mir ihr „Deutsch“ nicht explizit beigebracht hat, weil sie glaubte, es könnte mir beim Erlernen der portugiesischen Sprache schaden, oder sie glaubte, ich würde Portugiesisch „mit Akzent“ sprechen. Ausschlaggebend für diese Überzeugungen und Entscheidungen waren die verschiedenen Aussagen über ihren Akzent und ihre Herkunft sowie die Schwierigkeiten, die sie selbst in der Schule erlebte, als sie „plötzlich“ im Unterricht kein „Deutsch“ mehr sprechen durfte. Sie war damals 8 Jahre alt und sprach kein

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-25>

² *Gießen (Deutschland)*.

³ OTHEGUY, Ricardo / GARCÍA, Ofelia / REID, Wallis (2015). „Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: A perspective from linguistics“. In: *Applied Linguistics Review* 6 (3), 281–307. DOI 10.1515/applirev-2015-0014

Portugiesisch. Sie erzählte, dass sie von der Lehrerin oft körperlich bestraft wurde, weil sie ihre Muttersprache benutzte. Diese traurige Geschichte ist in der Generation meiner Eltern leider keine Seltenheit und sie wollte nicht, dass sie sich bei mir wiederholt.

Trotz der Entscheidung meiner Eltern, mit mir „nur auf Portugiesisch“ zu sprechen, erzähle ich im Folgenden drei wiederkehrende Momente meiner Kindheit, „das Frühstück“, „die Kartenspiele“ und das „sonntäglichen Familienessen“, bei denen sprachliche Praktiken sich nicht auf die portugiesische Sprache begrenzt lassen. Gemäß Otheguy et al. (2015, S. 281) sehe ich diese linguistischen Praktiken als *translanguaging*, also Praktiken der „Nutzung des gesamten sprachlichen Repertoires, ungeachtet der wachsamten Einhaltung der gesellschaftlich und politisch definierten Grenzen der benannten Sprachen“.

„Vamo Karten spielen? Vamo ein Kopf?“ Das heißt, „wollen wir Karten spielen? Wer spielt mit?“ Das waren typische und häufige Fragen meines Opas, wie wir alle ihn „auf Portugiesisch“ nannten. Beim Familientreffen war das Kartenspielen eine Tradition bei uns. Mein Opa war ein großer Fan von Schafkopf und Canasta. Das Letztere hatte er mir beigebracht, als ich 6 Jahre alt war. Schafkopf lernte ich erst mit Professor Cléo Altenhofen, als wir im Jahr 2012 auf einer Forschungsreise waren. Meine Oma und mein Opa haben häufig mit meinen Eltern einen Kopf (Canasta) gespielt. Immer am Ende jedes Spiels wurden vier, fünf, Bube, Dame, König und andere Spielkarten gesammelt und die Punkte gezählt: *eins, zwo, siebzig, hundert...* Immer wenn mein Opa schlechte Spielkarten hatte, sagte er „*Ach...Es geht wieder schlecht in Brasilia!*“. Mein Vater und andere fanden die gesprochene „deutsche“ Varietät meines Opas besonders, da er einen außergewöhnlichen Wortschatz und Ausdrucksweisen in seinem Sprachgebrauch verwendete. Sie sagten, seine Familie, sie seien Deutsch-Russen. Leider habe ich mich mit der Genealogie dieser Zweige meiner Familie noch nicht intensiv auseinandergesetzt, um mehr darüber berichten zu können. Ein stets wiederholter sprachlicher Aspekt war mit dem Verb *fragen* verbunden. Mein Vater sagte: „Heinrich sagt immer: ich *fruch* dich, anstatt ich *frage* dich.“

Der Kaffee (da manhã). Zum Frühstück hatte ich zu Hause häufig die Combo

Brot, Butter, *Eierschmier*⁴ und *Schmier*⁵, normalerweise den leckeren selbstgemachten *Traubenschmier* von meiner Mutter mit *Nata*⁶. Eine andere beliebte Kombination von mir war Brot, *Kässschmier* (‚Sorte Quark‘) mit *Melado* (‚Zuckerrohr-Melasse‘) und *Woscht*. Dabei immer Kaffee und Milch.

Sonntags beim Churrasco. Am Sonntagmorgen besuchten wir meistens in Três de Maio die evangelische Kirche, wo manchmal Gottesdienste in deutscher Sprache stattfanden. Zuvor hörten wir auf dem Radio Cidade Canção FM das traditionelle Programm Festão da Cuca e da Linguíça mit dem berühmten João Senno Bach, wo typischen lokalen deutschen Liedern gespielt wurden. Nach dem Gottesdienst haben wir meistens *Churrasco*⁷ gemacht, was gutes Holz und Spänchen verlangte, um Feier zu machen. Mit dem Ganzen sollte man nicht so viel Schweinerei machen, sonst war meine Mutter gleich nicht mehr so glücklich. Familie und Freunde waren häufig dabei: u.a. Hoffman, Müller, Henfling, Willers, Nachtigal, Crestani, Hemilã und Wendland. Zum Essen gab es Reis, der nicht *knatschig* (‚matschig‘) werden sollte, *Cuca* (‚Sorte Kuchen‘), Fleisch, *Maionese* (‚Kartoffelsalat‘) und natürlich zum Trinken einen *Pitsch*⁸. Als Nachtsch hatten wir häufig *Milichreis* und Sagu. Dazu hörten wir zum Beispiel einige *bandinhas* oder *músicas gauchescas*, typische Musikrichtungen der Region, oder die Band *Os Montanari* mit Liedern von dem *Oktoberfest* von Blumenau, Santa Catarina, wie den Song *Zic Zac*, den ich ständig als Ohrwurm hatte:

Zigge-zagge, zigge-zagge hoi, hoi, hoi
Links her in die Hand (zwei, drei, vier)
Zigge-zagge, zigge-zagge hoi, hoi, hoi (io)
Und dan stoh'st ma samm' miteinand'
Zigge-zagge, zigge-zagge hoi, hoi, hoi
Und dann trink't'ma's aus

⁴ Eine Sorte Rühreier mit Würstchen und Kräuter, die eine Konsistenz hatte, die man auf das Brot schmieren konnte.

⁵ Das Riograndenser „deutsche“ Wort für ‚Marmelade‘.

⁶ Auf Deutsch wäre es eine Art von Frischkäse oder Rahm.

⁷ Eine lokale Grillparty.

⁸ Unsere Bezeichnung für ‚Caipirinha‘. Immer wenn ich das Wort höre, muss ich auch an meine Tante Edith denken.

Zigge-zagge, zigge-zagge hoi, hoi, hoi
Wir geh'n noch nicht nach Haus.

Nachmittags saßen wir im Kreis, einige tranken *Chimarrão*⁹, andere *Chopp*¹⁰ und dazu gab es *Cuca*. Als ich klein war, hatte ich extra eine kleine *Bomba* (das Filter) und eine *Cuia*¹¹ für meinen *Chimarrão*, außerdem hatte ich meinen kleinen, blauen Lieblingsklotz (,Schemel') zum Sitzen.

Die oben beschriebenen Momente, die üblichen Worte und Ausdrücke von Momenten in meiner Kindheit, unabhängig von der Sprache oder Varietät, in der sie benannt (oder getrennt werden) gehen mit mir als Ganzes und bringen mich zu Erinnerungen, Gerüche, Empfindungen, Geräusche, Geschmäcker und Gefühle aus meiner Kindheit. Und umgekehrt. Und zwar kontinuierlich. Und gleichzeitig mit anderen und neuen Erfahrungen. Sie entführen mich in die Gemütlichkeit der Heimat, obwohl sie räumlich und zeitlich weit entfernt ist.

⁹ *Chimarrão* ist die lokale Bezeichnung für den südbrasilianischen Mate-Tee.

¹⁰ Ein im brasilianischen Portugiesischen sehr verbreitetes Wort für einen „Schoppen“ Bier.

¹¹ Das Gefäß, aus dem der Mate-Tee mit einem Metall-Filter getrunken wird.

LÍNGUAS E MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA

Willian Radünz¹

Nasci em Três de Maio, noroeste do Rio Grande do Sul, em um contexto familiar, onde se fala o “brasileiro ou português” e um “alemão diferente” do alemão que aprendi mais tarde na minha Graduação em Letras Alemão na UFRGS e que, atualmente, utilizo como língua de estudo do Doutorado, na Universidade de Gießen, na Alemanha. Os ancestrais do meu pai vieram da já extinta região da Pomerânia, atual Alemanha e Polônia, e emigraram para o Brasil no final do século XIX. Os ancestrais da minha mãe vieram da Saxônia, Alemanha, para o Brasil após o fim da Primeira Guerra Mundial.

Partindo de uma ideia de língua nomeada² ou de língua como uma unidade, posso afirmar que nem a unidade “hunsriqueano”, nem a unidade “pomerano” e nem a unidade “alemão-padrão” sejam a minha língua materna. Segundo minha mãe, fui socializado “exclusivamente” em português, a língua nacional do Brasil, embora o repertório linguístico dos meus pais também seja caracterizado por muitos outros componentes para além da língua portuguesa. Um desses componentes ou unidade é o “alemão - ou *Deutsch*”, como o chamam meus pais. Trata-se do “nosso alemão - *Unser Deutsch*”, do “alemão daqui – *Deutsch von hier*” – como diziam. E não do “Hochdeutsch”, nem do “Hunsrick” da cidade vizinha de São José do Inhacorá. Eles falavam essa variedade entre si, com amigos, com as minhas tias, meus tios e avós. Curiosamente, para mim, esse “alemão” não era falado pelas e com as gerações mais jovens, nem pelas minhas duas irmãs, nem por mim e nem pela maioria dos meus primos. No meu caso, minha mãe conta que não me ensinou explicitamente o “alemão”, porque acreditava que esse poderia me prejudicar na aprendizagem da língua portuguesa, ou ainda, acreditava que eu falaria português “com sotaque de colono”. Decisivo em relação a essas crenças e escolhas foram as diversas falas

¹ *Gießen (Alemanha)*.

² *Named language*, conforme OTHEGUY, Ricardo; GARCÍA, Ofelia; REID, Wallis (2015). “Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: A perspective from linguistics”. In: *Applied Linguistics Review* 6 (3), 281–307. DOI 10.1515/applirev-2015-0014

sobre o seu sotaque e origem, bem como suas experiências na escola, quando, “de uma hora para outra”, ela não tinha mais permissão de falar “alemão” em sala de aula. Ela tinha 8 anos na época, não falava português, e hoje conta ter sido muitas vezes fisicamente castigada pelo professor por usar sua língua materna, o seu alemão. Essa triste história infelizmente não é incomum na geração dos meus pais, e ela não queria que se repetisse comigo.

Apesar da escolha dos meus pais, de falar comigo “somente em português”, gostaria de recordar a seguir três momentos recorrentes da minha infância: “os cafés da manhã”, “os jogos de cartas” e os “almoços em família de domingo”, onde as práticas linguísticas não se limitavam à unidade linguística nacional da língua portuguesa. Conforme a sugestão de Otheguy et al. (2015, p. 281), vejo essas práticas linguísticas como práticas de translinguagem, ou seja, práticas de “uso de todo o repertório linguístico, independentemente da adesão vigilante aos limites social e politicamente definidos das línguas nomeadas (e forçosamente separadas umas das outras)”.

“*Vamo Karten spielen? Vamo ein Kopf?*” (‘Vamos jogar canastra? Quem me ajuda?’) Essas eram as típicas e frequentes perguntas do meu *Opa*, do meu avô, que adorava jogar baralho. Jogar cartas era uma prática frequente nas nossas reuniões de família, e o *Opa*, como era chamado, gostava especialmente de *Schafkopf*, da canastra e do pife. Ele me ensinou estes dois últimos jogos, quando eu tinha 6 anos. Só vim a aprender a jogar *Schafkopf* com o professor Cléo Altenhofen, quando estávamos em uma pesquisa de campo em 2012. A *Oma* ‘vovó’ e o *Opa* ‘vovô’ costumavam jogar com frequência um *Kopf* com meus pais. Ao final de cada jogo, se juntava o *Vier*, o *Fünf*, a *Dame*, o *König*, o *Bube* (‘o quatro, o cinco, a dama, o rei e o valete’) e as demais cartas. Em seguida, eram contados os pontos: *eins*, *zwo*, *zehn*, *siebzig*, *hunnert* (pt. ‘um, dois, dez, setenta, cem’)... Sempre que meu avô tinha cartas ruins, ele dizia: “*Ach! Es geht wieder schlecht in Brasilie!*” (‘Ah, a situação não está boa de novo no Brasil!’). Meu pai e outros sempre acharam a variedade de “alemão” falada pelo meu avô particularmente diferente. Eles dizem que sua família era de *Deutsch-Russen*, ou teuto-russos. Um aspecto linguístico que chamava a atenção do meu pai era que meu avô dizia: “*Ich fruch’ dich, anstatt ich frage dich*” (‘eu te pergunto [*fruch*], ao invés de eu te pergunto [*frage dich*]’).

Para o *Kaffee* (da manhã), depois de uma roda de mate e conversa, era comum e um sucesso em nossa casa a combinação *Eierschmier* ('chimia de ovo, um tipo de omelete'), *Brot* 'pão', nata ou *Butter* 'manteiga', e uma deliciosa *Traubenschmier* ('geleia de uva') feita pela minha mãe. Outra combinação perfeita para mim era *Brot*, *Kässschmier* ('tipo de quark') com melado e *Woscht* 'linguiça'. Ou *Schmier* e nata no pão com *Eierschmier*, acompanhando sempre *Kaffee und Milch*.

"*Sonntags beim Churrasco*", ou seja, nos domingos de churrasco, frequentávamos pela manhã normalmente a *evangelische Kirche* de Três de Maio, onde às vezes havia cultos em alemão. Antes disso, ouvíamos costumeiramente o tradicional programa "Festão da Cuca e da Linguiça", da Rádio Cidade Canção FM, com o famoso João Senno Bach, narrado em alemão e com músicas alemãs. Depois do culto, fazíamos normalmente um churrasco, o que exigia uma boa madeira e alguns *Spänchen* 'gravetos'. Família e amigos não podiam faltar: os Hoffman, Müller, Henfling, Willers, Nachtigal, Crestani, Hemilã e Wendland. Para acompanhar a carne de churrasco, tínhamos frequentemente *Reis* 'arroz', que não podia ficar *knatschig* 'empaçocado', cuca e maionese. *Pitsch* 'tipo de caipirinha' também nunca faltava. Para a sobremesa, comíamos com frequência *Milchreis* 'arroz com leite' e sagu, e, durante a tarde, *Puffmilje*, ou seja, pipoca. Durante a feitura do churrasco, ouvíamos música de bandinha, músicas gauchescas e músicas da *Oktoberfest* de Blumenau, Santa Catarina. Uma música que até hoje não me sai da memória e que sempre me alegra tanto é *Zic Zac*, dos *Montanari*: *Zigge-zagge, zigge-zagge hoi, hoi, hoi..* De tarde, tomávamos chimarrão em roda, às vezes *Chopp*, normalmente com picadinho, do resto da carne de churrasco, e cuca. Quando eu era pequeno, participava da roda, sentado em meu *Klotz* 'banquinho' azul.

Os momentos acima descritos, as palavras e expressões costumeiras de momentos da minha infância, independentemente da língua ou variedade em que são nomeadas (ou separadas), caminham comigo como um todo e me remetem a memórias, cheiros, sensações, sons, gostos e sentimentos da minha infância que guardo com carinho. E vice e versa. E continuamente. E simultaneamente com outras e novas experiências. Elas me levam para o aconchego de casa, mesmo que ela esteja espacialmente e temporalmente distante.

26. WIE ICH MIT DEUTSCH UFFGEWACHST BIN¹

Angélica Prediger²

Wenn ich ibich mein Muttersprach drierleche, kommt mich gleich meine Kindheit in Unnersegge (pt. *Seca Baixa*), Imigrante, in die Gedanke unn zwei ganz liebe Leut, mit die ich uff Deutsch uffgewachst bin: die Vó Enna unn die best Amiga Schelli. Die Großeltre sinn in manche Familien ganz wichtich, um die Engelkinner das Deutsch noch vor das Brasilianisch beisebringe. Auch sinn es oft die Großeltre, die noch demähst mit denen uff Deutsch spreche tun, so wie es in den Documentário „Iberscheen“³ selbst von einem Kind schon gesaht gebb is.

Aber was genau war so scheen in die Zeit? Mit die Vó hann ich gelennt, genn in die Schul ze gehen, wo ich dann auch das Brasilianisch gelennt hann. Diese Sprach ze lenne zeigt sich genauso wichtich wie das Deutsch von zu Haus, weil die Kinner dadurch mehrsprachich werre unn sich besser in die Gesellschaft integrieren kenne. Es helft auch, die Aue für annere Kulturen uffzumache unn selbst um zu verstehen, woher ma kommt unn welche Platz die deutschsprachiche Gemeinde in die „Diversidade“ von Sprachen unn Kulturen in Brasil nemme.

Mit die Vó hann ich auch gelennt, uff Hochdeutsch Weihnachtslieder ze singe. Aber was mich demähst gefreut hat, war, wie mir mitsamme vorzehlt hann, uff Deutsch klar, unn wenn die mich ganz stramm gekappt hat uff'n Hof. Do sachte ich immer: *Noch strämmer! Noch strämmer!* Mitsamme hann mia auch viel gelacht unn gespielt, wenn mir uffn runder Hof gesess hann ore drinn im Haus, wenn die ihre Kaffee getrunk hat nachmittachs. Dabei hat's ofts Hubbelspehn gebb. Alsmo hann ich auch etwas Kaffee von der große Canecke genomm, wenn die Vó net an Gucke war. Die Vó Enna konnt auch gut Platt spreche, was se aber demähst mit ihre Kinner ore mit'n Vowo gesproch hat. Der Incentivo („Ermutigung“) um die Sprachen in der

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-26>

² Bamberg (Deutschland).

³ Iberscheen - Eindrücke von einer Studienreise ins mehrsprachige Südbrasilien. Deutsche Sprachwissenschaft Eichstätt. Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt. Verfügbar unter: <https://www.youtube.com/watch?v=EiaNEUZJXes> und https://mehrsprachigkeit-suedbrasilien.ku.de/?page_id=130. Abgerufen am 05.10.2021.

frihen Kindheit kann viel helfe, for dass das Kind ganz natirlich mehrsprachich aufwachst, wie auch schon in den Documentário („Dokumentation“) „Auf Hunsrückisch in Brasilien leben“⁴ vorkommt. So kann das Kind sich speter für mehr Sprachen intressiere.

Aber net nur die Großeltre helfe, for dass das Kind die Sprach lennt, sondern auch der Freundeskreis mit andre Kinner. In die Zeit, wo ich so femf Jahr alt war, hann ich mein erst Amiga, die Schelli, kennengelennt, die auch Deutsch vor allem mit seine Vó, die Irka, gelennt unn gesprochen hat. Das erste Mal, wo mia uns getroff hann, ware mia in Schoppe. Die stand vor der Dreschmaschin in die sein Schoppe unn ich in mein Schoppe. Wie ich se gesehen hann, bin ich bei die hingang unn dott hann mia wohl uff Deutsch vorzehlt. Wer hett an den Tach gedenkt, dass mia best Amigas gebe tete! Ab dann sinn mia immer mehr dorchnanner gang, ore war ich bei die ore war die bei mich. Das war egal, ob das moints, mittachs, vornachts ore amts war. Die meist Zeit hann mir aber vornachts gespielt, nach die Schul. Manchmo musst meine Mamma ore die sein Vó an die Grenz gehen, um se rufe: „Angélica/Schelli, heim komme, das wätt doch schon nacht!“.

In die Zeit hat ma auch ganz viele Wätter ganz natirlich gelennt, was so extra único („einzigartig“) von diese Sprach in Brasil is. *Vornacht* is ein Wott, das in Hochdeutsch nechst net vorkommt; wenn, dann mit eine andre Bedeutung. In Brasil heißt das die Stund bevor es ganz dunkel wädd, wenn es so langsam düster wädd unn die Krotte aus dem Gras springe unn anfänge ze singe. Uff die ein Seit sinn viele deutsche Wätter selbst in Brasil inventiert („erfunden“) gebb; uff die andre Seit stehen Wätter, wo vons Brazilianische ibernomm unn ingedeuscht wonn sinn. Aber es gibt auch viele Wätter, wo's auch im Hochdeutsch gibt ore schon mal existiert hann.

Es war doch immer so scheen! Mir hann von alles, was die Kinner dott'rom so gespielt hann, gespielt: Vorsteckel in Schoppe ore hinnich das Haus, Fange uff die Gramme („Gras“), Amarelinha hupse („Hüpfenspiel“) uff die Platte, Schul ore Dokter spiele in die Area („Balkon“). Uff einmal is bei die Schelli ein Spielhäusche uffgebaut gebb unn, wenn die sein Vovvo die Ochse losgelaß hat, hat er immer geruf: „Schnell

⁴ Viver no Brasil falando Hunsrückisch. Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Pesquisa em Políticas Linguísticas (IPOL). Verfügbar unter <https://www.youtube.com/watch?v=ncN4dkcrU9M&t=1620s>. Abgerufen am 05.10.2021.

jetzt ins Häusche unn dott abwatte, bis die Ochse langs sinn.“ Die sein Vó hat uns auch manchmo ins Häusche spiele geschickt, immer dann wenn mir das Haus nechst uff'n Kopp gestellt hann. Speter mussten mia alles wieder arrumiere („aufräumen“).

Mitsamme hann mia auch Bicyclett gefahr unn in die groß Rede gekappst. Unn wie viel Obst mia gess hann, kann keiner glaube! Wenn das mo Februar ore Mätz war, ging's los, Affebeere suche. Mit'n lange Stecke hann'me die größte unn gelbste Affebeere runnergezoh. Das Abmache hat nechst immer mehr Spaß gemacht als das Esse. For Begemotte abmache, sinn mia deliebst in Baum gekrabbelt unn hann se selbst dott gess, ore es hat eine von uns se gepflickt unn runner geschmiss, for die And' ze fange. *Begemotte* („Mandarine“) is ein Wort, das ma aus'n Portuguêes, wo dott in die Gehend gesproch wädd, kennt unn das in die Art ausgesproch wädd wie in Deutsch. Unn klar hann mia auch Fußball gespielt, wo die Kuchel net nur einmal uff'n Dach gefloh unn lieche geblieb is. Ams war ma ausgetobt von pure Spiele ore Doromballiche, wie se manchmo zu uns gesaht hann. Das Verb *balliche* gibts auch in Hochdeutsch, aber ein bisschen annerste ausgesproch, dort heißt es *balgen*. *Sich balgen* heißt hier, uff'n Bode sich wenzle ore beim Spielen durch pure Aufregung sich streiten. Wie ma dann schon bissche gresser warn, hann'me angefang in die Bach ze gehen bade.

Do hat auch schon das Brasilianisch immer mehr Platz ocupiert („besetzt“). Net nur die Schul, aber auch durch Telvison („Fernseher“) unn Radio hann'me Brasilianisch gelennt unn auch immer mehr gesproch. Jahre speter wie mia in die Stadt in die Schul gang sinn, hat das ganze langsam uffgehert, unn jede hat neue Amigas („Freundinnen“) gefunn. Unsre Weche sinn leider auseinannergang.

Die Vó Enna unn die Schelli warn die Leut, mit die ich uff Deutsch in dieser Weise uffgewachst bin. Genn denke ich an die Zeit unn bin immer stolz, dass es so war wie es war. Das Leben war simples („einfach“), ma hat net viel gehat, aber ma hatte alles, was ma gebraucht hat, unn vor allem war ma froh.

Mit die Zeit is es normal, noch annere Sprachen ze lenne, sodass es schwer is, ze sahn, dass nur die erst Sprach die Muttersprach is. Jede Sprach hat sein Valor („Wert“), bringt Erinnerung unn is mit bestimmte Momente unn Leut verbunn. In jede Lebenszeit kann vielleicht eine Sprach wichticher als die annere sinn, aber das tut nix. Heute kann ich sahn, dass Deutsch, Brasilianisch unn Hochdeutsch genauso

wichtich in mein Leben sinn. Derzeit is das Hochdeutsch mehr in Anwendung, weil ich in Deutschland wohne. Aber mit die Tecnologia von heutzetache sieht ma, dass ma net immer uff ein unn derselbiche Platz sinn muss, for eine bestimmte Sprach ze lenne unn ze spreche. Was lokal is, wädd immer globaler, unn was global is, wädd immer lokaler. Wenn ich von Deutschland aus mit meine Familie telefoniere, wädd uff Deutsch unn Brasilianisch gesproch. Wenn ich brasilianische Amigas unn Amigos (,Freundinnen' und ,Freunden') hier treffe, spreche mia uff Brasilianisch unn mit ein paar sogar uff das „Deutsch von zu Haus“. Wenn ich mit mein *Namorado* spreche, der aus Deutschland kommt, dann spreche mia auch genn oft uff mein Deutsch, weil er es genn lenne will unn es besonders scheen finne tut. Vielleicht intressiere sich einmal noch mehr Leut aus Deutschland, wo ja schon Hochdeutsch spreche tun, for das Deutsch in Brasil ze lenne unn ze spreche. Das wär sicher´ne große Freude unn Ehre for die deutschsprachiche Gemeinde in Brasil.

COMO EU CRESCI NA LÍNGUA ALEMÃ

Angélica Prediger¹

Quando penso em minha língua materna, logo penso na minha infância em Unnersegge (pt. *Seca Baixa*), Imigrante, e em duas pessoas muito queridas com quem cresci falando alemão: a avó Enna e a minha melhor amiga, a Schelli. Os avós são muito importantes em algumas famílias para ensinar alemão aos netos antes do português brasileiro. Além disso, frequentemente são os avós que ainda falam alemão conosco, como uma criança comentou no documentário *Iberscheen*².

Mas o que exatamente era tão bonito naquela época? Com a avó Enna, aprendi a gostar de ir à escola, onde aprendi português brasileiro. Aprender essa língua é tão importante quanto o alemão de casa, porque permite que as crianças sejam plurilíngues e se integrem melhor à sociedade. Também ajuda a abrir a porta para outras culturas e para entender de onde viemos e qual lugar a comunidade de língua alemã ocupa na diversidade de línguas e culturas do Brasil.

Com a avó, também aprendi a cantar canções de Natal em Hochdeutsch. Mas o que eu mais gostava era quando contávamos juntas – em alemão, é claro – e quando ela me embalava no brinquedo de balançar e eu sempre dizia: “Mais forte! Mais forte!” Também ríamos e brincávamos muito juntas, no pátio ou dentro de casa, quando ela tomava seu café da tarde. Nessa hora, normalmente tinha calça virada. E, às vezes, eu tomava café na caneca grande, quando a avó não estava olhando. A avó Enna também sabia falar bem o Platt, que ela falava normalmente com os seus filhos ou com o avô. O incentivo às línguas na primeira infância, como se pode ver no documentário *Auf Hunsrückisch in Brasilien leben* [“Viver no Brasil falando Hunsrückisch”]³, pode ajudar a criança a crescer plurilíngue com naturalidade. Assim,

¹ *Bamberg (Alemanha)*. Tradução: Claudia Wolff Pavan.

² *Iberscheen* - Eindrücke von einer Studienreise ins mehrsprachige Südbrasilien. Deutsche Sprachwissenschaft Eichstätt. Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EiaNEUZJXes> e https://mehrsprachigkeit-suedbrasilien.ku.de/?page_id=130 . Acesso em: 5 de outubro de 2021.

³ *Viver no Brasil falando Hunsrückisch*. Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Pesquisa em Políticas Linguísticas (IPOL). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ncN4dkcrU9M&t=1620s> . Acesso em: 5 de outubro de 2021.

mais tarde, a criança pode se interessar por mais línguas.

Não apenas os avós ajudam a criança a aprender a língua, mas também a amizade com outras crianças. Na época em que eu tinha uns cinco anos, conheci minha primeira amiga, a Schelli, que também falava alemão, especialmente com a sua avó, a Irga. A primeira vez que nos encontramos foi no estábulo. Ela estava na frente da debulhadora no seu estábulo e eu no meu. Quando eu a vi, fui até ela, e começamos a conversar. O que, não sei exatamente, mas era em alemão. Quem teria pensado que nos tornaríamos melhores amigas! Daquele dia em diante, estávamos sempre juntas: ou eu estava na casa dela ou ela na minha. Não importava se era manhã, tarde ou noite. Na maioria das vezes, porém, nós brincávamos à tardinha, depois da escola. Às vezes, minha mãe ou a avó dela iam até a cerca nos chamar: "Angélica / Schelli, venham para casa, já é noite!"

Naquela época, aprendi, de forma muito natural, muitas palavras, extraordinariamente únicas dessa língua no Brasil. *Vornacht* é uma palavra que não aparece em Hochdeutsch e, se aparece, então com um significado diferente. No Brasil, significa uma hora antes do completo anoitecer, quando escurece lentamente e os sapos começam a saltar na grama e a cantar. Por um lado, muitas palavras alemãs foram inventadas no Brasil; por outro, muitas palavras foram adotadas do português brasileiro e germanizadas. Mas há muitas palavras que existem ou existiram também no Hochdeutsch.

Era sempre tão bom! Normalmente nossas brincadeiras eram aquelas que as crianças da região brincavam: brincar de esconder no estábulo ou dentro de casa, brincar de pegar no pátio, pular amarelinha na calçada ou brincar de doutor na área externa da casa. Uma vez, construíram uma casinha de brinquedo na Schelli e quando o avô soltava os bois, ele sempre gritava: "Vamos! Entrem na casinha e fiquem lá até os bois passarem." Às vezes, a avó da Schelli nos mandava brincar na casinha, sempre que deixávamos a casa de cabeça para baixo. Depois, tínhamos de arrumar tudo de novo.

Também andávamos de bicicleta juntas e nos embalávamos na enorme rede. E ninguém consegue acreditar quanta fruta a gente comia! Quando chegava fevereiro ou março, a gente saía à procura de araticum. Com uma vara bem longa, derrubávamos os araticuns maiores e mais amarelos. Essa parte era sempre mais

divertida do que comê-los. Para apanhar bergamotas, a gente preferia subir na árvore. Às vezes, nós as comíamos lá mesmo; outras vezes, uma subia para apanhá-las e jogava para a outra, que ficava embaixo. *Begemotte* é uma palavra que as pessoas conhecem do português falado naquela região, mas é pronunciada como no alemão. E claro que também jogávamos futebol. Muitas vezes, a bola ia parar no telhado e ficava por lá. À noite, estávamos exaustas de tanto brincar ou de fazer travessuras (*doromballiche*), como às vezes nos diziam. O verbo *balliche* também existe em Hochdeutsch, mas pronunciado um pouco diferente: *balgen*. *Sich balgen* significa rolar no chão ou, por pura euforia, começar a brigar enquanto brinca. Quando já éramos um pouco maiores, íamos nadar no arroio.

Nessa época, o português brasileiro já ocupava cada vez mais espaço nas nossas vidas. Não só na escola, mas também através da TV e do rádio, aprendíamos e falávamos português brasileiro cada vez mais. Anos mais tarde, quando começamos a ir para a escola na cidade, fomos nos afastando e começamos a fazer novas amigas. Infelizmente, nossos caminhos seguiram rumos diferentes.

A avó Enna e a Schelli foram as pessoas com quem cresci em alemão. Lembro com prazer daquela época e sempre me orgulho dela. A vida era simples, não tínhamos muito, mas tínhamos tudo de que precisávamos e, acima de tudo, éramos felizes.

Com o tempo, é normal aprender outras línguas, por isso é difícil dizer que apenas a primeira língua é a língua materna. Cada língua tem seu valor, traz lembranças e está conectada a certos momentos e certas pessoas. Em cada momento da vida, uma língua pode ser mais importante do que outra, mas isso não importa. Hoje posso dizer que o alemão de casa, o português brasileiro e o Hochdeutsch são igualmente importantes na minha vida. Uso mais o Hochdeutsch, atualmente, porque estou morando na Alemanha. Mas com a tecnologia de hoje, percebemos que nem sempre temos de estar em um lugar específico ou no mesmo lugar para aprender e falar uma língua. O que é local está se tornando cada vez mais global, e o que é global, cada vez mais local. Quando eu ligo da Alemanha para minha família no Brasil, falamos alemão e português brasileiro. Quando encontro amigas e amigos aqui na Alemanha, eu falo português brasileiro e com alguns até o "alemão de casa". Quando falo com meu namorado, que vem da Alemanha, frequentemente

falamos o meu alemão, porque ele quer aprendê-lo e o acha muito bonito. Talvez mais pessoas da Alemanha, que já falam Hochdeutsch, venham a se interessar por aprender e falar o alemão do Brasil. Isso certamente seria um grande prazer e uma honra para a comunidade de língua alemã no Brasil.

27. MIIENE MUTTERSpraUCHE IN MIIEN LIÄBEN: DAT PLATT UUT BERLIEN IN BRASILGEN¹

Rosane Werkhausen²

Wänn ick trüggekieke, sehe ick dat miene Muttersprauche immer viele van miene Wiäge trakteed häf, van Berliien in Brasilgen, wor ick gebuoden bin, bes hie in Düütskland, wor ick vandage wuone. Ick wör un bin immer in däi Welt biiehuus un niie alläine, wänn ick Platt küren kann. Deswiägen kann ick seggen, dat Heimat uuse Muttersprauche is.

Ick häwwe düsse skööne Sprauche in miene Kinnertiied mit miene Familge, Freunde un Nauberskup läärd, un olle Tiit hoort un kürt. Ick kwuome uut Molke, in Berliien, in Munizip Westfalia in Brasilgen, wor süss mäisten olle Plattdüütsk küren orre vörstaun konnen.

Biie us biiehuus mossen wiie Blagen olle viele in Plandask arbäiten helpen un dat Geld wör immer knapp. Owwer wiie hät auk viel Spoons hat un wören mächtig glücklik. Os Kiiend, hät wiie owwer auk in Koustall un in Poträi spielt, un noch sau viele änners: Mülgen plant, Foor maaket, Kögge mälket, un mit friske Miälke däi Katten foord. Däi Hoine un Schwiene hät wiie Mülgen giben. Sköön wör dat, wänn wiie kläine Küüken, Färken, Kalwe un Kätkes uppassen konnen.

Wänn kault Suwwelwiär bouden wör, häf Mamai immer Puffmülgen mit Sirup un Papai äin Täi maaket, un wiie hät us olle in Küöken ümmer den Kuokuoben upwiärmet. Dor üöwer häwwe ick miie immer mächtig fröwwet un beshüüde an kaulen Dagen maake ick auk hie noch Puffmügeln mit Sirup un Täi, wänn ick Vörlangen häwwe.

In däi Nauberskup in Molke wuonten viele Kinner un wiie hät viele touhaupe spielt. Keinäiner van us hatte färrige Puppen, orre äin Kuggel, äin Fahrrad orre Spielkraums. Dat wör owwer kein Problem, wiägen wiie immer wat sköönes us uudacht hät: Vörstiäken- un Fangenspieln, mit äin Palbenskood in Poträi äin Biärg runne rutsken, Hüüsken bowwen, mit Dräck kuoken un Doss backen... Uuse Rühens

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-27>

² München (Deutschland).

Fipi un Chico wören auk immer mit dorbiie. Dat wör eine skööne Tiiet! Wat auk interessant wör, dat twäi Nauberfamilgen Hunsrückisk kürt hät. Wiie hät olle us vörstaun un däi Sprauche hawwe ick dann auk läärd.

Sönn dags sind Papai un miiene Bröörs tou Juventude in Berllien gaun. Miene Bröörs hät Fussball spielt un Papai Kaaden mit den ännern Kärls spielt. Mamai häf ännere Wiiewe van däi Nauberskup besogt orre Besoik bekwuom. Ick kann immer utsoiken of ick mit Papai orre Mamai mitgaun woll. Biie Juventude hät meine Freunde un ick eer Fussball kieken. Faaken wören auk Fussbalclubs van Boa Vista do Sul orre Garibaldi, un däi hät bloos Italienisk kürt. Dat häf sick sau fein anhört! Os ick noch kläiner wör, bin ick oll immer gäaden mit Mamai gaun, wiägen et geif immer Goos tou iäten, os Doss, Koiskskes, Hüwwelspäune, Kouken un soiren Täi för däi Kinner. Dat wören mäisten twiälwe bis veerteggen Wiiewe un dann noch olle Blagen. Dat wör richtig lustig!

Papai un Mamai hät för us immer seggt, dat wiie nich viele hadden, owwer dat Skoule is wat us keine wägniem kann. Os ick ganz kläin wör, sind daumols miene twäi Bröörs un miien öldere Süster jieden Dag üönes in däi Skoule in Beliiien gaun un sind aumes toufoude trüggekwaom. Dat wör etwas wiiet, ungefähr fiiew Kilomäiter van uuse Huus wiiewiäge (dat moss ick dann auk lääder maaken). Miien graure Süster is owwer frou oll uut dat Huus un biie den Skoulmester arbäiten gaun. Et is wiierter tou Skoule gaun, owwer et mosse nich mär sau wiiet loupn. Papai, Mamai un miene grauren Bröörs un ick hät us immer fröwwet, wänn et an Ände däi Wieken nor Huus kweimp. Os miene twäi Bröörs in dat sibende Skouljohr kwuomen sind, sind däi tou Skoule tou Säcke, Imigrante, loupn. Miien lüttke Süster kann lääder mit den Skoulbus tou Beliiien und Säcke föören, un van dat achtete Johr an häf et biie us in Languiru wuont. Et häf up uuse Kinner uppsast, wiägen ick aumes studeert orre arbäitet hawwe.

Os ick auk mit sibem Johr anfangen bin, tou Skoule gaun, hawwe ick äine nigge Welt kennen läärd: äine Welt wo olles up portugisiken Sprauche wör. Äin bietken wüss ick oll. Papai häf miie aumes immer Märchen vörtellt, un af un tou auk up Portugisisk. Biie Huus hät wiie auk Telvison kieken, owwer niie viele kürt. Uuse Lehrerin kann bloos Portugisisk, un däi ännern kät Hunsrückisk kürt. Säi olle wollen

owwer nich, dat wiie Plattdüütsk in däi Skoule kürden. Wänn wiie dat maaket däan, mossen wiie aune Pause bliieben.

För us in Berliien wör Platt wüörklik immer uuse Sprauche van däi Familje, Nauberskup, Freundskup un Touvörlässigkäit, egaal wat passeden däa. Ick häwwe owwer auk Hunsrückisk, Haugedüütsk, Portugisisk un Italienisk immer mächtig sköön foun un wör auk froh, dat ick dat küren orre gout vörstaun kann. Un dann is noch Englisch in däi Skoule kwuom! Dat wör jä för miie ganz licht. Plattdüütsk un Englisch sind jä ähnlik. Sau viele Sprachchen hät miien Liäben auk biätere maaket, os ick van biie Huus väg nor Schmidtspikare in Westfalia, gaun bin, un van dat sibende Skouljohr an, dor arbäitet häwwe un tou Skoule gaun bin. Lääder os ick nor Languiru, in Teutônia ümmewandert bin, wör dat auk käin Problem: ick kann mit olle küren!

Os ick mit druteggen van biie Huus uutwandert bin, häwwe ich immer Skoule, un Arbäit gigenan maaket. Toueeste häwwe ick muons arbäitet un naumiddags bin ick tou Skoule gaun. Lääder, os ick fütteggen Johr ault woid, häwwe ick dagsüöwer arbäitet un aumes läärd. Ick wör owwer immer äine lte Skoilerin. Ick häwwe niie vorgieden, wat miiene Aulen seggt hät: Uutbildung kann us käine wägniem. Dat wör miiene Kraft, wänn ick maroule wör, owwe noch aumes bes elben Uhr twungen däi Wieken in däi Skoule wör, un Wiekenände trügge nor Huuse tou miiene Aulen un miien kläine Süster un sönndags wär nor Languiru gaun bin.

Languiru, in Teutônia, is miiene twedde Heimat wuoden. Dor häwwe ick liäwet, bes ick nor Düütskland uutwandert bin. Mit achttegen Johr häwwe ick hirautet un äin Johr Lääder is miien eeste Tochter gebuoden, un dat twedde fiiew Johr Lääder. Dor häwwe ick auk miien Beroup, dat ick bis vantage mit Läiwe maake, fuun.

Os Tamara twäi Johr ault wör, häwwe ick mit den Studium anfangen un in drüdden Studiumjohr is Tainá gebuoden. Ick häwwe in däi Skoule Gomes Freire de Andrade toueeste os Sekretärin un dornau os Lehrerin arbäitet. Aumes häwwe ick an däi Univates Universität in Laskare Letras Portugisisk-Englisk studeert. Dat wör käine lichte Tiiet, owwer ick häwwe sau vieles läärd, os Mensk, Mutter, Ehewiief, Lehrerin un Studentin. Un olles up äin Moll. In däi Arbäit un in Studium häwwe ick mächtig viele goude Mensken os Skoulmestern, Kollegen un Skoilers kennen läärd. Ick häwwe jiede Geliägenhäit nutz den Kontakt mit änneren auk mit Sprachchen tou vörbiiien. Skoilers, däi auk aumes maroule wören, häwwe ick auk in Oor up Platt orre

Hunsrückisk wat goudes orre änstes seggt, auk wänn däi Stunde för Portugisisk, Englisk orre Literatur wör. Dat häf iähr noräinmoll äin bietken Gemüüt giben, orre häf däi fräche Skoilers äin bietken berüüget.

Os ick mit dem studeeren färrig wör, häwwe ick miene Arbäit mit Freude un Fließigkäit äinfach wietermaaket, un dann häwwe ick in 2002 däi Geliägenhät bekwuomen, äin Master an däi PUCRS in Porto Alegre tou maaken. Tou däi Tiit häwwe ick oll an däi Univates arbäitet. Miene Welt is noch äin bietken grötttere wuoden: drei Moll in däi Wieken mosse ick ganz frou in däi graure Stadt mit den Bus föören und dor tourächtkwuomen. Dor häwwe ick nigge Freundskuppen und Kontakte upbowwet un wiedenscaftlick Unnersoiken läärd... Owwer immer wär tou miene Heimat Languiru jieden Dag trügger föören, un in Laskare wieter arbäiten. Däi Kontakte hät miie den Wäg tou UFRGS in Porto Alegre wiist, wo ick miien Doktorad biie Cléo Altenhofen anfangen häwwe. Dat wör dat eeste Moll, wor ick miien Plattdüütsk uut Belien wiedenscaftlick unnersoiken konnde, wor ännere Mensken et interessiert häf, wuu wiie kürt, un wor ick üöwer sau viele ännere Sprauchen sau os miene läärd häwwe.

Un sau wör miene Welt wär noch up äin Moll mächtig grötttere wuoden! Sau viele nigges tou läärden. Et häf sick vieles sau schnell vörännert, auk in miien Liäben in Languiru. Et wör Tiit tou äin nigen Anfang. Wiägen miene wiedenscaftlicke Arbäit mit dat Plattdüütsk (dau wör et oll för miie brasilianiske Westfälisk in däi Wiedenscaft), häwwe ick in Johrgang 2009 däi Geliägenhät bekwuomen, för twäi Johr in Düütskland an däi Uni Kiel tou arbäiten und tou studeeren. Un mosse dann ganz schnell dat Haudüütsk läärden!

Däi twäi Johr sind hüüde oll twiälwe: dräi Johr in Kiel un nigen Johr in München! Un äin ganz nigges Liäben und äine drüdde Heimat: mit Freunden van ollerwiäggen und viele nigge Sprauchen tou däi ännere uut Brasilgen toukwoum, tüsken ännere: Haudüütsk, Spanisk, Plattdüütsk van Kiel, Bayerisk hie in München, auk Westfälisk uut Lengersken, wor ick däi westfäliske Sprache in Düütskland unnersogt häwwe. Owwer miien Platt uut Belien is noch däi Sprache, wor ick miie tou Huuse foile, wänn ick et küren kann.

MINHA LÍNGUA MATERNA EM MINHA VIDA: O VESTFALIANO DE BERLIM, NO BRASIL

Rosane Werkhausen¹

Se eu olho para trás, vejo que minha língua materna definiu muitos dos caminhos que segui em minha vida, de Berlim, no Brasil, onde nasci, até aqui na Alemanha, onde moro atualmente. Sempre estive e estou em casa, e nunca sozinha, quando posso conversar em sapato de pau, como o vestfaliano é conhecido pelos seus falantes. Por isso, posso afirmar que nosso lar é onde está nossa língua materna.

Aprendi essa bela língua na minha infância com a minha família e meus amigos e vizinhos, e a escutava e falava o tempo todo. Eu sou natural de Molke, na Berlim, município de Westfália, no Brasil, onde antigamente quase todo mundo falava ou entendia vestfaliano.

Quando éramos crianças, precisávamos todos ajudar a trabalhar na roça, e o dinheiro sempre era curto. No entanto, nós também nos divertíamos muito e éramos muito felizes, porque também brincávamos muito no estábulo ou no potreiro, e fazíamos muitas outras coisas: plantar milho, fazer pasto, ordenar as vacas e alimentar os gatos com o leite fresco recém ordenhado. As galinhas e os porcos alimentávamos com milho. Era sempre muito bonito, quando havia pintos, terneiros, leitões e gatinhos para cuidar.

Em dias frios e úmidos, com um chuvisco incessante, minha mãe fazia pipoca com melado e meu pai um chimarrão, e ficávamos todos na cozinha ao redor do fogão à lenha para nos aquecer. Momentos assim me alegravam muito, tanto que até hoje ainda faço pipoca com melado e chimarrão em dias assim, quando estou com saudades.

Na vizinhança, na Picada Molke, havia muitas crianças, e nós brincávamos muito todos juntos. Ninguém tinha bonecas ou bola de futebol compradas em lojas, nem bicicletas ou outros brinquedos assim. Isso, entretanto, não era um problema, porque sempre inventávamos novas brincadeiras: esconde-esconde, pega-pega,

¹ *Munique (Alemanha).*

escorregar com uma casca de coqueiro barranco abaixo no potreiro, brincar de casinha, cozinhar e fazer bolacha com barro... Nossos cachorros Fipi e Chico estavam sempre juntos também. Que época boa! O mais interessante era que havia duas famílias vizinhas que falavam hunsriqueano. Nós nos entendíamos todos, cada um em sua língua, e eu a aprendi também.

Aos domingos meu pai e meus irmãos iam para o Campo do Juventude, na Berlim. Meus irmãos jogavam futebol, e meu pai baralho com os amigos dele. Minha mãe tinha uma roda de visita na vizinhança. Cada domingo as mulheres iam visitar uma delas. Eu sempre podia escolher se eu queria ir junto com meu pai ou com a minha mãe. No Juventude, minhas amigas e eu costumávamos assistir aos jogos de futebol. Muitas vezes, vinham times de Boa Vista do Sul ou Garibaldi, e eles só falavam italiano. Essa língua soava tão melodiosa! Quando eu ainda era menor, preferia ir com minha mãe visitar as amigas dela, porque sempre havia muita comida boa: doces e bolachas, bolinhos, cueca virada, cuca e mate doce para as crianças. Normalmente, se reuniam de doze a quatorze mulheres, juntamente com todas as suas crianças. Era muito divertido!

Meu pai e minha mãe sempre nos diziam que nós não tínhamos muitos bens materiais, mas o que aprendíamos na escola era o que ninguém tiraria da gente. Quando eu era bem pequena, os meus dois irmãos e a minha irmã mais velha iam todos os dias a pé de tarde para a escola em Berlim e voltavam à noite. A escola ficava um pouco longe de nossa casa, a uma distância de mais ou menos cinco quilômetros (esse trajeto eu também tive que fazer mais tarde). Minha irmã mais velha mudou-se de casa ainda bem jovem para ir trabalhar na casa do seu professor. Ela continuou frequentando a escola, mas já não precisava caminhar tanto todos os dias. Meu pai, minha mãe, meus irmãos e eu sempre nos alegrávamos quando ela voltava para casa nos finais de semana. Quando mais tarde meus irmãos entraram no sétimo ano, eles tinham que caminhar até Arroio da Seca, em Imigrante. Minha irmã mais nova pôde mais tarde ir de ônibus escolar para Berlim e Imigrante. A partir do oitavo ano, ela veio morar conosco em Languiru, para cuidar de nossas filhas, porque eu trabalhava ou estudava à noite.

Quando eu comecei a ir para a escola, conheci um mundo inteiramente novo: um mundo onde tudo era em língua portuguesa. Eu já sabia um pouco de português,

porque meu pai contava todas as noites contos de fadas, e de vez em quando a contação era em português. Nós também assistíamos televisão, mas praticamente nunca falávamos em português. Nossa professora só falava e entendia português, os outros professores na escola só falavam hunsriqueano. Mas todos queriam que nós não falássemos vestfaliano na escola. Se por acaso nós usássemos nossa língua, ficávamos sem poder sair da sala no recreio.

Para nós na Berlim, o vestfaliano era realmente a língua da família, da vizinhança, da amizade e da confiança em todas as situações. No entanto, eu achava o hunsriqueano, o alemão, o português e o italiano muito bonitos e sentia-me feliz em saber falar ou entender todas essas línguas. E então apareceu também o inglês na escola! Essa língua foi fácil de aprender, porque inglês e vestfaliano têm muitas semelhanças. Compreender todas essas línguas e tê-las em minha vida sempre facilitou tudo, principalmente quando saí de casa no sétimo ano para estudar e trabalhar na Linha Schmidt, Westfália. Mais tarde, a mudança para Languiru, em Teutônia, também não foi um problema: eu conseguia me comunicar com todos!

Quando saí de casa com treze anos, sempre estudei e trabalhei paralelamente. Primeiramente, trabalhava de manhã e ia para a escola à tarde. Quando completei quinze anos, comecei a trabalhar durante o dia e estudar à noite. Sempre fui uma boa aluna. Nunca esqueci o ensinamento dos meus pais: o que se aprende ninguém pode tirar de nós. Esse lema me dava forças quando eu estava cansada, mas ainda tinha aula até as onze horas da noite durante toda a semana e ainda voltava nos fins de semana para a casa de meus pais e da minha irmã mais nova, para então ter que retornar aos domingos para Languiru.

Languiru, em Teutônia, tornou-se o meu segundo lar. Foi lá que morei até me mudar para a Alemanha. Com dezoito anos eu me casei e um ano mais tarde nasceu minha primeira filha, e, cinco anos depois, a segunda. Foi lá também que encontrei a profissão que exerço com muito amor até hoje.

Quando a Tamara tinha dois anos, comecei a fazer faculdade, e, durante o terceiro ano acadêmico, nasceu a Tainá. Naquela época, eu trabalhava na Escola Gomes Freire de Andrade, no início como secretária e mais tarde como professora. À noite, estudava Letras Português-Inglês na Universidade Univates, em Lajeado. Esse período não foi nada fácil, mas eu aprendi tanto como ser humano, mãe, esposa,

professora e estudante. E tudo ao mesmo tempo. No trabalho e na faculdade, conheci tanta gente boa, como professores, colegas e alunos. Eu usufruí de cada oportunidade para me conectar com os outros, também através da língua. Para meus alunos, que também vinham cansados para a aula, dizia algo positivo ou rigoroso em particular, também em vestfaliano ou hunsriqueano, mesmo sendo durante a aula de Português, Inglês ou Literatura. Isso os ajudava a se animarem, ou então, para os mais danados, a se acalmarem um pouco.

Depois de me formar, fui seguindo minha vida e meu trabalho com alegria e aplicação e, então, em 2002, tive a oportunidade de começar um Mestrado na PUCRS de Porto Alegre. Naquele tempo, eu já trabalhava na Univates. Meu mundo repentinamente se tornou um pouco maior: três vezes por semana ia de ônibus bem cedinho para a cidade grande, com a qual tinha que me acostumar. Lá fiz novas amizades e contatos e aprendi a fazer pesquisa científica... No entanto, voltava todas as vezes para a minha terra em Languiru, para então também continuar a trabalhar em Lajeado. Os contatos que fiz mostraram-me o caminho para a UFRGS em Porto Alegre, onde eu comecei meu doutorado com o Cléo Altenhofen. Foi a primeira vez que eu pude analisar, cientificamente, meu vestfaliano lá de Berlim e onde outras pessoas se interessavam como nós falávamos, ao mesmo tempo que eu aprendia tanto sobre outras línguas como a minha.

E assim meu mundo voltou a crescer enormemente! Havia tantas coisas novas para aprender. Tanta coisa mudou rapidamente, também na minha vida em Languiru. Tinha chegado o momento de começar uma nova vida. Por causa do meu trabalho de pesquisa com o sapato de pau (naquele momento já denominado vestfaliano brasileiro, nos trabalhos de pesquisa), tive a oportunidade, em 2009, de passar por dois anos na Universidade de Kiel para trabalhar e estudar. Eu tive que aprender alemão muito rapidamente!

Esses dois anos viraram atualmente já doze: três anos em Kiel e nove anos em Munique! E uma vida totalmente nova no meu terceiro lar: com amigos de todas as partes do mundo e o contato com muitas outras línguas que se juntaram às do Brasil, entre outras: o alemão, o espanhol, o baixo-alemão de Kiel, o bávaro de Munique, mas também o vestfaliano de Lengerich, onde eu fiz a pesquisa de campo na Alemanha. Porém, apesar de tudo isso, meu sapato de pau de Berlim, no Rio

Grande do Sul, Brasil, é ainda a língua com a qual eu me sinto em casa, quando posso usá-la.

28. MEINE MUTTERSPROCH ZWISCHE „DEITSCH, OESTERREICHISCH UNN BROSILIONISCH“¹

*Jussara Maria Habel*²

Ich sinn in en Gemeind uffgewachst, die die Bewohner *Russland* nenne. Ich hat ooch viel Zugang zu die Nochbarschgemeind, die *Oesterreich* heest, im Munizip Paverama, Rio Grande do Sul (RS), Brasilien. Die zweu Gemeinde lewe gut beisammer mit seine Traditione, Feste und seine Sott von Sproche. Das greeste Fest im Johr for die zweu deitsche Gemeinde is das Kerbfest, en Fest unner die Familie for die Inweihung von der katholische Kerich feire.

Ich woor immer schon neigeerich uff die Herkunft von der Deitschsprecher, die sich *Oesterreicher* unn *Russländer* nenne. Beim Versuch, die Urspringe von der erste Gemeind (*Oesterreich*) besser ze verstehn, soohn'se, seine Vorfahre weere von *Oesterreich* noh *Siedbrasilien* ausgewannert. Bei der zwette, meiner Gemeind, die mea *Russland* nenne, hot die Herkunftsgeschichte noch net auslehe kenne, for was so en Noome? Woor die Gemeind noh en *Deitschrussische* benennt, wie poor Inwohner behauptet? Die Wohrheit is, dass en Dokument aus die Gemeind noch net gefunn is, for die Geschicht klar mache.

Die Geschicht von der Kolonialisierung von der Gemeinschaft kleert een Teel von dem Kontext von der unnerschiedliche Sproche. Urspringlich woor Paverama von der Inheimische *Patos* besetzt, die *Indiooner*, wo im Johr 1944 unner dem Noome von der Gemeinschaft Paverama geehrt honn, was „Land for alle“ bedeit (*Pave* ‚for alle‘ + *Retame/Rama* ‚Land‘). Onschliessend harre die *Azoren* aus *Portugal* en Teel vom Land kolonisiert unn en annres Teel on *deitsche* Inwannrer ore on *Leit*, wo noch nohkomm sinn, verkooft. So woor die Geschicht von der Kolonialisierung der Gemeinschaft noh die Kultur unn Sproch vom Volk vorgestellt. Es sollte wenigst zweu Gruppe von *Deitsche* erwehnt werre: diejeniche, wo aus der alte Kolonien (*São Leopoldo*, *Novo Hamburgo*, *Dois Irmãos* usw.) ingewannert sinn, unn diejeniche, wo aus

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-28>

² *Paverama (Brasilien)*.

der nordliche Region von Böhmen komm sinn, die hier weche'em oesterreichische Reich als Oesterreicher bekannt sinn.

Wehrend meiner Kindheit woor die Sproch im Radio das „Brosilionische“, wie mea die Sproch im deutsche Dialekt nenne. Das Deitsche honn ich ooch in meiner Kindheit mit meine Eltre gelennt. Diese Sproch, die natierlich in der Familie gesproch wedd, nenne mea *Deitsch*, Altenhofen (1996) bezeichet die deutsche Sproch als Hunsrückisch, unn diese Sproch wedd noch heit in der Familie, unnich die Nochbre unn Freunde gesproch. Domols woor das normal, Nochbre unn Freunde spontan unn heifig besuche. So konnt ich frih lenne, dass Erwachsene zweu Sproche spreche konnte, unn dass ich in der Schul mein zwett Sproch, Brosilionisch, lenne kennt. Das is so passiert, wie ich sechs Jahr alt woor. Das woor en spassisch Ding, wall der Lehrer nur een Sproch spreche konnt unn wall das Deitschspreche in die Schul verbot woor. Von der Schulphase on woor mein Lewe langsam zweusprochig unn Jahr zu Jahr konnt ich die zweu Sproche verstehn unn spreche: Die Schulzeit woor uff Brosilionisch unn das Familielewe uff Deitsch.

Die Erfahrung hot mich motiviert, die Kenntnisse in der Schul weiter nohgehn unn noh megliche Antwotte suche, for die Zweifel unn die Frage iwer die Sproche minimiere. Wie ich Hochdeitsch on der Bundesuniversitet von Rio Grande do Sul (UFRGS) in Porto Alegre-RS ongefahng honn se lenne, honn ich festgestellt, wie mein deutscher Dialekt der Sproch von Deutsche in Deutschland unn von Lehrer on der Universitet ehlich woor. Wie ich die Orwett vom ALMA-H-Projekt (Atlas Linguístico-contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – Hunsrückisch) gekennt honn, das en Atlas von der gesprochne deutsche Sproch vorstelle will, woor mich klar, dass mein Dialekt ooch in Siedbrasilien, Paraguay unn Argentinien gesproch wedd. In dem Projekt honn ich gelennt iwer die Werte vom Deitsche unn die Bedeitung vom Deitschspreche nohdenke. Awer der Wunsch, for die Geschichte in meiner Heimatstadt kennelenne, hot mich Kraft gebb, for die Oesterreicher unn die Sproch beschreibe. So honn ich rausgefunn, dass uff dem Friedhof die Antwott „aus Böhmen“ unn „aus Oesterreich“ on sein Groobsteen gezeichnet woor, unn en Teel von die Geschichte der Gemeind auslehe konnt.

Die Geschicht iwer meine deutsche Abstammung is mir erst noh meinem Master-Abschluss im Museu von der böhmische Inwannrer in Nova Petrópolis-RS

bekannt gebb. Dat honn ich rausgefunn, dass meine Vorfahre ooch von Nordböhmen noh Siedbrasilie ausgewannert woore. Die sinn im Bundesstaat Rio Grande do Sul von Generation zu Generation weitergewannert, bis'se in das Taquari-Tool komm sinn. Unn all diese sprachliche unn kulturelle Kontakte hot Enderunge im Dialekt beigebrung, spezifisch bei der Aussproch unn der lexikalische Auswoohl, wo diese „böhmische Deutsche“ in die Deitsch-Gruppe charakterisiert hot. Im Vergang von der Johre honn sich die Böhmer zunehmend mit Deitsch-Sprecher integriert unn heit kommuniziere'se sich iwer en gemeinsame deutsche Dialekt. Annres is mit der Böhmen passiert, die sich direkt on die Grenz von Teutônia-RS (in Oesterreich) uff en Grundstück niedergeloss honn unn bis heit dat in Gruppe lewe. Diese Vereinigung hot hechstwahrscheinlich geholef, dass die Sproch mit seine eigne Merkmale in der Gemeinde Oesterreich sich lenger stark halle konnt.

Im Moment sinn en poor Familie mit dem intensive Gebrauch von Brosilionisch im effentliche Bereich unn im weitere Sinne im familiere Bereich konfrontiert. Das hot die sprachliche Woohl vom Monolingualismus unn net die Iwertragung von allegoore Dialekte in der Gemeinschaft motiviert. Das sollt doch schon for alle bekannt sinn, dass die Kinner uff natierliche unn mihelose Weise mehr als een Sproch lenne kenne. Unn for dass das Lenne stattfinne kann, misse die Familie doch wisse, wie important das is, jede Tooch mit seine Kinner die Sproch ze spreche. Das Weitergewe von der deitsch Sproch on Kinner passiert nore dorich'en aktive unn tegliche Gebrauch von der Sproch. Unn for dass 'es tatsechlich geschieht unn en Motivation als Onfangspunkt dient, misse mea offen iwer die Vorteele spreche, wo die Zweusprochiche im persenliche unn soziale Bereich gewinne kenne.

Weche meiner Lebenserfahrung mecht' ich en poor Vorteele erwehne, wo das Lenne von zweu ore mehr Sproche biete kann. Mir woor klar, dass ich en phonologisches unn wahrnehmungsbezognes Bewusstsin for verschiedene Laute von der Sproch(e) erreicht honn, was mir viel geholef hot, Englisch in der Schul unn Hochdeitsch on der Universitet ze lenne. Das Verstendnis von Filme in annre Sproche is ooch leichter gebb. Die spontane unn natierliche Kommunikation im Dialekt mit Mensche von unnerschiedliche Elter unn mit unnerschiedliche Bildung is in meiner Universitetszeit zum positive unn vielversprechende Punkt komm. Nebenbei fihle ich mich glicklicher, wall ich weiss, wie ma in mehr Sproche kommuniziert unn wall ich

die deitsche Inwannerungssproch geerbt honn, die mich gepregt hot unn dorich die ich mich klarer identifizierte kann. So woor ich mir bewusster unn jetzt interessiere ich mich vielmehr for verschiedene Kulture kenne ze lenne unn annre Sproche ooch onheere.

Schliesslich gesooht, das Wisse, der Respekt unn der Versuch for die Sproch von annre lenne unn spreche, bringt Mensche beisammer. Das baut ooch Freundschafts- unn Vertrauensbeziehung uff unn effnet Teere for en besser Zukunft. Die Moottersproch spreche is nett blos en sprachliches Recht for alle, awer ooch en Gelechenheit, sich besser mit dem Wisse unn der Diversitet vorzestelle kenne.

MINHA LÍNGUA MATERNA ENTRE O "DEITSCH, OESTERREICHISCH E O PORTUGUÊS BRASILEIRO"

Jussara Maria Habel¹

Cresci em uma comunidade denominada de *Russland* (Rússia) pelos moradores locais. No entanto, sempre tive bastante contato com a comunidade vizinha, conhecida por *Oesterreich* (Áustria), no interior do município de Paverama, no Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Esses grupos comunitários convivem harmoniosamente com suas tradições, suas festas e sua maneira de falar. O evento mais importante do ano, para essas comunidades de origem alemã, é a Festa do *Kerb*, uma comemoração entre as famílias para celebrar a inauguração das igrejas locais, ambas católicas.

Eu sempre fui muito curiosa sobre as origens dos falantes de alemão que se autodenominavam '*Oesterreicher*' e '*Russlenner*'. Quando tentavam explicar as origens da primeira comunidade (*Oesterreich*), conhecida atualmente por Linha Brasil, afirmavam que seus antepassados haviam migrado da Áustria para o sul do Brasil. No entanto, a segunda, minha comunidade de origem que chamamos de *Russland*, atualmente conhecida por Santa Manoela, ainda não tem a sua história de origem esclarecida. Por que essa denominação? Será que essa comunidade foi nomeada assim em homenagem a algum alemão-russo, como alguns moradores afirmavam? O fato é que ainda não se descobriu um documento da comunidade que desvendasse esse mistério.

A história da colonização do município explica partes desse contexto de pluralidade linguística. Inicialmente, Paverama era ocupada pelo grupo dos índios Patos, que foram homenageados em 1944 através do atual nome do município, Paverama, o qual significa "terra de todos" (*Pave* 'de todos' + *Retame/Rama* 'terra'). Na sequência, os açorianos colonizaram uma parte do território e venderam a outra parte das terras para imigrantes ou descendentes de alemães. Sendo assim, o histórico de colonização do município foi se moldando conforme as culturas e

¹ Paverama (Brasil)

línguas desses povos. Ao menos dois grupos de descendentes de alemães devem ser mencionados: os que migraram das Colônias Velhas (São Leopoldo, Novo Hamburgo, Dois Irmãos, etc.) e os que vieram da região norte da Boêmia, conhecidos aqui por *Oesterreicher*, em função do Império Austríaco.

Durante a minha infância, a língua transmitida pelo rádio era exclusivamente o português brasileiro, o qual chamamos de *Brosilionisch* no dialeto local, dialeto alemão que aprendi na infância com os meus pais. Essa língua transmitida de forma natural no âmbito familiar é a que denominamos de *Deitsch*, também denominada por Altenhofen (1996) de Hunsrückisch, e que, ainda hoje, é falada entre familiares, vizinhos e amigos. Era normal visitar os vizinhos e amigos de forma espontânea e com frequência. Assim, aprendi, desde cedo, que os adultos sabiam falar duas línguas e que eu poderia aprender a minha segunda língua, o português, na escola. Isso de fato ocorreu a partir dos meus seis anos na escola da comunidade e foi uma imersão em um espaço estranho, onde o professor era monolíngue e onde não era permitido falar em alemão. A partir da fase escolar, minha vida se tornou bilíngue e, aos poucos, conseguia me expressar nas duas línguas: o período escolar era em português e a vivência familiar ocorria em alemão.

Essa vivência me motivou a continuar os aprendizados no colégio e a buscar possíveis respostas ou soluções para minimizar dúvidas e questionamentos sobre as línguas faladas. Logo que iniciei os meus estudos em língua alemã (Hochdeutsch) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre-RS, percebi o quanto o meu dialeto alemão era parecido com a língua falada pelos alemães da Alemanha e, até mesmo, por professores da Universidade Federal. Quando conheci as pesquisas do Projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), que visa elaborar um Atlas da língua alemã falada, descobri que o dialeto alemão também era falado no sul do Brasil, Paraguai e Argentina. Nesse Projeto, aprendi a refletir sobre os valores que o alemão possui e sobre a importância de falar essa língua. Mas a vontade de descobrir os porquês relacionados à minha cidade natal, me levaram a pesquisar os *Oesterreicher* e sua língua. Assim, observei os registros em lápides do cemitério local que referenciava “*aus Böhmen*” e “*aus Oesterreich*”, enfim uma nítida menção à origem dessa comunidade.

Quanto à minha história em particular, sobre a minha descendência, apenas foi descoberta após o meu Mestrado, no museu dos descendentes de imigrantes Boêmios em Nova Petrópolis-RS. Ali descobri que os meus antepassados também haviam migrado do norte da Boêmia para o sul do Brasil. Eles foram migrando no RS, de geração em geração, até chegarem ao Vale do Taquari. E todo esse contato linguístico e cultural se mostrou efetivo na mudança do dialeto, em especial da pronúncia e das escolhas lexicais, o que caracterizou estes "alemães boêmios" como pertencentes ao grupo *Deitsch*. Com o passar dos anos, os descendentes de boêmios se integraram cada vez mais com os falantes do *Deitsch* e, atualmente, já se comunicam através de um dialeto comum. Por outro lado, os alemães vindos da Boêmia, que se fixaram nos lotes de terra adquiridos na divisa com Teutônia-RS, permaneceram em grupo por várias gerações. Essa união, muito provavelmente, ajudou a manter a língua com características próprias até os dias de hoje na comunidade de *Oesterreich*.

Atualmente, algumas famílias se veem confrontadas com o uso cada vez mais intenso do português nas esferas públicas e, por extensão, no âmbito familiar. Isso tem motivado a escolha linguística do monolinguismo ao invés da transmissão de todas as formas de fala e de dialetos existentes na comunidade. Enquanto somos crianças, podemos aprender mais de uma língua naturalmente e sem tanto esforço. No entanto, para que esse aprendizado ocorra, é necessário que as famílias saibam o quanto é importante usar as línguas diariamente com os seus filhos. A transmissão da língua alemã para as crianças só ocorre por meio do uso ativo e diário dessa língua. E para que isso aconteça de fato e tenha uma motivação como ponto de partida, devemos falar abertamente sobre os benefícios que os bilíngues podem atingir na esfera pessoal e social.

Com base em minha experiência de vida, gostaria de citar alguns benefícios que o aprendizado de duas ou mais línguas pôde me proporcionar. Percebi que alcancei uma consciência fonológica e perceptiva sobre diferentes sons da(s) língua(s), o que me auxiliou consideravelmente no aprendizado do inglês, na escola, e do Hochdeutsch, na Universidade. Compreender filmes em outras línguas também se tornou mais fácil. A comunicação espontânea e natural em dialeto com pessoas de diferentes idades e de diferentes escolaridades se tornou um ponto muito positivo

e promissor, enquanto estou na Universidade. Além disso, me sinto mais feliz pelo fato de saber me comunicar em mais línguas e, em especial, por ter herdado a língua de imigração alemã, porque é ela que me formou e é através dela que me identifico de forma mais esclarecida. Assim me tornei mais consciente e interessada em conhecer diferentes culturas e em ouvir outros grupos linguísticos minoritários.

Em suma, conhecer, respeitar, tentar aprender e falar a língua do outro, mesmo que desconhecida em um primeiro momento, aproxima as pessoas, constrói laços de amizade, de confiança e, também, abre portas para um futuro mais promissor. Falar a língua materna, a *Mottersproch*, é, nesse sentido, não apenas um direito linguístico de todos os falantes, mas também uma oportunidade de nos apresentarmos de forma inteira e consciente diante do conhecimento e da diversidade do mundo.

29. DIE WERTER VON MEINE SPROCHE UNN DIE GRENZE VON MEIN WELT¹

Gabriel Schmitt²

Als ich die Noome gesehn honn, von wer ins Buch vorkomme tet, honn ich mia iwerleht, dass viele schlaue Leit tere gut unn iwerscheen iwer Mottersproch unn Mehrsprachigkeit (wenn'ma das so soohn kann) in die Gesellschaft, in die Universidades, in der Gehenn, in die Bicher, unn so weiter, schreiwe. Was vielleicht nur ich mache kennt, weer schreiwe, wie ich bei kleine Dinge gespiert honn, was es bedeut, en Minderheitsproch in Brasilie ze spreche.

Awer gut. Wenn'ma iwer sich selwer schreiwe tut, muss'ma von Onfang onfange. Ich sinn in der Hospital von Stadtplatz uff die Welt komm. In annre Werter, ich sinn in Nova Petrópolis gebor, awer uffgewachst sinn ich in die Gross Vila Olinda. Erscht honn mia en Haus von der alte Müller alugiert, dot wo heit der Loteamento Bratz is. Das is newig der BR 116, good on die Casa do Vinho uff die anner Seit.

Als ich so 3 bis 6 Jahr alt woor hot mein Mama, die Solange, in ein Schuhfabrik geschafft, unn mein Pappa, der Gilnei ore Tuchê, hot Hinkle fa die Schlachtereie gefoohr. (Der is bis die Granjas gefoohr, fa der Caminhong en Lascht Hinkle ze loode, fa nocher bis der Schlachtereie ze nehme.) Unn ich sinn dann mitgang. Die leere Kiste bissche hin unn her schubbe und bei die Hinkle-Fange honn ich schon mitgeholt. Awer der Caminhong ze loode woor schon zu schwer fa so en kleen Pissguri. Dann hot der Musculoso ore der Fumaça mitgeholt, unn die Buwe, Menner unn Frooe von die Granja honn eifers ooch geholt. Die Hinkle sinn all uff Deitsch gefang gewoor: „tock die mo in die Eck“ ore „hier passt noch eene rin“, unn so weiter. Awer in die Cabine woor das Radio uff Bresilioonisch. Naja, allegebott is immer en nei Lied uff Deitsch komm, honn ich gedenkt. Awer goornix honn ich verstann. Etliche soohn, die kenne schon bissche vestehn von diese Lieder. Bloss viele Jahr speter honn ich wiese kriecht, dass die honn die mehrst Zeit bairische Lieder gespielt. Die mehrste Deitschlenner kenne das net verstehn!

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-29>

² Nürnberg (Deutschland).

Awer uff ee'mo wollte mein Pappa nicht mehr Hinkle foohre hole, wall er wollt der Brasil sich ongucke. Dann hot'er sich seלבst enn Caminhong kooft, fa Fretes von Rio Grande do Sul bis der Nordeste ze mache. Unn ich sinn dann mitgang. Enn mol woore mia, meine Mama und mein Pappa unn ich, weess net genau wo, awer das woor woorem. Der Caminhong woor voll mit Melone geloodt. Und dann hot die Poliss uns angehalt. Ich honn Bang kriecht unn honn ongefäng ze brille. Meine Mama hat mich gesooht *bleib ruhig* ore sowas uff Deitsch. Der Policial konnt nur Bresilioonisch. Der is so bees unn wutig geb, wall die uff enn anner Sproch gesproch hot, dass mia nechst all in die Kadee geschlof honn. Awer mein Pappa hot ihn dann mit Geduld tranquilisiert, und... Naja, ich honn ooch geheert, dass der Policial mechtig froh geb is, als er dann zwei Melone kriecht hot.

Awer gleich hot mein Pappa der Caminhong verkooft, unn die zweu honn sich en Bodege in Vila Olinda gekooft, unn mia sollte newig das Gescheft wohne. Ich woor dann sechs Jahr alt. Das grosse Haus unn ooch das alte Haus, das die Michaelsen Meddels abgeriss honn, for dass die Treppe ins Haus herre, und ooch der grosse Galpong, der bloss so abgeriss gebb is, woore schon seit lange dot, wo es Comércio im Vila Olinda gebb hot. Dann sinn die Leit dat hingang, fa was ze koofe, ore ze trinke. Der alte Schumann hot mein Pappa mit *Alte* cumprimentiert, unn er hot *Junge* zurickgesooht. Mit so zehn Jahr honn ich dann gelennt, die Kunne ze atendiere. Der alt Pippe honn ich schon en poor Zwiwel verkooft. Der Pesque hot immer gesooht *Geb mich en Samba unn en Peckche Zicker*. Manichmol hot's Churrasco unn Kootespiel geb. Mein Pappa hot dann das Fleisch uffgepasst, meine Mamma unn mein Bruder honn die Saladas in die Kich gemacht, unn ich woor hinnich der Balkong unn honn die Kelle kobriert. Awer ja, da harr' ich schon 12 Jahr. Der Gerson Dammer hat'mo gesooht, dass ich fa der die beste Caipira von sein ganze Lewe gemacht honn. Ich sinn sicher, dass das woor net bloss Gespräch von enn Besofne, wall der hot das noch 10 Jahre speter nommo gesooht. Wees ich net, ob der domols ooch besof woor.

Mit vezehn (14) sinn ich nach Ivoti gestrieppt. Der Ensino Médio honn ich in der IEI gemacht. Im Internat honn ich 3 Jahr gewohn. Das ich lennte, fa en Lehre sinn, honn ich nur speter wiesse kriecht. Von diese scheen Jugendzeit, ore Mulejohre, konnt'ma viel schreiwe. Awer ich wollt eich jetzt schnell noch zweu kleen Geschichtche vezehle.

Die erschte Geschichte honn ich in en *Excursão Artística* (EA) erlebt. Die EA woor en ganz Spetakel, mit Chor, Orchester, Theater uff Bresilioonisch unn Deutsch, ooch noch deutsche und gauchescas Folkstenze. So hot es geheest. Ma hot von Februar bis Juli ensaiiert, dann is'ma 2 Woche in die Winterferien gereest unn hot sich in verschiedene Municípios apresentiert. Da der IEI von die Rede Sinodal woor, honn die Evangelische Gemeinde sich organisiert unn fa jede Student dann en Bett arrumiert.

Also, 2010 honn'ma en Theater uff Deutsch gespielt, wo die Familie dann ins Restaurant gang is. Awer da woor de Cardápio etwas verrickt: es geebt bloss *Kees*, ore *Kees mit Kees*, ore *Kees mit Kees mit Woscht*. Das honn mia so oft gesooht, bis es lustig geb is. So woor der Teatro, als mia es fa die Lehrer apresentiert honn. Die musste das erst alleen gucke, fa ze soohn, was ma sollt anneste mache, wenn's net gut weer. Mea sollte stett *Woscht*, *Wurst* sagen. Unn das, was mia fa die Musikante gesooht honn, fa die onfange ze spiele – *D'ruff Bandinha* – das tet ooch net existiere. Awer die Lehrer konnte net rauskriehn, was'ma statt *D'ruff Bandinha* soohn kennt. Mia honn lang dariber diskutiert, ob mia wirklich kee *Woscht* und kee *D'ruff Bandinha* soohn tere.

Do honn'ma's egool gemacht, mit *Woscht* unn alles. Wall dat, wo mia uns zeiche tere, tere die Leit so spreche, unn so tere'se der Theater besser verstehn. Bis en Umt, wo dann der Diretor von die Schul die Apresentação gucke gang is. Das is in Tupandi, denke ich, passiert. Dann musste mia uns konzentriere fa *Wurst* sagen statt *Woscht* soohn. Awer vor die deutsche Volkstanze homm'er uns uns noch ongeguckt, wall da sollte jemand fa die *Bandinha* soohn, dass mea fertich woa, fa ze tanze. Ma kannte bloss *D'ruff Bandinha*, unn so hot jeman doch gesooht. Unn die Musikante honn stolz geantwott *Immer d'ruff!* unn honn ongefang ze spiele.

Die letzte Geschichte is noch kleener: der Hartmann woor en grosse Bub aus der Interior von Harmonia, Linha 48, denke ich. Weisse Hohr, helle Aue. Wenn er Bresilioonisch gesprocht hot, hot'ma Deitsch verstann. Wenn'er Deitsch spreche wollt, hot'ma Bresilioonisch geheert. Unn er wollt *Danças Gauchescas* lenne, awer er woor grob. Lang hot er ensaiiert, bis die mo dann der geloss honn, sich apresentiere. Dann am Tooch von die Apresentação, honn ich ehn moints ganz früh im Banheiro

vom Internat getroff. Er hot sich in die griene Bombache, weisse Himdt, grosse Stiefel unn rote Lenço stolz im Spiechel geguckt. Dann sooh't'er: „*Ich bin Gaúcho.*“

Das woore alles so kleene Muster, wo zeiche, wie ma von kleen uff das Platz von der Minderheitssproche in Brasilie besser schetze muss. Dass jede Sproch, wo ma spricht – ooch sein Mottersproch – *cool* is, wees ich heit bloss. Awer schon intressant dieses Paradox, Standard-Deutsch in die Schule unn Deitsch dehemm. Wenn die Kinner in die Schul noch sein Eltre uff Deitsch heere unn sich scheeme, wall „*die Eltre tere net richtich spreche*“, dann gewinnt ma mit dem Standard-Deutsch in die Schule? Wall, wenn es heit en poor Lehrerin unn Lehrer, die Standard-Deutsch in Schule von der Interior do Rio Grande do Sul lenne, is das zum grosse Teel, wall die Leit in die Interiores ooch Deitsch spreche. Was Gleichgewicht ore Equilíbrio bringe kann, is, wenn mo die Sproch fa alle Intressierte beschrieb is. Das gilt fa Biecher (wie diese), Werterbiecher, Karte ore Mapas. Ooch online. So dass ooch die Lehrer sich das besser vorstelle kenne, wenn'se net Deitsch spreche.

Es gibt so Dinge, die ma bloss uff een Sproch soohn kann, wie mein Motter beim „*bleib ruhig*“, ore die Tanzer beim „*D'ruff Bandinha*“, ore der Hartmann, als der sich im Spiechel unner'en schwarzte Hut unn in grosse Stiefele sich gesehn hot unn wusst' bloss, „*ich bin Gaúcho*“ soohn. Als Land sollt' Brasilie sich die Minderheitssproche *auf Augenhöhe* nehme, ore die deerst nehme, statt d'ruff alles was nicht *Padrão* is, gleich „*muss net sinn*“ soohn.

AS PALAVRAS DA MINHA LÍNGUA MATERNA E AS FRONTEIRAS DO MEU MUNDO

Gabriel Schmitt¹

Quando eu vi os nomes das pessoas que escreveriam textos para esta obra, percebi que muitas pessoas inteligentes tratariam do conceito de língua materna e pluralidade linguística na sociedade, na educação, e em livros. O que somente eu poderia fazer, seria escrever sobre o que eu vivi com a minha língua materna e o que ela significa para mim. Ninguém nunca conseguiu me dizer qual era a língua que eu cresci ouvindo todo mundo ao meu redor falar. Vou contar algumas histórias de como eu fui aprendendo qual era o valor que as pessoas davam para essa língua.

Vamos começar do começo: eu nasci no hospital em *Stadtplatz*. Isso quer dizer que eu nasci no centro de Nova Petrópolis, mas eu cresci na Vila Olinda. Primeiro, morávamos numa casa alugada do velho Müller, ao lado do que hoje é o loteamento Bratz. Isso é ao lado da BR 116, para baixo da Casa do Vinho.

Dos meus 3 aos 6 anos de idade, minha mãe, Solange, trabalhava numa fábrica de calçados, e meu pai, Gilnei, também conhecido como "Tuchê", puxava frangos para um abatedouro de aves. (Isso quer dizer que ele dirigia até as granjas, carregava o caminhão com frangos, e os levava até o abatedouro.) E eu ia junto. Eu ajudava empurrando as caixas vazias para lá e para cá, e capturando as aves. Carregar o caminhão seria já demais para um pirralho dessa idade! Quem ajudava era o Musculoso ou o Fumaça, além dos jovens, homens e mulheres das próprias granjas. Os frangos eram capturados em alemão: "*Tock die mo in die Eck*" ['toca elas pra esse canto'] ou "*Hier passt noch eene rin*" ['aqui, cabe mais uma'], por exemplo. Mas na cabine do caminhão a língua do rádio era o português. Tudo bem, às vezes parecia que alguma canção era em alemão. Eu digo parecia, porque eu não entendia nada. Alguns diziam que conseguiam entender um pouco dessas músicas. Só muitos anos depois fui descobrir que a maioria das músicas, que eu achava que eram em alemão, eram em Bairisch. A maioria dos alemães sequer entende Bairisch!

¹ Nürnberg (Alemanha).

Um dia meu pai não quis mais puxar frango, porque ele queria ver o Brasil. Então ele comprou um caminhão e se pôs a fazer fretes do Rio Grande do Sul ao Nordeste. E eu ia junto. Um dia fomos meu pai, minha mãe e eu para algum lugar que eu não lembro onde era, só lembro que lá era quente. O caminhão estava carregado com melancias. E a polícia nos parou. Eu fiquei com medo e comecei a chorar. Minha mãe me disse "*bleib ruhig*" ['fica quieto'] ou algo parecido em alemão. Mas o policial só falava português. Ele ficou tão brabo e raivoso, porque minha mãe tinha falado numa outra língua, que nós quase tivemos que dormir na cadeia. Com jeitinho meu pai aos poucos conseguiu acalmar o policial e até o deixou com um sorriso de orelha a orelha, quando ele recebeu duas melancias.

Mas logo meu pai parou com essas viagens. Ele e minha mãe compraram então uma bodega na Vila Olinda, e a gente foi morar do lado do negócio. Eu tinha seis anos. A grande casa onde moramos e tínhamos o negócio era uma antiga venda. Juntamente com a casa do outro lado da rua, que as Michaelsen derrubaram para poder construir uma escada dentro da casa, e o antigo galpão ao lado dessa casa, que simplesmente foi derrubado, esse era o ponto de comércio nesse ponto da antiga Estrada dos Imigrantes, uma das primeiras ligações terrestres entre Porto Alegre a Caxias do Sul. As pessoas paravam ali para fazer compras e para beber alguma coisa. O velho Schumann cumprimentava meu pai como "*Alte*" ['velho [camarada]'], e meu pai respondia com "*Junge*" ['meu jovem']. Por volta dos meus dez anos aprendi a atender os clientes. Eu vendi alguma cebola para o velho Pippe. O Pesque sempre pedia "*en Samba unn en Peckche Zicker*" ['um samba e um pacote de cigarros'].

Às vezes tinha churrasco e jogos de carta. Meu pai cuidava da carne, minha mãe e meu irmão faziam a salada na cozinha, e eu ficava atrás do balcão pra cobrar os clientes. Mas tá, ali eu já tinha uns 12. Uma vez o Gerson Dahmer disse que eu fiz certa vez a melhor caipirinha que ele já tinha tomado na vida. Eu tenho certeza de que isso não foi conversa de bêbado, porque ele repetiu isso dez anos depois. Só não me lembro se, nessa segunda oportunidade, ele também estava bêbado!

Com catorze anos eu fui para Ivoti. Fiz o Ensino Médio no Instituto de Educação Ivoti (IEI). Morei três anos no internato e fiz Magistério. Desses belos tempos da juventude, ou aborrecência, eu poderia escrever muito. Mas eu gostaria de contar para vocês duas pequenas historinhas.

O primeiro caso eu vivi na Excursão Artística (EA). A EA era um espetáculo com coral, orquestra, teatro em português e alemão, danças gauchescas e alemãs. De fevereiro até julho se ensaiava, então se viajava duas semanas durante as férias de inverno para se apresentar em diferentes municípios. Como o IEI era da Rede Sinodal, as Comunidades Evangélicas se organizavam para arrumar uma cama para cada estudante. Então.

Em 2010, apresentamos no teatro em alemão a seguinte esquete: uma família vai para um restaurante, em que o cardápio era meio estranho: só tinha "*Kees, ore Kees mit Kees, ore Kees mit Kees mit Woscht.*" Ou seja, queijo, ou queijo com queijo, ou queijo com queijo e linguiça. Repetíamos isso até ficar engraçado. E assim apresentamos para os professores. Eles assistiam o espetáculo numa apresentação prévia, onde havia quase uma rodada de elogios, críticas e sugestões. Uma das sugestões foi trocar a palavra *Woscht* por *Wurst*. Uma das críticas foi à expressão *D'ruff Bandinha*, que segundo as conclusões dos especialistas, nem havia um equivalente em alemão ou português. Na primeira reunião do grupo após a noite de comentários dos professores, se discutiu muito sobre qual era nosso público-alvo para nosso teatro em alemão.

Acabamos fazendo o teatro do nosso jeito, com *Woscht* e tudo, para nosso humor chegar ao maior público possível. Até que uma noite, minutos antes da apresentação, circulou o boato de que o diretor da escola estaria presente no espetáculo daquela noite, em Tupandi. Tivemos que nos concentrar para dizer *Wurst*. Mas, antes das danças alemãs, nós nos olhamos, porque ninguém sabia como dizer para a bandinha que estávamos prontos pra começar a dançar. Só sabíamos dizer "*D'ruff Bandinha!*", que foi o que alguém disse. E os músicos responderam "*Immer d'ruff!*" e começaram a tocar.

O último caso é ainda menor: o Hartmann era um guri parrudo vindo do interior de Harmonia, acho que da Linha 48. Cabelos quase brancos de tão loiros, olhos claros. Quando ele falava português, se entendia alemão. Mas quando queria falar alemão, a gente ouvia português. E ele queria aprender Danças Gauchescas, mas ele era duro. Ensaiou por muito tempo até que deixaram ele se apresentar. Então, no dia da apresentação, eu o encontro de manhã no banheiro do internato. Dentro de

suas bombachas verdes, camisa branca, botas grandes e lenço vermelho, ele se encarava orgulhoso no espelho. E então disse: "*Ich bin Gaúcho.*" ['Eu sou gaúcho.']

Esses foram pequenos relatos de um mosaico de subjetividades envolvendo línguas minoritárias no Brasil, e de como uma criança pode ser atravessada por dúvidas em relação ao bilinguismo, ao plurilinguismo e a sua identidade. Demorei décadas pra descobrir que cada língua que a gente sabe falar é uma coisa legal, inclusive nossa língua materna. Mas já acho deveras interessante o paradoxo na relação ensino de alemão *standard* nas escolas e a língua alemã falada em casa. Pois se as crianças voltam para casa, depois da aula de alemão, e têm vergonha da maneira como seus pais falam alemão, o que ganhamos na prática com o ensino de alemão *standard*? Se existem alguns professores de alemão nos interiores do Rio Grande do Sul, isso se deve em grande parte ao fato de o povo também falar *Deutsch*. O que pode trazer equilíbrio para essa questão é uma descrição dessa língua acessível ao grande público, com mapas, livros de reflexão e educação plurilíngue como este, dicionários, gramáticas. Também disponíveis *online*. Também para que os professores de alemão possam ter uma ideia melhor de qual o *background* dos seus alunos.

Além do mais, há algumas coisas que só dá para dizer numa língua específica, como minha mãe, quando precisava que eu ficasse em silêncio frente ao policial, ou os dançarinos com o *D'ruff Bandinha*, ou o Hartmann, que ao se ver no espelho embaixo de um chapéu preto e dentro de umas botas compridas só sabia se expressar com *Ich bin Gaúcho*. Como política de Estado, a República Federativa do Brasil precisa se posicionar com firmeza e sensibilidade em direção ao reconhecimento da sua riqueza linguística como patrimônio cultural imaterial e parar de uma vez por todas de silenciar aquilo que não é padrão.

30. DER WECH VON MEIN MUTTERSPROCH ZUR LITERATUR: EN KLEIN SPROCHBIOGRAFIE¹

Gerson Roberto Neumann²

Heit sinn ich in Strele (Estrela), wo mein Eltre wohne unn wo ich mein Kindheit gelebt hann. Ich will hier ein bissche iwer mein Arweit spreche.

Ich fange hier an, weche dass mein Arweit mit mein Lewe noch hier in Strele zu tun hat, unn das will ich verzehle.

Wo mein Eltre lewe, sinn mir herkomm, wie ich sieben Jahr alt woor. Vorher hann mia in Teutônia gewohnt, wo die Feines Vovo unn der Feines Fata (das is mein Grossvater) gewohnt hann. Dat sinn ich uff die Welt komm. Dat sinn ich ooch in die Schul gang. Awer dann sinn mia gleich wech gewannert. Wie ich klein woor, woor ich immer bei mein Vovo unn dat hann ich immer genn kleine Bichelche von die Vovo geguckt unn ooch schon geles. Das woore Bichelche von Deitschland, unn mein Vovo hat sie von die Kerich kriecht. Die hann ich immer schen gefunn, weche dass sie mit Bilder woore, unn so konnt ich sie ooch schon verstehn. Mein Vovo hat das immer mechtig schen gefunn unn hat sie mich immer geb.

In die Schul hann ich immer genn Bicher geguckt unn geles. Deheim hann mia awer nie viel Bicher gehat. Wie ich vierzehn Jahr alt woor, musst ich dann wisse, ob ich weiter lenne wollt unn das hann ich gemacht. Mit vierzehn sinn ich dann in Ivoti in die Schul gang. Das woor fa mein Lewe mechtig gut, weche dass ich dat bloss lenne konnt. Dat hann ich viel Sproche gelennt: Latim, Grego unn viel Deitsch. Erst wollt ich fa Fahre lenne. Das woor mein erste Wunsch, awer ich hann immer mehr Intresse fa Sproche gehat. In Ivoti konnt ich viel lese unn dat hann mia viel Arweite gemacht. Das hann ich immer genn gemacht.

Wie ich in Ivoti fertig woor, sinn ich dann net noh São Leopoldo zum Spichelberg, wo ich fa Fahre lenne sollt, awer ich sinn doch noh São Leopoldo gang, awer in die Unisinos. Das woor ein mechtig gut Zeit fa mich, weche dat hann ich dann

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-30>

² Porto Alegre (Brasilien).

fa Deitschlehrer gelennt.

In São Leopoldo hann ich mit annre Studente gewohnt unn eine hat genn Gedichte geschrieb. So hann ich viel Kontakt mit Literatur gehat. In die Unisinos musste mia viel lese unn hann viel iwer die deitsche Literatur gelennt. Immer mehr hat mich die Literatur intressiert unn immer mehr wollt ich lenne.

In São Leopoldo hann ich net viel Geld gehat unn desweche hann ich vesucht en Bolsa ze krieche unn hann in der Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros geschafft. Dat musst ich en Haufe Bicher auswehle unn klassifikiere. Dat woore Bicher in Latin, Grego unn Deitsch, awer ooch von ganz viel annre Sache. Unn dat hann ich gesiehn, dass das mein Dings woor, dass ich das mache wollt. Mein Arweit woor net in die Literatur, awer es woor in die História unn das Gute woor, dass mia dat iwer die deitsche Einwanderung gelest, gesproch unn geschafft hann. Bis heit mache ich das. Das woor so gut fa mich, dass ich dat wusst, dass ich das weiter mache wollt, weche dass ich das mechtig genn mache.

In São Leopoldo is noch etwas passiert, das ich genn soohn will, weche das ich bis heit driwer denke. Ich woor an die Unisinos unn dat hat en Lehrer fa mich gesoht, ich sollt mo mein Dialekt vergesse. Das hann ich lang fa mich allein in der Kopp behall, awer nie so driwer gesproch.

Noh der Unisinos sinn ich dann noh Rio de Janeiro gewannert, weche ich dat in ein gross Schul schaffe sollt. Dat sollt ich Deitschlehrer sinn unn hann ooch an die UFRJ mein Mestrado angefang. Unn in Rio de Janeiro hann ich gemerkt, dass Hunsrickisch mein erst Sproch is unn do hann ich wieder iwer das, was der Lehrer gesoht hat, nohgedenkt.

In mein Mestrado hann ich iwer die Bicher von zwei mechtig wichtiche Autore, ein evangelische – Wilhelm Rotermund – unn ein katholische – Balduino Rambo - analysiert. Die zwei Autore hann iwer die Wichtigkeit von der Sproch in die Bicher geschrieb unn das wollt ich wisse. Ich wollt wisse, ob die Religion ein Funktion in die Sache hat unn wie das fa die Mensche, die Deitsch in Brasilien spreche, is. So hatt ich alles, was ich dann gelennt hat, zusammen: von der História an die Unisinos, von der Literatur unn iwer die deitsche Einwanderung. Bis heit finne ich die Arweit gut. Es woor gut fa mich, die Arweit in Rio de Janeiro ze schreibe, weche dass ich so von weit iwer mein Lewe als Mensch, der aus deitsche Familie kommt, denke konnt.

Noh mein Mestrado unn die Zeit in Rio de Janeiro hann ich ein Bolsa in Deutschland versucht. Es is alles gut gelauf unn so konnt ich vier Johr in Berlin lewe unn mein Pesquisa weiter mache. Ich wollt wisse, was in Deitschland in der Literatur iwer die Auswanderung von Deitsche noh Brasilien geschrieb geb is. So hann ich viel mechtig intressante Bicher unn Autore gefunn, die ich vorher nie gesiehn unn geles hann. So hann ich Autore wie Friedrich Gerstäcker, Amalia Schoppe, Joseph Hörmeyer, Peter Joseph Rothmann unn ooch Texte ohne Autore geles.

Die Autore hann ich jetz schon in Portugiesisch iwersetzt unn so kenne die Leit, die net Deitsch lese, jetz die Autore lese. Fa mich is das schon etwas Gutes, das ich dorich mein Arweit abgawe konnt. Die Arweit in Deitschland hann ich 2004 geschrieb unn dann woor ich Doktor in Literatur, was ich noch heit mache. Die iwersetzte Bicher hann ich dies Johr in Buch rausgeb. So will ich soohn, dass es net immer so schnell geht, wie ma es genn hett, awer es is schon gut, dass die Bicher jetz do sinn.

Jetz sinn ich Lehrer in der UFRGS unn schaffe weiter mit das Thema Literatur, Ein- unn Auswanderung. Im Moment hann ich ooch Studente, wo jetz, wie ich domols, genn die Literatur lenne. Es is scheen, wenn ma sieht, dass die junge Leit ooch noch das suche, was ich domols gemacht hann. Das will ich jetz mache: junge Mensche die Chance gewe, das mache, was sie genn wolle.

Unn jetz am End will ich noch soohn, dass ich heit mein erst Sproch – Hunsrickisch - ooch in mein Arweit weiter schetze, unn immer wenn ich kann, bringe ich sie mit in mein Arweit rinn. Heit spreche ich immer noch Hunsrickisch, wenn ich kann. Mit mein Eltre unn mit andre Freunde spreche ich immer Hunsrickisch. Mit Sicherheit mache ich noch ein paar Sache, die mit Hunsrickisch ze tun hann.

O CAMINHO DA MINHA LÍNGUA MATERNA À LITERATURA: UMA PEQUENA BIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Gerson Roberto Neumann¹

Hoje (ao escrever este pequeno texto), estou em Estrela, onde meus pais moram e onde passei minha infância. Quero usar esse momento para falar um pouco sobre o meu trabalho e sobre a minha vida como falante de Hunsrückisch.

Eu inicio, aqui em Estrela, porque a minha vida profissional está ligada à minha vida pessoal ainda na minha cidade, e é isso que pretendo contar.

Para a localidade em que meus pais vivem, hoje, nós nos mudamos quando eu tinha sete anos. Antes disso, nós moramos em Teutônia, local em que moravam os meus avós maternos Feine. Foi lá que eu nasci. Lá também fui para a escola. Mas depois nós nos mudamos de lá.

Quando eu era pequeno, eu passava bastante tempo na casa da minha avó, onde eu sempre via muitos livrinhos, e alguns eu até tentava ler. Eram livrinhos enviados da Alemanha, e minha avó os recebia da igreja. Sempre gostei desses livrinhos por serem ilustrados e, assim, eu conseguia entendê-los melhor. Minha avó sempre achou muito bonito o fato de eu gostar dos livros e sempre os dava para mim.

Na escola, sempre gostei de ler e apreciar livros. No entanto, em casa, havia poucos, embora de valor incomensurável para mim. Quando completei 14 anos, tive que decidir se queria continuar estudando. Optei pelo sim, por continuar estudando. Com 14 anos fui estudar em Ivoti, o que foi muito bom para mim, por poder me dedicar somente aos estudos. Aí estudei muitas línguas: Latim, Grego e muito Alemão. Inicialmente queria seguir os estudos de Teologia. Este era o meu desejo, mas acabei me interessando sempre mais por línguas. "De onde vinha esse interesse?", eu me perguntava. Em Ivoti, eu pude ler muito e tive que estudar muito, o que sempre gostei de fazer.

¹ Porto Alegre (Brasil).

Quando concluí os estudos em Ivoti, não segui para São Leopoldo, no Morro do Espelho, onde me formaria pastor, mas fui para outra parte de São Leopoldo, para a Unisinos. Foi um período ótimo, tempo em que estudei para me tornar professor de língua alemã.

Em São Leopoldo, dividi apartamento com outros estudantes, e um deles gostava de escrever poesias. Assim, tive um contato ainda maior com a literatura. Na Unisinos, tínhamos que ler muito e aprendi muito sobre a literatura alemã, o que aumentava cada vez mais o meu interesse. Eu queria aprender sempre mais.

Em São Leopoldo, eu não tinha muito dinheiro. Por isso tentei conseguir uma bolsa de estudos e, de fato, consegui uma no Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros. Inicialmente, a minha função foi classificar uma montanha de livros. Havia livros em Latim, Grego e muitos em Alemão, mas havia livros de todas as áreas. Foi aí que percebi que esse era o meu mundo, que era isso que eu queria fazer. Meu trabalho não era na área da Literatura, mas na História e era muito bom, porque líamos e discutíamos muito sobre a imigração alemã no Brasil. Até hoje, me ocupo dessa temática de pesquisa. Essa experiência foi tão boa para mim que, a partir daí, eu soube que era isso que eu queria seguir, o que continuo fazendo com prazer.

Em São Leopoldo, aconteceu mais um fato importante para a minha vida, que eu gostaria de comentar aqui, pois ele me acompanha até hoje. Eu estudava na Unisinos, quando um professor me disse, em certo momento, que eu deveria esquecer o meu “dialeto”. Por muito tempo, guardei isso para mim, somente para mim, na minha cabeça, e nunca falei sobre isso.

Depois dos estudos na Unisinos, mudei-me para o Rio de Janeiro, para trabalhar como professor de alemão em uma grande escola. Paralelamente, iniciei meus estudos de Mestrado na UFRJ. No Rio de Janeiro, percebi que o Hunsrückisch era minha primeira língua, a minha língua materna, e novamente pensei sobre o que o professor havia me dito.

Na minha pesquisa de Mestrado, ocupei-me de obras de dois autores muito importantes: um evangélico-luterano – Wilhelm Rotermund – e um católico – Balduino Rambo. Ambos escreveram em suas obras sobre a importância da língua, e eu queria pesquisar justamente isso. Eu queria saber se a religião desempenhava uma função importante, nessa questão, para as pessoas que falam alemão no Brasil.

Assim, eu consegui reunir tudo que eu havia estudado ao longo dos anos: tanto a respeito da História, na Unisinos, quanto da Literatura e da imigração alemã no Brasil. Até hoje, acho o trabalho realizado bom. Foi uma experiência muito boa para mim, pois eu pude escrever o meu trabalho fora do meu contexto e, uma vez longe, pude refletir, a partir do Rio de Janeiro, sobre a minha vida como pessoa que saiu de um contexto de língua alemã no Brasil.

Depois do meu período de Mestrado no Rio de Janeiro, consegui uma bolsa para realizar meu Doutorado na Alemanha. Correu tudo bem, e pude passar quatro anos em Berlim e realizar minha pesquisa. Eu queria saber o que se escreveu na literatura ficcional alemã sobre a emigração de alemães para o Brasil. Dessa forma, encontrei autores muito interessantes nunca antes lidos, como Friedrich Gerstäcker, Amália Schoppe, Joseph Hörmeyer, Joseph Peter Rothmann e também textos de autores anônimos.

Recentemente, publicamos a tradução dos autores para o português, para que dessa forma os leitores brasileiros que não leem em alemão também possam ter acesso a eles. Para mim, isso é uma contribuição importante para minha vida como pesquisador. A pesquisa, eu concluí em 2004 e assim me tornei doutor em Literatura, sendo essa a área em que atuo até hoje. Os livros traduzidos para o português foram publicados este ano, o que mostra que nem sempre as coisas acontecem rapidamente, mas é importante que os livros estejam aí.

Atualmente, sou professor na UFRGS e continuo trabalhando na área da Literatura, em temas como e-/imigração. Também oriento pesquisas de estudantes, como eu também já fui orientado. É um prazer poder ver e acompanhar estudantes que também buscam seus objetivos, como eu o fiz. É o que quero fazer neste momento: dar a oportunidade aos jovens de fazerem aquilo que gostam.

Por fim, quero dizer ainda que, sempre que posso, uso e pratico a minha primeira língua – Hunsrückisch – no meu trabalho, valorizando-a. Falo Hunsrückisch com meus pais e com meus amigos e, certamente, ainda farei alguns trabalhos relacionados ao Hunsrückisch.

**31. „MUEDERSPROACH HOHELOHISCH“: DIE MUTTERSPRACHE IN EINEM LIED
AUF HOHENLOHISCH VON EUGEN GEIGER UND VERTONT VON JULIUS
GESSINGER¹**

Iona Gessinger²

Der im Folgenden besprochene Text „Muedersproach“ in drei Strophen, auf Hohenlohisch verfasst von Eugen Geiger (1865-1944), thematisiert die Vielfalt der Sprachen und die besondere Rolle der Muttersprache. Die hohenlohische Mundart wird im Nordosten von Baden-Württemberg gesprochen und gehört zur ostfränkischen Dialektgruppe.

Der Text „Muedersproach“ wurde von meinem Großvater, dem Hohenloher Komponisten Julius Gessinger (1899-1986), vertont. Das in Abbildung 1 dargestellte Liedblatt erschien 1960 im Hohenlohisch-Fränkischen Sing- und Spielbuch.

Auch wenn ich selbst nicht in Hohenlohe aufgewachsen bin und meinen Großvater leider nicht kennengelernt habe, freue ich mich immer besonders, die hohenlohische Mundart zu hören, wenn ich heute Orte wie Waldenburg, Kupferzell und Schwäbisch Hall besuche. Ihr Klang fühlt sich vertraut an.

Hohenlohisch ist gemeinhin weniger bekannt als zum Beispiel die schwäbische Mundart, mit der ich im Raum Stuttgart aufgewachsen bin. Das Schwäbische hat aufgrund historischer Entwicklungen auch in Hohenlohe eine dominante Rolle eingenommen, was sich zum Beispiel darin äußert, dass eine der bekanntesten Städte in Hohenlohe den Namen „Schwäbisch“ Hall trägt.

Wenn auch der Einfluss des Schwäbischen unbestritten und keinesfalls negativ zu bewerten ist, so sei doch hiermit das Hohenlohische einmal gezielt in unser Bewusstsein gerückt. Hören wir hin, wie es klingt! Eine Aufnahme des Liedes „Muedersproach“, interpretiert von meinem Vater Hartmut Gessinger (Gesang) und Istvan Horvath-Thomas (Klavier), sowie eine von Hartmut Gessinger gelesene Version des Textes sind diesem eBook beigelegt.

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-31>

² Saarbrücken (Deutschland).

Abb. 1: Liedblatt „Muedersproach“

Muedersproach

Munter Worte v. Eugen Geiger, Weise u. Satz v. Jul. Gessinger

1. Goar viel Blüemlich sann im Gar—te,
 2. Goar viel Vöi—chel singe Lied—lich,
 3. Goar viel Sproa—che gait's vnd Wört—lich,

1. jeds sieht wid—der anders aus.
 2. aaner trau—rich aaner frisch,
 3. al—le Kou mer net verstiah,

1. Und grood wall's sou goar verschie—de,
 2. je—der singt halt wie er's nou—bringt,
 3. a wer sou wie d'Mueder g'schwätzt hat,

1. Und grood wall's sou...

1. geewe's Zsamm en schiane Strauß.
 2. wie sei Schnoowel gwachse isch.
 3. des ver—stáht mer, des isch schia: || schia.

1. geewe's Zsamm... nur bei 3. Stroffe pp Wiederholen.

Aus: Julius Gessinger (1960). *Hohenlohisch-Fränkisches Sing- und Spielbuch*. J.G. Musikverlag, Schwäbisch Hall. Die Druckvorlage wurde handgeschrieben von Julius Gessinger unter Mithilfe von Hartmut Gessinger. Die Illustration stammt von Johanna Maier-Eulenbeck und Utta Gessinger.

Betrachten wir im Folgenden die drei Liedstropfen im Einzelnen:

1. Strophe (auf Hohenlohisch):

Goar viel Blüemlich sann im Garte,
jed's sieht widder anders aus.
Und good wall's sou goar verschiede,
gewe's z'samm en schiane Strauß.

Übersetzung (standarddeutsche Version):

Gar viele Blümchen sind im Garten,
jedes sieht wieder anders aus.
Und gerade weil sie so gar verschieden,
geben sie zusammen einen schonen Strauß.

In unserem Garten finden wir viele Arten von Blumen, jede für sich einzigartig in Form und Farbe. Wenn wir sie pflücken und zu einem bunten Strauß binden, ergibt sich ein Gesamtbild, dessen Schönheit in eben dieser Vielfalt liegt.

Wenn sich auch ein Strauß gleichmäßig gewachsener roter Rosen bisweilen großer Beliebtheit erfreut, birgt die Betrachtung eines bunten Wiesenstraußes doch einen besonderen Charme. Hier strahlt der Klatschmohn, dort schauen die Kornblumen hervor, Margeriten und Ringelblumen sind zwischen dem Grün der Gräser verteilt. Nimmt man sich Zeit, kann man immer neue Facetten entdecken – es bleibt interessant! Und so meine ich, verhält es sich auch mit der sprachlichen Vielfalt: Lässt man sich auf sie ein, ist sie einfach schön und richtig spannend.

2. Strophe (auf Hohenlohisch):

Goar viel Vöich'l singe Liedlich,
aaner traurich, aaner frisch,
jeder singt halt wie er's noubringt,
wie sei Schnoowel g'wachse isch.

Übersetzung (standarddeutsche Version):

Gar viele Vogel singen Liedchen,

einer traurig, einer frisch,
jeder singt halt wie er es hinbringt,
wie sein Schnabel gewachsen ist.

Die Vögel singen ihre Lieder, jeder auf seine Weise. Manch ein Lied erscheint uns traurig, ein anderes mag beschwingt klingen. Jeder kann mitsingen und keiner muss außen vor bleiben: Sie singen einfach, wie ihnen „der Schnabel gewachsen“ ist.

Zwar soll es Vögel geben, die den Gesang anderer Vogelarten – oder sogar das Klingeln von Mobiltelefonen – imitieren, allerdings handelt es sich dabei um kurzzeitige Imitationen im Rahmen des eigenen Gesangs. Auch wir Menschen passen unsere Sprechweise an Gesprächspartner/innen an oder imitieren sie manchmal sogar bewusst. Dies zeigt, wie flexibel wir sind. Es mag auch Situationen geben, in denen wir uns tatsächlich nicht wohl damit fühlen, zu sprechen, wie uns „der Schnabel gewachsen“ ist – etwa weil andere unsere Mundart negativ bewerten. Jede/r Einzelne sollte allerdings nicht vergessen, dass ihre/seine Sprechweise vollkommen in Ordnung und unbedingt sprechenswert ist.

3. Strophe (auf Hohenlohisch):

Goar viel Sproache gait's unn Wörtlich,
alle kou mer net verstiah,
awer sou wie'd Mueder g'schwätzt hat,
des verstäht mer, des isch schia!

Übersetzung (standarddeutsche Version):

Gar viele Sprachen gibt es und Wortchen,
alle kann man nicht verstehen,
aber so wie die Mutter geredet hat,
das versteht man, das ist schon!

Es gibt so viele Sprachen mit so vielen Wörtern auf dieser Welt, dass man leider nicht alle davon verstehen kann. Die Sprache, welche die Mutter gesprochen hat, versteht man jedoch und man hat eine ganz besondere Verbindung zu ihr.

Unter Umständen kann die schiere Fülle an Sprachen, die man potenziell

sprechen könnte, überwältigend erscheinen. Der Lernprozess ist oft mühsam und immer wieder stößt man an Grenzen. Man versucht, sich in der Fremdsprache auszudrücken, und es will nicht immer gelingen. Dabei kann man sich recht verloren fühlen. Die Sprache(n), die wir von klein auf gelernt haben – die der Eltern, der Familie, der direkten Umgebung – bieten die nicht zu unterschätzende Freiheit, mit mehr Leichtigkeit auszudrücken, was in uns vorgeht, und mitzuteilen, wer wir sind.

Lassen wir nun, nach der eingehenden Betrachtung des Liedtextes, die Vertonung noch einmal erklingen. Die Sprecher/innen deutscher Varietäten in Brasilien seien ermutigt, auch ihre „Muedersproach“ in all ihrer Vielfältigkeit zum Klingen zu bringen!

"MUEDESPROACH HOHELOHISCH": A LÍNGUA MATERNA EM UMA CANÇÃO EM HOHENLOHISCH DE EUGEN GEIGER MUSICADA POR JULIUS GESSINGER

Iona Gessinger¹

O texto discutido a seguir, de três estrofes, escrito em *Hohenlohisch* por Eugen Geiger (1865-1944), tematiza a diversidade das línguas e o importante papel da língua materna. O dialeto *Hohenlohisch* é falado no nordeste do estado de Baden-Württemberg, na Alemanha, e pertence ao grupo de dialetos leste-francônicos. O texto "*Muedersproach*" (que, em *Hohenlohisch*, significa 'língua materna') foi musicado por meu avô, o compositor Julius Gessinger (1899-1986), natural de Hohenlohe. A partitura apresentada na figura 1 foi publicada em 1960, no Livro de Partituras e Canto em francônio *Hohenlohisch*.

Mesmo que eu não tenha crescido em Hohenlohe e não tenha conhecido meu avô, tenho um carinho especial toda vez que escuto o dialeto *Hohenlohisch* e visito lugares como Waldenburg, Kupferzell e Schwäbisch Hall. A sonoridade do dialeto me é muito familiar.

O *Hohenlohisch* é normalmente muito menos conhecido do que por exemplo o dialeto suábio (alemão: *Schwäbisch*), com o qual cresci na região de Stuttgart. Por conta de sua importância histórica, o suábio assumiu também na região de Hohenlohe um papel dominante, que se expressa por exemplo no fato de uma de suas mais conhecidas cidades levar o nome de "*Schwäbisch*" Hall.

Ainda que a influência do suábio seja inegável, o que de forma alguma deve ser tido como negativo, chamamos a atenção aqui para o *Hohenlohisch*. Vamos escutar e ver como nos soa! Uma gravação da canção "*Muedersproach*", interpretada por meu pai Hartmut Gessinger (voz) e Istvan Horvath-Thomas (piano), assim como uma versão do texto lida por Hartmut Gessinger, estão anexadas neste e-Book.

¹ Saarbrücken (Alemanha). Tradução: Gerônimo Loss Bergmann.

Fig. 1: Partitura e letra da canção “Muedersproach”

Muedersproach

Munter Worte v. Eugen Geiger, Weise u. Satz v. Jul. Gessinger

1. Goar viel Blüemlich sann im Gar—te,
 2. Goar viel Vöi—chel singe Lied—lich,
 3. Goar viel Sproa—che gait's und Wört—lich,

1. jeds sieht wid—der anders aus.
 2. aaner trau—rich aaner frisch,
 3. al—le Kou mer net verstiah,

1. Und good wall's sou goar verschie—de,
 2. je—der singt halt wie er's nou—bringt,
 3. awer sou wie d'Mueder g'schwätzt hat,

1. Und good wall's sou...

1. geewe's Zsamm en schiane Strauß.
 2. wie sei Schnoowel gwachse isch.
 3. des ver—stäht mer, des isch schia!! schia.

1. geewe's Zsamm... nur bei 3. Stroffe pp Wiederholen.

Fonte: Julius Gessinger (1960). *Hohenlohisch-Fränkisches Sing- und Spielbuch*. J.G. Musikverlag, Schwäbisch Hall. A versão impressa foi escrita à mão por Julius Gessinger, com auxílio de Hartmut Gessinger. A ilustração é de Johanna Maier-Eulenbeck e Utta Gessinger.

Analisemos a seguir as três estrofes, separadamente:

1ª estrofe (em *Hohenlohisch*):

*Goar viel Blüemlich sann im Garte,
jed's sieht widder anders aus.
Und good wall's sou goar verschiede,
gewe's z'samm en schiane Strauß.*

Tradução:

Há muitas florezinhas no jardim,
Cada qual bela à sua maneira
E é por serem tão distintas
Que juntas formam um belo buquê.

Em nosso jardim, encontram-se diversos tipos de flores, cada uma única em forma e cor. Quando as colhemos e com elas montamos um buquê colorido, tem-se uma imagem do todo, cuja beleza se encontra justamente nessa diversidade.

Mesmo que um buquê de rosas vermelhas cultivadas uniformemente por vezes goze de grande popularidade, apreciar um buquê de flores colorido tem um charme especial. De um lado, brilha a papoula, de outro se destacam as marianinhas e, espalhadas entre o verde das gramíneas, margaridas e calêndulas. Tomando um pouco mais de tempo, podemos sempre encontrar novas facetas – e continua sendo interessante! E penso que o mesmo se aplica à diversidade linguística: se nos deixamos envolver nesse emaranhado, a experiência é simplesmente bela e fascinante.

2ª estrofe (em *Hohenlohisch*):

*Goar viel Vöich'l singe Liedlich,
aaner traurich, aaner frisch,
jeder singt halt wie er's noubringt,
wie sei Schnoowel g'wachse isch.*

Tradução:

Tantos passarinhos cantam canções,
Um triste, um com frescor,
Cada um canta como consegue
Tal como lhe cresceu o bico.

Os pássaros cantam suas canções, cada um à sua maneira. Uma canção nos parece triste, outra pode soar alegre e saltitante. Todos podem cantar junto e ninguém precisa ficar de fora: eles simplesmente cantam tal como lhes “cresceu o bico”.

É claro que haverá pássaros que imitam o canto de outras espécies – ou até mesmo o toque de telefones celulares – no entanto, trata-se de imitações ligeiras, no contexto do próprio canto. Também nós seres humanos adaptamos nossa maneira de falar de acordo com nosso interlocutor ou os imitamos, às vezes até conscientemente. Isso mostra o quão flexível somos. Também pode haver situações em que não nos sentimos à vontade para falar tal como nos “cresceu o bico” – talvez porque outros depreciam nossa maneira própria de falar. No entanto, cada indivíduo não deve esquecer que sua maneira de falar está perfeitamente em ordem e que é perfeitamente digna de ser reproduzida.

3ª estrofe (em *Hohenlohisch*):

*Goar viel Sproache gait's unn Wörtlich,
alle kou mer net verstiah,
awer sou wie'd Mueder g'schwätzt hat,
des versteht mer, des isch schia!*

Tradução:

Existem tantas línguas e palavrinhas,
Nem todas podemos compreender,
Mas a língua que a mãe falava,
Essa sim se compreende, e isso é lindo!

Existem tantas línguas com tantas palavras neste mundo, que nem sempre podemos compreender todas. No entanto, compreendemos a língua falada por nossa mãe e temos uma ligação muito especial a ela.

Em algumas circunstâncias, a imensa abundância de línguas que potencialmente podem ser faladas pode parecer esmagadora. O processo de aprendizagem é muitas vezes árduo e sempre voltamos a nos deparar com limites. Tentamos nos expressar na língua estrangeira e nem sempre isso funciona. Nesse processo, podemos nos sentir bastante perdidos. A(s) língua(s) que aprendemos desde pequenos – a(s) dos pais, da família, do entorno mais próximo – nos oferece(m) a inestimável liberdade de nos expressar com mais facilidade o que se passa dentro de nós e comunicar quem somos.

Após a análise detalhada do texto da canção, escutemos agora mais uma vez sua versão musicada. Desejo que as/os falantes de variedades alemãs no Brasil se sintam, assim, encorajados a também fazer soar sua "*Muedersproach*", em toda a sua diversidade.

**32. ROLLE DER MUTTERSPRACHE FÜR DIE BEZIEHUNGEN ZWISCHEN
DEUTSCHLAND UND BRASILIEN: REDE ZUR VERLEIHUNG DER AUSZEICHNUNG
ALS „MÉRITO UNIVERSITÁRIO“ DURCH DIE PUCRS (PORTO ALEGRE, 8.4.2022)¹**

Thomas Schmitt²

Sehr geehrter Rektor der PUCRS, Bruder Evilazio Teixeira,
Sehr geehrter Herr Prof. Draiton de Souza, Dekan der Geisteswissenschaften der PUCRS,
Sehr geehrte Professorin Claudia Lima Marques, Direktorin des CDEA
Sehr geehrte Herren Professoren und Amtsträger,
Liebe Gäste, liebe Freunde,

Ich erinnere mich gut an meine Ankunft in Porto Alegre im Jahr 2018. Ich war anfangs etwas verloren – so wie das wohl alle Diplomaten frisch bei der Ankunft auf einem neuen Dienstposten sind. Das gilt für das Alltagsleben ebenso wie für die Landessprache.

Zum Glück ging dieses Gefühl rasch vorbei. Bald fand ich Partner, die mich willkommen hießen. Es dauerte nicht lange, bis ich mich zu Hause fühlte und begann, meine neue dienstliche Aufgabe auszufüllen. Dabei spielten Mitarbeiter von PUCRS und CDEA eine ganz wichtige Rolle. Nicht nur als Partner, sondern bald auch als Vertraute und Freunde. Viele von ihnen sind heute in diesem Raum anwesend. Danke fürs Kommen!

Vor meinem Umzug hatte ich keine klare Vorstellung von der bedeutenden historischen und internationalen Stellung, die Porto Alegre und seine wissenschaftlichen, wirtschaftlichen und kulturellen Einrichtungen einnehmen – insbesondere im Austausch mit Deutschland und Europa. Das hat sich im Laufe des Jahres 2018 in meinem Bewusstsein grundlegend geändert.

¹ DOI – <https://doi.org/10.36592/9786581110789-32>

² *Deutscher Generalkonsul in São Paulo.*

Heute weiß ich: Die Rolle dieser Institutionen ist zentral, insbesondere in Bezug auf den wissenschaftlichen und kulturellen Austausch. Es gibt ein langjähriges, stabiles Netzwerk, getragen von vielen Einzelpersonen, das uns verbindet und das auch durch die Pandemie keinen bleibenden Schaden genommen hat. Ich bin stolz darauf, dass ich während meiner Zeit als deutscher Generalkonsul in Porto Alegre zum Ausbau dieser Bindungen beitragen konnte.

Die Pandemie hat gezeigt, dass wissenschaftliche Zusammenarbeit überlebens-wichtig sein kann.

Für Deutschland ist klar, dass wir nicht nur in den Natur- und exakten Wissenschaften kooperieren müssen.

Sicher ist: Ein geisteswissenschaftliches Symposium trägt nicht direkt dazu bei, schnellere Autos zu bauen oder in unseren Ländern neue Medikamente zu entwickeln. Der Beitrag der Geisteswissenschaften ist langfristiger, abstrakter und subtiler – aber manchmal eben auch grundlegender.

Wie wollen wir zusammenleben? Wie kommunizieren wir über kulturelle Grenzen hinweg? Auf welchen Werten und Regeln basieren wir unser Handeln – als Einzelne, als Gemeinschaften, aber auch als Staaten?

Bei allem Respekt: Auch der beste Biochemiker und der kreativste Ingenieurwissenschaftler hat keine Antworten auf solche Fragen. Und doch müssen wir in einer sich ändernden Welt immer wieder neu über sie nachdenken. Wenn wir das nicht tun, dann werden uns verkaufte Autos oder neue Medikamente nur wenig weiterhelfen!

Für die deutsche Bundesregierung ist klar, dass die Geisteswissenschaften auch weiterhin fester Bestandteil unserer Wissenschaftsförderungs-Außenpolitik sein werden. Ich möchte allen hier Anwesenden für die Entschlossenheit danken, mit der sie diesen Ansatz unterstützen. Denn das Überleben unserer demokratischen Systeme hängt auch davon ab, wie wir den Wertediskurs zwischen unseren Gesellschaften führen.

Fest steht: Deutschland, Europa und Brasilien sind wichtige, sogar strategische Partner füreinander. Wir teilen nicht nur viele Interessen, sondern auch Werte. Das spüre ich sehr genau bei Institutionen wie der PUCRS und dem CDEA, aber zum Beispiel auch bei der UFRGS und dem Goethe-Institut.

In Zeiten, in denen die Leugnung der Wahrheit, Aggression und Krieg als Mittel der Machtausübung zurückgekehrt sind und immer wieder drohen, die Politik zu ersetzen, ist für uns diese Wertepartnerschaft besonders wichtig.

Diesen Geist lebt auch das Deutsche Wissenschafts- und Innovationshaus (DWIH) in São Paulo. In den letzten beiden Jahren habe ich meine Arbeit aus Porto Alegre dort in diesem Sinne fortgesetzt. Ich weiß, dass viele von Ihnen da schon gute Kontakte besitzen. Ich möchte Sie ermutigen, diese Plattform zu nutzen. Das DWIH ist ein wichtiges Tor der Wissenschaft von Deutschland aus nach ganz Brasilien. Nutzen Sie seine Möglichkeiten!

Ein anderer Punkt ist mir ebenfalls sehr wichtig: Um uns austauschen und gemeinsam Mehrwerte schaffen zu können, müssen wir uns auch sprachlich und kulturell verstehen.

Und damit komme ich zu einem weiteren Bereich, der meiner Arbeit hier wichtige Inhalte gegeben hat. Damit meine ich die Förderung der Partnersprache. Fast alle von uns sprechen einigermaßen Englisch. Und das ist gut. Allerdings reicht das meiner Erfahrung nach nicht aus, um wirklich nah an den Partnern zu sein. Dazu muss man ihre Sprache und ihre Kultur verstehen. Fremdsprachen sind daher eine unverzichtbare Grundlage für die Teilnahme am internationalen Austausch.

Ich will nicht zu sehr ins Detail gehen über meine eigenen Versuche, Ihre Sprache gut zu sprechen. Portugiesisch ist für uns Deutsche nicht einfach. Es hat oft Wörter, die länger sind als in unserer eigenen Sprache. Ich habe das manchmal entmutigend am eigenen Leib erfahren. Und es besitzt definitiv mehr Zeiten. Vor allem im Subjunktiv hat es - für uns Deutsche - wirklich erschreckende Vergangenheitsformen!

Besser wir sprechen jetzt über die Zukunft! Damit meine ich die Zukunft der deutschen Sprache. Sie hat hier eine fast 200-jährige Geschichte.

Für mich war das eine Überraschung, als ich 2018 in Rio Grande do Sul ankam. Ich wusste nicht, dass es hier und in Santa Catarina hunderttausende Menschen gibt, die noch den Dialekt von drei meiner vier Großeltern verstehen. Oder zumindest einen eng mit ihm verwandten Dialekt, das „Hunsrik“.

Daher fühlte ich mich hier - besonders an den Wochenenden, wenn ich durchs Land reiste - nicht nur willkommen, sondern im wahrsten Sinne des Wortes „zu

Hause“. Hier habe ich besser als zuvor verstanden, wie wichtig die Muttersprache für das Selbstverständnis von Menschen sein kann.

Mit diesen regionalen Wurzeln besitzen Sie hier in Rio Grande do Sul wahrhaft einen verborgenen gemeinsamen Schatz – sowohl für die eigene regionale Identität als auch für all die Pläne, neue Brücken nach Mitteleuropa zu bauen. Das gilt nicht nur für das „Hunsrik“, sondern auch für den hiesigen italienischen Dialekt.

In dieser Hinsicht wird an UFRGS, CDEA und PUCRS wertvolle Arbeit geleistet. Dafür möchte ich mich heute bei allen Beteiligten bedanken. Einige von ihnen befinden sich in diesem Raum.

Der „Hunsrik“, verbunden mit einer lebendigen lokalen kulturellen Identität, ist erstens eine gute Basis, um das Interesse an Deutschland und Europa am Leben zu erhalten.

Zweitens ist es eine gute Grundlage, um anschließend Hochdeutsch zu lernen.

Und drittens kann es die Grundlage sein für ein Studium in Deutschland, für eine berufliche Ausbildung in Deutschland, der Schweiz oder Österreich - oder eine Karriere in deutschen Unternehmen und anderen Institutionen hier vor Ort. Das sind bereichernde Perspektiven für junge Menschen. Und das meine ich nicht nur finanziell.

Daran arbeiten nicht nur PUCRS, UFRGS und CDEA, sondern auch das Goethe-Institut, das Instituto Ivoti, unzählige Schulen mit deutschen Lehrplänen, Kulturvereine und viele, viele motivierte Einzelpersonen. Zum Beispiel in der deutsch-brasilianischen Industrie- und Handelskammer in Porto Alegre und in zahlreichen kleinen Gemeinden im Landesinneren. Es war mir eine Ehre und eine große Freude, im Rahmen meiner Möglichkeiten zu dieser Arbeit beizutragen. Ich fühle mich Ihnen, Ihrer Leistung und Ihrer Region noch immer sehr verbunden.

Anfang 2020 kam die Pandemie. Die physische Zusammenarbeit mit Partnern wurde unmöglich, wir mussten auf virtuelle Kooperation umsteigen. Mitte 2020 wurde ich vom deutschen Auswärtigen Amt für den zweiten Teil meiner Standzeit in Brasilien als Generalkonsul nach São Paulo versetzt.

Nun hat São Paulo große Nachteile. Es gibt dort kein Hunsrik. Keinen Chimarrão. Kein Grêmio-Stadion. Kein FRAPORT. Es gibt zwar eine CIP, aber keine SIBRA. Und nie Kaminabende im Winter, dafür viel Nieselregen im Sommer.

Aber das, was ich über die Bedeutung der Geisteswissenschaften für das gegenseitige Verständnis und die internationale Partnerschaft oder über die Bedeutung anderer Sprachen gesagt habe, gilt auch dort. In diesem Sinne versuche ich, in São Paulo das anzuwenden, was ich hier bei meinen Freunden aus Porto Alegre und von der PUCRS gelernt habe. Und ich verspreche: Das werde ich auch in der nächsten Station meiner Karriere fortsetzen.

Denn das ist nicht taktisch gemeint, sondern ist meine Überzeugung. Ich habe mich sehr gefreut, von der PUCRS als „Mérito Universitário“ benannt zu werden. Die Auszeichnung macht mir Mut, diesen Weg weiterzugehen und mich weiter für den Ausbau der Beziehungen zwischen Deutschland und Brasilien – und vor allem unter Einschluss der Gaúchos – einzusetzen.

Wo auch immer ich sein mag, seien Sie versichert, dass ich diesen Weg dort fortsetzen werde. Der heutige Tag war ein großer Ansporn für mich.

Danke für Ihre Aufmerksamkeit.

**PAPEL DA LÍNGUA MATERNA NAS RELAÇÕES BRASIL-ALEMANHA:
DISCURSO POR OCASIÃO DA OUTORGA DO "MÉRITO UNIVERSITÁRIO" PELA
PUCRS (PORTO ALEGRE, 8/4/2022)**

Thomas Schmitt¹

Magnífico Reitor da PUCRS, Irmão Evilazio Teixeira,
Prezado Prof. Draiton de Souza, Decano da Escola de Humanidades da PUCRS,
Prezada Professora Claudia Lima Marques, Diretora do CDEA
Excelentíssimos professores e demais autoridades,
Queridos convidados e amigos presentes,

Lembro-me bem da minha chegada a Porto Alegre em 2018. Estava um pouco desorientado, como todos os diplomatas recém-chegados a um país estão, no início. Isso se aplica tanto ao cotidiano quanto ao idioma.

Felizmente esta sensação foi breve. Os parceiros logo vieram me acolher. Não demorou muito, para que eu me sentisse em casa aqui, e conseguisse dar sentido ao meu trabalho. Pessoas da PUCRS e do CDEA tiveram um papel muito importante nisso. Não apenas como parceiros, mas logo também como confidentes e amigos. Muitos deles estão presentes nesta sala hoje. Obrigado por terem vindo!

Antes de me mudar, não tinha uma ideia clara da posição-chave histórica e internacional que Porto Alegre e suas instituições científicas, econômicas e culturais ocupam - especialmente em termos de intercâmbios com a Alemanha e a Europa. Ideia que foi fundamentalmente alterada em minha consciência, ao longo do ano de 2018.

Hoje eu sei: o papel destas instituições é central. Especialmente em relação ao intercâmbio científico e cultural. Existe uma rede estável e de longa data, apoiada por muitos indivíduos, que nos conecta e que não foi tão prejudicada pela pandemia.

¹ *Cônsul-Geral da Alemanha em São Paulo.*

Estou orgulhoso de que, durante meu tempo como Cônsul-Geral da Alemanha em Porto Alegre, pude contribuir para o desenvolvimento dessas conexões.

A pandemia mostrou que a cooperação científica pode ser essencial para a sobrevivência!

Para a Alemanha é claro que não podemos falar apenas das ciências naturais, como exatas e biológicas, na cooperação.

Certamente: um simpósio de humanidades não contribui diretamente para a construção de carros mais rápidos ou para o desenvolvimento de novos medicamentos em nossos países. A contribuição das humanidades é de longo prazo, mais abstrata e sutil - porém, às vezes pode ser ainda mais fundamental.

Como queremos viver juntos? Como nos comunicamos além das fronteiras culturais? Em que valores e regras fundamentamos nossas ações – como indivíduos, como comunidades, mas também como Estados?

Com todo o respeito: mesmo o melhor bioquímico e o cientista engenheiro mais criativo não tem resposta para essas perguntas. E, no entanto, em um mundo em mudança, temos que pensar nisso de novo e de novo. Se não fizermos isso, carros vendidos ou novos medicamentos farão pouco por nós!

Para o governo alemão está claro que as humanidades continuarão sendo parte integrante de nossa política externa de apoio científico. Gostaria de agradecer a todos pela sua determinação em apoiar esta abordagem. Porque a sobrevivência de nossos sistemas democráticos também dependerá de como conduzimos o discurso sobre nossos valores em nossas sociedades.

Uma coisa é certa: Alemanha, Europa e Brasil são parceiros importantes, até mesmo estratégicos, um para o outro. Não só compartilhamos muitos interesses, mas também valores. Sinto isso com muita força em instituições como a PUCRS e o CDEA, mas também na UFRGS e no Instituto Goethe, por exemplo.

Em tempos em que a negação da verdade, a agressão e a guerra voltaram como meio de exercício do poder, substituindo a política, esta parceria de valores é particularmente importante para nós.

Esse espírito também é vivido no Centro Alemão de Ciência e Inovação (DWIH) em São Paulo. Nos últimos dois anos, eu continuei meu trabalho de Porto Alegre com ele nesse sentido. Eu sei que muitos de vocês têm bons contatos lá. Quero encorajar

todos vocês a usarem esta plataforma. O Centro é a porta de entrada da ciência na Alemanha para todo o Brasil. Use as oportunidades dele!

Outro ponto é muito importante para mim: para poder trocar ideias e construir um valor agregado juntos, é preciso também nos entendermos linguística e culturalmente.

E isso me leva a outra área que deu ao meu trabalho aqui um conteúdo importante. Com isso quero dizer promover a linguagem do parceiro. Quase todos nós podemos falar um pouco de inglês. E isso é bom. Contudo, na minha experiência, isso não é suficiente para estarmos substancialmente próximos aos parceiros. Para fazer isso, você precisa conhecer seu idioma e sua cultura. As línguas estrangeiras são uma base indispensável para a participação no intercâmbio internacional.

Não quero entrar em muitos detalhes sobre minhas tentativas de falar sua língua. Português não é fácil para nós alemães. Muitas vezes tem palavras mais longas do que a nossa língua. Eu experimentei isso frustrantemente e des-es-perada-mente. E definitivamente tem mais tempos. Especialmente no subjuntivo realmente terrível do passado.

Melhor falar sobre o futuro agora.

Com isso quero dizer o futuro da língua alemã. Que tem uma história de quase 200 anos aqui.

Isso também foi uma surpresa quando cheguei aqui no Rio Grande do Sul. Eu não sabia que existem centenas de milhares de pessoas aqui e em Santa Catarina que ainda entendem o dialeto de três dos meus quatro avós. Ou pelo menos um dialeto muito relacionado, o Hunsrik.

Por isso, não só me senti acolhido aqui, principalmente nos finais de semana, quando viajei pelo interior, como literalmente em casa. Aqui compreendi melhor do que antes como a língua materna pode ser importante para a auto-imagem de cada um.

Com essas raízes regionais, vocês tem um verdadeiro tesouro coletivo escondido aqui no Rio Grande do Sul - tanto para sua própria identidade regional, quanto para todos os planos de construir novas pontes para a Europa Central. Isso não se aplica apenas ao Hunsrik, mas também ao italiano local.

Um trabalho valioso está sendo feito na UFRGS, no CDEA e na PUCRS nesse sentido. Gostaria de agradecer aos envolvidos por isso, hoje. Alguns deles estão nesta sala.

O Hunsrik, combinado com uma viva identidade cultural local, é uma boa base, em primeiro lugar para manter vivo o interesse pela Alemanha e pela Europa.

Em segundo lugar, é uma boa base para aprender alemão padrão depois.

E em terceiro lugar, pode ser a base para estudar na Alemanha, para experiência de trabalho na Alemanha, Suíça ou Áustria ou em empresas alemãs e outras instituições aqui. Essas são perspectivas enriquecedoras para os jovens. Eu não quero dizer isso apenas financeiramente.

Não só a PUCRS, a UFRGS e o CDEA estão trabalhando nisso, como também o Instituto Goethe, o Instituto Ivoti, inúmeras escolas com currículos de alemão, sociedades culturais e muitas, muitas outras pessoas motivadas. Por exemplo, na Câmara de Indústria e Comércio Brasil-Alemanha de Porto Alegre e nos pequenos municípios do interior. Foi uma honra e um grande prazer para mim contribuir para este trabalho dentro de minhas possibilidades. Ainda me sinto muito ligado a você, ao seu trabalho e à sua região.

No início de 2020 veio a pandemia. Trabalhar com pessoas fisicamente se tornou impraticável, tivemos que migrar para o virtual. Em meados de 2020, o meu Ministério Federal das Relações Exteriores me transferiu para São Paulo como Cônsul-Geral, para a segunda parte da minha estadia no Brasil.

São Paulo tem grandes *desvantagens*. Sem Hunsrik. Sem Chimarrão. Sem Grêmio. Sem FRAPORT. Com a CIP más sem a SIBRA. Sem noites de lareira no inverno, e com bastante garoa no verão.

Porém, o que eu disse sobre a importância das Humanidades para o entendimento mútuo e a parceria internacional, ou sobre a importância de outras línguas, isso se aplica lá, também. Nesse sentido, procuro aplicar em São Paulo o que aprendi aqui, com meus amigos de Porto Alegre e da PUCRS. E prometo: farei o mesmo na próxima estação da minha carreira.

Porque isso não é taticamente, mas vem da convicção. Fiquei muito feliz em ser convidado pela PUCRS como mérito universitário. Ela me incentivou a continuar

nesse caminho, e a continuar trabalhando na expansão das relações humanas entre a Alemanha e o Brasil - e sobretudo, com os gaúchos.

Onde quer que eu esteja, tenha certeza de que você me encontrará lá, neste caminho.

O dia de hoje é uma grande honra para mim. Obrigado pela sua atenção!

DOS AUTORES E DAS AUTORAS

Angélica Prediger é natural de Imigrante – RS, Brasil. Tem formação em Letras Português-Alemão pela Unisinos e pelo Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã (IFPLA), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde abril de 2020, atua como docente e pesquisadora em seu pós-doutorado em Linguística de Corpus voltada ao alemão como língua minoritária na Otto-Friedrich-Universität Bamberg, na Alemanha.

Anna Ladilova nasceu em Nizhnij Novgorod, Rússia, e mudou-se para Göteborg, Suécia, aos 10 anos de idade. Três anos depois, mudou-se para Gießen, Alemanha. Fez toda a sua formação na Universidade Justus Liebig de Gießen, onde também atua como professora, trabalhando com temas ligados a contatos linguísticos, multimodalidade e comunicação intercultural.

Bernardo Kolling Limberger nasceu em Santo Ângelo – RS, Brasil, e viveu grande parte da sua infância em São Pedro do Butiá – RS. Fez sua formação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio de doutorado na Universidade de Freiburg. Desde 2018, é professor de graduação (área de Língua Alemã) e de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordena o Laboratório de Psicolinguística, Línguas Minoritárias e Multilinguismo. Atualmente, desenvolve, com bolsa da Fundação Alexander von Humboldt, pesquisa de pós-doutorado na Univ. Técnica de Dortmund.

Birte Arendt nasceu em Bergen, no estado de Mecklenburg-Vorpommern, Alemanha, e passou grande parte de sua infância nas ilhas de Rügen e Usedom. Fez seus estudos de doutorado e habilitação (*Habilitation*) na Universidade de Greifswald, onde atualmente – depois de realizar uma série de estágios internacionais – coordena o Centro de Competência para a Didática do Baixo-Alemão (*Kompetenzzentrum für Niederdeutschdidaktik*).

Claudia Wolff Pavan nasceu em Porto Alegre – RS, Brasil, e viveu muitos anos na Suíça. Fez sua formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, atualmente, é doutoranda do PPG-Letras, na linha de pesquisa de Sociolinguística, e bolsista CAPES/UFRGS, com estágio de pesquisa na Univ. Augsburg.

Cléo V. Altenhofen nasceu em São Leopoldo – RS, Brasil, e viveu grande parte da sua infância em Harmonia, no Vale do Caí. Fez sua formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado, na Johannes Gutenberg-Universität Mainz, com bolsa do DAAD. Atualmente, é professor titular do Instituto de Letras, área de Língua Alemã da UFRGS, e, no PPG-Letras, atua na linha de pesquisa de Sociolinguística. Como bolsista da Fundação Alexander von Humboldt, realizou pós-doutorado nas Universidades de Kiel e Marburg. Em parceria com Harald Thun (Univ. Kiel), coordena o Projeto ALMA (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na

Bacia do Prata). Por suas contribuições à pesquisa e incentivo à língua alemã, recebeu, em 2021, a Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha/*Bundesverdienstkreuz am Bande*.

Cristiane Horst nasceu em Teutônia/Estrela – RS, Brasil. Fez sua formação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e doutorado na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, na Alemanha. Atualmente, é professora associada e atua no Curso de Letras Português e Espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Univ. Federal da Fronteira Sul (UFFS). Atua na linha de pesquisa de Diversidade e Mudança Linguística. Em parceria com Marcelo J. Krug e Joachim Steffen (Univ. Augsburg) coordena o Projeto ALCF (Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – Oeste Catarinense). Atualmente, é professora pós-doutoranda na Universidade de Augsburg, na Alemanha.

Elmar Eggert nasceu na cidade de Münster (Westfália), Alemanha, e passou sua vida escolar e universitária sobretudo na Westfália, onde concluiu sua tese de doutorado na Universidade de Münster e sua tese de livre docência na Universidade do Ruhr, na cidade de Bochum. Atualmente, é professor de Linguística Românica na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel e trabalha com projetos de pesquisa sobre cultura e línguas regionais no Brasil e em outras partes do contexto românico.

Erineu Foerste nasceu em Vila Pavão – ES, Brasil. cursou Licenciatura em Letras na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Concluiu doutorado em Educação, no Rio de Janeiro e pós-doutorado na Universidade de Siegen, Alemanha. Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação. É líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Culturas, Parcerias e Educação do Campo, com interesse em pesquisas nas culturas, línguas e educação.

Fernanda Von Mühlen nasceu em Teutônia – RS, Brasil, onde cresceu em contato com o vestfaliano e o hunsriqueano. Fez sua formação de graduação e mestrado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e, atualmente, é doutoranda do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa de Sociolinguística.

Fernando Hélio Tavares de Barros nasceu em Alta Floresta – MT, fez sua formação na Universidade do Estado de Mato Grosso (Campus Sinop-MT), mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado com bolsa CNPq/DAAD – área de Romanística – na Universidade de Bremen (UB), Alemanha, com estágios de pesquisa também no projeto ALMA e na Universidade de Kiel. Suas pesquisas são voltadas aos estudos do léxico.

Gabriel Schmitt nasceu em Nova Petrópolis – RS, Brasil. Fez o Curso Normal/Magistério no Instituto Ivoti. Fez sua formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, atualmente, cursa o mestrado europeu em Lexicografia (EMLex), com bolsa do Erasmus+, na Univ. Erlangen-Nürnberg e na Univ. de Santiago de Compostela, com ênfase em dicionários de línguas de imigração do Brasil.

Gerda Margit Schütz Foerste nasceu em Carazinho – RS e, atualmente, reside em Vitória – ES, Brasil. cursou Licenciatura em Educação Artística na FEEVALE, em Novo Hamburgo – RS. Concluiu doutorado em Educação, em Niterói – RJ, na Universidade Federal Fluminense (UFF), e pós-doutorado no Centro de Infâncias, Juventude e Biografias da Universidade de Siegen, Alemanha. Atualmente, é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Imagens, Tecnologias e Infâncias, com interesse em pesquisas sobre as linguagens (verbais e visuais), culturas e educação.

Gerson Roberto Neumann nasceu em Estrela – RS, Brasil. Fez sua formação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e doutorado na Freie Universität Berlin (FU-Berlin). Atualmente, é professor associado do Instituto de Letras, área de Língua Alemã da UFRGS, onde atua, na pós-graduação, na linha de pesquisa de Teoria, Crítica e Comparatismo. Em parceria com Ottmar Ette (Univ. Potsdam), coordena o Convênio Erasmus KA107 e é líder do Grupo de Pesquisa do CNPq *Cosmos Littera*.

Harald Thun nasceu em Falkenberg, Alemanha. Fez doutorado e habilitação respectivamente nas universidades de Münster e Mainz, onde foi aluno de Eugenio Coseriu. Atualmente, é professor emérito da Univ. Kiel e referência teórica principal do modelo de dialetologia pluridimensional e relacional. Entre as diversas pesquisas que desenvolveu, na América Latina, está a chamada trilogia rio-platense, que reúne os atlas linguístico-contatuais do Uruguai (português e espanhol), do Guaraní no Paraguai e, por fim, o ALMA (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata), que desenvolve em parceria com Cléo V. Altenhofen (UFRGS).

Ingrid Kuchenbecker nasceu em Três de Maio – RS, Brasil, e viveu em diferentes lugares na sua infância. Fez sua formação na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA) e doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com ênfase em estudos de multilinguismo/plurilinguismo e políticas linguísticas.

Iona Gessinger nasceu em Stuttgart e cresceu em Sindelfingen, Alemanha. Ela se formou em línguas românicas e fonética nas universidades de Jena e Marburg. Em 2014/2015, atuou como professora de alemão na UFRGS, em Porto Alegre, com uma bolsa DAAD/Capes. Atualmente, está concluindo seu doutorado na Universidade de Saarland, em Saarbrücken, sobre o tema da adaptação fonética na interação entre homem e máquina.

Jaime John nasceu em Bom Princípio – RS, Brasil, onde viveu até os 16 anos. Realizou estudos de Filosofia, com ênfase em Antropologia Filosófica, na PUCRS. Atualmente, é Professor da FURG (Universidade Federal de Rio Grande), em Rio Grande, onde atua na área de Filosofia, abordando temas relacionados à história do pensamento, ética e antropologia histórica.

Joachim Steffen nasceu em Bad Segeberg – Schleswig-Holstein, Alemanha. Fez sua formação e doutorado na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (C.A.U.). Atualmente, é professor catedrático de Linguística Românica na Universidade de Augsburg, Alemanha. Seus interesses de pesquisa incluem o contato linguístico, a geografia linguística e a sociolinguística histórica.

Jürgen Erich Schmidt nasceu em Mayen/Eifel, Alemanha. Fez sua formação e seu doutorado na Johannes Gutenberg Universität Mainz. Foi Professor de Linguística Alemã na Universidade de Greifswald, diretor do Instituto de Germanística, diretor do “Forschungszentrum Deutscher Sprachatlas” (Centro de Pesquisa do Atlas Linguístico da Alemanha), na Universidade de Marburg e presidente da Sociedade Internacional de Dialectologia Alemã (*Internationale Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen* – IGDD). Liderou o projeto de pesquisa de base do “Digitaler Wenker-Atlas” e, atualmente, dirige o projeto de pesquisa REDE.de (“Regionalsprache.de”), que conta com fomento da Academia de Ciências e Literatura de Mainz.

Jussara Maria Habel nasceu em Paverama – RS, Brasil, onde morou até os 15 anos de idade. Fez sua formação em Letras Português-Alemão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, atualmente, é doutoranda do PPG-Letras, na linha de pesquisa de Sociolinguística, com bolsa CNPq.

Karen Pupp Spinassé nasceu no Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Morou cinco anos na Alemanha e vive há 15 anos em Porto Alegre – RS. Fez sua graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o doutorado na Univ. Técnica de Berlin. Realizou pós-doutorado na Univ. Friedrich-Alexander Erlangen-Nürnberg e na Univ. Potsdam. Desde 2006, é professora do Setor de Alemão do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na Pós-Graduação, atua nas linhas de pesquisa de Linguística Aplicada e de Sociolinguística, com ênfase na Didática do Multilinguismo e no Biletramento.

Katja Schnitzer nasceu em Freiburg im Breisgau, Alemanha. Fez sua formação e doutorado na Escola Superior de Educação de Freiburg. Atualmente, é docente na Escola Superior de Educação FHNW, na Suíça, onde atua na formação e aperfeiçoamento de professores de alemão. Os seus campos de trabalho e pesquisa incluem o ensino de alemão no contexto da diversidade, a aquisição do alemão como segunda língua, o plurilinguismo e a promoção da leitura plurilíngue. Além disso, ocupa-se com a temática do plurilinguismo no contexto europeu no âmbito de vários projetos.

Lucas Löff Machado nasceu em Porto Alegre – RS, Brasil, onde fez sua formação de graduação e mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez doutorado, com bolsa do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt, área de Germanística, com ênfase no estudo do contato linguístico alemão-português.

Lucildo Ahlert nasceu em Estrela – RS, Brasil, e viveu grande parte de sua infância em Linha Schmidt, hoje município de Westfália. Fez sua graduação em Economia na Fates, atual Universidade do Vale do Taquari (Univates) e mestrado em Engenharia de Produção na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atuou como professor universitário, na área de gestão, na Univates (Lajeado – RS) e fez especialização em Ensino e Aprendizagem da Língua Alemã, no Instituto de Educação de Ivoti – RS. Atualmente, atua como coordenador do Grupo Amigos do Sapato de Pau, que desenvolve atividades para o resgate e preservação da cultura westfaliana, no município de Westfália. Além disso, é escritor integrante da Academia Literária do Vale do Taquari (ALIVAT), em Lajeado – RS, onde ocupa a cadeira de número 37, e genealogista com desenvolvimento de pesquisas, estreitamente ligadas à Alemanha, relacionadas com suas famílias ancestrais.

Marcelo Jacó Krug nasceu em Brochier/Montenegro – RS, Brasil. Fez sua formação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, na Alemanha. Atualmente, é professor associado do Curso de Letras Português e Espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó. Atua na linha de pesquisa de Diversidade e Mudança Linguística. Em parceria com Cristiane Horst e Joachim Steffen (Univ. Augsburg) coordena o Projeto ALCF (Atlas das Línguas em Contato na Fronteira). Atualmente, é professor visitante e bolsista da Fundação Humboldt na Univ. Augsburg, na Alemanha.

Marcia Meurer nasceu em Guarapuava – PR, Brasil, e viveu sua primeira infância na Colônia Entre Rios. Fez sua formação na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é doutoranda do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa de Sociolinguística, e professora assistente do Departamento de Letras da UEMA.

Martin Hansen nasceu em Bergen, na ilha de Rügen, Alemanha, e fez sua formação na Univ. Greifswald, onde também trabalhou no Dicionário do Pomerano. Na sua tese de doutorado, com conclusão prevista para 2022 na Univ. Göteborg – Suécia, pesquisa com base em um corpus próprio a variação linguística e o contato linguístico em construções com verbos existenciais no pomerano falado no Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Peter Rosenberg nasceu em Berlim, Alemanha. Fez doutorado na Universidade Livre de Berlim, onde começou a pesquisar sobre as ilhas linguísticas do alemão na Rússia. Atualmente, é Professor Sênior na Universidade Viadrina em Frankfurt (Oder), na fronteira entre Alemanha e Polônia. No fim dos anos 1990, iniciou suas pesquisas sobre ilhas linguísticas do alemão no sul do Brasil, lançando as bases para um conceito de pesquisa comparativa, especialmente na área de mudança linguística e morfologia. Entre outros projetos de pesquisa dialetológica, publicou no âmbito do projeto “Variação Linguística no Norte da Alemanha” (juntamente com Michael Elmentaler, Kiel) o *Atlas Linguístico do Norte da Alemanha*. Suas demais áreas de

pesquisa e ensino incluem contatos linguísticos e política linguística (minorias linguísticas, língua em contexto de migração). Atualmente, é bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e da CAPES, como professor visitante na Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói – RJ.

Rosane Werkhausen nasceu em Teutônia – RS, Brasil, e trabalha na Universidade Técnica de Munique (TUM), cidade onde mora há alguns anos. Fez sua formação na Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre. Atualmente, é doutoranda em Linguística Aplicada (Romanística), na Univ. Augsburg, e pesquisa o português em contato com o vestfaliano no sul do Brasil.

Sebastian Kürschner nasceu em Freiburg, Alemanha. Fez sua formação e doutorado na Univ. Freiburg. Depois de trabalhar nas Universidades de Groningen (Holanda) e Erlangen-Nürnberg, é atualmente Professor de Linguística Alemã na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt. Sua pesquisa centra-se nas áreas de variação linguística, contato linguístico, morfologia histórica, linguística comparativa das línguas germânicas e onomástica. Investiga, além disso, variedades de contato boêmias e bávaras do Brasil.

Ulrike Stern cresceu em Schwerin, estado de Mecklenburg-Vorpommern, Alemanha. Após seus estudos de ciências da cultura na Universidade de Hildesheim, trabalhou por doze anos em funções como dramaturga, no “Fritz-Reuter-Bühne” do Mecklenburgisches Staatstheater, em Schwerin, na área do baixo-alemão. Desde 2017, integra o Centro de Competência para a Didática do Baixo-Alemão (*Kompetenzzentrum für Niederdeutschdidaktik*) da Universidade de Greifswald, com foco na “literatura do baixo-alemão” e na “mediação do baixo-alemão em plataformas digitais”.

Werner L. Heidermann nasceu em Lembeck, na Westfália, Alemanha, onde ouviu desde pequeno o dialeto da região (Plattdütsch). Curiosamente, ele foi educado para responder em alemão padrão, língua que ele atualmente ensina como professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.

Willian Radünz nasceu em Três de Maio – RS, Brasil. Fez sua formação de graduação e mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, atualmente, é doutorando na Universidade de Gießen, na área de Romanística, além de Docente de Português na Freie Universität de Berlim.

